PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO ***THE NEW YORK TIMES***

DANIEL SILVA

Anjo caído

Um assassinato no Vaticano
é só o primeiro passo para uma catástrofe
que irá abalar a religião mundial

Uma história de **Gabriel Allon**



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DANIEL SILVA

(1960)

Anjo Caído

Título original americano

The Fallen Angel

2012

Tradução

CLAÚDIO CARINA

Arqueiro, 2013

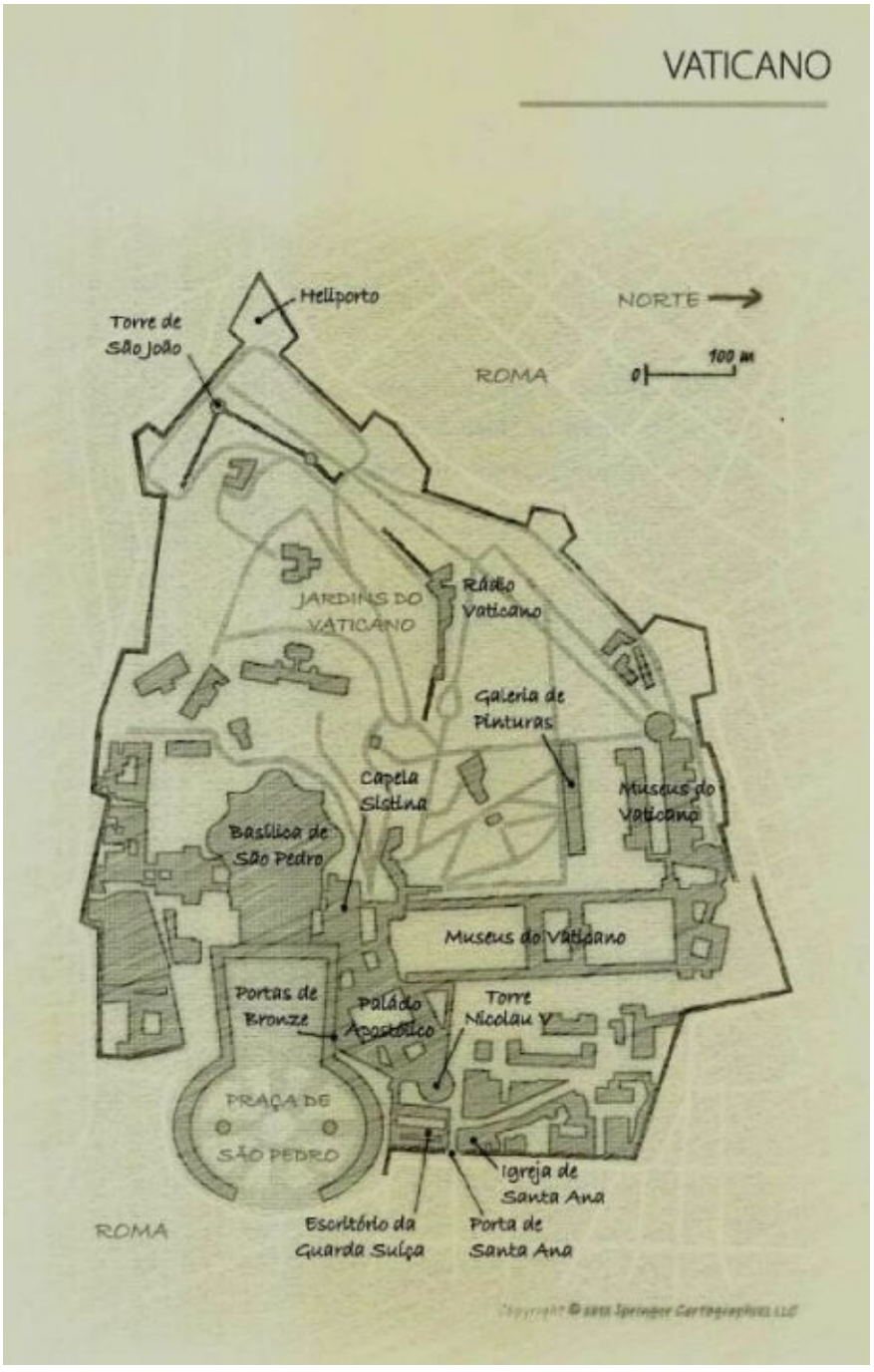
Para Louis Toscano, que esteve presente desde o começo.

E, como sempre, para minha esposa, Jamie, e para meus filhos, Lily e Nicholas.

"Aconselho-o a não derramar sangue,
A não o permitir nem fazer disso um hábito,
Pois o sangue nunca dorme."

SALADINO

Mapas


VATICANO
Heliporto
Torre de São João
NORTE
ROMA
100 m
0
JARDINS DO VATICANO
Rádio Vaticano
Galeria de Pinturas
Capela Sistina
Museus do Vaticano
Basílica de São Pedro
Museus do Vaticano
Portas de Bronze
Palácio Apostólico
Torre Nicolau V
PRAÇA DE SÃO PEDRO
Igreja de Santa Ana
ROMA
Escritório da Guarda Suíça
Porta de Santa Ana


CIDADE ANTIGA DE JERUSALÉM
Porta de Herodes
Porta de Damasco
Igreja da Flagelação
VIA DOLOROSA
Porta dos Leões
Jardim do Getsêmani
BAIRRO MUÇULMANO
Porta Nova
VIA DOLOROSA
BAIRRO
Monte do Templo (Haram al-Sharif)
Portão Dourado
Igreja do Santo Sepulcro
CRISTÃO
Domo da Rocha
Porta da Corrente
Tumba de Absalão
Portão de Jaffa
MURO DAS LAMENTAÇÕES
Mesquita de Al-Aqsa
BAIRRO JUDEU
Cidadela
BAIRRO ARMÊNIO
Porta do Esterco
VALE DO CÉDRON
ESTRADA DE JERICÓ
Portão de Ferro
Portão de Sião
0
200 m
NORTE
Copyright © 2014 Springer Cartographics LLC

PARTE UM

CIDADE DOS MORTOS

1

Vaticano

Foi Niccolò Moretti, zelador da Basílica de São Pedro, quem fez a descoberta que deu início a tudo. Eram 6h24, mas, por causa de um inocente erro na transcrição, a primeira declaração oficial do Vaticano relatou 6h42. Foi um dos inúmeros enganos, grandes e pequenos, que levariam muitos a concluírem que a Santa Sé tinha algo a esconder — o que era verdade. De acordo com um notável dissidente, bastava apenas mais um escândalo para a derrocada final da Igreja Católica Apostólica Romana. A última coisa que Sua Santidade precisava naquele momento era de um cadáver no coração sagrado do cristianismo.

Niccolò Moretti não esperava encontrar nada de incomum naquela manhã, quando chegou uma hora antes de seu horário habitual. Vestindo calças escuras e um sobretudo cinza até os joelhos, ele passou quase invisível pela praça escurecida em direção aos degraus da basílica. Viu luzes à direita, nas janelas do terceiro andar do Palácio Apostólico. Sua Santidade, o papa Paulo VII, já estava acordado. Moretti se perguntou se o Santo Padre teria dormido. Corriam rumores no Vaticano de que ele sofria de uma forte insônia e passava a maior parte das noites escrevendo em seu escritório particular ou andando sozinho pelos jardins. O zelador já o tinha visto num desses passeios. Com o tempo, todos eles perdiam a capacidade de dormir.

Moretti escutou vozes atrás de si e, ao se virar, dois sacerdotes da Cúria se materializaram na escuridão. Estavam entretidos numa conversa animada e não prestaram nenhuma atenção nele enquanto seguiam para as Portas de Bronze, desaparecendo em meio às sombras. As crianças de Roma os chamavam de bagarozzi — besouros pretos. Moretti tinha usado essa palavra uma vez na infância e fora repreendido por ninguém menos que o papa Pio XII. Desde então, nunca a repetira. Quando uma pessoa é castigada pelo vigário de Cristo, pensou Moretti, a transgressão raramente se repete.

Ele subiu os degraus da basílica e passou pelo pórtico. Cinco portas levavam à nave e todas estavam trancadas, com exceção da última à esquerda, a Porta da Morte. A soleira, se encontrava o padre Jacobo, um clérigo mexicano bem magro com cabelos brancos e finos. Ele abriu caminho para Moretti e em seguida fechou a porta, trancando-a com uma barra pesada.

— Voltarei às sete para deixar seus homens entrarem. Tenha cuidado lá em cima, Niccolò. Você não é mais tão jovem.

O padre se retirou. Moretti molhou os dedos na água benta e fez o sinal da cruz antes de seguir em frente. Outras pessoas teriam parado no centro da igreja, embevecidas, contemplando a construção, mas ele avançou naturalmente, como se estivesse entrando na própria casa. Sendo chefe dos sampietrini, os zeladores oficiais da basílica, havia 27 anos que ele ia ali seis vezes por semana. Era por causa de Moretti e de seus subordinados que ela brilhava com as luzes celestiais, ao contrário das outras grandes igrejas da Europa, que mantinham sempre um ar sombrio. Moretti se considerava não apenas um servo do papado, mas também um parceiro no empreendimento. Os papas carregavam a responsabilidade por um bilhão de almas católicas, mas era Moretti quem cuidava da poderosa basílica, símbolo do poder terreno dos pontífices. Ele conhecia cada centímetro do prédio, do topo do domo de Michelangelo às profundezas da cripta — todos os 44 altares, as 27 capelas, oitocentas colunas, quatrocentas estátuas e trezentas janelas. Sabia onde estavam as rachaduras e vazamentos, quando a basílica estava bem e quando sentia dores. Ela sussurrava no ouvido de Niccolò Moretti.

Diante da grandiosidade da Basílica de São Pedro, os meros mortais pareciam encolher. Em seu caminho até o altar papal, vestido com o uniforme cinzento, Moretti se assemelhava a um pequeno dedal. Ele se ajoelhou perante o Confes— sio e olhou para o alto. Trinta metros acima, estava o baldaquino: quatro colunas rebuscadas de bronze e ouro coroadas por uma abóbada magistral. Naquela manhã, um andaime de alumínio o ocultava parcialmente. A obra-prima de Bernini, com suas imagens ornamentadas e ramos de oliva e louro, era um ímã para poeira e fumaça. Todo ano, uma semana antes do início da Quaresma, Moretti e sua equipe faziam uma limpeza completa. O Vaticano era palco de rituais atemporais, e também havia um ritual nesse trabalho. Uma vez que o andaime estivesse em seu lugar, Moretti era sempre o primeiro a escalá-lo. A vista lá de cima fora contemplada por pouquíssimas pessoas — e o chefe dos sampietrini exigia esse privilégio.

Moretti alcançou o topo da coluna frontal, prendeu a correia de segurança e seguiu engatinhando, devagar, até a inclinação da abóbada. Bem no cume do baldaquino, havia um globo apoiado em quatro pilares e encimado por uma cruz. Esse era o local mais sagrado da Igreja Católica, o eixo vertical que seguia do centro do domo direto para a tumba de São Pedro. Ele representava a base da instituição. Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja. Quando a aurora começou a iluminar o interior da construção, o fiel servo dos papas quase pôde sentir o dedo de Deus tocar seu ombro.

Como sempre, Moretti perdeu a noção do tempo. Mais tarde, ao ser questionado pela polícia do Vaticano, ele não seria capaz de lembrar exatamente quantos minutos passara ali antes de ver a coisa pela primeira vez. De sua perspectiva, parecia um pássaro com a asa quebrada. Supôs que fosse um pano abandonado por outro sampietrino, um lenço derrubado por um turista. Eles estavam sempre deixando coisas para trás, pensou, inclusive itens que não tinham propósito nenhum em igrejas.

De qualquer forma, era necessária uma investigação. Como o feitiço já se quebrara, Moretti deu a volta com cuidado e começou a longa descida até o chão. Em poucos passos pelo transepto, se deu conta de que o objeto não era um pássaro nem um lenço. Ao chegar mais perto, conseguiu ver o sangue seco no mármore sagrado de sua basílica e os olhos encarando o domo, vidrados, como suas quatrocentas estátuas.

— Deus do céu — sussurrou Moretti, andando às pressas pela nave. — Tenha piedade de sua pobre alma.

O público pouco saberia dos eventos que se deram logo após a descoberta de Niccolò Moretti, pois eles foram conduzidos de acordo com a rigorosa tradição do Vaticano — em total sigilo e com uma ponta de astúcia jesuítica. Ninguém além das paredes teria conhecimento, por exemplo, de que a primeira pessoa procurada pelo zelador foi o cardeal-reitor da basílica, um alemão exigente de Colônia com um instinto bem enraizado de auto-preservação. Ele estava no Vaticano havia tanto tempo que logo reconheceu naquela situação um grande problema e decidiu não relatar o incidente à polícia, mas, sim, ao verdadeiro mantenedor da lei dentro do Estado papal.

Foi por conta dessa decisão que, cinco minutos depois, Niccolò Moretti testemunharia uma cena extraordinária — o secretário pessoal de Sua Santidade vasculhando os bolsos de uma mulher morta no chão da basílica. O monsenhor removeu um único item e partiu em direção ao Palácio Apostólico. Ao entrar em seu escritório, ele já tinha um plano em mente. Seriam necessárias duas

investigações, concluiu, uma para o público e outra para ele próprio. E o sucesso da sondagem particular dependeria de uma pessoa discreta e de confiança. O secretário escolheu como inquisidor um homem com quem tinha muito em comum. Um anjo caído. Um pecador na cidade dos santos.

2

Piazza di Spagna, Roma

O restaurador se vestiu em silêncio no escuro, para não acordar a mulher. A pose em que ela jazia, com o cabelo castanho despenteado e a boca aberta, lembrava o Nu vermelho de Modigliani. Ele colocou uma pistola Beretta carregada na cama, ao lado do corpo dela. Em seguida puxou o edredom, expondo os fartos seios redondos, e a obra-prima estava completa.

Em algum lugar, um sino de igreja soou. A mão dela se ergueu da cama, quente e macia, e puxou o restaurador. Como sempre, a mulher o beijou com os olhos fechados. Seu cabelo cheirava a baunilha e os lábios tinham um pequeno resquício do vinho que ela tomara na noite anterior, num restaurante em Aventine Hill.

Ela o soltou, murmurou algo ininteligível e voltou a dormir. Ele a cobriu, colocou outra Beretta na cintura do jeans desbotado e saiu do apartamento. Lá fora, as ruas da Via Gregoriana reluziam na penumbra como um quadro recém-envernizado. O restaurador parou por um instante na porta do prédio, fingindo consultar seu celular. Levou poucos segundos para localizar o homem que o observava detrás do volante de um Lancia sedã estacionado. Ele deu um aceno amistoso ao sujeito, o mais refinado insulto profissional, e partiu em direção à Igreja de Trinità dei Monti.

No último degrau da Escadaria Espanhola, uma velha gaitara jogava pedaços de comida para um bando de gatos romanos magrelos. Com um sobretudo gasto e um lenço na cabeça, a mulher olhou desconfiada para o restaurador, que seguia para a piazza. Ele não era alto — talvez 1,75 metro — e tinha o corpo atlético de um ciclista. Seu rosto era comprido, com o queixo estreito e um nariz esguio que parecia ter sido esculpido em madeira; os olhos de um tom incomum de verde; o cabelo, escuro, mas grisalho nas têmporas. As feições não indicavam uma origem determinada, e seus dons lingüísticos lhe possibilitavam tirar proveito dessa característica. No decorrer de uma longa carreira, ele trabalhara na Itália e em outros países assumindo inúmeras

nacionalidades e pseudônimos. O serviço de segurança italiano, ciente de algumas de suas façanhas, tentou evitar sua entrada no país, mas teve que ceder após uma intervenção discreta por parte da Santa Sé. Por razões nunca reveladas ao público, o restaurador estivera presente no Vaticano anos atrás, quando a cidade fora atacada por terroristas islâmicos. Mais de setecentas pessoas haviam sido mortas naquele dia, incluindo quatro cardeais e oito sacerdotes da Cúria. O próprio Santo Padre sofrerá um ferimento leve, tendo escapado da morte porque o restaurador o protegera de um míssil e o levara até um lugar seguro.

Os italianos impuseram duas condições em troca do retorno dele — que residisse no país usando o verdadeiro nome e permitisse ser revistado de vez em quando. A primeira foi aceita com alívio. Depois de uma vida inteira em campos de batalha secretos, ele estava ansioso para se livrar das identidades falsas e ter algo parecido com uma vida normal. A segunda, no entanto, se revelou mais onerosa. A tarefa de segui-lo invariavelmente era assumida por jovens em treinamento. No começo, o restaurador ficou um pouco ofendido, mas logo descobriu que aquilo tudo fazia parte de um curso de especialização nas técnicas de vigilância de rua. De tempos em tempos, ele agraciava os alunos com um sumiço repentino, sempre deixando alguns de seus melhores truques na manga caso tivesse que usá-los para escapar em algum momento.

E assim ele percorreu as ruas silenciosas de Roma seguido por nada menos que três novatos com diferentes níveis de habilidade. Sua rota impôs poucos desafios e nenhuma surpresa aos perseguidores. Tomou o sentido oeste através do centro antigo da cidade e terminou, como sempre, na Porta de Santa Ana, a entrada de negócios do Vaticano. Por se tratar tecnicamente de uma fronteira internacional, os vigias tiveram que confiar o restaurador aos cuidados da Guarda Suíça, que o admitiu após uma rápida olhada em suas credenciais.

Ele tirou a boina, em um cumprimento de despedida aos novatos, e seguiu pela Via Belvedere, passando pelas paredes cor de manteiga da Igreja de Santa Ana, pelos escritórios de imprensa e pela sede do Banco do Vaticano. Ele virou à direita no posto central de correios e atravessou uma série de pátios até alcançar uma porta sem identificação. Do outro lado, havia um pequeno saguão, onde estava sentado um gendarme dentro de uma cabine de vidro.

— Onde está o oficial de plantão de costume? — perguntou o restaurador, falando em italiano rápido.

— A Lazio jogou com o Milan ontem à noite — respondeu simplesmente o homem, apático.

Ele passou o cartão de identidade do restaurador pelo leitor magnético e fez sinal para ele passar pelo detector de metais. Quando a máquina emitiu um alarme estridente, o restaurador parou e indicou com desânimo um computador. Na tela, ao lado de sua foto, havia um aviso especial escrito pelo chefe do Escritório de Segurança do Vaticano. O gendarme leu as palavras duas vezes para garantir que tinha entendido bem e encarou o visitante. Algo na serenidade do homem e seu pequeno sorriso malicioso causaram um calafrio no guarda. Ele gesticulou em direção às portas em frente e observou com atenção o outro atravessá-las em silêncio.

Os rumores são verdadeiros, pensou o gendarme. Gabriel Allon, restaurador de renome de pinturas dos Grandes Mestres, espião e assassino israelense aposentado, salvador do Santo Padre, retornara ao Vaticano. Ele apagou a pasta do computador com um comando do teclado. Em seguida, fez o sinal da cruz e, pela primeira vez em muitos anos, recitou o ato de contrição. Era uma atitude estranha, deu-se conta, porque não havia cometido nenhum pecado além de satisfazer sua curiosidade. Mas aquilo certamente seria perdoado. Afinal, não era todo dia que um policial de baixo escalão do Vaticano tinha a chance de conhecer uma lenda.

Luzes fluorescentes reguladas para a iluminação noturna zuniam um pouco quando Gabriel entrou no laboratório principal de conservação da Galeria do Vaticano. Como sempre, ele foi o primeiro a chegar. Fechou a porta e esperou pelo som reconfortante das travas automáticas, seguindo então por uma fileira de armários até algumas cortinas pretas que iam do chão ao teto, no fundo do aposento. Um pequeno aviso alertava que a área além era estritamente proibida para pessoal não autorizado. Gabriel passou por elas e foi até seu carrinho, onde examinou com cuidado a disposição dos itens. Os recipientes com corante e fibra de madeira resinada estavam onde ele os deixara, assim como os pincéis sable Winsor & Newton Series 7, inclusive o que tinha uma mancha índigo na ponta, sempre posicionado num ângulo exato de 30 graus em relação aos outros. Isso indicava que a equipe de limpeza resistira à tentação de entrar em sua área de trabalho. Ele duvidava que seus colegas também o tivessem respeitado. Na verdade, soube por fontes confiáveis que seu pequeno enclave acortinado se tornara o ponto de encontro mais popular entre os funcionários do museu, tomando o posto da máquina de café espresso na sala de descanso.

Gabriel tirou a jaqueta de couro e ligou duas lâmpadas de halogênio. A deposição de Cristo, considerada a melhor pintura de Caravaggio, reluziu perante a luz branca intensa. Gabriel ficou parado na frente da tela alta por

alguns minutos, com a mão no queixo, a cabeça inclinada para um lado e os olhos fixos na imagem assombrosa. Nicodemos, musculoso e descalço, retribuiu o olhar enquanto deitava o corpo pálido e inerte de Cristo na laje de pedra funerária, onde seria preparado para o sepultamento. Ao lado, estava João Evangelista, que, no desespero para tocar seu amado mestre uma última vez, acabou abrindo a ferida no torso do Salvador. Nossa Senhora e Madalena os observavam em silêncio, com as cabeças curvadas, e Maria de Cléofas erguia os braços aos céus em lamento. Era uma obra de imenso pesar e ternura, intensificados pelo uso revolucionário da luz por parte de Caravaggio. Até mesmo Gabriel, que trabalhava na pintura havia semanas, sempre tinha a impressão de ser um intruso num momento desolador de angústia.

O quadro escurecera com o tempo, em especial no canto esquerdo, e a entrada da tumba já não era mais tão visível. Havia pessoas no mundo da arte italiana — incluindo Giacomo Benedetti, o famoso especialista em Caravaggio do Istituto Centrale per il Restauro — que questionavam se ela deveria voltar a ser proeminente. O estudioso foi forçado a compartilhar sua opinião com um repórter do La Repubblica quando o restaurador escolhido para o projeto, por razões inexplicáveis, não buscou se aconselhar com ele antes de começar a cuidar da obra. Benedetti também ficou abalado com a recusa do museu a divulgar a identidade do funcionário. Durante vários dias, os jornais ligaram repetidamente para o Vaticano, pedindo que o segredo fosse revelado. Como era possível, esbravejavam, que um tesouro nacional como aquele pudesse ser confiado a um homem sem nome? A tempestade enfim terminou quando Antonio Calvesi, o restaurador-chefe do Vaticano, informou que o homem em questão tinha credenciais impecáveis, incluindo duas restaurações magistrais para o Santo Padre — A crucificação de São Pedro, de Reni, e o Martírio de São Erasmo, de Poussin. Mas não mencionou que ambos os projetos, conduzidos numa mansão remota na Úmbria, haviam sido atrasados devido a operações do serviço secreto de inteligência do Estado de Israel.

Gabriel nutrira esperanças de poder restaurar o Caravaggio num isolamento similar, mas Calvesi havia decretado que a pintura não poderia sair do Vaticano, obrigando-o a ficar dentro do laboratório, cercado pelos funcionários do local. Allon foi alvo de uma intensa curiosidade, algo previsível. Por muitos anos, as pessoas tinham acreditado que ele era um restaurador com dons incríveis e um temperamento instável chamado Mario Delvecchio. Se os empregados se sentiram traídos, não demonstraram. De forma geral, Gabriel era tratado com uma ternura natural àqueles que cuidam de objetos danificados. Os

outros mantinham silêncio em sua presença, bem cientes da necessidade óbvia de privacidade e tomavam cuidado para não olhar em seus olhos por muito tempo, como se temessem encontrar algo desagradável. Nas raras ocasiões em que falavam com ele, as conversas eram limitadas a arte e amenidades. E quando as discussões entre os funcionários se voltavam para as políticas do Oriente Médio, eles se abstinham de criticar a terra natal do restaurador. Apenas Enrico Bacci, que havia feito uma intensa campanha pela restauração do Caravaggio, se opusera a Gabriel por razões morais. Ele se referia à cortina preta como a "Cerca da Segregação" e colocou um pôster com os dizeres "Palestina Livre" na parede de seu pequeno escritório.

Gabriel pôs um pouco de emulsão Mowolith 20 média na paleta, acrescentou grânulos de pigmento seco e diluiu a mistura com um solvente até conseguir a consistência e densidade desejadas. Em seguida, pegou uma viseira com lupa e focou na mão direita de Cristo, que pendia como na Pietà de Michelangelo, com os dedos voltados alegoricamente para o canto da pedra funerária. Gabriel tinha passado vários dias tentando restaurar uma série de escoriações ao longo dos dedos. Ele não foi o primeiro artista a ter dificuldades: o próprio Caravaggio fizera cinco outras versões antes de finalizar a pintura, em 1604. Ao contrário de seu quadro anterior — uma representação tão controversa da morte da Virgem que acabou sendo removida da Igreja de Santa Maria delia Scala —, A deposição foi imediatamente aclamada como uma obra-prima e sua reputação atravessou a Europa em pouquíssimo tempo. Em 1797, ela chamou a atenção de Napoleão Bonaparte, um dos maiores saqueadores de arte e antigüidades da história, e foi levada pelos Alpes até Paris, permanecendo lá até 1817, quando foi devolvida à custódia do papado e pendurada no Vaticano.

Gabriel teve o laboratório só para si por algumas horas. Às dez da manhã, ele escutou o barulho das portas automáticas, seguido pelos passos pesados de Enrico Bacci. Em seguida, entrou Donatella Ricci, uma especialista no primeiro período da Renascença que sussurrava num tom reconfortante para as pinturas sob seus cuidados. O próximo a chegar foi Tommaso Antonelli, um dos principais encarregados pela restauração da Capela Sistina, que sempre andava pelo laboratório na ponta dos pés com seus sapatos de sola macia, silencioso como um ladrão.

Por fim, às dez e meia, Gabriel escutou o som distinto dos calçados feitos à mão de Antonio Calvesi sobre o chão de linóleo. Poucos segundos depois, o restaurador-chefe passou agitado pela cortina, desviando-se do tecido negro como um matador se esquivando de um touro. Com o topete desgrenhado e a

gravata sempre frouxa, tinha o ar de um homem perpetuamente atrasado para um compromisso que, se pudesse, evitaria. Ele se acomodou num banquinho alto e mordiscou pensativo a haste de seus óculos de leitura enquanto inspecionava o trabalho de Gabriel.

— Nada mal — comentou Calvesi, com admiração genuína. — Você fez isso sozinho ou Caravaggio passou aqui para dar uma força?

— Eu pedi para ele me ajudar, mas parece que estava ocupado.

— Não diga. Onde ele estava?

— De volta à prisão em Tor di Nona. Pelo que entendi, ele andou passeando pelo Campo Marzio com uma espada.

— De novo? — Calvesi se inclinou para observar a tela mais de perto. — Se eu fosse você, pensaria em mexer nesse craquelê ao longo do dedo indicador.

Gabriel ergueu a viseira e ofereceu sua paleta para Calvesi. O italiano respondeu com um sorriso conciliatório. Ele era um restaurador habilidoso — em sua juventude, fora um rival de Gabriel —, mas já haviam se passado muitos anos desde a última vez que ele passara um pincel numa tela. Atualmente, Calvesi passava a maior parte do tempo atrás de dinheiro. Apesar das imensas fortunas seculares, o Vaticano era forçado a depender da bondade de estranhos para cuidar de sua extraordinária coleção de arte e antigüidades. O miserável soldo de Gabriel era uma fração pequena do que ele ganhava trabalhando com restaurações privadas. Mas era um pequeno preço a se pagar pela oportunidade única de lidar com uma pintura como A deposição.

— Alguma chance de você terminar no futuro próximo? — perguntou Calvesi. — Eu gostaria de tê-lo de volta na galeria para a Semana Santa.

— Quando cai a Semana Santa este ano?

— Vou fingir que não escutei. — Calvesi mexeu distraído nos itens no carrinho de Gabriel.

— Tem algo em mente, Antonio?

— Um dos nossos patronos mais importantes vai visitar o museu amanhã. Um norte-americano. Muito generoso. É o tipo de generosidade que mantém este lugar funcionando.

— E?

— Ele pediu para ver o Caravaggio. Na verdade, ele queria saber se alguém estaria disposto a lhe ensinar um pouco sobre restauração.

— Você andou cheirando acetona de novo, Antonio?

— Ele poderia ao menos vê-lo?

— Não.

— Por que não?

Gabriel encarou a pintura por um instante, em silêncio.

— Porque não seria justo com ele.

— Com o patrono?

— Com Caravaggio. A restauração deveria ser nosso segredinho, Antonio. Nosso trabalho é entrar e sair sem sermos vistos. E isso devia ser confidencial.

— E se eu conseguir a permissão de Caravaggio?

— Não a peça se ele estiver com a espada na mão.

Gabriel baixou a viseira e retomou o trabalho.

— Sabe, Gabriel, você é que nem ele. Teimoso, arrogante e exageradamente talentoso.

— Mais alguma coisa que eu possa fazer por você, Antonio? — perguntou Gabriel, impaciente, batendo o pincel na paleta.

— Não por mim. Mas estão exigindo sua presença na capela.

— Qual capela?

— A única que importa.

Gabriel limpou o pincel e o colocou com cuidado no carrinho. Calvesi sorriu.

— Você compartilha outra característica com Caravaggio.

— E qual seria?

— Paranóia.

— Caravaggio tinha boas razões para ser paranoico. Eu também.

3

Capela Sistina

É possível que os quase 550 metros quadrados da Capela Sistina sejam o espaço mais visitado de Roma. Todos os dias, milhares de turistas passam pelas portas comuns do aposento para esticar o pescoço e observar, maravilhados, os afrescos gloriosos que adornam as paredes e o teto enquanto são observados por gendarmes com uniformes azuis que parecem não ter outra função além de pedir silenzio. Observar a capela sozinho é ter a experiência que seu criador, o papa Sisto IV, pretendia transmitir. Com as luzes reduzidas e a multidão ausente, é quase possível escutar os sons das batalhas passadas ou ver Michelangelo no topo de um andaime dando os toques finais em A criação de Adão.

Na parede oeste da capela, está a outra obra-prima de Michelangelo, O Último Julgamento. Iniciada trinta anos após o teto ser concluído, a pintura retrata o Apocalipse e a segunda vinda de Cristo, com todas as almas humanas se erguendo ou caindo em direção às suas recompensas ou castigos eternos, num turbilhão de cores e angústia. O afresco é a primeira coisa que os cardeais veem ao entrarem na capela para escolher um novo papa, e naquela manhã parecia ser o alvo da atenção de um padre. Alto, magro e muito bonito, ele usava a batina preta com uma faixa magenta feita à mão por um alfaiate eclesiástico que morava perto do Panteão. Seus olhos pretos irradiavam uma inteligência feroz e inflexível e a linha rígida do maxilar sugeria que era perigoso contrariá— lo — o que era verdade. O monsenhor Luigi Donati, secretário pessoal de Sua Santidade, tinha poucos amigos dentro do Vaticano, aliados apenas ocasionais e inimigos determinados. Era comum que os outros se referissem a ele como um Rasputin clerical, o verdadeiro poder por trás do trono papal, ou como o "Papa Negro", uma alusão pejorativa a seu passado jesuíta. Donati não se importava. Embora fosse um estudioso devoto de Ignácio e Agostinho, ele tendia a seguir a orientação de um filósofo secular italiano chamado Maquiavel, que considerava melhor um príncipe temido do que amado.

Entre as muitas transgressões de Donati — ao menos do ponto de vista de alguns membros da fofoqueira corte papal —, estavam seus laços estreitos com o notório espião e assassino Gabriel Allon. A parceria forjada entre ambos desafiava a história e a fé — Donati, o soldado de Cristo, e Gabriel, o homem da arte que, por um acaso, fora compelido a levar uma vida clandestina de violência. Apesar dessas diferenças óbvias, eles tinham muito em comum. Ambos possuíam uma moral e princípios sólidos e acreditavam que questões com grandes implicações deveriam ser tratadas em particular. No decorrer de sua longa amizade, Gabriel agira ora como protetor, ora como revelador de alguns dos segredos mais sombrios do Vaticano — e Donati fora seu cúmplice. Os dois haviam contribuído muito para melhorar a relação tortuosa entre os católicos e seus doze milhões de primos espirituais distantes, os judeus.

Gabriel permaneceu em silêncio ao lado de Donati e contemplou O Último Julgamento. Próximo ao centro da imagem, junto ao pé esquerdo de Cristo, estava um dos dois autorretratos que Michelangelo havia escondido nos afrescos. Ele representara a si mesmo como São Bartolomeu segurando sua própria pele esfolada, uma resposta não muito sutil aos críticos contemporâneos de seu trabalho.

— Suponho que já tenha vindo aqui antes — falou Donati, sua voz forte ecoando na capela vazia.

— Só uma vez — respondeu Gabriel depois de um instante. — Foi no outono de 1972, bem antes da restauração. Eu estava me passando por um estudante alemão em viagem pela Europa. Vim aqui à tarde e fiquei até os guardas me forçarem a sair. No dia seguinte...

Sua voz se perdeu. No dia seguinte, com a visão de Michelangelo do fim dos tempos ainda fresca em sua mente, Gabriel entrou no saguão de um apartamento na Piazza Annibaliano. Parado em frente ao elevador, com uma garrafa de vinho de figueira numa das mãos e uma cópia de As mil e uma noites na outra, estava um intelectual palestino magro chamado Wadal Zwaiter. Ele era membro do grupo terrorista Setembro Negro, responsável pelo massacre das Olimpíadas de Munique, e por essa razão foi silenciosamente sentenciado à morte. Gabriel pediu, num tom calmo, que Zwaiter dissesse seu nome em voz alta e atirou nele onze vezes, uma bala para cada israelense morto em Munique. Nos meses que se seguiram, Gabriel mataria outros cinco integrantes, no ato de abertura de uma carreira distinta que durou muito mais do que ele jamais desejou. Trabalhando a mando de seu mentor, o lendário mestre de espionagem Ari Shamron, ele desempenhou algumas das operações mais célebres na história da espionagem israelense. Agora, quebrado e exausto, Gabriel havia retornado a Roma, onde tudo começara. E uma das poucas pessoas no mundo em quem ele podia confiar era um padre católico chamado Luigi Donati.

Gabriel virou as costas para a pintura e observou o outro lado da capela retangular, depois dos afrescos de Botticelli e Perugino, onde ficava o pequeno forno bojudo usado para queimar as cédulas durante os conclaves. Então, recitou:

— "O Templo que o Rei Salomão edificou ao Senhor tinha 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura."

— Primeiro Livro dos Reis — completou Donati —, capítulo 6, versículo 2.

Gabriel fitou o teto.

— Seus antepassados construíram esta simples capela com as exatas dimensões do Templo de Salomão por alguma razão. Mas qual? Mostrar respeito aos seus irmãos mais velhos, os judeus? Ou declarar que a velha lei tinha sido substituída pela nova, que o antigo templo fora trazido a Roma, junto com os conteúdos sagrados do Santo dos Santos?

— Talvez tenha sido um pouco de ambos — respondeu Donati, pensativo.

— Muito diplomático de sua parte, monsenhor.

— Fui treinado como um jesuíta. O obscurecimento é o nosso forte.

Gabriel consultou o relógio.

— A manhã já está acabando... A capela não deveria estar vazia.

— Não — concordou Donati distraidamente.

— Onde estão os turistas, Luigi?

— Por enquanto, apenas os museus estão abertos ao público.

— Por quê?

— Temos um problema.

— Onde?

Donati franziu a testa e meneou a cabeça para a esquerda.

A escadaria que leva da gloriosa Capela Sistina até a mais magnífica igreja é indiscutivelmente feia. O corredor cinza-esverdeado com paredes escorregadias de cimento levou Gabriel e Donati até a basílica, não muito distante da Capela da Piedade. No centro da nave, uma lona amarela cobria algo que, pelo formato, só podia ser um cadáver. Dois homens estavam parados ao lado. Gabriel conhecia os dois: o coronel Alois Metzler, comandante da Pontifícia Guarda Suíça, e Lorenzo Vitale, chefe do Corpo della Gendarmeria, a força policial do Vaticano, com 130 oficiais. Numa vida passada, Vitale havia investigado casos de corrupção governamental para a poderosa Guardia di Finanza. Metzler era um oficial aposentado do Exército suíço. Seu antecessor, Karl Brunner, fora morto no ataque terrorista da Al-Qaeda ao Vaticano.

Os dois homens ergueram o olhar ao mesmo tempo e viram Gabriel chegando ao lado do segundo homem mais poderoso da Igreja Católica. O desagrado de Metzler era perceptível. Ele estendeu a mão na direção de Allon com a precisão fria de um relógio suíço e deu um aceno de cabeça breve e formal. Metzler tinha altura e porte similares aos de Donati, mas fora abençoado pelo Todo-Poderoso com o rosto saliente e angular de um cão de caça. Vestia um terno cinza-escuro, camisa branca e uma gravata prateada de banqueiro. Seu cabelo já escasso estava cortado bem rente e óculos com lentes pequenas sem aro enquadravam olhos azuis acusadores. Metzler tinha amigos dentro do serviço de segurança suíço, portanto sabia das incursões de Gabriel no solo de sua terra natal. Sua presença na basílica era intrigante. A rigor, cadáveres no Vaticano ficavam sob jurisdição dos gendarmes, não da Guarda Suíça — a menos, claro, que o caso envolvesse a segurança papal. Se era essa a situação, Metzler teria liberdade para meter o bedelho onde bem entendesse. Bem, não exatamente,

pensou Gabriel, pois havia lugares no Vaticano onde nem mesmo o comandante da guarda do palácio tinha permissão para entrar.

Donati trocou um olhar com Vitale e instruiu o chefe da polícia a remover a lona. Era óbvio que o corpo caíra de uma grande altura. O que restava era um saco rasgado de pele cheio de órgãos e ossos quebrados. Incrivelmente, o rosto atraente ainda estava em grande parte intacto. Assim como o crachá ao redor do pescoço, que identificava a pessoa como funcionária dos museus do Vaticano. Gabriel não se deu o trabalho de ler o nome. A mulher morta era Claudia Andreatti, uma curadora no departamento de antigüidades.

Gabriel se agachou ao lado do corpo com a facilidade de alguém acostumado a ver recém-falecidos e o examinou como se fosse uma pintura precisando de restauração. Ela estava vestida como todas as funcionárias do Vaticano, de maneira profissional: calças escuras, um cardigã cinza e uma blusa branca. O sobretudo de lã se encontrava aberto sobre o chão, como uma capa desfraldada. O braço direito cobria o abdômen e o esquerdo se estendia numa linha reta partindo do ombro, com o punho um pouco torto. Gabriel ergueu com cuidado alguns fios de cabelo do rosto, revelando olhos abertos e vagamente vigilantes. Da última vez que os vira, eles o avaliavam de uma escadaria do museu. O encontro tinha ocorrido alguns minutos antes das nove, na noite anterior. Gabriel partia após uma longa sessão perante o Caravaggio e Claudia carregava uma série de documentos contra o peito, voltando para seu escritório. Sua postura, embora um tanto atormentada, estava longe de indicar que a mulher pretendia se matar na basílica. Na verdade, pensou, tudo aquilo havia parecido mais um flerte.

— Você a conhecia? — perguntou Vitale.

— Não, mas sabia quem era. — Era uma compulsão profissional. Mesmo aposentado, Gabriel não podia deixar de elaborar um dossiê mental das pessoas ao seu redor.

— Notei que vocês dois trabalharam até tarde ontem à noite. — O italiano tentou fazer o comentário soar espontâneo, mas não conseguiu. — De acordo com o registro da segurança, você saiu do museu às 20h47 e a dottoressa Andreatti saiu pouco tempo depois, às 20h56.

— Nesse horário eu já tinha deixado o território da cidade-estado pela Porta de Santa Ana.

— Eu sei. — Vitali deu um sorriso vazio. — Também conferi esse registro.

— Então não sou mais um suspeito? — perguntou Gabriel, sarcástico.

— Perdoe-me, signor Allon, mas é que as pessoas tendem a morrer quando você aparece no Vaticano.

Gabriel desviou o olhar do cadáver e encarou Vitale. Embora já tivesse passado dos 60 anos, o chefe de polícia era bonito e bronzeado como um astro de cinema, do tipo que dirige pela Via Veneto num conversível com uma mulher mais jovem ao lado. Na Guardia de Finanza, ele foi considerado um investigador implacável, um cruzado que assumira a responsabilidade de eliminar a corrupção que amaldiçoou a política e o comércio italianos por gerações. Tendo falhado nesse objetivo, ele se refugiou atrás das paredes do Vaticano para proteger o papa e a Igreja. Como Gabriel, já estava habituado com mortos. Mesmo assim, Vitale parecia incapaz de olhar para a mulher no chão de sua amada basílica.

— Quem a encontrou? — indagou Gabriel.

Vitale gesticulou em direção a um grupo de sampietrini próximo ao centro da capela.

— Eles tocaram em algo?

— Por que a pergunta?

— Ela está descalça.

— Nós achamos um de seus sapatos perto do baldaquino. O outro foi encontrado em frente ao Altar de São José. Supomos que tenham caído de seus pés durante a queda. Ou...

— Ou o quê?

— É possível que ela os tenha jogado antes de pular.

— Por quê?

— Talvez ela quisesse ver se realmente tinha coragem de pular — sugeriu Metzler. — Num momento de dúvida.

Gabriel olhou para cima. Logo acima da inscrição em latim na base do domo estava a plataforma de observação. Ao longo da beira, havia um corrimão de metal na altura da cintura. Poderia dificultar o suicídio, mas não impedi-lo. De tempos em tempos, os gendarmes de Vitale precisavam evitar que alguma pobre alma se jogasse no abismo abençoado. Mas tarde da noite, com a basílica fechada ao público, a galeria estaria totalmente disponível.

— Horário da morte? — indagou Gabriel em voz baixa, como se estivesse interrogando o próprio cadáver.

— Incerto — respondeu Vitale.

Gabriel olhou à sua volta, como se quisesse lembrar ao italiano onde estavam. Em seguida, perguntou como era possível não haver nada determinado.

— Uma vez por semana, o Sistema de Segurança Central desliga as câmeras para uma reinicialização rotineira de sistema. Fazemos isso à noite, quando a basílica está fechada. Não costuma ser um problema.

— Quanto tempo o sistema fica desligado?

— Das nove até a meia-noite.

— É uma coincidência e tanto. — Gabriel voltou a fitar o corpo. — Quais as chances de ela ter decidido se matar na hora em que as câmeras estavam desligadas?

— Talvez não tenha sido coincidência nenhuma — falou Metzler. — Talvez ela tenha escolhido o horário de propósito, para que não houvesse uma gravação de sua morte.

— Como ela saberia da desativação das câmeras?

— É de conhecimento geral aqui.

Gabriel balançou a cabeça. Apesar das numerosas ameaças externas, a segurança dentro das fronteiras do menor país do mundo ainda era espantosamente frouxa. Aqueles que trabalhavam ali desfrutavam de uma extraordinária liberdade de movimento. Eles conheciam as portas que nunca ficavam trancadas, as capelas que nunca eram usadas e os depósitos onde seria possível fazer intrigas, planejar conspirações ou acariciar a carne de um amante em completa privacidade. Também conheciam as passagens secretas que levavam à basílica. O próprio Gabriel sabia de algumas.

— Havia mais alguém na basílica nesse período?

— Ninguém, até onde sabemos.

— Mas não podem desconsiderar a possibilidade.

— Correto. Mas ninguém relatou qualquer ocorrência incomum.

— Onde está a bolsa dela?

— Ela deixou na galeria antes de pular.

— Havia algo faltando?

— Não que saibamos.

Mas havia algo faltando, Gabriel estava certo disso. Ele fechou os olhos e, por um instante, visualizou Claudia, como a encontrara na noite anterior — o sorriso caloroso, os olhos castanhos flertando, o amontoado de pastas que ela carregava nos braços.

E a cruz de ouro em seu pescoço.

— Eu gostaria de dar uma olhada na galeria — pediu.

— Posso levá-lo até lá — ofereceu-se Vitale.

— Não é preciso. — Gabriel se levantou. — Estou certo de que o monsenhor fará a gentileza de me mostrar o caminho.

4

Basílica de São Pedro

Havia duas maneiras de subir do nível principal da basílica até a base do domo: por uma escadaria longa e curva ou por um elevador grande o suficiente para acomodar vinte peregrinos bem nutridos. Donati, fumante inveterado, sugeriu a segunda forma, mas Gabriel seguiu para os degraus.

— O elevador é desligado à tarde, depois da entrada do último grupo de turistas. Claudia não poderia ter subido por ele à noite.

— Isso é verdade — admitiu Donati, olhando de relance para os próprios sapatos feitos à mão. — Mas são centenas de degraus.

— E vamos examinar cada um deles.

— Atrás do quê?

— Ontem à noite, Claudia estava com uma corrente de ouro no pescoço.

— E...?

— Não está mais lá.

Gabriel pisou no primeiro degrau com Donati atrás de si e fez a subida lentamente. O resultado de sua busca cuidadosa foram apenas alguns ingressos descartados e um folheto amassado anunciando os serviços de um empreendimento não muito virtuoso envolvendo jovens mulheres do Leste Europeu. No topo da escadaria, havia um patamar. Numa direção estava o terraço e, na outra, a galeria de observação do domo. Gabriel espiou por cima da balaustrada, avistando Vitale e Metzler, agora duas pequenas figuras ao longe, e andou pela passarela com a cabeça baixa, vistoriando o mármore desgastado pelo tempo. Depois de alguns passos, ele encontrou a cruz. O fecho estava intacto, mas a fina corrente de ouro fora arrebentada.

— Ela pode tê-la arrancado antes de subir a balaustrada — especulou Donati, analisando a corrente à luz de uma das dezesseis janelas do domo.

— Suponho que tudo seja possível. Mas a explicação mais provável é que foi rompida por outra pessoa.

— Por quem?

— Por quem a matou. — Gabriel ficou em silêncio por um instante. — O pescoço dela foi quebrado como um graveto, Luigi. Pode ter sido efeito da queda, mas acho que isso aconteceu aqui em cima. O assassino não deve ter percebido que também quebrou a corrente. Mas reparou nos sapatos. É por isso

que eles estão tão distantes. Ele provavelmente os jogou por cima da balaustrada antes de escapar.

— Você acredita que ela foi assassinada?

— Sim, e você também. — Gabriel examinou o rosto de Donati com atenção. — Algo me diz que você sabe mais do que está dizendo, Luigi.

— Receio que você esteja certo.

— Algo que você deseje confessar, monsenhor?

— Sim — respondeu Donati, fitando o chão da basílica. — É possível que a pessoa responsável pela morte de Claudia Andreatti esteja bem na sua frente.

Eles saíram para o terraço no telhado da basílica, para caminhar entre os apóstolos e os santos. A batina preta de Donati ondulava no vento frio. Numa das mãos, entrelaçado nos dedos como as contas de um rosário, estava o colar de ouro de Claudia.

— Ela estava conduzindo... — Donati fez uma pausa por um momento, como se procurasse a palavra adequada. — Uma investigação.

— Que tipo de investigação?

— O único tipo que fazemos por aqui.

— Uma investigação secreta. Requisitada por você, sem dúvida.

— A pedido do Santo Padre — completou Donati no mesmo instante.

— E qual era a natureza dessa investigação?

— Como você sabe, já faz algum tempo que o mundo das artes e a comunidade de curadores estão tomados por um debate acerca da propriedade devida de antigüidades. Por séculos, os grandes impérios da Europa saquearam os tesouros do mundo antigo. A Pedra de Roseta, os mármores de Elgin, os grandes templos do antigo Egito... a lista é interminável. Agora os países vitimados estão exigindo que os símbolos de sua herança cultural sejam devolvidos. E eles recorrem com freqüência à polícia e aos tribunais atrás de ajuda.

— Você teme que os museus do Vaticano sejam vulneráveis?

— Provavelmente são. — Donati parou junto à grade voltada para a frente da basílica e apontou na direção do obelisco egípcio no centro da praça. — É um dos oito aqui em Roma. Eles foram construídos por artesãos de um império que não existe mais e trazidos até aqui por soldados de outro império também inexistente. Deveríamos mandá-los de volta ao Egito? E quanto à Vênus de Milo ou à Vitória de Samotrácia? Será que ficariam melhor em Atenas, e não no Louvre? Seriam vistas por um público maior?

— Você parece um pouco tendencioso.

— Meus inimigos costumam me tomar por um liberal que tenta destruir a Igreja. Mas, apesar de minha educação jesuíta, sou tão doutrinário quanto qualquer homem do clero. Acredito que os grandes tesouros devam ser exibidos nos grandes museus.

— Por que Claudia?

— Porque ela tinha uma opinião contrária à minha. Eu não queria que o relatório fosse afetado pela minha visão. Eu desejava conhecer o pior cenário possível, a verdade crua sobre a origem de cada obra em nossa posse. A coleção do Vaticano está entre as maiores e mais antigas do mundo. E grande parte dela tem a procedência completamente desconhecida.

— Ou seja, você não sabe de onde as obras vieram.

— Nem mesmo quando foram adquiridas. — Donati balançou a cabeça devagar. — Por incrível que pareça, até os anos 1930 a Biblioteca do Vaticano não tinha um sistema funcional de catalogação. Os livros eram guardados de acordo com tamanho e cor. Tamanho e cor — repetiu Donati, incrédulo. — E a manutenção de registros nos museus não foi muito melhor.

— Então você pediu a Claudia para conduzir uma revisão da coleção, em busca de máculas na procedência das obras.

— Com ênfase especial nas coleções egípcias e etruscas — acrescentou Donati. — Mas o inquérito de Claudia tinha uma natureza completamente defensiva. De certa forma, seu trabalho era similar ao de um gerente de campanha que investiga o próprio candidato para descobrir qualquer sujeira que o oponente possa acabar encontrando.

— E se ela descobrisse um problema?

— Consideraríamos nossas opções com cuidado — respondeu Donati, com a parcimônia de um advogado. — Deliberações demoradas estão entre nossas especialidades. Essa é uma das razões pelas quais ainda estamos aqui depois de dois mil anos.

Os dois se viraram e iniciaram o caminho de volta em direção ao domo. Gabriel perguntou há quanto tempo Claudia estava trabalhando no projeto.

— Seis meses.

— Quem mais sabe a respeito dele?

— Só o diretor do museu. E o Santo Padre, claro.

— Ela chegou a relatar alguma descoberta?

— Ainda não. — Donati hesitou. — Mas tínhamos uma reunião agendada. Ela falou que tinha algo urgente para me dizer.

— O que era?

— Ela não me contou.

— Quando seria essa reunião?

— Ontem à noite. — Donati fez uma pausa. — Às nove horas.

Gabriel parou e se voltou para Donati.

— Por que tão tarde?

— Administrar uma igreja de um bilhão de almas é trabalhoso. Era meu único horário livre.

-Eo que aconteceu?

— Claudia ligou para minha assistente e pediu para remarcar a reunião para hoje de manhã. Ela não deu nenhuma razão.

Donati pegou um cigarro de uma caixa dourada elegante e bateu a ponta na tampa antes de acendê-lo com um isqueiro de ouro. Gabriel teve que lembrar a si mesmo, não pela primeira vez, que o homem alto de negro era de fato um padre católico.

— Caso você esteja se perguntando — comentou Donati —, eu não matei Claudia Andreatti. Nem sei por que alguém gostaria de vê-la morta. Se for divulgado que eu tinha uma reunião com ela na noite de sua morte, serei colocado numa posição difícil, para dizer o mínimo. Assim como o Santo Padre.

— E por isso você não mencionou nada para Vitale nem Metzler.

Donati ficou em silêncio.

— O que você quer de mim, Luigi?

— Quero que você me ajude a proteger minha igreja de outro escândalo. E que proteja a mim, também.

— O que você está sugerindo?

— Duas investigações. Uma, conduzida por Vitale e pelos gendarmes, será breve e concluirá que a dottoressa Andreatti cometeu suicídio pulando da galeria do domo.

— Roma falou; o caso está encerrado.

— Amém.

— E a segunda?

— Será conduzida por você, e suas descobertas serão apresentadas apenas a uma pessoa.

— O secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII.

Donati assentiu.

— Eu vim a Roma para restaurar uma pintura, Luigi.

— Você não estaria em Roma se não fosse pela intervenção que eu e meu mestre fizemos. E agora nós precisamos de um favor em troca.

— Muito cristão de sua parte, monsenhor.

— Cristo nunca teve que administrar uma igreja. Eu tenho.

Gabriel não pôde deixar de sorrir.

— Você disse aos serviços de segurança italianos que precisava de mim para restaurar um Caravaggio. Algo me diz que eles não ficarão satisfeitos se descobrirem que estou conduzindo uma investigação criminal.

— Então, vamos ter que enganá-los. Confie em mim, não será a primeira vez.

Eles pararam ao lado da balaustrada. Logo abaixo, no pequeno pátio em frente à entrada da necrópole do Vaticano, o corpo de Claudia Andreatti estava sendo colocado na traseira de um furgão sem identificação. Parado a alguns metros de distância, como alguém de luto ao lado de um túmulo aberto, se achava Lorenzo Vitale.

— Vou precisar de algumas coisas para começar — falou Gabriel, observando o chefe de polícia do Vaticano. — E preciso que você as obtenha para mim sem o conhecimento de Vitale.

— Que tipo de coisas?

— Uma cópia do HD do computador no escritório dela, assim como seus registros telefônicos e toda a documentação que ela juntou enquanto conduzia a revisão da coleção do Vaticano.

Donati aquiesceu.

— Nesse meio-tempo — aconselhou ele —, talvez seja sensato dar uma olhada no apartamento de Claudia, antes que Vitale consiga uma permissão das autoridades italianas para fazer o mesmo.

— Como você sugere que eu entre?

Donati passou um chaveiro para Gabriel.

— Onde você pegou isso?

— Regra número um do Vaticano: não faça perguntas demais.

5

Piazza di Spagna, Roma

Quando a Sala de Imprensa do Vaticano confirmou que a Dra. Claudia Andreatti, estimada curadora de antigüidades, havia cometido suicídio na

Basílica de São Pedro, os rumores sobre sua morte já tinham dominado o pequeno vilarejo fofoqueiro conhecido como Santa Sé. No laboratório de restauração, o trabalho foi interrompido conforme a equipe se reunia ao redor das mesas de análise para ponderar como eles podiam ter deixado de perceber os sinais da perturbação emocional da Dra. Andreatti, pensando como era possível trabalhar com alguém por anos e saber tão pouco acerca de sua vida pessoal. Gabriel murmurou algumas palavras apropriadas de compaixão, mas, de forma geral, manteve-se em seu canto particular. Ele ficou sozinho com o Caravaggio até o fim da tarde e voltou para o apartamento próximo à Piazza di Spagna debaixo de uma garoa gélida. Ao chegar, encontrou Chiara apoiada no balcão da cozinha. Seu cabelo escuro estava preso por uma faixa de veludo na altura da nuca e ela tinha os olhos fixos na televisão, que mostrava um repórter da BBC recapitulando a história de um suicídio trágico acima de uma chamada que dizia MORTE NA BASÍLICA. Uma fotografia de Claudia apareceu na tela e Chiara balançou a cabeça lentamente.

— Ela era uma garota tão bonita... Por alguma razão, sempre parece mais difícil de entender quando elas são bonitas.

Ela tirou a rolha de uma garrafa de Sangiovese e encheu duas taças. Gabriel estendeu a mão para pegar uma, mas parou no meio do movimento. Escuro e denso, o vinho tinha a cor de sangue.

— Algo errado?

— Donati me pediu para dar uma olhada no cadáver.

— Por quê?

— Queria uma segunda opinião.

— Ele não acha que foi suicídio?

— Não. Nem eu.

Gabriel falou sobre o colar partido, os sapatos distantes um do outro e a revisão discreta da coleção de antigüidades do Vaticano. Por último, contou acerca da reunião urgente que deveria ter se dado no escritório de Donati.

— Agora entendo o problema — falou Chiara. — Curadora atraente tem um encontro marcado com poderoso secretário pessoal. Em vez disso, curadora atraente acaba morta.

— Levando todos os amantes de teorias da conspiração no mundo a especularem que o poderoso secretário está, de alguma forma, envolvido na morte.

— O que explica por que ele está pedindo ajuda a você para encobrir os fatos.

— Não é bem isso.

— Como assim?

— Na verdade, é uma missão particular de averiguação, como as que costumávamos fazer para o King Saul Boulevard.

O King Saul Boulevard era o endereço do serviço de inteligência israelense no exterior. O nome longo e propositalmente enganoso tinha muito pouco a ver com a verdadeira natureza do trabalho conduzido ali. Até mesmo agentes aposentados como Gabriel e Chiara se referiam ao lugar apenas como o Escritório.

— Isso tem cara de mais um escândalo do Vaticano — alertou Chiara. — E, se você não tomar cuidado, seu amigo, o monsenhor Luigi Donati, vai empurrá-lo para o olho do furacão.

Ela desligou a televisão em silêncio e levou as taças de vinho para a sala de estar. Na mesinha de centro, havia uma bandeja de bruschettas. Chiara observou Gabriel comendo uma coberta de corações de alcachofra e ricota e tomando um bom gole de Sangiovese. Seus olhos, grandes e amendoados, tinham cor de caramelo salpicado com ouro. O tom tendia a mudar de acordo com o humor de Chiara. Gabriel pôde ver que a esposa estava inquieta. E ela tinha motivos para isso. A última missão deles para o Escritório, uma operação contra uma rede de terroristas jihadistas, fora particularmente violenta e terminara no Empty Quarter, na Arábia Saudita. Chiara tivera esperanças de que a restauração do Caravaggio fosse a última etapa da longa e difícil recuperação de Gabriel, o começo de uma nova vida, fora da órbita do Escritório. E não devia incluir uma investigação conduzida em nome do secretário pessoal do papa.

— E então? — perguntou ela.

— Estava deliciosa — respondeu Gabriel.

— Eu não estava falando da bruschetta. — Chiara arrumou as almofadas no canto do sofá. Ela sempre organizava coisas quando estava irritada. — Você já pensou no que o serviço de segurança italiano vai fazer se descobrirem que você trabalha como freelance para o Vaticano? Eles vão nos expulsar do país. De novo.

— Eu tentei explicar isso para Donati.

-E?

— Ele invocou o nome de seu mestre.

— Ele não é o seu papa, Gabriel.

— O que eu podia dizer?

— Encontre outra pessoa — sugeriu ela. — São três belas palavras que você precisa aprender.

— Você não diria isso se tivesse visto o cadáver de Claudia.

— Isso é golpe baixo.

— Mas é verdade. Eu vi muitos cadáveres na minha vida, mas nunca um que tivesse caído mais de 40 metros, se chocando contra um chão de mármore.

— Que jeito terrível de morrer. — Chiara contemplou a chuva caindo sobre o pequeno terraço com vista para a Escadaria Espanhola. — Você tem certeza de que Donati falou a verdade?

— Sobre o quê?

— Sobre o relacionamento dele com Claudia Andreatti.

— Você quer saber se eu acho que eles tinham um relacionamento amoroso? Não.

— Você cresceu sem saber o que aconteceu com sua mãe durante a guerra, pois ela não contou nada.

— O que isso tem a ver?

— Todo mundo guarda segredos. Até das pessoas em que mais confiam. Pode chamar de intuição feminina, mas eu sempre senti algo estranho em relação ao monsenhor Donati. Ele tem um passado oculto. Tenho certeza disso.

— Todos temos um passado.

— Mas alguns de nós temos passados mais interessantes que os outros. Além do mais, o quanto você realmente sabe sobre a vida privada dele?

— O suficiente para saber que ele nunca faria algo tão imprudente como ter um caso com uma funcionária do Vaticano.

— Talvez você esteja certo. Mas não consigo imaginar como um homem como Luigi Donati lida com o celibato.

— Ele não dá nenhuma brecha para um relacionamento. E usa uma túnica preta e dorme no quarto vizinho ao do papa.

Chiara sorriu e pegou uma bruschetta da bandeja.

— Aceitar o caso traria pelo menos um benefício — falou ela, pensativa. — Seria uma chance de darmos uma olhada na coleção particular de antigüidades da Igreja. Só Deus sabe o que eles têm trancado naqueles depósitos.

— Deus e os papas — acrescentou Gabriel. — É material demais para eu revisar sozinho. Vou precisar da ajuda de alguém que conheça algo de antigüidades.

— Eu?

— Se o Escritório não tivesse cravado as garras em você, a essa altura seria professora de alguma universidade italiana importante.

— Isso é verdade, mas eu só estudei a história do Império Romano.

— Qualquer um que tenha estudado os romanos sabe algo sobre os artefatos deles. E seus conhecimentos da civilização grega e etrusca são muito superiores aos meus.

— Receio que isso não signifique muita coisa, querido.

Chiara ergueu uma sobrancelha antes de levar o copo de vinho aos lábios. Sua aparência tinha mudado bastante desde que eles chegaram a Roma. Com o cabelo caindo sobre os ombros e a pele morena reluzente, ela se parecia muito com aquela inebriante jovem italiana que Gabriel conhecera havia dez anos, no antigo gueto de Veneza. Era quase como se o peso de muitas operações longas e perigosas tivesse sido removido. Apenas uma leve sombra de luto pairava sobre seu rosto, causado por um aborto que sofreu quando foi seqüestrada pelo oligarca e negociante de armas russo Ivan Kharkov. Desde então, ela não conseguira engravidar novamente. Chiara se resignara à perspectiva de que ela e Gabriel talvez nunca tivessem filhos.

— Há outra possibilidade — sugeriu ela.

— Qual?

— Que Claudia Andreatti tenha subido ao topo da basílica num estado de perturbação emocional e se jogado.

— Quando eu a vi ontem à noite, ela não parecia uma mulher perturbada. Na verdade... — A voz de Gabriel se perdeu.

— O quê?

— Eu senti que ela queria me dizer algo.

Chiara ficou em silêncio por um momento.

— Quanto tempo vai levar para Donati nos trazer os documentos dela?

— Um ou dois dias.

— E o que vamos fazer até lá?

— Acho que deveríamos tentar conhecer Claudia um pouco melhor.

— Como?

Gabriel mostrou as chaves.

Ela morava no lado oposto ao rio em Trastevere, num antigo palazzo desbotado que fora convertido num velho prédio residencial desbotado. Gabriel e Chiara passaram duas vezes na frente do edifício, verificando se seus costumeiros vigilantes italianos haviam de fato decidido tirar a noite de folga. Na terceira vez, Gabriel se aproximou da porta com a confiança de um homem

que tinha negócios a resolver e convidou Chiara a entrar. O saguão se encontrava na penumbra e a caixa de correio de Claudia estava abarrotada com o que parecia a correspondência de vários dias. Gabriel pegou as cartas e as guardou na bolsa de Chiara. Em seguida, ambos seguiram para a ampla escadaria central e começaram a subir os degraus.

Não levou muito tempo para Gabriel se sentir dominado por uma sensação familiar. Shamron, seu mentor, a chamava de "barato operacional". Ela o levava a andar na ponta dos pés, o corpo um pouco inclinado para a frente, e a respirar com regularidade. E a instintivamente esperar o pior: atrás de cada porta, em cada canto escuro, podia haver um velho inimigo espreitando com uma arma e uma dívida a ser quitada. Os olhos se moviam sem parar e os ouvidos, de repente aguçados, percebiam cada som, não importava quão baixo ou trivial — água jorrando numa pia, um violino tocando ao longe, o choro de uma criança inconsolável.

Foi esse ruído, de uma criança chorando, que seguiu Gabriel e Chiara até o terceiro andar. Gabriel caminhou até a porta do apartamento 3B e passou os dedos rapidamente pelo batente antes de colocar a chave na fechadura. Sem fazer nenhum barulho, ele virou a maçaneta e ambos entraram. No mesmo instante, se deram conta de que não estavam sozinhos. Sentada sob a luz de um abajur, chorando baixinho, estava a Dra. Claudia Andreatti.

6

Trastevere, Roma

A mulher não era Claudia, obviamente, mas a similaridade era desconcertante. Era como se Caravaggio tivesse pintado um retrato da curadora e, então, satisfeito com sua criação, produzira uma cópia idêntica — a mesma escala e composição, as mesmas feições, o mesmo cabelo loiro-escuro, os mesmos olhos azuis translúcidos. E agora a cópia avaliava Gabriel e Chiara em silêncio, enxugando uma lágrima de sua bochecha.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Sou um colega de Claudia, do museu — respondeu Gabriel.

De repente, se deu conta de que encarava a mulher com uma intensidade exagerada. Mais cedo naquela manhã, na saída da basílica, Luigi Donati tinha mencionado algo a respeito de uma irmã que vivia em Londres, mas não comentara que era gêmea.

— Você trabalhava com Claudia no departamento de antigüidades? — perguntou ela.

— Não — falou Gabriel. — Eu fui encarregado de coletar alguns documentos que ela pegou emprestado dos arquivos. Se eu soubesse que você estava aqui, nunca teria invadido sua privacidade.

A mulher pareceu aceitar a explicação. Gabriel sentiu uma pontada incomum de culpa. Embora ele fosse bem treinado na fina arte da mentira, havia uma apreensão compreensível no ato de enganar o espectro de uma mulher morta. Ela se ergueu da cadeira e caminhou lentamente em sua direção, na meia-luz.

— Onde você conseguiu isso? — indagou ela, indicando as chaves na mão de Gabriel.

— Foram encontradas na mesa de Claudia — disse ele, a culpa espetando-o por dentro.

— Encontraram algo mais?

— Como, por exemplo...?

— Um bilhete de suicídio?

Gabriel mal pôde acreditar que ela não tivesse dito "meu bilhete de suicídio".

— Receio que você precise questionar a polícia do Vaticano sobre isso.

— Pretendo fazê-lo. — Ela deu mais um passo em sua direção. — Sou Paola Andreatti — apresentou-se, estendendo a mão. Gabriel hesitou em apertá-la e ela estreitou os olhos, pensativa. — Então é verdade.

— O quê?

— Minha irmã me disse que você iria restaurar o Caravaggio. Devo admitir que estou surpresa de encontrá-lo aqui, Sr. Allon.

Gabriel apertou a mão quente e úmida de Paola.

— Perdoe-me — desculpou-se ela —, mas eu estava lavando a louça antes de vocês chegarem. Minha irmã deixou uma bela bagunça.

— Como assim?

— Tudo no apartamento estava um pouco fora do lugar — explicou, olhando em volta. — Eu tentei arrumar de alguma forma.

— Quando foi a última vez que você falou com ela?

— Na quarta-feira da semana passada. — A resposta veio sem hesitação. — Ela parecia ocupada, mas completamente normal, e não alguém prestes a...

Ela se interrompeu e encarou Chiara.

— Sua assistente? — perguntou.

— Ela tem a grande infelicidade de ser casada comigo.

Paola deu um sorriso triste.

— Estou tentada a dizer que você é um homem de sorte, Sr. Allon, mas já li o suficiente sobre seu passado para saber que isso não é exatamente verdade.

— Você não deveria acreditar em tudo que lê nos jornais.

— Não acredito.

Ela examinou Gabriel com cuidado por um instante. Seus olhos eram idênticos aos que ele tinha visto mais cedo, olhando sem vida para o domo da basílica. Era como ser perscrutado por um fantasma.

— É melhor começarmos esta conversa de novo — disse ela, por fim. — Mas desta vez não minta para mim, Sr. Allon. Eu acabei de perder minha irmã e melhor amiga. E de forma alguma o Vaticano enviaria um homem como você para coletar alguns documentos perdidos.

— Não mentirei.

— Então, por favor, diga por que está aqui.

— Pela mesma razão que você.

— Estou tentando descobrir por que minha irmã está morta.

— Eu também.

O fantasma pareceu quase aliviado por não estar mais sozinho. Ele se manteve firme por mais um momento, como se guardasse um portal para seus segredos. Em seguida, deu um passo para o lado e convidou Gabriel e Chiara para entrarem.

A sala de estar era um espaço de desordem acadêmica, com prateleiras cedendo sob o peso de incontáveis livros e mesas com pilhas de monografias imensas e arquivos cheios de páginas dobradas. O ambiente tinha um ar de urgência, como se alguém precisasse cumprir um prazo muito apertado. Paola tinha razão: tudo no apartamento parecia fora de lugar, como se tivesse sido removido e rapidamente colocado de volta. Gabriel foi até a escrivaninha e acendeu o abajur. Agachou-se e examinou a superfície iluminada da mesa. No centro, havia um retângulo perfeito, com cerca de 25 por 40 centímetros, sem poeira alguma. Ele pegou uma xícara de café pela metade e a levou para a cozinha, onde Chiara e Paola estavam lado a lado, terminando de lavar a louça. Nenhuma das mulheres falou nada quando ele colocou a xícara no balcão e se sentou na mesinha próxima a pia.

— Sua irmã tinha alguma crença? — perguntou ele.

— Ela se dizia uma católica devota. Mas não tenho tanta certeza de que acreditava em Deus. — Paola o encarou. — Por que a pergunta?

— Ela usava uma cruz no pescoço.

— Era da nossa mãe. Claudia quis ficar com ela. Felizmente, era uma das coisas que eu não queria.

— Você não compartilha a fé de sua irmã?

— Sou cardiologista, Sr. Allon. Sou uma mulher de ciência, não de fé. Também acredito que mais mal foi feito em nome da religião do que por qualquer outra razão na história humana. Veja o destino terrível de seu próprio povo. A igreja os acusou falsamente pelo assassinato de Deus, e por dois mil anos vocês sofreram as conseqüências. Agora vocês voltaram para sua terra natal e se encontraram presos numa guerra sem fim. É isso que Deus tinha em mente quando fez o pacto com Abraão?

— Talvez Abraão tenha se esquecido de ler as letras miúdas.

Chiara lançou um olhar de reprovação para o marido, mas Paola deu um breve sorriso.

— Caso você queira saber se minha irmã teria receio de tirar a própria vida por causa de suas crenças religiosas, a resposta é sim. Além disso, ela considerava a Basílica de São Pedro um lugar sagrado, inspirado por Deus. E eu sou médica: sei reconhecer uma personalidade suicida. Não era o caso da minha irmã.

— Nenhum problema no trabalho? — perguntou Gabriel.

— Nada que ela tenha mencionado.

— E quanto a homens? — questionou Chiara.

— Como muitas mulheres neste país, minha irmã não foi capaz de encontrar um italiano adequado para casar, nem mesmo para ter um relacionamento sério. É uma das razões pelas quais fui para Londres. Eu me casei com um britânico. Assim, cinco anos depois, ele me deu um divórcio britânico.

Paola secou as mãos e começou a guardar os pratos lavados. Havia algo de absurdo em suas ações, como uma pessoa que rega um jardim ouvindo trovoadas ao longe, mas a atividade parecia lhe trazer um senso de paz.

— Gêmeos são diferentes — afirmou ela, fechando o armário. — Nós compartilhamos tudo. O útero de nossa mãe, nosso berçário, nossas roupas. Talvez você ache isso estranho, Sr. Allon, mas eu sempre imaginei que minha irmã e eu compartilharíamos o caixão.

Ela andou até a geladeira. Na porta, presa por um ímã, havia uma imagem das irmãs posando em frente à amurada de uma balsa. Até mesmo Gabriel, um bom fisionomista, mal podia discernir uma da outra.

— Essa foto foi tirada durante um cruzeiro de um dia no Lago di Como, em agosto — comentou Paola. — Eu me separara havia pouco tempo. Nós fomos sozinhas. A viagem foi por minha conta, claro. Funcionárias do Vaticano não podem pagar pela estadia em hotéis cinco estrelas. Foram as melhores férias que eu tive em anos. Claudia disse todas as coisas apropriadas sobre meu divórcio, mas suspeito que, no fundo, ela estivesse aliviada. Significava que eu seria dela de novo.

Paola abriu a geladeira, suspirou fundo e começou a jogar item a item numa lata de lixo.

— Agora, centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo acreditam que minha irmã cometeu suicídio. Mas nenhuma sabe que Gabriel Allon, ex-espião da inteligência israelense e aliado do Vaticano, está sentado à mesa da cozinha dela.

— Eu gostaria de manter as coisas assim.

— Tenho certeza de que os funcionários do Vaticano também. Sua presença sugere que eles acreditam que haja mais por trás da morte de minha irmã que apenas uma alma atormentada.

Gabriel não falou nada.

— Você acha que Claudia cometeu suicídio?

— Não, eu não acredito que Claudia tenha se matado.

— Por que não?

Ele falou sobre o colar partido, os sapatos e o retângulo perfeito na mesa de Claudia.

— Você não foi a primeira pessoa a entrar aqui hoje — explicou ele. — Outros vieram antes. Eram profissionais. Eles pegaram qualquer coisa que pudesse ser incriminadora, incluindo o laptop de sua irmã.

Paola fechou a geladeira e, em silêncio, encarou a fotografia na porta.

— Você também notou a ausência do computador, não notou?

— Não é a única coisa — respondeu ela baixinho.

— O que mais?

— Minha irmã nunca dormia sem escrever algumas linhas em seu diário. Ela o deixava na mesinha de cabeceira. Não está mais lá. — Paola Andreatti encarou Gabriel por um instante. — Por quanto tempo será necessário manter essa mentira terrível sobre minha irmã?

— Até a verdade ser descoberta. Mas eu não posso descobri-la sozinho. Vou precisar de sua ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Você pode começar me contando sobre sua irmã.

— E depois?

— Vamos vasculhar esse apartamento juntos, mais uma vez.

— Achei que você tivesse dito que os homens eram profissionais.

— E eles são, mas às vezes até mesmo profissionais erram.

Os três foram para a sala e se acomodaram em meio aos livros e documentos de Claudia. Paola falou de sua irmã como se estivesse falando de si mesma. Para Gabriel, foi como entrevistar um cadáver prolixo.

— Ela usava outro e-mail além da conta do Vaticano?

— Todos no Vaticano têm uma conta pessoal. Especialmente os padres.

Ela deu um endereço do Gmail. Gabriel não precisou anotá-lo; sua habilidade excepcional de imitar as pinceladas dos Velhos Mestres era igualada apenas pela precisão de sua memória. Além do mais, pensou, quando uma pessoa decide enfrentar profissionais, é melhor se comportar de acordo.

Terminada a entrevista, eles vasculharam o apartamento. Chiara e Paola verificaram o quarto e Gabriel cuidou da escrivaninha. Ele fez a busca da mesma maneira que imaginou que tivesse sido feita nas horas seguintes à morte de Claudia: gaveta por gaveta, arquivo por arquivo, página por página. Apesar do trabalho minucioso, não encontrou nada que desse motivo para a mulher ser morta.

Mas os homens que chegaram antes de Gabriel haviam de fato cometido um erro: eles saíram do prédio sem esvaziar a caixa de correio de Claudia. Gabriel pegou as cartas da bolsa de Chiara e passou pela correspondência até encontrar uma fatura de cartão de crédito. As cobranças davam um vislumbre da típica vida romana, preservada para sempre, como escombros arqueológicos, na memória de algum computador. Nenhum gasto chamou atenção, exceto um. Duas semanas antes de morrer, Claudia ficara uma noite num hotel em Ladispoli, um resort monótono à beira-mar logo ao norte de Roma. Gabriel já tinha passado por aquela cidade uma vez e só se lembrava de restaurantes medíocres e da praia cor de asfalto. Ele colocou a conta de volta no envelope e passou vários minutos sentado, com uma única pergunta se revirando em sua mente. Por que uma mulher como Claudia Andreatti pernoitaria num hotel na costa italiana, a trinta minutos de seu próprio apartamento, em pleno inverno? Só havia duas explicações possíveis. A primeira envolvia amor. A segunda era a razão pela qual ela fora morta.

7

Vaticano

Eles conduziram a missa fúnebre no terceiro dia, na Igreja de Santa Ana. O Santo Padre não compareceu, mas após um longo debate ficou decidido que seu secretário pessoal oficializaria a cerimônia em algum lugar dentro do Palácio Apostólico. Gabriel entrou na igreja enquanto Donati, usando vestes brancas, conduzia os pranteadores na recitação do Ato Penitencial. Paola estava sentada em silêncio na segunda fileira, seu rosto inexpressivo. A presença da irmã deixou os colegas de Claudia desconfortáveis; era como se a alma da falecida tivesse decidido comparecer ao próprio enterro. Ao término da missa, seguindo o caixão lentamente até a Via Belvedere, ela passou por Gabriel sem trocar qualquer olhar. Alguns segundos depois, Donati fez o mesmo.

O laboratório de restauração não funcionaria naquele dia, mas Gabriel decidiu aproveitar a oportunidade para passar algumas horas sozinho com o Caravaggio. Pouco depois das quatro da tarde, ele recebeu uma mensagem de texto do padre Mark, assistente de Donati, pedindo que ele fosse a uma lanchonete próxima ao Vaticano, no Borgo Pio. Quando Gabriel chegou, o jovem padre fitava a tela de seu BlackBerry em frente a uma mesa perto da janela. Ele era um norte-americano vindo da Filadélfia e tinha o rosto de um coroinha e os olhos de alguém que nunca perdia em jogos de cartas, razão pela qual trabalhava para Donati.

— Um presente do monsenhor — explicou ele, entregando a Gabriel uma pequena sacola plástica da livraria do Vaticano.

— Uma coleção das encíclicas do papa?

O padre franziu a testa. Ele não apreciava piadas à custa de Sua Santidade. Também não tinha muito apreço por Gabriel.

— É a pesquisa da Dra. Andreatti de toda a coleção de antigüidades, de acordo com seu pedido.

— Tudo nessa pequena sacola? Um verdadeiro milagre.

— Pen drives — explicou o padre, em tom pedante. Talvez algum dia ele tivesse tido um senso de humor, mas oito anos de treinamento seminarístico o eliminaram.

— E quanto aos registros telefônicos?

— Estou trabalhando nisso.

— E-mail?

— É do Vaticano que estamos falando. Essas coisas levam tempo. — O rosto angélico do jovem padre não registrou nenhuma emoção. Nem mesmo Gabriel seria capaz de dizer se ele tinha nas mãos um straight flush ou um par de dois. — O monsenhor gostaria de saber como você pretende proceder com o inquérito — informou ele, verificando o celular.

— A primeira coisa que vou fazer é estragar a vista lendo milhares de páginas de documentação referente à proveniência da sua coleção de antigüidades.

— E depois?

— Diga ao monsenhor que ele será o primeiro a saber.

O padre se levantou abruptamente, mencionou uma questão urgente que exigia sua atenção e seguiu de volta para o Vaticano. Gabriel colocou a sacola no bolso do casaco, hesitou por um instante e, enfim, telefonou para um número. Uma voz masculina áspera atendeu falando hebraico. Gabriel murmurou poucas palavras na mesma língua e desligou antes que o homem no outro lado da linha tivesse a chance de fazer qualquer objeção. Continuou sentado à mesa da lanchonete até a noite cair sobre a rua estreita, imaginando se tinha acabado de cometer seu primeiro erro.

Há poucos empregos mais ingratos do que ser declarado chefe de um posto do Escritório na Europa Ocidental. Shimon Pazner, líder da embaixada israelense em Roma, notável pela grande quantidade de funcionários, carregou esse fardo por mais tempo que a maior parte de seus antecessores. Seu mandato havia coincidido com um gigantesco declínio na posição pública de Israel em meio a europeus de todas as origens. Antes, seu país costumava ser considerado uma pequena irritação; agora, quase todos os europeus viam o empreendimento sionista com desdém e desprezo. O Estado de Israel não era mais um bastião da democracia em meio ao inquieto Oriente Médio, mas, sim, um trapaceiro, um intruso e uma ameaça à paz mundial. Famoso por sua falta de diplomacia, Pazner fez pouco para ajudar a causa. Sua conduta em reuniões ocupava uma posição alta na lista de queixas dos italianos. Sua resposta-padrão quando questionado acerca de táticas e operações israelenses era lembrar a seus colegas que, não fosse pela conduta deplorável dos europeus, Israel nunca teria existido.

Gabriel encontrou Pazner sentado sozinho num banco de pedra do lado de fora da Galeria Borghese. Baixo e robusto, ele tinha cabelos grisalhos e um rosto que lembrava uma pedra-pomes. Cumprimentou Gabriel secamente em italiano e sugeriu uma caminhada. Os dois seguiram na direção oeste, atravessando jardins ao longo de uma trilha cercada de pinheiros. O ar frio carregava o cheiro pesado

de folhas úmidas, madeira queimada e comida sendo feita — o aroma típico de Roma numa noite de inverno. Pazner estragou o ambiente ao acender um cigarro. Seu humor parecia pior que o normal, mas com ele era difícil ter certeza. Roma o irritava. Para Pazner, o lugar nunca seria nada além do centro de um império que destruiu o Segundo Templo e provocou a diáspora. Era um homem com uma memória duradoura e propenso a alimentar ressentimentos. Gabriel era alvo de diversos deles.

— Imagino que sua ligação foi apenas uma coincidência — disse ele, afinal. — Nós precisávamos falar com você.

— "Nós"?

— Não fique nervoso, Gabriel. Ninguém no King Saul Boulevard tem qualquer intenção de tirar você da aposentadoria de novo, não depois do que você passou na Arábia Saudita. Até o velho parece disposto a deixá-lo em paz desta vez.

— Tem certeza de que estamos falando do mesmo Ari Shamron?

— Ele não é mais o mesmo. — Pazner ficou em silêncio por um momento. — Longe de mim dizer como você deveria viver sua vida, mas talvez seja uma boa idéia visitá-lo quando tiver uma oportunidade.

— Qual foi a última vez que você o viu?

— Algumas semanas atrás, em Tel Aviv, no encontro anual dos chefes das embaixadas. Shamron fez sua aparição tradicional no jantar da última noite. Ele costumava ficar a noite inteira nos entretendo com histórias sobre os velhos tempos, mas desta vez eu tive a impressão de que ele estava no piloto automático. Só consegui pensar em como as coisas eram em nossa juventude. Lembra como ele era naquela época, Gabriel? O chão parecia tremer quando o velho surgia.

— Eu lembro — respondeu Gabriel, distante.

Por um instante, ele se viu passando pelo pátio da Academia Bezalel de Artes e Design em Jerusalém, naquela tarde ensolarada em setembro de 1972. Do nada, surgiu um homem esguio, com óculos escuros tenebrosos e dentes afiados. O homem não disse seu nome; não era necessário. Era dele que se falava apenas por sussurros. O homem que roubou os segredos que levaram à vitória-relâmpago de Israel na Guerra dos Seis Dias. O homem que capturou Adolf Eichmann, diretor administrativo do Holocausto, numa esquina nas ruas da Argentina.

Como sempre, Shamron estava bem preparado naquele dia. Ele sabia, por exemplo, que Gabriel descendia de uma longa linhagem de artistas talentosos,

que falava alemão fluente com um forte sotaque de Berlim e que era casado com uma colega estudante de arte chamada Leah Savir. Ele também tinha conhecimento de que Gabriel, criado por uma mulher que sobrevivera ao campo de concentração de Birkenau, guardava segredos como ninguém.

— A operação será chamada Ira de Deus — explicou ele naquele dia. — Não se trata de justiça. Trata-se de vingança, pura e simplesmente. Queremos vingar as onze vidas inocentes perdidas em Munique.

Gabriel disse a Shamron para procurar outra pessoa.

— Eu não quero outra pessoa — afirmou Shamron. — Eu quero você.

Essa foi uma das muitas discussões que Shamron venceria. Repetidas vezes, ele tinha conseguido manipular Gabriel para cumprir suas ordens, sempre apresentando alguma desculpa, alguma pequena tarefa operacional, para manter seu prodígio ao alcance do Escritório. Era o desejo de Ari que Allon assumisse seu lugar na diretoria no King Saul Boulevard. Gabriel, porém, num ato final de desafio, rejeitou a oferta, passando o cargo para um velho rival chamado Uzi Navot. Por um tempo, pareceu que Navot estava disposto a agir como fantoche de Shamron. Mas, tendo consolidado seu domínio sobre o Escritório, ele banira o outro para o deserto da Judeia, rompendo os laços do velho com o serviço de inteligência que ele criou. Agora Shamron vivia uma espécie de exílio interno em seu casarão com vista para o mar da Galileia. Os políticos e generais que costumavam buscar seus conselhos não iam mais até ele. Para ocupar as horas vazias, Shamron consertava rádios antigos e tentava imaginar algum jeito de persuadir Gabriel, a quem ele amava como um filho, a voltar para casa.

— Com que freqüência ele liga para saber de mim?

— Nunca — respondeu Pazner, balançando a cabeça para dar ênfase.

— Com que freqüência, Shimon?

— Duas vezes por semana, às vezes três. Eu tinha acabado de falar com ele pelo telefone quando você me ligou.

— O que ele queria?

— O King Saul Boulevard está em alvoroço. Eles estão convencidos que algo está prestes a acontecer. Algo grande.

— Eles têm alguma idéia do alvo?

Pazner deu uma última tragada no cigarro e jogou a guimba na escuridão.

— Pode ser uma embaixada ou um consulado. Talvez uma sinagoga ou um centro comunitário. Eles acham que vai acontecer no sul, provavelmente em Istambul ou Atenas, mas não podem descartar Roma. Nós mal acabamos de

reconstruir os danos do último ataque. — Pazner olhou para Gabriel. — Algo me diz que você se lembra bem daquele ataque.

Gabriel permaneceu em silêncio.

— É a Al-Qaeda?

— Depois da sua última operação, não deve mais haver nenhuma rede ou célula da Al-Qaeda com capacidade de perpetrar um ataque de grande escala na Europa. E como os palestinos não têm nenhum interesse em nos atingir aqui por enquanto, resta apenas um candidato.

— Os iranianos.

— Agindo por meio de seus respresentantes favoritos, claro.

Hezbollah...

Eles chegaram ao final da Piazza di Siena. A praça oval e larga estava bem iluminada pela lua e o som do trânsito ao longo do Corso não passava de um sussurro. Era quase possível imaginar que eles eram os dois últimos homens vivos numa cidade antiga.

— Qual é a fonte? — perguntou Gabriel.

— Fontes — corrigiu Pazner. — É um mosaico de inteligência, vinda tanto de homens quanto de satélites. Parece que a Força Qods da Guarda Revolucionária está encarregada da operação. O Departamento Cinco do VEVAK também parece estar envolvido.

VEVAK era o acrônimo em persa do formidável Ministério de Inteligência e Segurança Nacional do Irã. O Departamento Cinco estava entre suas divisões mais importantes, por lidar exclusivamente com o Estado de Israel.

— Segundo um de nossos agentes no sul do Líbano — continuou Pazner —, uma equipe do Hezbollah deixou Beirute há cerca de seis semanas. Nós achamos que é uma operação de vingança. Honestamente, já estamos esperando algo assim há algum tempo. Eles têm boas razões para estarem irritados conosco.

Por boa parte da última década, o Escritório travara uma guerra contra o programa iraniano de armas nucleares. Cientistas foram assassinados; vírus potentes, introduzidos nos computadores de instalações e laboratórios; peças defeituosas, inseridas na cadeia de suprimentos do país — inclusive dezenas de centrífugas industriais sabotadas que destruíram quatro instalações secretas de enriquecimento de urânio. A operação foi uma das melhores conduzidas por Gabriel. Seu codinome, adequadamente, foi Obra-Prima.

— O meu nome apareceu em algum momento?

— Nem um indício. Mas isso não significa que você não esteja entre os suspeitos. Qualquer um que subestime os iranianos o faz por sua conta e risco.

— Eu nunca os subestimei. Mas não tenho qualquer intenção de passar o resto da minha vida escondido.

— Ninguém está sugerindo isso.

— E o que você está sugerindo?

— Jerusalém é um lugar encantador nesta época do ano.

— Na verdade, é terrível. Mas isso não vem ao caso. Estou ocupado demais para deixar Roma.

— Foi o que ouvi. Também soube que seu amigo, o monsenhor, pediu para que você desse uma olhada no suicídio da basílica antes mesmo de removerem o cadáver.

— Muito impressionante, Shimon. Como você sabe que eu estava lá?

— Lorenzo Vitale contou para um de seus velhos amigos na Guardia di Finanza, que informou um de seus amigos no serviço de segurança italiano, que, por sua vez, me contou. Ele também me disse que, se você aprontar qualquer coisa, vai ser colocado no primeiro voo para fora da cidade.

— Diga a ele que estou seguindo à risca o nosso acordo.

— É por isso que o assistente de Donati o convidou para tomar um café hoje à tarde?

— Vejo que você está monitorando meu telefone de novo.

— O que o faz pensar que em algum momento eu parei de fazer isso? — Pazner caminhou em silêncio por um tempo. — Imagino que a mulher não tenha se jogado, correto?

— Não, Shimon, ela não se jogou.

— Alguma idéia do motivo da morte?

— Tenho uma teoria, mas não posso testá-la sem ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Ajuda forense. Eu preciso que a Unidade 8200 dê uma olhada embaixo das unhas dela.

A Unidade 8200 era o serviço de inteligência de Israel por satélite, equivalente à ANS. Embora formalmente sob o comando do líder militar do governo, a unidade desempenhava tarefas para todas as agências de inteligência e segurança de Israel, incluindo o Escritório. Entre seus funcionários, estão alguns dos empreendedores mais bem-sucedidos da próspera indústria de alta tecnologia do país.

— Deixe-me ver se entendi direito — falou Pazner. — O Estado de Israel está passando por incontáveis ameaças existenciais e você gostaria que a

Unidade gastasse tempo e esforços valiosos buscando informações sobre uma italiana morta?

Gabriel não disse nada. Pazner suspirou fundo.

— Os registros devem abranger que período?

— Os últimos seis meses. E-mails, históricos de navegação, pesquisas.

Pazner acendeu outro cigarro e soprou a fumaça para o alto.

— Se eu tivesse qualquer resquício de bom senso, eu ignoraria isso. Mas agora você me deve, Gabriel. E eu nunca me esqueço de uma dívida.

— Como eu poderia retribuir, Shimon?

— Você pode começar dizendo para sua esposa parar de despistar meus observadores. Eles estão lá pelo bem dela.

— Vou ver o que posso fazer. Algo mais?

— Se por acaso você deparar com uma equipe de agentes do Hezbollah passeando por Roma, me dê uma ligada. Mas, por favor, deixe sua arma no bolso. Já tenho problemas demais.

8

Piazza di Spagna, Roma

Eles abordaram o caso da mesma forma que abordavam a maior parte das coisas na vida: com a calma e o alerta de uma equipe secreta operando em território hostil. Seu alvo era o assassino de Claudia Andreatti. E agora, com a chegada dos arquivos do Vaticano, eles tinham os meios para começar sua busca. Mesmo assim, prepararam-se para o fracasso. Os arquivos eram um pouco como as informações coletadas pelos serviços especializados. E Gabriel, assim como Chiara, sabiam que, com freqüência, elas eram incompletas, contraditórias, enganosas ou mesmo uma combinação dos três.

Eles trabalharam supondo que cada um de seus movimentos estava sendo observado, por isso tomaram as devidas precauções. Gabriel, em especial, não teve escolha a não ser manter sua ocupada rotina diária. Ele era um homem de muitos rostos e muitas missões. Para os jovens guardas suíços que o cumprimentavam todas as manhãs na Porta de Santa Ana, ele era um soldado companheiro, um sentinela secreto e um aliado ocasional. Para seus colegas no laboratório de restauração, um solitário talentoso, mas melancólico, que passava seus dias atrás da cortina negra a sós com o Caravaggio e com seus próprios demônios. E, para os observadores italianos que o seguiam todas as tardes, ele

era um agente lendário com um passado tão complexo que apenas fragmentos eram conhecidos. Ao entrar no apartamento, ele sempre encontrava Chiara debruçada sobre uma pilha de papéis impressos. Gabriel trabalharia a seu lado por muitas horas antes de levá-la para jantar nas ruas de Roma. Eles comiam apenas em pequenos restaurantes freqüentados pelos habitantes locais e nunca falavam do caso quando estavam fora do flat.

A cada dia, Claudia Andreatti se afastava mais da atenção pública. As dúvidas acerca da declaração oficial sobre as circunstâncias de sua morte perderam força, as matérias sumiram dos jornais e até os sites de conspiração mais paranoicos concluíram, com certa relutância, que era hora de deixar sua alma torturada descansar em paz. Mas, no pequeno apartamento sobre a Escadaria Espanhola, as perguntas perduraram. Infelizmente, os arquivos fornecidos a Gabriel pelo padre Mark não continham uma única resposta. A instituição que eles retratavam fora abençoada pelo fato de que, por mais de um milênio, os papas mantiveram governo soberano direto sobre os Estados Papais, uma terra arqueologicamente fértil cheia de antigüidades etruscas, gregas e romanas. Ainda assim, da mesma forma que os museus tradicionais, o Vaticano tinha complementado suas vastas posses comprando ou herdando coleções privadas. Essa era uma área potencial para problemas. E se, por exemplo, uma coleção particular abrangesse materiais escavados ilegalmente ou sem proveniência clara? Porém, após uma investigação minuciosa, em teste, Claudia não foi capaz de descobrir nada que apresentasse ao Vaticano qualquer problema jurídico ou ético. De acordo com os documentos, as mãos da Santa Sé estavam imaculadas.

— Suponho que exista uma primeira vez para tudo — comentou Chiara. — Parece que o Vaticano tem o primeiro museu no mundo sem uma única estátua roubada escondida em algum lugar do porão.

— Eles já têm problemas suficientes — disse Gabriel.

— Então, o que fazemos agora?

— Esperamos até a Unidade trazer mais peças para o quebra-cabeça.

Não foi uma espera longa. Na noite seguinte, um dos funcionários de Shimon Pazner se aproximou de Gabriel na Via Condotti e lhe passou um pen drive contendo seis meses de e-mails das contas de Claudia. E, na outra noite, ele recebeu o histórico de navegação do IP dela, junto a uma lista completa de suas buscas na internet. O material formou uma janela impressionantemente íntima para a vida de uma mulher que Gabriel conhecera apenas de passagem — notícias que ela havia lido, clipes de vídeo assistidos, desejos secretos que ela

confessara à pequena caixa branca do Google. Eles descobriram que Claudia preferia roupas íntimas francesas a italianas, que gostava das cantoras Diana Krall e Sara Bareilles e que era uma leitora regular do The New York Times e do blog de um popular dissidente católico. Ela parecia se interessar por viajar para a Nova Zelândia e pela costa oeste da Irlanda. Tinha dor crônica nas costas e queria perder 5 quilos.

Sempre que possível, Gabriel e Chiara evitavam intrusões, mas de forma geral eles examinaram o percurso on-line de Claudia como se fossem pedaços de tabuletas de pedra de uma civilização perdida. Não encontraram nada sugerindo que ela estivesse pensando em suicídio, nem qualquer pessoa que pudesse ter razões para querer sua morte — nenhum amante ciumento, nenhuma dívida, nenhuma crise pessoal nem profissional. Ela parecia a mulher mais feliz de Roma.

A última leva de material da Unidade continha os registros do celular de Claudia. Eles revelaram que, durante as últimas semanas de sua vida, ela fizera várias ligações para um número em Cerveteri, uma cidade italiana mediana ao norte de Roma conhecida por suas tumbas etruscas. Talvez não fosse coincidência que o lugar ficasse a poucos quilômetros de distância do resort à beira-mar em Ladispoli. A pedido de Gabriel, a Unidade rastreou o nome e o endereço da pessoa associada ao telefone: Roberto Falcone, Via Lombardia, número 22.

No final da manhã seguinte, Gabriel e Chiara caminharam até a movimentada Stazione Termini e embarcaram num trem para Veneza. Um minuto antes da partida, eles saíram sem pressa do vagão e voltaram para o saguão lotado onde ficava a bilheteria. Como esperado, os dois observadores que os seguiam a partir da Piazza di Spagna tinham sumido. Livres de sua vigilância, o casal foi até uma garagem próxima, onde Pazner mantinha um Mercedes sedã do Escritório sempre à disposição. Vinte minutos se passaram antes de o carro finalmente aparecer subindo uma rampa íngreme, mas Gabriel não pareceu se incomodar. Ser um motorista em Roma significava sofrer pequenas indignidades em silêncio.

Depois de atravessar o rio, ele seguiu ao longo das paredes do Vaticano e chegou à entrada da Via Aurelia. O caminho os levou no sentido oeste, percorrendo quilômetros de blocos de apartamentos velhos até a Autostrada A12. Daquele ponto faltavam cerca de 20 quilômetros até Cerveteri. Gabriel passou boa parte da viagem de olho no retrovisor.

— Alguém nos seguindo? — perguntou Chiara.

— Só cinco dos piores motoristas da Itália.

— O que você acha que vai acontecer quando aquele trem chegar em Veneza e não estivermos nele?

— Acredito que haja recriminações.

— Para eles ou para nós?

Uma placa alertava que a saída para Cerveteri estava chegando. Gabriel saiu da rodovia e passou alguns minutos dirigindo pelo antigo centro antes de seguir para a casa localizada pouco depois dos limites da cidade, na Via Lombardia, número 22.

Era uma casa modesta de dois andares afastada da estrada, a fachada pintada com um marrom meio desgastado e persianas verdes penduradas num ângulo ligeiramente torto. De um lado havia um pomar e, do outro, um pequeno vinhedo podado para o inverno. Atrás, ao lado de um anexo em ruínas, estava um station wagon amassado com janelas cobertas de poeira. Um pastor-alemão pulou e latiu no jardim malcuidado na parte da frente. O animal parecia não comer havia muitos dias.

— Não é o tipo de lugar em que alguém esperaria encontrar uma curadora de museu — comentou Gabriel, encarando o cachorro, taciturno.

Ele pegou o celular e telefonou para o número de Falcone. Depois de cinco toques sem resposta, Gabriel desligou.

— E agora? — perguntou Chiara.

— Esperamos uma hora. Depois voltamos.

— Onde vamos esperar?

— Em algum lugar discreto.

— Não é algo tão fácil numa cidade como esta.

— Alguma sugestão?

— Só uma.

A Necropoli delia Banditaccia ficava ao norte da cidade, no final de uma rua comprida e estreita cercada por ciprestes. No estacionamento, havia um quiosque que servia lanches e café. A alguns passos de distância, numa construção sem qualquer característica marcante e que parecia estranhamente temporária, estava a bilheteria e uma pequena loja de presentes. A única atendente, uma mulher com óculos imensos e traços que lembravam um pássaro, se surpreendeu ao vê-los. Eles deviam ser os primeiros visitantes do dia.

Gabriel e Chiara pagaram a pequena taxa e receberam um mapa escrito à mão, que deveriam devolver ao final da visita. Fazendo o papel de turistas, ambos desceram à primeira tumba e observaram as câmaras funerárias vazias e

geladas. Depois, se mantiveram na superfície, passeando pelo labirinto de túmulos com o formato de colmeias, sozinhos na antiga cidade dos mortos.

Para ajudar a passar o tempo, Chiara deu uma pequena palestra sobre os etruscos — um povo misterioso, bastante religioso, mas, de acordo com os rumores, sexualmente decadente, que tratava homens e mulheres como iguais. Muito avançados nas artes e ciências, os artesãos etruscos ensinaram os romanos a pavimentar ruas e construir aquedutos e esgotos, uma dívida que Roma pagou varrendo-os da face da Terra. Agora pouco restava da outrora florescente civilização além de suas tumbas, mas era exatamente isso que eles tinham pretendido. Os etruscos construíam seus lares com materiais provisórios, porém suas necrópoles foram feitas para durar para sempre. Nas salas dos mortos, havia vasos, utensílios e jóias — tesouros agora expostos nos museus do mundo e nas salas de estar dos ricos.

Depois de completar o passeio, os dois devolveram o mapa e seguiram para o estacionamento, onde Gabriel voltou a ligar para o número de Falcone. Mais uma vez, não houve resposta.

— E agora? — perguntou Chiara.

— Almoço.

Ele andou até o quiosque e comprou meia dúzia de sanduíches prontos envoltos em plástico.

— Está com fome? — indagou Chiara.

— Não são para nós.

O casal entrou no carro e retornou para a casa de Falcone.

9

Cerveteri, Itália

Em meio à fraternidade ocidental de espionagem, o medo de cachorros de Gabriel era tão lendário quanto suas aventuras. Não era um medo irracional e, sim, amparado por um vasto conjunto de evidências empíricas recolhidas no decorrer de inúmeros encontros violentos. Parecia haver algo em Gabriel — seu comportamento com um quê de felino ou talvez os olhos verdes vividos — que transformava até o mais dócil dos cães numa das feras pré-históricas originárias da espécie. Ele já fora perseguido e atacado por cachorros e, certa vez, num vale coberto de neve nas montanhas do interior da Suíça, o cão de guarda pastor-alemão de um proeminente banqueiro suíço quebrara seu braço. Gabriel só

sobrevivera ao ataque porque atirara na cabeça do animal com uma Beretta. Tiro ao alvo não seria uma opção muito sensata em Cerveteri, mas a agitação do cachorro de Falcone não permitiu a Gabriel descartar completamente essa opção. O humor do animal parecia ter piorado. Havia apenas uma razão para alguém manter uma criatura tão desagradável como aquela: Falcone estava escondendo algo em sua propriedade e era necessário manter os curiosos a distância. Felizmente para Gabriel, o animal parecia ter sido maltratado, o que significava que ele estava pronto para ser aliciado. E foi isso que inspirou a compra da grande sacola de sanduíches na necrópole etrusca.

— Talvez você devesse me deixar fazer isso — sugeriu Chiara. Gabriel lhe lançou um olhar de reprovação. — Eu só pensei que...

— Eu sei o que você pensou.

Ele dirigiu propriedade adentro e seguiu devagar pelo caminho esburacado de cascalho. O cachorro logo se lançou contra o carro — não contra o lado do carona, mas na direção de Gabriel. Ele correu ao lado do pneu dianteiro, detendo-se de tempo em tempo numa postura agressiva para mostrar os dentes selvagens. Quando o veículo parou, ele se atirou contra a janela de Gabriel como um míssil e tentou mordê-lo através do vidro. Gabriel encarou o animal com calma, o que o deixou ainda mais inquieto. Ele tinha os olhos amarelos translúcidos de um lobo e espumava como se tivesse raiva.

— Talvez você devesse tentar falar com ele — aconselhou Chiara.

— Eu não negocio com terroristas.

Gabriel respirou fundo e tirou o plástico de um dos sanduíches. Em seguida, abriu o vidro e rapidamente jogou o lanche pela brecha. Quinze centímetros de presunto de Parma, queijo fontina e pão desapareceram numa única mordida voraz.

— Bom, ele obviamente não é kosher — avaliou Chiara.

— Isso é um sinal bom ou ruim?

— Ruim, muito ruim.

Gabriel passou outro sanduíche pela janela. Dessa vez, o dente incisivo do cão cortou a ponta de seu dedo.

— Você está bem?

— Por sorte eu sou ambidestro.

Ele deu mais três sanduíches para o cachorro, em rápida sucessão.

— O pobre coitado está faminto.

— Melhor não começar a sentir pena dele ainda.

— Você não vai dar o último?

— Vou deixar de reserva. Assim tenho algo para jogar caso ele decida vir atrás do meu pescoço.

Gabriel destrancou a porta, mas hesitou.

— O que você está esperando?

— Uma declaração de intenções.

Ele abriu a porta alguns centímetros e colocou um pé no chão. O cachorro deu um rosnado, mas não se mexeu. Suas orelhas estavam erguidas e Gabriel enxergou isso como uma mudança positiva. Em geral, os cães que tentaram despedaçá-lo no decorrer de sua carreira mantiveram as orelhas abaixadas e voltadas para trás, como as asas de um caça.

Gabriel colocou o último sanduíche no chão e saiu devagar do carro. Com os olhos ainda fixos na mandíbula do animal, ele instruiu Chiara a sair pelo lado do carona. Falou rápido em hebraico, para que o cachorro não entendesse. Parcialmente saciado, o cão devorou a comida num ritmo mais decoroso, seu olhar amarelo preso em Gabriel e Chiara conforme ambos seguiam para a porta de trás da casa. Gabriel bateu duas vezes, mas não houve resposta. Tentou a maçaneta. Estava trancada.

Ele pegou a pequena ferramenta fina de metal que sempre levava na carteira e mexeu na fechadura com calma, até o mecanismo ceder. Dessa vez a porta se abriu. Do lado de dentro, havia um amontoado de roupas velhas de trabalho e botas de borracha sujas de terra. A pia estava seca, assim como as botas.

Gabriel gesticulou para que Chiara entrasse e a acompanhou até a cozinha. Na bancada, empilhavam-se pratos sujos e um cheiro de queimado empesteava o ar. Ele andou até a cafeteira automática, que tinha a luz acesa. Na base da jarra de vidro, via-se um resto de café da cor do alcatrão. A máquina devia estar ligada havia dias — o mesmo número de dias, pensou Gabriel, que o cachorro teria passado sem comer.

— Ele tem sorte de a casa não ter pegado fogo — comentou Chiara.

— Não tenho certeza.

— De quê?

— De que Falcone tem sorte.

Ele desligou a cafeteira e ambos seguiram para a sala de jantar. O lustre, assim como a cafeteira, fora deixado aceso e cinco das oito lâmpadas estavam queimadas. Uma das pontas da mesa retangular tinha um prato de comida inacabado. Na cabeceira oposta, havia uma caixa de papelão com o nome da vinícola local impresso na lateral. Gabriel levantou uma das abas e investigou o

conteúdo. Estava cheia de objetos cuidadosamente embrulhados com o jornal Corriere della Sera. Achou o jornal um tanto erudito para um homem como Falcone. Ele tinha mais cara de leitor da Gazzetta dello Sport.

— Parece que ele saiu com pressa — comentou Chiara.

— Ou talvez tenha sido forçado a sair.

Gabriel pegou um dos objetos da caixa e desembrulhou o jornal com cuidado, revelando um fragmento côncavo de cerâmica mais ou menos do tamanho de sua palma, decorado com a imagem parcial de uma jovem meio de perfil. Ela estava com um vestido plissado e parecia tocar um instrumento similar a uma flauta. A pele e a vestimenta foram retratados no mesmo marrom terracota, mas o fundo fora pintado com um preto reluzente.

— Meu Deus — murmurou Chiara.

— Parece o pedaço de algum recipiente ático de pinturas vermelhas.

Chiara assentiu.

— A julgar pela forma e imagem, eu diria que veio da parte de cima de um stamnos, um vaso grego usado para transportar vinho. Com certeza a mulher é uma mênade, uma discípula de Dionísio. O instrumento é uma flauta de bambu com duas saídas, conhecida como aulo.

— Poderia ser uma cópia romana de um original grego?

— Suponho que sim. Mas o provável é que tenha sido produzido na Grécia há 2.500 anos, especificamente para ser exportado às cidades etruscas. Os etruscos eram grandes admiradores dos vasos gregos. Por isso que tantas peças importantes foram encontradas em tumbas etruscas.

— E o que isso está fazendo numa caixa de papelão na mesa de jantar de Roberto Falcone?

— Essa é a parte fácil. Ele é um tombarolo.

Um ladrão de túmulos.

— Isso explicaria o cachorro — concluiu Gabriel.

— E as botas enlameadas. É óbvio que ele andou fazendo escavações recentemente. — Ela ergueu o jornal. — É da semana passada.

Gabriel vasculhou a caixa de novo e pegou outro embrulho de jornal. Dentro, estava uma parte diferente do vaso, mostrando o rosto de outra mênade e seu cílice, um recipiente raso usado para tomar vinho. Ele examinou a imagem em silêncio antes de ler o jornal. Era o trecho de uma matéria sobre uma curadora do Vaticano que cometera suicídio se jogando do domo da Basílica de São Pedro. O relato não mencionava que ela fazia um inventário secreto da coleção de antigüidades do Vaticano, que, pelo visto, a levara até aquele lugar, o

lar de um tombarolo. Talvez só isso fosse suficiente para explicar sua morte, mas Gabriel suspeitava que havia algo mais.

Ele olhou de novo para o fragmento de cerâmica e o aproximou do nariz. Sentiu o resquício de uma substância química, não muito diferente do cheiro dos solventes que ele usava para remover verniz de pinturas. Isso indicava que alguém o limpara havia pouco tempo, removendo terra e outras incrustações, provavelmente com uma solução de cloreto de amônio. Mesmo um homem velho vivendo sozinho numa casa tão malcuidada teria dificuldades em ficar perto desse cheiro por mais de alguns minutos. Ele teria que manter uma instalação separada onde pudesse deixar objetos por longos períodos de tempo, sem o perigo de serem descobertos por alguém.

Gabriel colocou o pedaço de cerâmica no bolso do casaco e olhou pela janela, na direção do anexo em ruínas nos fundos da propriedade. Andando de um lado para o outro, com a cabeça baixa e as orelhas para trás, estava o cachorro de Falcone. Gabriel suspirou. Foi para a cozinha, encontrou uma tigela grande e começou a enchê-la com qualquer coisa que parecesse remotamente comestível.

Havia dois cadeados, ambos de fabricação alemã e enferrujados pela chuva. Gabriel os arrombou enquanto o cão devorava com avidez uma mistura de atum em lata, favas, corações de alcachofra e leite condensado. No momento em que a porta se abriu, o animal ergueu os olhos por um instante, mas não prestou nenhuma atenção nos dois entrando. Do lado de dentro, o cheiro de ácido era opressivo. Gabriel tateou às cegas, uma das mãos cobrindo o nariz e a boca, até encontrar o interruptor. No alto, uma fileira de lâmpadas fluorescentes piscou e se acendeu, revelando um laboratório de nível profissional construído para o trato e armazenagem de antigüidades saqueadas. A limpeza e organização contrastavam com o resto da propriedade. Um objeto parecia deslocado, uma barra de ferro que parecia uma lança, suspensa horizontalmente num par de ganchos. Gabriel examinou os traços de lama perto da ponta. Era da mesma cor e consistência que a das botas.

— É um spillo — explicou Chiara. — Os tombaroli usam isso para encontrar câmaras funerárias subterrâneas. Eles o enfiam no chão até escutarem a batida característica de uma tumba ou uma casa romana. Aí levam as pás e retroesca— vadeiras e pegam o que conseguirem encontrar.

— E em seguida — completou Gabriel, olhando em volta trazem tudo para cá.

Ele andou até a mesa de trabalho de Falcone. Branca e limpa, era similar às mesas no laboratório de restauração dos museus do Vaticano. Numa ponta, havia uma pilha de monografias acadêmicas tratando das antigüidades dos impérios romano, grego e etrusco — o mesmo tipo de volumes que Gabriel vira no apartamento de Claudia. Um dos livros estava aberto na imagem de um stamnos ático de pinturas vermelhas decorado com mênades.

Gabriel tirou uma foto da página aberta com seu celular antes de seguir para as prateleiras imaculadas de cromo, repletas de antigüidades separadas por categoria: cerâmica, utensílios domésticos, ferramentas, armas e pedaços de ferro que pareciam extraídos de tempos imemoriais. Eram evidências de pilhagens numa escala massiva. Infelizmente, esse crime nunca poderia ser desfeito. Removidas de seus arranjos originais, as antigüidades diziam muito pouco sobre as pessoas que as construíram e usaram.

No fundo da construção, havia quatro grandes piscinas de aço inoxidável, com cerca de um metro e meio de diâmetro por um metro de altura. Os três primeiros tanques continham pedaços de cerâmica, estátuas e outros objetos claramente visíveis no líquido avermelhado. Mas, no quarto, o ácido estava opaco e quase transbordando. Gabriel pegou o spillo e o inseriu com cuidado no líquido. Logo abaixo da superfície, ele esbarrou em algo macio e flexível.

— O que é? — perguntou Chiara.

— Eu posso estar enganado — falou Gabriel, fazendo uma careta —, mas acho que acabamos de encontrar Roberto Falcone.

10

PIAZZA DI SANT'IGNAZIO ROMA

No coração de Roma, entre o Panteão e a Via del Corso, há uma pequena praça agradável chamada Piazza di Sant'Ignazio. No seu lado norte, há uma igreja que leva o mesmo nome, conhecida pelo glorioso afresco do teto pintado pelo jesuíta Andréa Pozzo. Ao sul, do outro lado de uma extensão cinza de paralelepípedos, existe um palazzo ornamentado com fachadas pintadas de amarelo e branco. Duas bandeiras oficiais tremulam sobre a varanda do terceiro andar e, acima da entrada solene, está o brasão dos Carabinieri. Uma plaqueta declara que o imóvel é ocupado pela Divisão de Defesa do Patrimônio Cultural. Mas, no mundo policial, a unidade é conhecida simplesmente como Esquadrão de Arte.

Na época em que foi formada, em 1969, ela era a única organização policial do mundo dedicada exclusivamente a combater o lucrativo comércio de arte e antigüidades roubadas. Sem dúvida a Itália precisava de uma agência desse tipo, pois o país fora abençoado com uma abundância de arte e incontáveis criminosos profissionais determinados a roubar tudo. No decorrer das duas décadas seguintes, o Esquadrão de Arte apresentou acusações contra milhares de pessoas suspeitas de envolvimento em crimes relacionados à arte e conseguiu recuperar um bom número de obras de alto nível, inclusive de Rafael, Giorgione e Tintoretto. Porém, a paralisia institucional começou a se manifestar. A quantidade de funcionários foi reduzida a poucas dezenas de oficiais em idade de aposentadoria — muitos dos quais quase nada sabiam sobre arte —, e no interior do gracioso palazzo o trabalho passou a ser conduzido num ritmo tipicamente romano. A legião de detratores da unidade costumava dizer que se gastava mais tempo debatendo onde almoçar do que buscando as pinturas roubadas — suficientes para encher um museu novo por ano.

Isso mudou com a chegada do general Cesare Ferrari. Filho de professores da empobrecida região da Campânia, ele passou sua carreira lutando contra os problemas mais intratáveis do país. Durante os anos 1970, numa época de terríveis bombardeios terroristas na Itália, ele ajudou a neutralizar a organização comunista dos Brigadas Vermelhas. Em seguida, durante as guerras da Máfia dos anos 1980, ele serviu como comandante da divisão de Nápoles infestada por criminosos. O cargo era tão perigoso que a esposa e as três filhas

de Ferrari foram forçadas a viver sob proteção contínua. Ele próprio foi alvo de inúmeras tentativas de assassinato, incluindo uma carta-bomba que lhe custou dois dedos e o olho direito. Sua prótese ocular, com uma pupila imóvel de olhar inflexível, deixou alguns de seus subordinados com a sensação preocupante de estarem contemplando o olho onisciente de Deus. Ferrari o usava com grande efeito ao persuadir criminosos de baixo escalão a traírem seus superiores. Um dos chefes derrubados fora o responsável pela carta-bomba. Depois da condenação, o general fez questão de escoltá-lo pessoalmente até a cela asquerosa de Poggioreale onde o mafioso passaria o resto de sua vida.

O cargo no Esquadrão de Arte foi dado a Ferrari como uma espécie de recompensa por uma carreira longa e distinta.

— Trabalhe na papelada por alguns anos — dissera o chefe dos Carabinieri — e você poderá se aposentar, ir para seu vilarejo na Campânia e plantar tomates.

Ferrari aceitou o cargo e fez exatamente o oposto. Dias após chegar no palazzo, ele informou a metade da equipe que seus serviços não eram mais necessários. Em seguida, passou a modernizar a organização que fora abandonada para definhar. Ele encheu a divisão com policiais jovens e agressivos, conseguiu permissão para grampear os telefones de criminosos conhecidos e abriu escritórios nas regiões do país onde os ladrões de fato roubavam arte, em especial no sul. E, o mais importante, adotou muitas das técnicas que usara contra a Máfia durante seus dias em Nápoles. Ferrari não tinha muito interesse pelos pequenos marginais envolvidos no roubo de arte. Ele queria os peixes grandes, os chefões que levavam os bens roubados ao mercado. Não levou muito tempo para sua nova abordagem surtir efeito. Dezenas de ladrões importantes foram parar atrás das grades e as estatísticas referentes a roubos de obras, embora ainda impressionantemente altas, mostraram uma melhora. O palazzo não era mais um asilo. Passou a ser o lugar aonde os melhores e mais brilhantes iam para fazer nome. E aqueles que não estavam à altura acabavam no escritório de Ferrari, encarando o olho inclemente de Deus.

Uma carreira de quatro décadas no governo italiano deixou o general com uma capacidade limitada para surpresas. Mas ele não foi capaz de esconder a perplexidade ao ver o lendário Gabriel Allon entrando em seu escritório no começo da tarde, seguido por sua esposa veneziana, linda e muito mais jovem. A cadeia de eventos que os levou até Ferrari fora posta em movimento quatro horas antes, quando Gabriel, observando o cadáver parcialmente emulsionado de Roberto Falcone, chegou à desanimadora conclusão de que aquela cena de crime

não poderia de forma alguma ser abandonada. Em vez de contatar as autoridades, ele ligou para Donati, que, por sua vez, telefonou para Lorenzo Vitale, da polícia do Vaticano. Depois de uma conversa desagradável que levou cerca de quinze minutos, ficou decidido que Vitale abordaria Ferrari, com quem ele tinha trabalhado em diversos casos. Ao final da tarde, o Esquadrão de Arte estava em Cerveteri, com uma equipe da divisão de crimes violentos de Lazio. E, ao pôr do sol, Gabriel e Chiara entregaram suas armas e foram colocados na traseira de um sedã dos Carabinieri, seguindo em direção ao palazzo.

Havia diversas pinturas penduradas no escritório de Ferrari — algumas bem danificadas, outras sem moldura —, recuperadas de ladrões de arte ou colecionadores corruptos. As obras ficavam no escritório, às vezes por semanas ou meses, até que pudessem ser devolvidas aos seus proprietários. Na parede atrás da escrivaninha, reluzente como se tivesse acabado de ser restaurado, estava Natividade com São Francisco e São Lourenço, de Caravaggio. Era uma cópia, claro; a versão original fora roubada da Igreja de São Lourenço em Palermo, em 1969, e nunca mais vista desde então. Encontrar esse quadro era uma obsessão de Ferrari.

— Dois anos atrás — contou ele —, eu achei que finalmente o encontrara. Um ladrão de rua qualquer me falou que a pintura estava escondida numa casa na Sicília. Ele disse que me diria o endereço se eu não o prendesse por roubar um retábulo de uma igreja num vilarejo próximo a Florença. Eu aceitei a oferta e invadimos a propriedade. Não achamos a obra, mas encontramos isto. — Ferrari passou uma pilha de fotografias Polaroid para Gabriel. — É de partir o coração.

Gabriel viu as imagens. Elas retratavam uma pintura que resistira bem aos quarenta anos que passara escondida em algum lugar subterrâneo. As beiras da tela estavam esfiapadas devido a cortes feitos com gilete para tirá-la da moldura, e rachaduras e arranhões profundos marcavam o quadro outrora glorioso.

— O que aconteceu com o ladrão que deu o endereço?

— Foi preso.

— Mas a informação que ele deu era boa.

— Isso é verdade. Mas não chegou a tempo. E, neste ramo, timing é tudo. — Ferrari deu um pequeno sorriso. — Se algum dia encontrarmos a pintura, a restauração vai ser difícil, mesmo para um homem com os seus talentos.

— Vou propor um acordo, general: você a encontra e eu a restauro.

— Ainda não estou disposto a fazer acordos, Allon.

Ferrari recolheu as fotos do Caravaggio perdido e as guardou no arquivo. Ele ficou olhando pela janela, contemplativo, lembrando um pouco o retrato do doge Leonardo Loredan feito por Bellini. Parecia considerar se deveria enviar Gabriel para as câmaras de tortura do outro lado da Ponte dos Suspiros.

— Vou começar esta conversa contando tudo o que sei. Assim você se sentirá menos inclinado a mentir para mim. Sei, por exemplo, que seu amigo, o monsenhor Donati, o chamou para restaurar A deposição de Cristo para a galeria do Vaticano. Também sei que ele pediu a você para ver o corpo da dottoressa Claudia Andreatti ainda na basílica e que, em seguida, você iniciou uma investigação particular das circunstâncias de sua trágica morte. Essa investigação o levou a Roberto Falcone. E agora o trouxe até aqui, ao palazzo.

— Já estive em lugares muito piores que este.

— E vai conhecer outros, a menos que coopere.

O general acendeu um cigarro norte-americano. Ele o segurava com a mão esquerda, meio desajeitado. A outra, que não tinha dois dedos, estava sobre seu colo, fora de vista.

— Por que o monsenhor está tão preocupado com essa mulher? — perguntou.

Gabriel falou da investigação das antigüidades do Vaticano.

— Eu fui levado a crer que não se tratava de nada além de um inventário de rotina.

— Talvez tenha começado dessa forma. Mas parece que em algum momento Claudia descobriu algo a mais.

— Você sabe o quê?

— Não.

Ferrari observou Gabriel como se não acreditasse plenamente nele.

— Por que você se enfiou na casa de Falcone?

— A Dra. Andreatti entrou em contato com ele pouco antes de sua morte.

— Como você sabe?

— Encontrei o número dele no registro telefônico da doutora.

— Ela ligou para ele de seu escritório no Vaticano?

— Não, do celular.

— E como você, um estrangeiro residindo temporariamente neste país, conseguiu obter os registros telefônicos de uma cidadã italiana?

Gabriel não respondeu. Ferrari o encarou sobre a ponta do cigarro como um atirador de elite mirando.

— A explicação mais lógica é que você pediu a ajuda de amigos de seu antigo serviço para obter os registros. Se esse for o caso, você violou seu acordo com as nossas autoridades. E isso, infelizmente, deixa você numa posição muito instável.

Era uma ameaça, pensou Gabriel, mas apenas moderada.

— Você chegou a falar com Falcone? — perguntou o general.

— Eu tentei.

— E...?

— Ele não estava atendendo ao telefone.

— Então você decidiu arrombar a propriedade?

— Por preocupação com a segurança dele.

— Ah, sim. Claro — falou Ferrari, sarcástico. — E, lá dentro, você descobriu o que parecia ser um grande esconderijo de antigüidades.

— Além do tombarolo derretendo num tanque de cloreto de amônio.

— Como você passou pelas fechaduras?

— O cachorro foi um desafio maior do que as fechaduras.

O general sorriu e bateu o cigarro no cinzeiro.

— Roberto Falcone não era um tombarolo qualquer — comentou ele mas um capo zona, o líder de uma rede regional de pilhagem. Os saqueadores de baixo escalão levavam o que conseguiam roubar para ele. Falcone passava o produto para a linha de traficantes e negociantes corruptos.

— Você parece saber bastante sobre um homem cujo cadáver foi descoberto poucas horas atrás.

— Roberto Falcone também era meu informante — admitiu Ferrari. — Meu melhor informante. E agora, graças a você, ele está morto.

— Eu não tenho nada a ver com a morte dele.

— É o que você diz.

Um assistente uniformizado deu uma batida discreta na porta do escritório. O general o dispensou com um gesto autoritário e retomou aquela pose do doge, de deliberação solene.

— Para mim, só há duas opções. Primeira: fazemos tudo de acordo com as regras. Isso significa jogar você aos lobos do serviço de segurança. Pode significar um pouco de publicidade negativa, não apenas para o seu governo, como também para o Vaticano. As coisas podem ficar feias, Allon. Muito feias.

— E a segunda opção?

— Você começa me dizendo tudo o que sabe sobre a morte de Claudia Andreatti.

— E depois?
— Eu o ajudo a encontrar o assassino dela.

11

Piazza Di Sant'Ignazio, Roma

Um dos privilégios do trabalho no palazzo era o Le Cave. Considerado um dos melhores restaurantes de Roma, ficava a poucos passos da entrada do prédio, num canto silencioso da piazza. No verão, as mesas eram postas em fileiras bem alinhadas ao longo da rua de pedras, mas naquela tarde de fevereiro estavam empilhadas contra a parede. O general Ferrari chegou sem aviso prévio e foi imediatamente conduzido, junto com seus dois convidados, à mesa nos fundos do restaurante. Um garçom trouxe um prato de arancini di riso e vinho tinto da Campânia. Ferrari fez um brinde ao casamento que, por enquanto, ainda estava por ser consumado. Pegando um dos croquetes de risoto, ele falou com certo desdém sobre um homem chamado Giacomo Medici.

Embora não tivesse nenhuma relação com a dinastia de banqueiros de Florença, Medici compartilhava a paixão da família pelas artes. Negociante de antigüidades sediado na Itália e na Suíça, por décadas ele tinha discretamente providenciado obras de alta qualidade para alguns dos negociantes, colecionadores e museus mais proeminentes do mundo. Mas, em 1995, seu lucrativo empreendimento começou a ruir quando as autoridades suíças e italianas invadiram seu armazém em Genebra e encontraram um tesouro sem proveniência, parte do qual recém-escavado. A descoberta desencadeou uma investigação internacional liderada pelo Esquadrão de Arte que acabou alcançando alguns dos maiores nomes no mundo da arte. Em 2004, um tribunal italiano condenou Medici por tráfico de antigüidades roubadas e ele recebeu a sentença mais severa já imposta por esse crime: dez anos na prisão e uma multa de 10 milhões de euros. Os promotores usaram as evidências contra Medici para conseguir que diversos museus devolvessem artefatos roubados. Entre os itens, estava a famosa cratera de Eufrônio, que o Museu Metropolitano de Arte de Nova York concordou, não sem certa relutância, em entregar para a Itália em 2006. Medici, que foi acusado de desempenhar um papel fundamental no roubo do vaso, tinha tirado uma foto famosa em frente a ele no Met, com as mãos no quadris. O general Ferrari imitou a pose no dia em que a peça foi colocada com triunfo em seu novo lugar no museu Villa Giulia, em Roma.

— Somando tudo — continuou Ferrari Medici foi responsável pelo roubo de milhares de antigüidades do solo italiano. Mas ele não agiu sozinho. Sua operação era como uma cordata, uma corda que se estendia dos tombaroli aos capi zoni, passando pelos negociantes e pelas casas de leilão e chegando, por fim, aos colecionadores e museus. E não devemos nos esquecer de nossos bons amigos da Máfia. Nada funciona sem a aprovação deles. E nada entra no mercado sem um pagamento aos chefes.

Ferrari passou um instante contemplando sua mão destruída antes de continuar.

— Nós não gastamos dez anos e milhões de euros só para derrubar um homem e alguns de seus subordinados. Nossa meta era destruir uma rede que estava lentamente pilhando os tesouros legados a nós por nossos ancestrais. Contra todas as probabilidades, fomos bem-sucedidos. Mas temo que nossa vitória tenha sido apenas temporária. A pilhagem continua. Na verdade, está pior que nunca.

— Uma nova rede substituiu a de Medici?

Ferrari assentiu e tomou um gole de vinho.

— Criminosos são um pouco como terroristas, Allon. Se você mata um terrorista, outro ocupará o lugar vago. E quase sem exceções, ele será um homem mais perigoso que seu antecessor. Essa nova rede é muito mais sofisticada que a de Medici. É uma operação global. E, é claro, muito mais implacável.

— Quem está no comando?

— Eu adoraria saber. Pode ser um consórcio, mas meus instintos me dizem que é um homem. Eu ficarei surpreso se ele revelar qualquer ligação clara com o comércio de antigüidades. Isso seria amador. Ele é um grande criminoso, envolvido em muito mais do que a venda de panelas. E é uma pessoa com força suficiente para manter todo mundo na linha, o que implica uma conexão com a Máfia. Essa rede tem a capacidade de desenterrar uma estátua na Grécia e vendê-la para a Sothebys poucos meses depois com comprovantes de proveniência limpa. — O general fez uma pausa. — Ele também está conseguindo produtos da sua região.

— O Oriente Médio?

— Ele tem alguém fornecendo artefatos de lugares como Líbano, Síria e Egito. Aquele canto do mundo abriga algumas pessoas sórdidas. Queria saber para onde todo esse dinheiro está indo.

— E qual era o papel de Falcone nessa história?

— Quando nós descobrimos a operação dele, alguns anos atrás, consegui convencê-lo a trabalhar para mim. Não foi difícil, já que a alternativa era um longo período encarcerado. Passamos várias semanas o instruindo aqui no palazzo. Depois, ele foi enviado de volta para Cerveteri, com permissão para retomar suas atividades ilícitas.

— E vocês acompanhariam essas atividades — completou Chiara.

— Exatamente.

— E o que acontecia quando um tombarolo levava um vaso ou uma estátua para Falcone?

— Às vezes tirávamos o artefato do mercado com discrição, para ser guardado com cuidado. Mas em geral deixávamos Falcone passar as obras adiante. Assim era possível rastrear o fluxo da mercadoria pelo mercado negro. E a idéia era que todos os envolvidos no processo pensassem que Falcone era um homem importante.

— Em especial os que estão no topo dessa nova rede de tráfico.

— É claro que você já fez isso uma ou duas vezes — falou o general.

Gabriel ignorou o comentário.

— Até onde vocês conseguiram infiltrar Falcone na rede? — perguntou.

— Só até o primeiro degrau da escada — respondeu Ferrari, franzindo a testa. — Essa nova rede aprendeu com os erros da antecessora. Os homens no topo não falavam com pessoas como Falcone.

— Por que Claudia Andreatti falou com ele, então?

— Ela deve ter descoberto algo ao investigar a coleção do Vaticano que a levou até a porta de Falcone. Algo perigoso o suficiente para causar sua morte. O fato de ele também ter sido morto sugere uma conexão com a rede. Honestamente, eu não ficaria surpreso se surgissem mais alguns cadáveres nós próximos dias.

— Você percebe o que está sugerindo?

Ferrari fixou seu olho morto em Gabriel e se inclinou para a frente sobre a mesa.

— Não é uma sugestão — afirmou. — Estou dizendo que a Dra. Andreatti descobriu uma ligação entre a rede e o Vaticano. E isso significa que seu amigo, o monsenhor Donati, tem um problema muito maior nas mãos do que uma curadora morta. Também significa que eu e você temos o mesmo alvo.

— E por isso você está disposto a fingir que eu e minha esposa não estávamos em Cerveteri hoje — concluiu Gabriel. — Porque, se eu descobrir quem matou Claudia, vou poupá-lo da tarefa de desmantelar a rede.

— É uma solução bem elegante para nosso dilema.

— Por que você não me entrega para o serviço de segurança e investiga o caso pessoalmente?

— Porque a morte de Falcone acabou com minha única chance de penetrar na nova rede. É quase impossível infiltrar outro informante. A esta altura, eles já estão cientes dos meus recursos e das minhas técnicas. Também conhecem minha equipe, logo não posso tentar infiltrar ninguém daqui. Eu preciso de alguém que possa me ajudar a destruir essa rede por dentro, alguém capaz de pensar como um criminoso. — Ferrari ficou em silêncio por um instante. — Alguém como você, Allon.

— Isso foi um elogio?

— É um fato.

— Você superestima as minhas habilidades.

O general sorriu.

— No começo da minha carreira, quando eu trabalhava na divisão antiterrorista, fui designado para um caso aqui em Roma. Parecia que um tradutor palestino tinha sido morto a tiros no saguão de seu prédio. Acabamos descobrindo que ele não era um mero tradutor. Quanto ao homem que o matou, nunca fomos capazes de encontrar uma única testemunha que pudesse se lembrar de tê-lo visto. Era um fantasma — Ferrari fez uma pausa. — E agora ele está sentado na minha frente, num restaurante no coração de Roma.

— Eu nunca teria imaginado que você fosse um chantagista, general.

— Eu nunca pensaria em chantageá-lo, Allon. Só quis dizer que nossos caminhos já se cruzaram antes. E agora parece que o destino voltou a nos unir.

— Eu não acredito em destino.

— Nem eu. Mas acredito que só você pode pôr fim a essa rede. Além do mais, você tem uma bela vantagem por já estar dentro do Vaticano.

Gabriel ficou calado por um momento.

— O que acontece se eu conseguir? — perguntou.

— Eu uso suas informações para montar um caso a ser apresentado nos tribunais italianos.

— E se esse caso destruir meus amigos?

— Estou ciente de sua relação próxima com esse papa e com o monsenhor Donati — comentou o general, num tom tranqüilo. — Mas se o Vaticano cometeu crimes, terá que pagar por eles. Além disso, sempre achei que uma confissão faz bem para a alma.

— Se for feita confidencialmente.

— Isso pode não ser possível. Mas o melhor jeito de cuidar dos interesses de seus amigos é aceitando minha oferta. Caso contrário, não temos como saber que tipo de sujeira surgirá daí.

— Isso soa como chantagem.

— Sim — concordou Ferrari, reflexivo. — Suponho que sim.

Ele deu um pequeno sorriso, mas sua prótese ocular encarava fixamente o espaço à frente. Era como contemplar uma pessoa num quadro, pensou Gabriel, o olho onisciente de um Deus impiedoso.

Naquele momento, era necessário pensar no que dizer ao público sobre a morte infeliz de Roberto Falcone. A questão se resumiu a uma escolha entre diferentes táticas: tratar tudo com discrição ou, nas palavras de Gabriel, anunciar o fato com alarde e, dessa forma, ajudar na própria investigação. Ferrari preferiu a segunda opção, pois, assim como Gabriel, tinha certa inclinação à teatralidade operacional. Além do mais, era época de determinar orçamentos numa temporada de austeridade, e Ferrari precisava de uma conquista, mesmo que fosse inventada, para garantir ao Esquadrão de Arte seus invejáveis níveis de financiamento por mais um ano fiscal.

E assim, no fim da manhã seguinte, Ferrari convocou a mídia ao palazzo para o que ele prometeu que seria um grande anúncio. Visto que o dia tinha sido um tanto parado em termos de notícias, os órgãos de imprensa vieram em massa, esperando conseguir algo que pudesse de fato vender jornal ou levar o telespectador a pausar por alguns segundos antes de seguir para o próximo canal. Como sempre, o general não desapontou. Vestido de maneira impecável em seu uniforme azul dos Carabinieri, ele andou a passos largos até o pódio e relatou uma história tão antiga quanto a própria Itália. Era a história de alguém que se passava por um homem de posses modestas, mas que era, na verdade, um dos maiores ladrões de antigüidades do país. Lamentavelmente, ele fora assassinado com brutalidade, talvez em alguma disputa com colegas por dinheiro. Ferrari não explicou como o corpo tinha sido encontrado, mas ofereceu suficientes detalhes macabros para garantir a primeira página nos tabloides mais lidos. Então, numa excelente performance, ele puxou uma cortina preta e revelou um imenso tesouro de artefatos recuperados na oficina do tombarolo. Os repórteres tiveram um sobressalto. O general reluziu perante os flashes.

Desnecessário dizer que Ferrari não fez qualquer menção ao papel desempenhado por Gabriel Allon, nem ao acordo um tanto maquiavélico que fora estabelecido entre os dois durante o jantar no Le Cave. Também não

divulgou o nome que tinha sussurrado no ouvido de Gabriel quando eles se despediram na piazza.

Gabriel esperou a conferência de imprensa do general terminar antes de fazer a ligação. Ficou claro por seu tom de voz que ela estava esperando seu telefonema.

— Estou numa reunião até as cinco. Que tal cinco e meia?

— No seu apartamento ou no meu?

— O meu é mais seguro.

— Onde?

— O vaso. — Ela desligou.

12

Villa Giulia, Roma

Numa cidade cheia de museus e maravilhas arqueológicas, a Villa Giulia, repositório nacional italiano de arte e antigüidades etruscas, por alguma razão recebe poucas visitas e costuma passar despercebida. Trata-se de um palazzo nos limites dos Jardins Borghese, que no passado serviu como casa de campo do papa Julius III. No século XVI, o casarão dava vista para os muros que cercavam Roma e as colinas suaves de Parioli, que agora estavam cobertas de prédios. Abaixo das janelas do velho retiro papal, havia uma avenida larga que os pedestres atravessavam por sua própria conta e risco. O pátio de entrada cheio de ervas daninhas fora transformado em estacionamento para os funcionários, cujos veículos com para-choques amassados e tinta descascada revelavam os baixos salários recebidos nos museus estatais da Itália.

Gabriel chegou às 17h15 e seguiu para a galeria no segundo andar, onde o vaso de Eufrônio, considerado uma das mais importantes obras de arte já criadas, era exibido num simples display de vidro. Uma pequena plaqueta contava sua complexa história: ele havia sido saqueado de uma tumba perto de Cerveteri em 1971, vendido para o Museu Metropolitano de Nova York pela quantia absurda de um milhão de dólares e, graças aos incansáveis esforços do governo italiano, finalmente devolvido ao seu verdadeiro lar. O patrimônio cultural fora protegido, pensou Gabriel, passando os olhos pela sala deserta, mas a que custo? Quase cinco milhões de pessoas visitam o Met todo ano, enquanto aqui, nos corredores desertos da Villa Giulia, o artefato foi abandonado como uma bugiganga qualquer acumulando poeira numa prateleira. Se ele pertencia a algum lugar, era

à tumba do etrusco rico que o comprara de um negociante grego 2.500 anos antes.

Gabriel ouviu o som de saltos altos e, ao se virar, viu uma mulher alta e elegante vindo da galeria anexa. Seus cabelos escuros iam até a altura dos ombros e os grandes olhos castanhos tinham um brilho de argúcia. O corte do terninho indicava uma fonte de renda além do museu, assim como as jóias reluzindo na mão que ela estendeu em direção a Gabriel. Ela manteve o aperto por alguns segundos a mais do que o necessário, como se esperasse conhecê-lo havia um bom tempo. A mulher parecia ciente do impacto causado por sua aparência.

— Você estava esperando alguém num jaleco?

— Só conheço um arqueólogo — respondeu Gabriel e normalmente ele está coberto de pó.

A Dra. Verônica Marchese deu um breve sorriso. Ela tinha pelo menos 50 anos, mas, mesmo sob a desagradável luz das lâmpadas de halogênio do museu, podia se passar facilmente por alguém de 35. Quando o general Ferrari mencionara o nome dela, Gabriel logo lembrou que ele aparecera dezenas de vezes nos e-mails de Claudia. E agora se dava conta de que o rosto também era familiar. Ele o vira pela primeira vez em frente à Igreja de Santa Ana, ao término da missa fúnebre de Claudia. Verônica estava um pouco distante das outras pessoas e seus olhos não fitavam o caixão, mas Luigi Donati. Algo em seu olhar, recordou Gabriel, parecera vagamente acusador.

A doutora passou por Gabriel e deu uma olhada no objeto atrás da vitrine à prova de balas. A imagem do vaso retratava o corpo sem vida de Sarpédon, filho de Zeus, sendo carregado pelas personificações do Sono e da Morte até seu túmulo, e tinha uma semelhança marcante com a composição de A deposição de Cristo.

— Nunca me canso de olhar para essa imagem — disse a Dra. Marchese. — E quase tão linda quanto o Caravaggio que você está restaurando para o Vaticano. — Ela olhou por cima do ombro. — Não acha, Sr. Allon?

— Para falar a verdade, não.

— Você não aprecia vasos gregos?

— Não creio que tenha dito isso.

Verônica o examinou por um tempo, como se ele fosse uma estátua sobre um pedestal.

— Vasos gregos estão entre os objetos mais extraordinários já criados — afirmou ela. — Sem eles, não haveria nenhum Caravaggio. E, infelizmente, há

homens que fazem de tudo para possuí-los. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Mas você não veio até aqui para debater sobre os méritos estéticos da arte antiga. Você está aqui por causa de Claudia.

— Suponho que você tenha visto a coletiva de imprensa do general Ferrari.

— Os repórteres engoliram tudo, como sempre. — Ela não pareceu impressionada. — Mas é óbvio que ele aprendeu um pouco sobre dissimulação no Vaticano.

O general tinha avisado Gabriel sobre a perspicácia cáustica da Dra. Marchese. Graduada pela Universidade La Sapienza, em Roma, ela era considerada uma das maiores autoridades italianas em civilização etrusca e trabalhara como consultora especializada para o Esquadrão de Arte em inúmeras ocasiões, inclusive na investigação de Medici. Depois da batida policial na propriedade de Medici em Genebra, Verônica passara semanas investigando o material recuperado, tentando determinar a origem de cada peça e, se possível, quando elas tinham sido arrancadas dos túmulos. Na ocasião, ela trabalhara com uma jovem e talentosa discípula chamada Claudia Andreatti.

— O general me falou que você conseguiu o emprego no Vaticano para Claudia.

— Ela era minha melhor amiga, mas não precisou da minha ajuda. Claudia era uma das pessoas mais talentosas que já trabalharam para mim. Ela conquistou o emprego pelos próprios méritos.

— Você sabia que ela tinha assumido uma investigação da coleção de antigüidades do Vaticano. Ela buscou sua ajuda com regularidade.

— Vejo que você andou lendo os e-mails dela.

— E registros telefônicos também. Eu sei que ela entrou em contato com Roberto Falcone antes de morrer. Pensei que você pudesse me dizer por quê.

Verônica ficou em silêncio.

— Claudia disse que encontrara um problema na coleção. Ela achou que Falcone fosse capaz de ajudá-la.

— Que tipo de problema?

— Parece que havia material faltando. Muito material.

— Dos depósitos?

— Não só dos depósitos. Das galerias também.

Gabriel se postou ao lado dela, à frente da vitrine, e ambos contemplaram o vaso.

— E quando o Vaticano anunciou que Claudia cometera suicídio...

— Eu tive minhas dúvidas, para dizer o mínimo.

— Mas você ficou quieta.

Era uma afirmação. Ela não respondeu para Gabriel, e sim para o cadáver de Sarpédon.

— Foi difícil — murmurou Verônica. — Mas, sim, eu fiquei quieta.

— Por quê?

— Porque foi o que me pediram para fazer.

— Quem pediu?

— O mesmo homem que lhe pediu para investigar a morte dela.

— Monsenhor Donati?

— Monsenhor? — Ela deu um sorriso melancólico. — Acho estranho chamá-lo assim.

A cafeteria do museu ficava numa estufa antiga alojada no pátio principal da Villa Giulia. A garçonete, uma mulher de 60 anos com o cabelo preso por grampos, estava fechando a caixa registradora quando eles entraram, mas Verônica conseguiu persuadi-la a fazer só mais duas xícaras de cappuccino. Eles sentaram numa pequena mesa de ferro no canto, ao lado de uma treliça coberta por videiras. A chuva tamborilava o teto de vidro enquanto Verônica examinava o fragmento de cerâmica que Gabriel tinha pegado da casa de Falcone, em Cerveteri.

— Sua esposa tem um olho excelente. A imagem é de uma discípula de Dionísio. Eu diria que é uma pintura de Menelaus, logo isto devia estar aqui na Villa Giulia, e não na cozinha de um tombarolo. — Ela devolveu o objeto para Gabriel. — Infelizmente, é provável que a peça estivesse intacta antes de cair nas mãos de Falcone e de seus homens.

— Como ela foi quebrada?

— Às vezes a cerâmica é despedaçada pelo spillo que os tombaroli usam para encontrar as tumbas. Mas também pode acontecer de o tombarolo e seus homens quebrarem vasos de propósito, para inserirem a obra no mercado peça por peça, chamando menos atenção. Quando todas as peças chegam às mãos de um negociante, eles fingem que um vaso perdido há muito tempo se materializou de repente. — Ela balançou a cabeça, enojada. — Eles são uns vermes. Mas são muito espertos.

— E perigosos — acrescentou Gabriel.

— É o que parece. — Ela fez menção de acender um cigarro, mas se interrompeu. — Desculpe — disse, pondo-o de volta no maço. — Luigi me falou que você detesta tabaco.

— O que mais ele falou?

— Que você é um dos homens mais notáveis que ele já conheceu. E que você teria dado um excelente padre.

— Eu cuido de pinturas, não de almas. Além do mais, sou um pecador sem esperanças de redenção.

— Padres também pecam. Mesmo os bons.

Ela esvaziou três saquinhos de açúcar no cappuccino e mexeu de leve. Gabriel deveria estar pensando no caso, mas ele não conseguia parar de se perguntar como a vida do secretário pessoal do Santo Padre poderia ter cruzado com a de uma mulher como Verônica Marchese. Vieram-lhe diversas hipóteses, nenhuma delas boa.

— Achei que espiões fossem eficientes em esconder seus pensamentos — comentou ela.

— Eu estou oficialmente aposentado.

— Ótimo. Porque é óbvio que você está curioso sobre como eu e Luigi nos conhecemos. Basta dizer que somos amigos há um bom tempo. Na verdade, eu que sugeri a investigação da coleção da Igreja.

— Você pensou que ela pudesse ter problemas de procedência?

— Bem, levando em conta a atual realidade política, pensei que seria sensato se Luigi soubesse mais que seus inimigos em potencial.

— Você teria dado uma boa advogada.

— Eu sou advogada, além de arqueóloga.

— Por que você não se voluntariou para conduzir pessoalmente a investigação?

— Não era minha coleção. Além do mais, Luigi tinha uma candidata perfeita para o trabalho na equipe do museu.

— Claudia.

Verônica assentiu.

— Ela era uma detetive nata. Seu trabalho era impecável.

— Mas não vi nenhuma menção a qualquer tipo de problema nas anotações e arquivos de pesquisa dela. Tive a impressão de que ela aprovara tudo.

— Isso é porque ela foi aconselhada a não colocar nenhuma de suas descobertas por escrito.

— Por quem?

— Por mim.

— Ela falou o que estava faltando?

— Não entrou em detalhes; só disse que não conseguiu encontrar dezenas de obras. Nada grande, mas tinham bastante valor, exatamente o tipo de coisa que pode dar prestígio instantâneo a algum xeique árabe ou oligarca russo. Ela fez uma lista dos itens e foi atrás de um velho amigo que talvez soubesse onde eles estariam.

— Roberto Falcone?

— Isso mesmo.

— Como Claudia conhecia alguém como Falcone?

— Ele era sócio do pai dela.

— O pai de Claudia trabalhava para Roberto Falcone?

— Não — respondeu Verônica, balançando a cabeça lentamente. — O pai de Claudia nunca trabalharia para um homem como Falcone. Falcone trabalhava para ele.

A garçonete demonstrou impaciência para fechar o lugar e ir embora. Gabriel e Verônica terminaram às pressas o café e saíram. Já estava escuro e um vento úmido rodopiava pelas galerias. A doutora acendeu um cigarro, pensativa, e começou a falar coisas sobre Claudia que não chegaram a ser incluídas em seu arquivo pessoal do Vaticano. A Dra. Andreatti fora criada em Tarquinia, uma antiga cidade etrusca ao norte de Cerveteri. Seu pai, Francesco, um trabalhador braçal de origem camponesa, incrementara a renda escassa da família com um spillo e uma pá. Ele tinha um talento único para extrair antigüidades das colinas de Lazio, apenas igualado por sua habilidade em manter distantes os Carabinieri e a Máfia. Suas escavações o deixaram rico, embora todos em Tarquinia acreditassem que ele fosse um pedreiro comum. Assim como suas filhas gêmeas.

— Quando elas descobriram a verdade?

— Ele confessou seus pecados enquanto morria de câncer. Também contou sobre o contêiner de aço enterrado onde ele guardava seus achados. Claudia e Paola esperaram até depois do funeral para alertarem os Carabinieri. Elas tinham apenas 16 anos na época.

— Paola parece ter esquecido esse incidente.

— Não é de surpreender que ela não o tenha mencionado. Não é algo que orgulhe uma filha. Infelizmente, muitos de nós temos um criminoso na árvore genealógica. Temo que seja a maldição da Itália.

— Um tanto irônico, não acha?

— Que a filha de um tombarolo tenha se dedicado à conservação de antigüidades?

Gabriel assentiu.

— Não foi por acaso. Claudia sentia vergonha do pai e quis compensar um pouco do estrago que ele causara. É claro que ela guardava o segredo com todo o cuidado. Se a comunidade de curadores descobrisse que seu pai fora um ladrão, isso teria pesado sobre ela durante toda a sua carreira.

— Mas você sabia.

— Ela me contou durante a investigação Mediei. Claudia sentiu que precisava contar, porque estávamos trabalhando com o general Ferrari. — Verônica fez uma pausa. — Claudia tinha um senso exagerado de certo e errado. Essa era uma das coisas que eu mais gostava nela.

— Você sabe o que Falcone disse para ela?

— Ela não quis me contar. Falou que precisava proteger a integridade da investigação.

Eles passaram diante da livraria do museu, já fechada, e saíram pelo pórtico de entrada. Caía uma chuva torrencial. Verônica pegou um molho de chaves da bolsa e, com um clique do controle remoto, ligou o motor de um cintilante Mercedes SL cupê. O carro parecia deslocado do lado daquele casarão antigo. Assim como sua dona.

— Eu ofereceria uma carona — disse ela, desculpando-se —, mas infelizmente tenho outro compromisso. Se precisar de minha ajuda, por favor, não hesite em ligar. E mande lembranças a Luigi.

Ela começou a caminhar em direção ao automóvel, mas parou de repente e se virou para Gabriel.

— Acaba de me ocorrer que você tem algo a seu favor. O general Ferrari obteve milhões de euros em antigüidades com os homens que mataram Claudia. Isso significa que eles estarão ansiosos para reabastecer os estoques. Se eu fosse você, encontraria algo irresistível.

— E depois faria o quê?

— Quebraria em pedaços e mandaria para eles aos poucos.

Ela foi embora em meio ao rush. Gabriel ficou parado por um momento, se perguntando por que Luigi Donati não mencionara que conhecia a melhor amiga de Claudia. Padres também pecam, pensou. Mesmo os bons.

13

Palácio Apostólico, Vaticano

— Qual é a sopa do dia? — perguntou Gabriel.

Donati respondeu: — Sopa de pedra.

Ele provou, desconfiado, uma colherada do consomê. Eles estavam na austera sala de jantar do papa, no terceiro andar do Palácio Apostólico. A toalha de mesa era branca, assim como os hábitos das freiras que cuidavam da residência, entrando e saindo da cozinha anexa sem emitir um único som. Sua Santidade trabalhava na escrivaninha de seu pequeno escritório particular, no lado oposto do corredor. Já fazia catorze anos que o pequeno patriarca de Veneza ascendera ao trono de São Pedro, mas ele ainda mantinha uma rotina diária exaustiva que um homem bem mais jovem teria dificuldade de acompanhar. Uma das funções dessa rotina era preservar seu poder. A Igreja enfrentava desafios demais para que seu monarca absoluto pudesse passar a impressão de estar incapacitado pela idade. Se os príncipes percebessem qualquer fraqueza por parte do Santo Padre, os preparativos para o próximo conclave não demorariam a ter início. E o papado de Paulo VII, um dos mais turbulentos na história moderna da Igreja, encontraria um final abrupto.

— Por que as porções escassas? — perguntou Gabriel.

— As atuais circunstâncias financeiras têm afetado a renda de alguns dos colégios e casas religiosas da cidade. Sua Santidade pediu aos bispos e cardeais que evitassem jantares luxuosos. Não tenho escolha a não ser dar o exemplo.

Ele ergueu a taça de vinho e analisou o líquido contra a luz antes de dar um gole cauteloso.

— Que tal?

— Divino. — Donati colocou a taça com cuidado na mesa e empurrou um fichário preto volumoso na direção de Gabriel. — Esse é o itinerário definitivo de nossa viagem a Israel e aos territórios palestinos. Decidimos ir na Semana Santa, logo o Santo Padre poderá celebrar a morte e a ressurreição de Cristo na cidade onde aconteceram, algo inédito. Ele vai celebrar a Paixão na Via Dolorosa e a missa de Páscoa na Igreja do Santo Sepulcro. O cronograma também inclui uma parada em Belém e uma visita de cortesia à Mesquita de Al-Aqsa, onde ele pretende fazer um pedido de perdão pelas Cruzadas. Os cruzados

mataram dez mil pessoas na Esplanada das Mesquitas quando saquearam Jerusalém em 1099, incluindo três mil que se abrigaram dentro da Al-Aqsa.

— E eles se aqueceram no caminho matando milhares de judeus inocentes na Europa.

— Acredito que um pedido de desculpas já tenha sido feito por isso.

— Quando você pretende anunciar a viagem?

— Semana que vem, na Audiência Geral.

— É muito cedo.

— Esperamos tanto quanto foi possível. Eu gostaria que você desse uma olhada em nossas medidas de segurança. O Santo Padre também perguntou se você consideraria servir como seu guarda-costas pessoal durante a viagem.

— Algo me diz que isso não foi idéia dele.

— Não foi — admitiu Donati.

— A melhor maneira de colocar Sua Santidade em perigo é me posicionando ao lado dele.

— Pense a respeito.

Donati levou outra colherada de consomê aos lábios e, pensativo, assoprou — o que era estranho, pensou Gabriel, pois sua própria sopa já estava morna.

— Tem algo mais em mente, Luigi?

— Ouvi rumores de que você visitou a Villa Giulia ontem.

— O lugar tem objetos lindos.

— Parece que sim. — Donati acrescentou em voz mais baixa: — Você deveria ter me dito que ia vê-la.

— Não me dei conta de que precisava de sua permissão.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Quando aceitei o caso, você me garantiu que todas as portas estariam abertas.

— Não as portas para o meu passado — respondeu Donati, calmo.

— E se o seu passado tiver algo a ver com a morte de Claudia?

— Meu passado não tem nada a ver com a morte dela.

As palavras do monsenhor foram ditas num tom quase litúrgico. Faltaram apenas o sinal da cruz e o amém.

— Você gostaria de um pouco mais de sopa? — perguntou ele, tentando aliviar um pouco a tensão do momento.

— Vou resistir — respondeu Gabriel.

Duas freiras entraram e recolheram os pratos. Elas retornaram logo em seguida com o prato principal: uma fatia fina de vitela, batatas cozidas e vagens com azeite. Donati aproveitou a interrupção para recompor seus pensamentos.

— Eu pedi sua ajuda — falou ele — porque desejava que esse inquérito fosse conduzido com certa discrição. Agora o general Ferrari e os Carabinieri estão envolvidos, exatamente o que procurei evitar.

— Eles estão envolvidos porque meu inquérito me levou a um tombarolo morto chamado Roberto Falcone.

— Eu sei disso.

— Você preferiria se eu tivesse fugido?

— Eu preferiria — respondeu Donati, depois de pensar um pouco — que essa bagunça não fosse cair no colo das autoridades italianas, que nem sempre têm em mente o melhor para a Santa Sé.

— Esse teria sido o resultado independentemente do que eu fizesse.

— Por quê?

— Porque o general não teria levado muito tempo para ligar Falcone a Claudia por meio dos registros telefônicos. E a próxima parada teria sido Verônica. A menos que estivesse preparada para mentir em seu nome, ela teria dito ao general que, após a morte de Claudia, você lhe pediu para ficar em silêncio. E então Ferrari teria batido na porta do Palácio Apostólico com um mandato nas mãos.

— Isso é verdade. — Donati encarou a comida, sem apetite. — Por que você acha que Ferrari sugeriu o encontro com ela?

— Andei me fazendo a mesma pergunta — admitiu Gabriel. — Suspeito que, como qualquer bom investigador, ele saiba mais do que está disposto a dizer.

— Sobre minha amizade com Verônica?

— Sobre tudo.

Do lado de fora, uma nuvem cobriu o sol e o rosto de Donati ficou nas sombras.

— Por que você não me falou dela, Luigi?

— Isso está começando a soar como um interrogatório.

— Antes eu que os Carabinieri.

Donati, com o rosto ainda imerso na sombra, não disse nada.

— Talvez fosse mais fácil se eu respondesse por você.

— Fique à vontade.

— Este caso se encaixa na categoria "nenhuma boa ação sai impune" — começou Gabriel. — Tudo começou de forma inocente, quando Verônica propôs que você investigasse a coleção do Vaticano. Mas a morte de Claudia deixou você com dois problemas. O primeiro foi o motivo do assassinato. O segundo foi seu relacionamento com Verônica. Uma investigação minuciosa da morte de Claudia teria revelado ambos, o que deixaria você numa posição instável. Assim, você encorajou uma declaração oficial de suicídio e me pediu para descobrir a verdade.

— E agora você descobriu um pouco dela.

Donati empurrou o prato para o centro da mesa e olhou pela porta aberta do escritório particular de seu mestre.

— Quanto ele sabe? — perguntou Gabriel.

— Mais do que você pode imaginar. Mas isso não significa que ele deseje que tudo se torne público. Fofoca e escândalos particulares podem ser fatais num lugar como este. E, se minha reputação for manchada, o papado seria prejudicado. — Ele fez uma pausa e, então, acrescentou, sério: — Isso é algo que eu não posso permitir.

— A melhor maneira de impedir que algo aconteça é me dizendo a verdade. Toda a verdade.

Donati respirou fundo e consultou o relógio de pulso.

— Eu tenho trinta minutos até a próxima reunião com o Santo Padre — falou ele. — Talvez seja melhor caminharmos. As paredes aqui têm ouvidos.

14

Jardins do Vaticano

Dizem que os Jardins do Vaticano foram originalmente plantados no solo do Calvário levado até Roma por Santa Helena, mãe do imperador Constantino e, de acordo com a lenda cristã, descobridora das relíquias da Cruz de Cristo. Agora, dezessete séculos depois, os jardins formam um éden de mais de 20 hectares, pontilhados com palácios ornamentados que abrigam diversos braços da administração do Vaticano. O tempo sombrio combinava com o humor de Donati. Com a cabeça baixa e as mãos entrelaçadas atrás das costas, ele falava a Gabriel de um jovem sério vindo de uma pequena cidade na Úmbria que ouviu o chamado para se tornar padre e se juntou à intelectualmente rebelde Sociedade de Jesus, os Jesuítas, tornando-se um defensor da doutrina controversa conhecida

como Teologia da Libertação. No começo dos anos 1980, durante um período de violência e revoluções na América Latina, ele foi despachado para El Salvador com a missão de administrar uma escola e uma clínica. E foi ali, nas montanhas de Morazán, que ele perdeu a fé em Deus.

— Os teólogos da libertação acreditam que a justiça terrena e a salvação eterna estão inexoravelmente ligadas, que é impossível salvar uma alma se o corpo estiver acorrentado à pobreza e à opressão. Na América Latina, esse tipo de pensamento nos levou direto para os revolucionários de esquerda. As juntas militares nos consideravam como pouco mais que subversivos comunistas. Assim como o polonês. Mas essa é uma história para outra ocasião.

Donati parou de andar, como se estivesse pensando que caminho deveria tomar. Por fim, se voltou para a construção ocre que abrigava a sede da Rádio Vaticano. Erguendo-se sobre a construção, estava a única visão desagradável da cidade-estado, a torre de transmissão que levava as notícias e a programação da Igreja para um mundo cada vez mais preocupado com questões terrenas.

— Havia um padre trabalhando comigo em Morazán — continuou Donati —, um jesuíta espanhol chamado José Martinez. Certa noite, fui chamado para outro vilarejo, para conduzir um parto. Quando voltei, o padre Martinez estava morto. O topo de seu crânio fora decepado, e o cérebro, removido.

— Ele foi morto por um grupo de extermínio?

Donati assentiu lentamente.

— Foi por isso que levaram seu cérebro. Era o símbolo do que o regime e seus defensores ricos mais odiavam em nós: nossa inteligência e nosso compromisso com a justiça social. Quando eu pedi aos militares que investigassem a morte, eles riram da minha cara e me avisaram que eu seria o próximo se não fosse embora.

— Você seguiu o conselho?

— Deveria ter seguido, mas a morte dele me deixou mais determinado ainda a ficar e completar minha missão. Cerca de seis meses depois, um líder rebelde veio me ver. Ele sabia quem matara o padre José: um homem chamado Alejandro Calderón. Ele era herdeiro de uma família latifundiária que tinha laços estreitos com a junta governante. Alejandro mantinha uma amante num apartamento na cidade de São Miguel. Os rebeldes planejavam matá-lo da próxima vez que ele fosse vê-la.

— E por que eles contaram isso para você?

— Porque queriam minha bênção. Eu não a concedi, claro.

— Mas também não lhes pediu para que o poupassem.

— Não — admitiu Donati. — Também não avisei a Calderón. Três dias depois, o corpo dele foi encontrado pendurado de cabeça para baixo num poste na praça central de São Miguel. Em poucas horas, outro grupo de extermínio se dirigiu até nosso vilarejo. Mas daquela vez eles estavam atrás de mim. Eu fugi pela fronteira para Honduras e me escondi numa casa jesuíta em Tegucigalpa. Esperei lá até me sentir seguro e voltei para Roma. Quando cheguei, logo fui convocado pelo líder de nossa ordem. Ele me perguntou se eu sabia algo sobre a morte de Calderón e me lembrou que, como jesuíta, eu tinha jurado ser obediente perinde ac cadaver — ou seja, não ter vontade própria, como um cadáver. Eu me recusei a responder. No dia seguinte, pedi para ser liberado de meus votos.

— Você abandonou o sacerdócio?

— Não tive escolha. Eu permitira que um homem fosse morto. E já não acreditava mais em Deus. Eu pensava que um Deus justo e clemente nunca teria consentido que um homem como o padre José fosse morto de uma forma tão grotesca.

Um grupo de cardeais da Cúria saiu do prédio da Rádio Vaticano, seguido pela equipe sacerdotal. Donati franziu a testa e conduziu Gabriel na direção da Torre de São João.

— Imagino que abandonar o sacerdócio seja um pouco parecido com deixar um serviço de inteligência — prosseguiu Donati. — É um processo longo e complicado, planejado para dar ao padre rebelde ampla oportunidade de mudar de idéia. Mas, no fim, retornei à Úmbria para viver sozinho num vilarejo próximo ao monte Cucco. Passei os dias escalando as montanhas. Talvez tivesse esperanças de encontrar Deus em algum cume. Em vez disso, encontrei Verônica.

— Ela é o tipo de mulher capaz de restaurar a fé de um homem no divino.

— De certa forma, foi o que ela fez.

— E o que Verônica fazia na Úmbria?

— Ela acabara de terminar o doutorado e estava escavando as ruínas de uma casa romana. Acabamos nos encontrando por acaso no mercado da cidade. Em poucos dias, nos tornamos inseparáveis.

— Você contou a ela que tinha sido um padre?

— Eu contei tudo para ela, inclusive o que aconteceu em El Salvador. Ela tomou como missão pessoal curar minhas feridas e me mostrar o mundo real, o mundo que eu ignorei enquanto estava trancado no seminário. Em pouco tempo,

começamos a falar sobre casamento. Verônica ia ser professora. Eu ia trabalhar como defensor dos direitos humanos. Tínhamos tudo planejado.

— O que aconteceu?

— Conheci um homem chamado Pietro Lucchesi.

Pietro Lucchesi era o nome do papa Paulo VII.

— Foi pouco depois de ele ser nomeado patriarca de Veneza — explicou Donati. — Ele procurava alguém para trabalhar como seu secretário pessoal. Pietro ouvira falar de um ex-jesuíta que vivia como um recluso na Úmbria. Ele chegou sem aviso e disse que não pretendia partir até que eu concordasse em voltar ao sacerdócio. Passamos uma semana juntos caminhando pelas montanhas, discutindo sobre Deus e os mistérios da fé. Desnecessário dizer que Lucchesi prevaleceu. Dar a notícia para Verônica foi a coisa mais difícil que eu já fiz. Ela é a única mulher que eu já amei. E a única que vou amar.

— Algum arrependimento?

— De tempos em tempos, eu penso nisso, mas não, não tenho arrependimentos. Acho que teria sido mais fácil se nunca tivéssemos nos visto de novo, mas não foi isso que aconteceu.

— Por favor, não me diga que você tem algum relacionamento amoroso com ela.

— Eu levo meus votos a sério — afirmou Donati. — Verônica também. Somos bons amigos, é só.

— Imagino que ela seja casada.

— Uma união infame. Seu marido é Cario Marchese. Ele é um dos empresários mais bem-sucedidos do país. — Donati fez uma pausa e sua expressão se enrijeceu. — E também o responsável pela morte de Claudia Andreatti.

De algum lugar além dos muros do Vaticano, o escapamento de um carro estourou, soando como um tiro. Um bando de gralhas rodeou as árvores crocitando e saiu voando em formação rumo ao domo da basílica. Gabriel as observou por um momento, considerando as implicações da história que Donati acabara de contar. Ele sentiu como se estivesse vagando embaixo de algum retábulo, esbarrando em imagens parciais escondidas por camadas de tinta: uma mulher morta jazendo no chão de uma igreja, um ladrão de tumbas pagando por seus pecados num tanque de ácido, um padre decaído buscando Deus nos braços de sua amante. Ele tinha mil perguntas, mas sabia que não deveria quebrar o feitiço que dominara Donati. Portanto, caminhou ao lado do monsenhor com o

silêncio austero de um padre ouvindo alguém confessar e esperou o amigo terminar de relatar seus pecados.

— Carlos descendia da Nobreza Negra — falou Donati as famílias aristocráticas romanas que permaneceram fiéis ao papa após a conquista dos Estados Papais em 1870. Seu pai fazia parte do círculo íntimo de Pio XII. Também tinha laços com a CIA.

— Que tipo de laços?

— Estava envolvido com o Partido Democrata Cristão. Depois da Segunda Guerra, ele trabalhou com a CIA para impedir que os comunistas assumissem o controle da Itália. Milhões de dólares em financiamentos secretos da Agência passaram por suas mãos antes da eleição de 1948. Cario diz que eles costumavam dar malas cheias de dinheiro a seu pai no saguão do Hotel Hassler.

— Parece que você e Cario se conhecem bem.

— Sim — confirmou Donati. — Assim como o pai, Cario é um membro bem— -visto da corte papal. Ele também faz parte do conselho supervisor do Banco do Vaticano e sabe tanto sobre as finanças da Igreja quanto eu. É o tipo de homem que não precisa pedir permissão para entrar no Palácio Apostólico. Ele gosta de me lembrar que ainda estará no Vaticano muito depois de eu ter partido.

— Quem o indicou para o banco?

— Eu.

— Por quê?

— Porque Verônica me pediu. E porque Cario pareceu o homem perfeito para o trabalho. Ele tem laços antigos com o papado e é considerado um dos empresários mais honestos num país conhecido pela corrupção. Infelizmente, descobri que estava enganado. Cario Marchese controla o comércio internacional de antigüidades ilícitas. Mas essa é só a ponta do iceberg. Ele está no topo de um império criminoso global, envolvido em tudo de ilegal, desde narcóticos até falsificações e tráfico de armas. E ele lava seu dinheiro sujo no Banco do Vaticano.

— E você, o secretário pessoal de Sua Santidade, o ajudou a conseguir o emprego.

— Sem saber — retrucou Donati, defensivamente. — Mas esse pequeno detalhe não vai importar se o escândalo vier à tona.

— Quando você descobriu a verdade sobre Cario?

— Ao pedir a uma talentosa curadora para conduzir uma investigação da coleção de antigüidades do Vaticano. Primeiro, ela descobriu que dezenas de

obras haviam sumido dos museus. Em seguida, uma ligação entre os ladrões e Cario.

— Por que ela queria ver você na noite em que morreu?

— Ela me disse que tinha provas do envolvimento de Cario. Na manhã seguinte, estava morta, e qualquer prova que ela tivesse desaparecera. — Donati balançou a cabeça. — Cario chegou a ligar para meu escritório no mesmo dia para dizer que sentia muito por nossa perda. Mas ele teve a decência de não aparecer no funeral.

— Ele tinha outros planos.

— Quais?

— Matar um tombarolo chamado Roberto Falcone.

Eles passaram pela Torre de São João e se dirigiram ao heliporto no canto sudeste da cidade-estado. Donati encarou os muros por um tempo, como se estivesse pensando numa forma de escalá-lo, e depois se sentou num banco na beira da pista. Gabriel se acomodou a seu lado e começou a recapitular os dados da investigação. Algo se destacou: o último telefonema de Claudia na noite de sua morte. Fora feito para a Villa Giulia, para a esposa do homem que não precisava de permissão para entrar no Palácio Apostólico.

— O quanto Verônica sabe sobre o marido?

— Você quer saber se ela acha que Cario é um criminoso? Não, não acha. Ela acredita que o marido seja descendente de uma antiga família romana e usou uma herança modesta para criar um negócio bem-sucedido.

— E esse empresário bem-sucedido sabe que você foi noivo de sua atual esposa?

Donati balançou a cabeça solenemente.

— Tem certeza?

— Verônica nunca disse uma palavra a ele.

— E quanto a El Salvador?

— Ele sabe que eu trabalhei lá e que, como boa parte dos jesuítas, tive alguns problemas com os grupos de extermínio e seus amigos do Exército. Mas ele não sabe que eu deixei a ordem. Na verdade, muito pouca gente dentro da Igreja sabe do meu pequeno período sabático. Depois que eu comecei a trabalhar para Lucchesi em Veneza, todas as referências àquele período foram apagadas dos meus arquivos pessoais. É como se nunca tivesse acontecido.

— Quase como o assassinato de Claudia.

Donati ficou em silêncio.

— Você mentiu para mim, Luigi.

— Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.

— Não quero desculpas. Só quero saber por que você me deixou investigar um assassinato se já conhecia a identidade do assassino.

— Porque eu precisava saber quanto você seria capaz de descobrir sozinho antes de seguir para a próxima etapa.

— Que seria...?

— Eu gostaria que você me trouxesse provas irrefutáveis de que Cario Marchese está administrando um império criminoso global de dentro do meu banco. E quero que faça com que ele desapareça. Discretamente.

— Só há um problema — falou Gabriel. — Depois da minha visita à Villa Giulia, suspeito que tenhamos perdido o elemento-surpresa.

— Concordo. Na verdade, estou certo de que Cario sabe o que você está fazendo.

— Por quê?

— Você foi convidado para um jantar íntimo no palazzo dele amanhã à noite. Eu já aceitei o convite em seu nome. Mas tente encontrar algo apresentável para vestir — pediu Donati, olhando com reprovação para a jaqueta de couro e o jeans manchado de tinta que Gabriel estava usando. — Eu não me importo de você andar pelo palácio vestido assim, mas a Nobreza Negra tende a ser um pouco mais formal.

15

Piazza di Spagna, Roma

Gabriel possuía um único terno. De design italiano e feito pelo Escritório, o traje tinha compartimentos secretos para esconder passaportes falsos e um coldre costurado na cintura da calça, grande o bastante para sustentar uma pistola Beretta e um pente extra. Depois de pensar muito, ele decidiu que seria pouco sensato levar uma arma de fogo ao jantar de Cario Marchese. Ele deu um nó na gravata azul-clara que Chiara comprara mais cedo numa loja na Via Condotti e colocou um lenço de seda no bolso do paletó. Chiara fez ajustes sutis nos dois acessórios antes de entrar no banheiro para terminar de se maquiar. Ela estava usando um vestido longo preto e meias da mesma cor. Seu cabelo pendia solto sobre os ombros descobertos e, no pulso direito, havia o bracelete de pérolas e esmeraldas que Gabriel lhe dera de presente em seu último aniversário. Chiara tinha uma beleza estonteante, pensou ele, e era jovem demais para estar com alguém tão acabado.

— Melhor você se vestir — disse ele. — Temos que sair em poucos minutos.

— Você não gostou do que estou usando?

— O que há para não gostar?

— Então, qual é o problema?

— É um tanto provocativo — respondeu ele, percorrendo o corpo da esposa com o olhar. — Afinal, é um jantar com um padre.

— Na casa de sua antiga amante. — Ela passou um pouco de pó de arroz nas bochechas para destacar os tons dourados de seus grandes olhos castanhos. — Devo admitir que estou curiosa para conhecer a mulher que conseguiu penetrar a armadura de Donati.

— Você não vai ficar desapontada.

— Como ela é?

— Um par perfeito para Donati se ele tivesse escolhido outra ocupação.

— É mais que uma ocupação. E tenho certeza que não foi uma questão de escolha.

— Você acredita que seja uma vocação?

— Sou filha de um rabino. Eu sei que é uma vocação. — Chiara examinou sua aparência no espelho por um instante antes de retomar a

maquiagem em seu rosto extraordinário. — Agora você percebeu que eu tinha razão sobre Donati desde o começo. Eu disse que ele tinha um passado oculto. E avisei que estava escondendo algo nesse caso.

— Ele não teve escolha.

— Sério?

— Se ele tivesse dito que pretendia me enviar para combater um mafioso como Cario Marchese, eu teria terminado o Caravaggio e deixado a cidade o mais rápido possível.

— Ainda é uma opção.

Gabriel desviou o olhar, deixando claro que, para ele, não era.

— Você não tem idéia de onde está se metendo, querido. Eu cresci neste país. Eu o conheço melhor que você.

— Nunca soube que o gueto judeu de Veneza era um ninho de atividades mafiosas.

— Eles estão em todos os lugares — retrucou Chiara, franzindo a testa. — E matam qualquer um que fique entre eles e seu dinheiro: juízes, políticos, policiais, qualquer um. Cario já matou duas pessoas para proteger seu segredo. Não vai hesitar em matar você também se considerá-lo uma ameaça.

— Não sou político. Nem policial.

— O que isso quer dizer?

— Que eles precisam seguir as regras. Eu não. — Gabriel tirou o lenço do bolso e alisou a frente do paletó.

— Preferia com o lenço.

— Eu não.

— Hoje em dia está na moda.

— E por isso que não gosto.

Chiara colocou o lenço de volta no bolso do marido, sem dizer nada.

— Nunca pensei que fosse conhecer uma mulher com uma vida amorosa mais complicada que a minha — comentou ela, inspecionando seu trabalho. — Primeiro Verônica se apaixona por um padre que perdeu a fé em Deus. Depois que ele se livrou dela, Verônica casa com o chefe da Máfia responsável por um consórcio criminoso internacional.

— Donati não se livrou dela — contestou Gabriel. — E Verônica não tem idéia de onde vem o dinheiro de seu marido.

— Talvez — disse Chiara, sem convicção. — Ou talvez ela veja exatamente o que quer ver e faça vista grossa para o resto. E o jeito mais fácil de lidar, em especial quando há muito dinheiro envolvido.

— Foi por isso que você se casou comigo? Pelo dinheiro?

— Não, eu casei com você porque adoro seu senso de humor. Você sempre faz piadas terríveis para tentar esconder que está chateado com algo.

— E por que eu estaria chateado?

— Porque você veio até Roma para restaurar uma de suas pinturas favoritas. E agora está prestes a fazer um inimigo que poderia matá-lo com um telefonema.

— Eu não morro tão facilmente.

Chiara segurou o cabelo e deu as costas para Gabriel. Ele subiu devagar o zíper de seu vestido e lhe beijou a nuca. Pelo espelho, viu os olhos da esposa se fechando.

— Por que você acha que ele nos convidou para jantar hoje à noite? — perguntou Chiara.

— Creio que ele pretenda me passar uma mensagem.

— O que você vai fazer?

— Vou escutar com atenção — respondeu Gabriel, beijando o pescoço dela. — E responder.

16

Via Veneto, Roma

Os Marcheses viviam a uma curta distância da Piazza di Spagna, numa travessa silenciosa da Via Veneto onde a marcha incessante do tempo parecia ter parado, mesmo que por um breve instante, num período de esplendor. Essa era a Roma com a qual viajantes sonhavam, embora raramente a vissem, a Roma de poetas e pintores e dos abastados. No pequeno canto da Cidade Eterna onde ficava a propriedade de Cario, la dolce vita resistia.

Tratava-se de um vasto palazzo ocre em meio a uma área verde, envolta por uma grade de ferro com tantas câmeras de segurança em cima que, com freqüência, era confundida com uma embaixada ou um prédio do governo. Uma grande fonte barroca esguichava água no átrio e, no hall, havia uma estátua sem braços de Hades, o deus do submundo. Ao lado dela, estava Verônica Marchese, num belo vestido verde de seda. Ela cumprimentou Gabriel e Chiara calorosamente e os conduziu ao longo do corredor largo cheio de pinturas em molduras ornamentadas. Entre as telas, sobre colunas à altura do ombro, havia

bustos e esculturas romanas. Todas aquelas obras podiam muito bem estar num museu.

— A família Marchese coleciona há muitas gerações — explicou ela, com um quê de desaprovação na voz. — Eu não me importo com as pinturas, mas as antigüidades têm sido uma fonte de constrangimento para mim, pois já me pronunciei uma vez comparando colecionadores com saqueadores. Se os ricos parassem de comprar antigüidades, os tombaroli não fariam mais seu trabalho.

— Seu marido tem um excelente gosto — elogiou Chiara.

— Ele tem uma ótima assessora — replicou Verônica, brincalhona. — Mas não somos responsáveis por nenhuma dessas aquisições. Os ancestrais de Cario as compraram muito antes de haver qualquer lei restringindo o comércio de artefatos antigos. Mesmo assim, estou tentando convencê-lo a doar ao menos uma parte da coleção, para que o público finalmente possa vê-la. Receio que ainda tenha algum trabalho pela frente.

No fim do corredor, havia uma porta dupla que levava à imensa sala de estar, com as paredes cobertas por tapeçarias. A mobília era majestosa e elegante, assim como os convidados entre eles. Gabriel esperava um jantar tranqüilo para seis pessoas, mas a sala tinha mais de vinte convidados, incluindo o ministro da Fazenda italiano, o apresentador de um influente talk show e uma das sopranos mais populares do país. Donati se isolara numa das pontas de um sofá brocado. Ele estava vestindo um traje clerical trespassado e compartilhava algumas fofocas bem ensaiadas da Cúria com duas mulheres cobertas de jóias, que pareciam se encantar com cada palavra.

Do outro lado do aposento, cercado por um grupo de empresários de aparência próspera, se achava Cario Marchese. Ele tinha os ombros quadrados de um atleta e estava arrumado como para uma sessão de fotos. Seus pequenos óculos sem aros davam um ar de solenidade eclesiástica ao rosto de traços bem equilibrados, e ele gesticulava com a mão imaculada, que nunca devia ter empunhado qualquer ferramenta além de uma caneta Montblanc ou um garfo de prata. Sua semelhança com Donati era inconfundível. Era como se Verônica, tendo perdido Donati para a Igreja, tivesse adquirido outra versão do homem, sem o colarinho romano e a consciência.

Quando Gabriel e Chiara entraram na sala, várias cabeças se voltaram ao mesmo tempo e a conversa foi interrompida por alguns segundos antes de ser retomada num murmúrio moderado. Gabriel aceitou duas taças de Prosecco de um garçom com blazer branco e passou uma para Chiara. Ao se voltar, deparou com Cario.

— É um prazer finalmente conhecê-lo, Sr. Allon. — Uma de suas mãos apertou a de Gabriel e a outra segurou seu braço logo acima do cotovelo. — Eu estava na Praça de São Pedro quando os terroristas atacaram o Vaticano. Nenhum de nós que somos próximos ao Santo Padre jamais esquecerá o que você fez naquele dia. — Ele soltou a mão de Gabriel e se apresentou para Chiara. — Você faria a gentileza de me emprestar seu marido por um instante? Eu tenho um pequeno problema que gostaria de discutir com ele.

— Isso dependeria da natureza do problema.

— Posso garantir que é de natureza completamente artística.

Sem esperar pela resposta, Cario conduziu Gabriel pela imponente escadaria central até o segundo andar do palazzo, onde se estendia uma galeria interminável de tesouros ancestrais: pinturas e tapeçarias, esculturas e relógios, antigüidades de todos os tipos. Cario fez o papel de guia, parando de vez em quando para ressaltar um ou outro artefato digno de nota. Ele falou com muita erudição, demonstrando um amplo conhecimento de arte, mas havia também certo desconforto em sua voz, como se suas posses representassem um fardo. Até mesmo Gabriel considerou opressiva a presença de tantas obras de arte num só lugar; era como passar por armazéns cheios de objetos pilhados em guerras distantes. Ele parou na frente de um Canaletto. A pintura, um retrato luminoso da Piazza di San Marco, era vagamente familiar. Então, Gabriel se lembrou de onde tinha visto a obra. Ela fora roubada alguns anos atrás. Sua recuperação, anunciada com bastante alarde pelo general Ferrari, foi considerada um dos grandes triunfes do Esquadrão de Arte.

— Agora compreendo por que o general não divulgou o nome do dono — comentou Gabriel.

— Foi a pedido meu. Ficamos com medo de virarmos um alvo se os ladrões soubessem da qualidade das peças em nossa coleção.

— Na época, houve relatos de que o dono teve um papel significante na recuperação da pintura.

— Você tem uma boa memória, Sr. Allon. Eu conduzi as negociações de resgate pessoalmente. Na verdade, nem avisei ao general Ferrari que o quadro fora roubado até conseguir um acordo. Ele prendeu os ladrões quando tentaram coletar o dinheiro. Não eram grandes profissionais.

— Eu me lembro disso. Também recordo que eles foram mortos pouco depois de chegarem na prisão Regina Coeli.

— Parece que foi o resultado de uma briga por território no presídio.

Ou talvez você tenha enviado alguém para matá-los por terem roubado do chefe, pensou Gabriel.

— Há algo em particular que você queira me mostrar? — perguntou ele.

— Isso — respondeu Cario, gesticulando em direção a uma grande tela no fim da galeria.

A imagem, um retrato da Adoração dos Pastores, mal era visível por baixo da grossa camada de sujeira e do verniz descolorido. Cario ligou um interruptor para iluminar a pintura.

— Suponho que você reconheça o artista.

— Guido Reni — respondeu Gabriel —, com grande ajuda de um ou dois de seus melhores assistentes, se não me engano.

— É isso mesmo. Está na coleção da minha família há mais de dois séculos. Infelizmente, já se passaram muitos anos desde sua última restauração. Eu gostaria de saber se você aceitaria trabalhar nele depois que terminar o Caravaggio.

— Sinto dizer que já assumi outro compromisso.

— Foi o que ouvi falar. — Cario olhou para Gabriel. — Sei que o monsenhor Donati lhe pediu que investigasse a morte de Claudia. — Ele acrescentou em voz mais baixa: — O Vaticano nada mais é que uma aldeia, Sr. Allon. E aldeões gostam de fofocar.

— Fofocas podem ser perigosas.

— Assim como investigações delicadas no Vaticano.

Cario encarou Gabriel sem piscar. Em geral os homens evitavam olhar direto em seus olhos, mas não o Sr. Marchese. Ele tinha uma confiança tranqüila e aristocrática, beirando a arrogância. Era um homem sem medo.

— O Vaticano é como um labirinto — continuou Cario. — Você deveria saber que certas forças dentro da Cúria acreditam que o monsenhor Donati abriu, sem querer, uma caixa de Pandora que prejudicará ainda mais a reputação da Igreja. Elas também se ressentem do fato de ele ter decidido colocar essa questão nas mãos de um forasteiro.

— Suponho que você compartilhe essa opinião.

— Tenho minhas dúvidas. Mas aprendi pela experiência que, quando se trata do Vaticano, é melhor deixar os esqueletos dentro do armário.

— E também mulheres mortas?

Cario pareceu impressionado com a ousadia de Gabriel.

— Mulheres mortas são como cofres de banco... — respondeu ele, com uma sinceridade surpreendente — quase sempre contêm segredos desagradáveis.

— Cario tirou um cartão comercial de um estojo de prata. — Espero que você reconsidere minha oferta de trabalho. Posso garantir que a compensação será mais que adequada.

Enquanto Gabriel guardava o cartão no bolso, ouviram-se sinos convocando os convidados para a refeição. Cario colocou uma das mãos nas costas dele, perto da cintura, e o conduziu de volta à escadaria. Pouco depois, Gabriel sentou-se ao lado de Chiara.

— O que ele queria? — perguntou ela, falando rapidamente em hebraico.

— Acho que ele estava tentando me colocar na folha de pagamentos da família Marchese.

— Só isso?

— Não. Ele também quis verificar se eu estava armado.

Eles saíram do palazzo pouco depois da meia-noite. Caíam flocos de neve do tamanho de hóstias e um sedã do Vaticano os aguardava na calçada. O veículo seguiu Donati, Gabriel e Chiara devagar enquanto eles percorriam as calçadas vazias da Via Veneto. Chiara segurou firme no braço do marido, seu cabelo cada vez mais branco por causa da neve. O monsenhor caminhou ao lado dela sem dizer uma palavra. Um momento antes, ao se despedir de Verônica com um beijo formal na bochecha, ele sorria. Agora, diante da perspectiva de uma noite longa e fria numa cama vazia, seu humor estava perceptivelmente sombrio.

— Foi impressão minha ou você se divertiu nesta noite? — perguntou Gabriel.

— Sempre me divirto. É a parte mais difícil de passar algum tempo com ela.

— Então por que você passa?

— Verônica está convencida de que é um teste de fé jesuíta: eu me aproximo da tentação de propósito para ver se Deus me ajudará a não cair.

— E ela tem razão?

— Não é nada tão inaciano. Eu gosto da companhia dela, só isso. A maior parte das pessoas não consegue ver nada além do colarinho romano, mas, para Verônica, isso não importa. Ela me faz esquecer que sou um padre.

— E o que acontece se você fracassar nesse teste?

— Eu nunca permitiria que isso ocorresse. Nem Verônica. — Donati acenou para o carro. Em seguida, se voltou para Gabriel e perguntou: — Como foi sua reunião com Cario?

— Bem profissional.

— Ele mencionou meu nome?

— Ele falou de você num tom extremamente elogioso.

— O que ele queria?

— Cario acha que seria uma boa idéia se eu abandonasse a investigação.

— Imagino que ele não tenha confessado o assassinato de Claudia Andreatti.

— Não, Luigi.

— E agora?

— Vou encontrar algo irresistível — respondeu Gabriel. — E quebrar em pedaços.

— Desde que não seja minha Igreja... nem eu.

Donati fez dois movimentos solenes com sua mão comprida, um vertical, outro horizontal, e desapareceu na traseira do carro.

Quando Chiara e Gabriel chegaram à Via Gregoriana, a neve já tinha parado de cair. Gabriel parou no começo da rua e olhou colina acima, na direção da Igreja de Trinità dei Monti. As lâmpadas dos postes estavam apagadas; o governo se esforçava mesmo para preservar valiosos recursos. Parecia que Roma voltara no tempo. Gabriel não teria ficado surpreso se visse uma carruagem passando.

Os carros estavam estacionados em fila compacta ao lado das calçadas estreitas, assim os dois andaram, como a maioria dos romanos, no meio da rua. Além do motor de um Fiat, não havia som algum, só a batida rítmica dos saltos de Chiara. Gabriel sentia o calor do seio da esposa pressionado contra seu ombro. Ele a imaginou deitada nua na cama, seu Modigliani pessoal. Parte dele queria mantê-la lá até que ela ficasse grávida, mas isso não seria possível. Ele estava dominado pela investigação. Abandoná-la seria como dar as costas a uma obra-prima parcialmente restaurada. Ele perseguiria a verdade, não pelo general, nem mesmo por seu amigo Luigi Donati, mas por Claudia Andreatti. A imagem da mulher deitada no chão da basílica estava na atormentadora galeria de sua memória: A morte da virgem, óleo sobre tela, por Cario Marchese.

Mulheres mortas são como cofres de banco... quase sempre contêm segredos desagradáveis...

O ruído de uma moto afastou a imagem dos pensamentos de Gabriel. Ela estava vindo rapidamente na direção deles, a luz dos faróis oscilando com a vibração dos pneus nas pedras. Gabriel empurrou Chiara para perto dos carros estacionados e fixou o olhar no piloto. Ele conduzia o veículo com uma só mão. A outra, a mão direita, estava dentro do casaco de couro. Quando ela apareceu,

Gabriel viu a silhueta inconfundível de uma arma com silenciador, que mirou primeiro no peito de Gabriel, depois em Chiara.

Gabriel sentiu um vazio na parte de trás da calça, onde costumava carregar sua Beretta. Como sabia krav magá, ele tinha prática em muitas técnicas para neutralizar um oponente armado. Mas quase todas envolviam um oponente muito próximo, e não numa moto em alta velocidade. Gabriel não teve escolha além de agir conforme um dos princípios centrais do serviço no Escritório: se você tiver poucas boas opções, improvise, e seja rápido.

Usando a mão esquerda, ele empurrou Chiara para o chão. Com um golpe violento do cotovelo direito, arrancou o retrovisor de um carro estacionado. O arremesso, embora pecando em velocidade, foi de impressionante precisão. O assassino desviou instintivamente para evitar o projétil, tirando a mira do alvo por um ou dois segundos cruciais. Gabriel se agachou depressa e, quando a moto se aproximou, ele bateu com o ombro no capacete do homem, separando-o da moto e da arma. O piloto caiu no chão, com a arma quase a seu alcance. Por precaução, Gabriel quebrou o pulso do homem. Arrancou o capacete com um chute. O assassino tinha a compleição de alguém originário da Calábria. Seu hálito fedia a tabaco e medo.

— Você tem idéia de quem eu sou? — perguntou Gabriel, calmo.

— Não — respondeu o homem, ofegante, e segurando o pulso.

— Então você é o matador de aluguel mais burro do mundo. — Gabriel recolheu a arma, uma Heckler & Koch calibre 45, e apontou-a para o rosto do assassino. — Quem contratou você?

— Eu não sei — respondeu ele, arquejando. — Eu nunca sei.

— Resposta errada.

Gabriel encostou a ponta do silenciador no joelho do assassino.

— Vamos tentar mais uma vez. Quem contratou você?

PARTE DOIS

CIDADE DE DEUS

17

Aeroporto Ben Gurion, Israel

No saguão de desembarque do Aeroporto Ben Gurion em Israel, há uma sala de recepção especial reservada para o Escritório. Quando Gabriel e Chiara entraram nela, no fim da tarde seguinte, ficaram surpresos ao encontrar lá apenas um homem. Ele estava sentado em uma das várias poltronas de courino, com as pernas grossas cruzadas, lendo o conteúdo de uma pasta de papel pardo à luz de uma lâmpada de halogênio. O homem vestia um terno grafite, uma camisa com o colarinho aberto e óculos de prata pequenos demais para o seu rosto. A impressão geral era de um executivo ocupado tirando um pouco do atraso no trabalho entre um voo e outro, o que não estava muito longe da verdade. Desde que assumira o controle do Escritório, Uzi Navot passava boa parte de seu tempo em aviões.

— A que devemos a honra? — perguntou Gabriel.

Navot ergueu os olhos do arquivo, como se estivesse surpreso com a interrupção.

— Não é todo dia que alguém tenta matar dois agentes do Escritório no centro de Roma — respondeu ele. — Na verdade, parece que isso só acontece quando você está na cidade.

Navot colocou a pasta na maleta e se levantou devagar. Uzi tinha engordado muitos quilos desde a última vez que Gabriel o vira, o que sugeria que ele não estava seguindo o regime de dietas e exercícios imposto por sua exigente esposa, Bella. Ou então, pensou Gabriel, olhando para os novos cabelos grisalhos na cabeça de Navot, talvez fosse o efeito do estressante trabalho. O Estado de Israel se via diante de um mundo árabe em ebulição e enfrentava incontáveis ameaças. No topo da lista, estava a perspectiva de um programa nuclear iraniano prestes a dar frutos, apesar da guerra secreta de sabotagem e assassinatos travada pelo Escritório e por seus aliados.

— Até que você não parece mal para alguém que escapou por pouco de uma tentativa de assassinato — comentou Navot, erguendo uma sobrancelha.

— Você não diria isso se visse o hematoma no meu ombro.

— É isso que você ganha por entrar na casa de um homem como Cario Marchese sem uma arma no bolso. — Navot fez uma expressão de censura. — Você devia ter falado com Shimon Pazner antes de aceitar aquele convite. Ele podia ter lhe contado algumas coisas sobre Cario que nem o monsenhor Donati sabe.

— Como o quê?

— Basta dizer que o Escritório está de olho em Cario faz algum tempo.

— Por quê?

— Porque Cario nunca foi muito cuidadoso ao escolher seus amigos. Mas estamos nos precipitando — acrescentou Navot. — O Velho quer explicar o resto. Ele estava contando os minutos para sua chegada.

— Alguma chance de você nos deixar pegar o próximo avião para fora do país?

Navot colocou a mão pesada no ombro de Gabriel e o apertou.

— Receio que não possa deixar você ir embora. Pelo menos por enquanto.

No coração de Jerusalém, não muito longe da Cidade Antiga, há uma alameda tranqüila e arborizada conhecida como rua Narkiss. O prédio no número 16 é pequeno, com apenas três andares, e está parcialmente escondido por uma robusta parede de pedra calcária. Uma árvore de eucalipto precisando de poda sombreia as três minúsculas varandas e o portão do jardim range quando é aberto. No saguão, há um interfone com três botões e os nomes correspondentes. Poucas pessoas visitam os ocupantes do terceiro andar, pois eles quase nunca estão presentes. Foi dito aos moradores que o marido, um homem taciturno com o cabelo grisalho nas têmporas e olhos verdes intensos, é um artista que viaja muito e valoriza demais sua privacidade. Os vizinhos passaram a desconfiar dessa história.

A sala de estar do apartamento tem várias pinturas. Três delas foram pintadas pelo avô de Gabriel, o renomado expressionista alemão Viktor Frankel, e muitas são obras de sua mãe. Também há uma sem assinatura, retratando da cintura para cima um jovem magro que parece perseguido pelas sombras da morte. Encarando essa tela, como que perdido em recordações, estava Ari Shamron. Como sempre, ele vestia calças cáqui, uma camisa branca de algodão e uma jaqueta de couro com um rasgo no ombro esquerdo. Quando Gabriel,

Chiara e Navot entraram, ele apagou o cigarro turco sem filtro e colocou a guimba no prato decorativo que fazia as vezes de cinzeiro.

— Como você entrou aqui? — perguntou Gabriel.

Shamron mostrou uma chave.

— Achei que tivesse pegado isso de volta.

— Você pegou — falou Shamron, dando de ombros. — O Departamento de Acomodações fez a gentileza de me dar uma cópia.

Shamron se referia ao setor do Escritório responsável pela obtenção de esconderijos e outras propriedades seguras para os agentes. O apartamento na rua Narkiss chegou a pertencer a essa categoria, mas, havia já algum tempo, Shamron o transferira para Gabriel como pagamento pelos serviços prestados — um ato de generosidade que, na opinião do Velho, conferia a ele o direito de entrar ali quando bem entendesse. Ele colocou a chave no bolso e fixou os olhos azuis aquosos em Gabriel. Suas mãos manchadas, grandes demais em relação ao resto do corpo, estavam apoiadas na bengala de oliveira.

— Achava que não nos veríamos mais — disse ele. — Agora parece que Cario voltou a nos unir.

— Não sabia que vocês se chamavam pelo primeiro nome.

— Cario? — O rosto enrugado de Shamron demonstrou um profundo desdém.

— Cario Marchese ocupou um lugar especial em nossos corações por um tempo. Ele é a ameaça transnacional de amanhã, um criminoso sem fronteiras, crenças ou consciência disposto a negociar com qualquer um, desde que o dinheiro continue entrando.

— Quem são os sócios dele?

— Como seria de se esperar, Cario prefere o crime organizado. Ele também é uma espécie de globalista, o que eu admiro. Faz negócios com a mafiya russa, a Yakuza e as gangues chinesas que controlam Hong Kong e Taiwan. Mas o que nos preocupa mais são seus laços com inúmeros grupos criminosos do sul do Líbano e do vale do Bekaa. Quase todos os membros deles são xiitas, também afiliados com os terroristas mais perigosos do mundo.

— Do Hezbollah?

Shamron assentiu.

— Agora que eu tenho sua atenção, gostaria de saber se você está disposto a escutar o resto da história.

— Isso dependerá de como ela termina.

— Termina do jeito de sempre.

Shamron deu um sorriso sedutor, reservado para os recrutamentos, e acendeu outro cigarro.

O Departamento de Acomodações havia tomado a liberdade de encher as despensas com suprimentos suficientes para um batalhão. Chiara assumiu a responsabilidade pelo café e Gabriel preparou uma bandeja de biscoitos e outros doces sortidos. Ele a colocou bem na frente de Navot e abriu as portas francesas que davam para o terraço. O ar frio do entardecer recendia a eucalipto e pinheiros, com um leve toque de jasmim. Gabriel observou as sombras crescendo na rua silenciosa enquanto Shamron descrevia a origem das alianças profanas entre Cario Marchese e os fanáticos xiitas do Hezbollah.

Começou, disse ele, pouco depois da guerra breve e destrutiva entre Israel e o Hezbollah em 2006. O conflito deixou as forças militares do grupo terrorista em ruínas. Também arrasou boa parte da extensiva infraestrutura social — escolas, hospitais e casas — que o Hezbollah usava para comprar o apoio dos xiitas tradicionalmente empobrecidos do Líbano. A liderança do grupo precisava de uma grande injeção de dinheiro para poder se reconstruir e se rearmar. Para isso, eles buscaram seus dois patronos mais confiáveis: a Síria e o Irã.

— O dinheiro fluiu por um tempo — continuou Shamron —, mas aí tudo mudou. A chamada Primavera Árabe alcançou a Síria com força total. E a comunidade internacional enfim decidiu que era hora de impor sanções reais ao Irã por causa de seu programa nuclear. Os mulás foram forçados a economizar. Eles já chegaram a gastar 200 milhões de dólares por ano financiando o Hezbollah. Hoje, é apenas uma fração disso.

Shamron ficou em silêncio. Ele estava sentado com os braços cruzados sobre o peito e a cabeça inclinada um pouco para o lado, como se tivesse escutado uma voz familiar vindo da rua. Navot se achava a seu lado numa pose idêntica. Mas, ao contrário do Velho, que encarava Gabriel, fitava o prato de biscoitos amanteigados vienenses, com uma expressão de indiferença calculada. Gabriel balançou a cabeça. Sua última operação com o Escritório acontecera havia muitos meses, mas, pelo visto, a única coisa que mudara em sua ausência fora a cor do cabelo de Navot.

— O Hezbollah se deu conta de que tinha um problema sério e de longo prazo — falou Navot, continuando do ponto em que Shamron havia parado. — O grupo não podia mais contar com a benevolência de seus patronos e precisava desenvolver um meio independente e confiável de financiar suas operações. Não levou muito tempo para eles decidirem como proceder.

— Crimes — disse Gabriel.

— Crimes grandes — confirmou Navot, pegando um dos biscoitos da bandeja.

— O Hezbollah é como uma família mafiosa com anabolizantes. Mas, via de regra, eles buscam se ligar a outras organizações criminosas. — Ele pegou mais um biscoito. — Eles estão envolvidos em tudo, desde o tráfico de cocaína na América do Sul até o contrabando de diamantes no oeste da África. Também são bem ativos na venda de produtos falsificados, de bolsas Gucci a DVDs.

— E são bons no que fazem — acrescentou Shamron. — Hoje o Hezbollah tem, no mínimo, oitenta mil foguetes e mísseis capazes de alcançar cada centímetro quadrado de Israel. Pode ter certeza que nenhum deles foi comprado com cupons de desconto. Esse rearmamento está sendo financiado em grande parte por uma onda global de crimes. E Cario é um dos patronos mais confiáveis do Hezbollah.

— Como você ficou sabendo dele?

Shamron encarou as próprias mãos por um tempo antes de responder.

— Há cerca de seis meses, nós identificamos um agente importante trabalhando na captação de recursos para o grupo. Seu nome é Muhammad Qassem. Na época, ele era funcionário do Banco Bizantino do Líbano. Nós o atraímos para o Chipre com uma mulher. Aí foi só colocá-lo numa caixa e trazê-lo para cá na mesma hora.

Shamron apagou o cigarro.

— No interrogatório, Qassem contou tudo e mais um pouco sobre os empreendimentos criminosos do Hezbollah, incluindo a parceria com uma figura do crime organizado italiano até então desconhecida, um homem chamado Cario Marchese. De acordo com Qassem, o relacionamento é complexo, mas tudo gira em torno de antigüidades saqueadas.

— E como o Hezbollah contribui com esse relacionamento?

— Você é o especialista no comércio ilegal de antigüidades. Diga você.

Gabriel se lembrou do que o general Ferrari dissera quando eles se reuniram na Piazza di Sant'Ignazio, que a rede estava recebendo artefatos roubados do Oriente Médio.

— O Hezbollah gera um fluxo constante de produtos — disse ele. — O grupo está ativo em algumas das regiões mais significativas do mundo em termos arqueológicos. Só o sul do Líbano é uma mina de ouro em termos de antigüidades fenícias, gregas e romanas.

— Mas essas antigüidades não têm muito valor, a menos que possam ser levadas ao mercado com uma proveniência aceitável — completou Shamron. —

É aí que Cario Marchese e sua rede entram. Pelo visto, ambos os lados estão se saindo muito bem.

— E Cario sabe com quem está fazendo negócios?

— Cario é, como dizem, um homem experiente.

— Quem administra a operação do lado do Hezbollah?

— Qassem não soube nos dizer.

— Por que vocês não foram até os italianos com essa questão?

— Nós fomos — respondeu Uzi Navot. — Eu fui pessoalmente.

— E qual foi a resposta?

— Cario tem amigos nos altos escalões. Tem vínculos com o Vaticano. Não podemos tocar num homem como Cario com base na palavra de um banqueiro do Hezbollah que teve um tratamento extrajudicial.

— Então você deixou passar.

— Nós precisamos da cooperação dos italianos em outras questões — replicou Navot. — Mas tem sido difícil interromper o fluxo de dinheiro das redes criminosas do Hezbollah. Eles se adaptam com incrível facilidade e são muito resistentes à penetração externa. Também tendem a operar em países que não são amistosos aos nossos interesses.

— O que quer dizer — falou Shamron — que seu amigo Cario nos deu uma oportunidade única. — Ele encarou Gabriel através de uma nuvem de fumaça. — A pergunta é: você está disposto a nos ajudar?

E lá estava, pensou Gabriel. A porta aberta. Como sempre, Shamron não deixou outra escolha além de seguir em frente.

— O que você tem em mente?

— Nós gostaríamos que você eliminasse uma das maiores fontes de financiamento de um inimigo que jurou nos dizimar.

— Só isso?

— Não — respondeu Shamron. — Seria melhor para todos os envolvidos se você também desse cabo de Cario Marchese.

18

Jerusalém

O dia seguinte foi uma sexta-feira, o que significava que Jerusalém, a cidadela partida de Deus sobre a colina, estava mais ativa que no resto da semana. Ao longo da fronteira leste da Cidade Antiga, da Porta de Damasco ao

Jardim do Getsêmani, grades de metal refletiam o sol forte do inverno, vigiadas por centenas de policiais israelenses com uniformes azuis. Fiéis muçulmanos se aglomeravam na entrada do Haram al-Sharif, o terceiro ponto mais sagrado do islã, para saber se teriam permissão para rezar na Mesquita de Al-Aqsa. Devido a uma série de ataques recentes de foguetes do Hamas, as restrições estavam mais intensas que o habitual. Mulheres e homens de meia-idade podiam passar, mas al-shabaab, os jovens, eram mandados embora. Eles seguiam revoltados para os pequenos pátios ao longo da rua Porta dos Leões ou do outro lado dos muros, na Estrada de Jericó, onde um imã salafista barbado garantia que sua humilhação logo acabaria, que os judeus — os antigos e atuais lordes da terra duas vezes prometida — tinham os dias contados.

Gabriel parou para ouvir o sermão e, então, percorreu a trilha que levava ao vale do Cédron. Ao passar pela Tumba de Absalão, ele viu uma família grande de árabes vindo da vizinhança de Silwan, no lado leste de Jerusalém. Todas as mulheres usavam o véu e o garoto mais velho tinha uma semelhança marcante com um terrorista palestino que Gabriel matara havia muitos anos, numa rua silenciosa no coração de Zurique. Eles caminhavam lado a lado, quatro a quatro, sem deixar espaço para Gabriel. Em vez de provocar um incidente religioso, ele saiu da rua e deixou a família passar, uma gentileza que não provocou nenhum olhar ou gesto de gratidão. As mulheres veladas e o patriarca subiram a colina em direção aos muros da Cidade Antiga. Os garotos ficaram para trás, na mesquita improvisada na Estrada de Jericó.

Agora as preces da Al-Aqsa já ecoavam através do vale, misturando-se com o badalar dos sinos de igreja no monte das Oliveiras. Enquanto duas das três religiões abraâmicas da cidade se engajavam numa disputa de profunda beleza, Gabriel olhou para as intermináveis lápides do cemitério judeu e se perguntou se teria forças para visitar o túmulo de seu filho, Daniel. Vinte anos antes, em Veneza, numa noite de janeiro em que nevava, Gabriel tinha arrancado o corpo sem vida do garoto de dentro do inferno de um carro bombardeado. Sua primeira esposa, Leah, sobrevivera milagrosamente ao ataque, apesar de ter sofrido queimaduras catastróficas no corpo todo. Agora ela vivia num hospital psiquiátrico no topo do monte Herzl, presa na própria mente. Afligida por uma combinação de transtorno de estresse pós-traumático com depressão psicótica, ela revivia o atentado a todo momento. De vez em quando, havia lampejos de lucidez. Durante um desses períodos, no jardim do hospital, ela concedera a Gabriel permissão para se casar com Chiara. Olhe para mim, Gabriel. Não resta nada de mim. Nada além de uma memória. Essa era apenas uma das visões que

perseguiam Gabriel sempre que ele caminhava pelas ruas de Jerusalém. Ali, na cidade que amava, ele não conseguia encontrar paz. Gabriel só via o conflito interminável entre árabes e judeus em cada gesto e palavra e o escutava na chamada para a prece de todo muezim. Nos rostos das crianças, ele via fantasmas dos homens que tinha matado. E, vindo dos túmulos do monte das Oliveiras, ele escutava os últimos choros de uma criança sacrificada por causa dos pecados do pai.

Foi a lembrança de Daniel morrendo em seus braços que compeliu Gabriel a entrar no cemitério. Ele ficou diante da lápide por quase uma hora, pensando sobre o tipo de homem que seu filho poderia ter sido, se ele teria sido um artista, como seus ancestrais, ou se teria encontrado algo mais prático para fazer. Por fim, quando os sinos da igreja anunciaram que era uma da tarde, ele colocou pedras sobre a lápide e percorreu o vale do Cédron até o posto de segurança, onde crianças vindas do Neguev abriam suas mochilas coloridas para a inspeção. Gabriel se juntou a elas por um instante. Depois de sussurrar algumas palavras no ouvido de um policial, ele contornou os magnetômetros e entrou no Bairro Judeu.

Bem na sua frente, do outro lado de uma praça larga, estava o Muro das Lamentações, o resquício muito disputado da barreira que, no passado, cercara o grande Templo de Jerusalém. No ano 70 d.C., após um cerco cruel que durou vários meses, o imperador romano Tito ordenou a destruição do templo e a morte dos judeus rebeldes da Palestina romana. Centenas de milhares pereceram no derramamento de sangue que se seguiu e o conteúdo do Santo dos Santos, incluindo a grande menorá de ouro, foi carregado de volta para Roma num dos saques mais infames da história. Seis séculos depois, quando os árabes conquistaram Jerusalém, as ruínas do templo não eram mais visíveis e a Montanha Sagrada, considerada pelos judeus como a morada de Deus na Terra, era pouco mais que um depósito de lixo. Os árabes ergueram o Domo da Rocha e a grande Mesquita de Al-Aqsa, estabelecendo dessa forma o poder das religiões islâmicas sobre o território mais sagrado do mundo. Os cruzados tomaram o monte dos muçulmanos em 1099 e transformaram templos em igrejas, um erro tático que os israelenses decidiram não repetir quando conquistaram a região leste de Jerusalém em 1967. Israel agora mantém um controle rigoroso sobre o acesso ao monte, mas a administração dos santuários muçulmanos, assim como da terra sagrada sobre a qual estão erguidos, permanece nas mãos do Waqf, a autoridade religiosa muçulmana.

O trecho do Muro das Lamentações visível da praça tinha quase 60 metros de largura por cerca de 20 de altura. O muro inteiro, no entanto, era muito maior, indo praça abaixo por mais ou menos 15 metros e se estendendo por mais de 400 metros até o Bairro Muçulmano, onde ficava escondido atrás de construções residenciais. Depois de anos de escavações arqueológicas marcadas intensamente por política e religião, hoje é possível caminhar por quase toda a extensão do muro através de uma passagem subterrânea que vai da praça até a Via Dolorosa. Esperando por Gabriel na entrada, estava uma jovem com uma saia discreta e o lenço de judia ortodoxa na cabeça.

— Ele tem trabalhado sem parar num ponto próximo à Caverna — disse ela, num tom confidencial. — Aparentemente, encontrou algo importante, porque está um caco.

— Mas ele não está sempre assim?

Ela riu e conduziu Gabriel até o topo de uma escada estreita de alumínio, que o levou para baixo da Cidade Antiga e de volta no tempo. Ele parou por um instante embaixo do Arco de Wilson, a ponte que, nos tempos de Jesus, ligava o Monte do Templo à parte alta de Jerusalém, e seguiu ao longo de um caminho recentemente pavimentado na base do muro. As imensas rochas eram frias ao toque e brilhavam à luz das lâmpadas. Poucos metros acima, estavam as caóticas ruas do mercado do moderno Bairro Muçulmano, mas ali embaixo o silêncio era absoluto.

A parte do túnel conhecida como Caverna era uma pequena sinagoga parecida com uma gruta, erguida num trecho do muro que era considerado o ponto mais próximo da localização antiga do Santo dos Santos. Como de praxe, um pequeno grupo de mulheres ortodoxas rezava ali, com os dedos pressionados em reverência na pedra do muro. Gabriel passou por elas em silêncio e se dirigiu a uma cortina de lona pendurada a alguns metros de distância. Um pequeno aviso escrito à mão alertava sobre o perigo e instruía os visitantes a se afastarem. Gabriel atravessou a abertura e olhou para dentro de uma vala de escavação com pouco mais de 5 metros de profundidade. Lá embaixo, sob luzes brancas intensas, um único arqueólogo batia delicadamente na terra negra com uma espátula.

— O que é? — perguntou Gabriel, sua voz ecoando no espaço vazio.

— Você deveria perguntar "Quem é?" — corrigiu-o Eli Lavon. Ele se moveu para o lado a fim de revelar o foco de seus esforços: o ombro, o braço e a mão de um esqueleto humano. — Nós a chamamos de Rivka. E, a menos que eu

esteja enganado, o que é muito improvável, ela morreu na mesma noite em que o Templo foi destruído.

— Evidências, professor Lavon — exigiu Gabriel, desafiando-o de brincadeira. — Onde estão as evidências?

— Em volta dela — respondeu Lavon, apontando para as pedras retangulares enfiadas no solo. — São as pedras do próprio Templo e estão aqui porque os romanos as jogaram por cima do muro na noite em que devastaram a Casa de Deus. Os restos mortais de Rivka estão entre as pedras, e não embaixo delas, logo ela foi jogada por cima do muro ao mesmo tempo. As fraturas no corpo todo da mulher também indicam isso.

Lavon observou o esqueleto respeitosamente por um instante, sem dizer nada.

— De acordo com Josefo, nossa única fonte de informações quanto ao que aconteceu naquela noite, milhares de judeus correram para dentro do Templo depois de os romanos o incendiarem. Suspeito que Rivka tenha sido uma dessas pessoas. Quem pode saber? — Ele suspirou. — É possível que ela tenha visto o próprio Tito entrando no Santo dos Santos para saqueá-lo. Depois disso... foi o inferno na Terra.

— Tito não foi o primeiro saqueador do mundo — comentou Gabriel. — E, infelizmente, não foi o último.

— É o que dizem. — Lavon ergueu os olhos. — Também ouvi falar que alguém tentou atirar em você em Roma.

— Na verdade, acho que ele estava mirando na minha esposa.

— Isso é um tanto insensato. Ainda está vivo?

— Por enquanto.

— Alguma idéia de quem o enviou?

Gabriel jogou o fragmento de cerâmica grega dentro da vala. Lavon o capturou no ar com destreza antes que batesse nas pedras do Templo e o examinou sob o brilho de suas lâmpadas de halogênio.

— Vaso ático de pinturas vermelhas do século V a.C., provavelmente uma pintura de Menelaus.

— Muito impressionante.

— Obrigado — agradeceu Lavon. — Mas nunca mais jogue isso dessa forma.

A Cidade Antiga de Jerusalém estava ligada à Cidade Nova por uma passarela. Ela se estendia do Portão de Jaffa até o cintilante Mamilla Mall, um dos poucos lugares no país onde árabes e judeus se misturam com relativamente

pouca tensão. Como sempre, Gabriel e Lavon discutiram aonde ir e acabaram se acomodando numa lanchonete elegante de estilo europeu. A Israel de sua juventude fora uma terra sem televisão. Agora tinha todos os confortos do Ocidente, com exceção da paz.

O volume de uma música technopop tornava impossível conversar do lado de dentro, então eles sentaram no terraço iluminado pelo sol, numa mesa com vista para os muros da Cidade Antiga. A brisa despenteava o cabelo fino de Lavon. Ele tomou um tablete de antiácido antes de tocar na comida.

— Ainda? — perguntou Gabriel.

— É eterno, que nem Jerusalém.

Gabriel sorriu. Às vezes, ele achava difícil associar aquela figura formal e hipocondríaca sentada à sua frente a um dos melhores especialistas em vigilância urbana que o Escritório já produzira. Ele trabalhara com Lavon pela primeira vez durante a Operação Ira de Deus. Eles tinham sido companheiros quase constantes por três anos, matando de noite e em plena luz do dia, vivendo com medo de serem presos a qualquer momento pela polícia europeia. Quando a unidade enfim foi desfeita, Lavon começou a sofrer de inúmeras desordens de estresse, incluindo um problema estomacal crônico. Ele se acomodou em Viena, onde abriu um pequeno escritório de investigação chamado Inquéritos e Reivindicações da Guerra. Operando com um orçamento curto, ele conseguiu rastrear milhões de dólares em bens saqueados no Holocausto, além de ter exercido um papel significativo num acordo multibilionário com bancos suíços. Mas, quando uma bomba destruiu seu escritório e matou dois de seus funcionários, Lavon voltou a Israel para perseguir sua paixão original: a arqueologia. Atualmente, ele trabalhava como professor adjunto de arqueologia bíblica na Universidade Hebraica e participava com freqüência de escavações ao redor do mundo, como no Túnel do Muro das Lamentações.

— Quase não dá para lembrar como era esse lugar antes da Guerra dos Seis Dias — falou Lavon, gesticulando em direção ao vale embaixo do terraço. — Meus pais costumavam me trazer aqui para ver o arame farpado e as armas jordania— nas colocadas ao longo da linha do armistício de 1949. Os judeus não tinham permissão para rezar no Muro das Lamentações, nem para visitar o cemitério no monte das Oliveiras. Até cristãos precisavam apresentar certidões de batismo para visitar os locais sagrados. E agora nossos amigos do Ocidente gostariam que cedêssemos a soberania do muro aos palestinos. — Lavon balançou a cabeça. — Em nome da paz, é claro.

— E uma pilha de pedras, Eli.

— Aquelas pedras estão encharcadas com o sangue dos seus ancestrais. E é por causa delas que temos o direito a uma pátria aqui. Os palestinos sabem disso. É por essa razão que eles fingem que o Templo nunca existiu.

— Negação do Templo — disse Gabriel.

Lavon assentiu, pensativo.

— É uma prima em primeiro grau da negação do Holocausto, também bem difundida nos mundos árabe e islâmico. A lógica é muito simples: nenhum Holocausto, nenhum Templo...

— Nenhum judeu na Palestina.

— Exato. Mas não é só conversa. Com a autoridade religiosa do Waqf, os palestinos tentam sistematicamente apagar qualquer evidência de um templo no Monte do Templo. Nós travamos uma guerra arqueológica aqui em Jerusalém todos os dias. Um lado tenta preservar o passado, o outro tenta destruí-lo, em especial sob o disfarce de construções como a Mesquita Marwani.

Capaz de acomodar mais de sete mil fiéis, ela ficava na ponta sudeste do Monte do Templo, numa antiga câmara subterrânea conhecida como Estábulos de Salomão. O imenso projeto desestabilizara o planalto sagrado e criara uma protuberância no lado sul do muro. Seguindo um acordo negociado entre o governo israelense e o Waqf, uma empresa de engenharia da Jordânia fizera os reparos, deixando para trás um remendo branco feio, visível do outro lado da cidade.

— Naturalmente — continuou Lavon uma construção do tamanho da Mesquita Marwani deslocou várias toneladas de terra e detritos. E o que você acha que o Waqf fez com tudo isso? — Lavon respondeu a própria pergunta: — Eles levaram o material para o depósito municipal de lixo ou o arremessaram por cima das paredes do vale do Cédron. Eu fiz parte da equipe que examinou todo o material. Nós encontramos centenas de artefatos da época do Primeiro e do Segundo Templo. Não havia o contexto arqueológico devido, é claro, pois foram arrancados da localização original. — Ele fez uma pausa. — Assim como esse pedaço de cerâmica grega que você está carregando por aí.

— Um homem como você é capaz de dizer muito com base num único fragmento.

— Onde você conseguiu aquilo?

— Na casa de um saqueador de túmulos em Cerveteri.

— Roberto Falcone?

Gabriel assentiu.

— Por favor, me diga que não foi você quem o empurrou naquele tanque de cloreto de amônio.

— Ácido não é o meu estilo, Eli. Leva tempo demais.

— E faz muita bagunça — concordou Levi, anuindo. — Suponho que agora você vá contar que há uma ligação entre Falcone e aquela mulher que caiu do domo da basílica.

— A pessoa se chama Cario Marchese — explicou Gabriel. — Cario controla o comércio mundial de antigüidades saqueadas. Ele também tem um caso com o Hezbollah. Nós vamos tirá-lo de cena.

— Nós?

— Não posso fazer isso sozinho, Eli. Eu preciso de um arqueólogo que possa entender um balancete e saiba rastrear dinheiro sujo. Também seria bom ter alguém que consegue se virar na rua.

— Achei que você estivesse aposentado.

— Eu também. Mas, por alguma razão, isso nunca dura muito.

Lavon olhou para as paredes da Cidade Antiga.

— No que você está pensando, Eli?

— Na verdade, estou pensando em uma pessoa.

— Rivka?

Lavon aquiesceu.

— Ela esperou por dois mil anos — replicou Gabriel. — Pode esperar um pouco mais.

19

King Saul Boulevard, Tel Aviv

Outra coisa que não mudara muito na ausência de Gabriel fora o King Saul Boulevard. Era uma construção insípida, indistinta e, o melhor de tudo, anônima. Não havia um emblema pendurado sobre a entrada nem letras de bronze proclamando sua identidade. Na verdade, não havia absolutamente nada sugerindo que aquele fosse o quartel-general de um dos serviços de inteligência mais temidos e respeitados do mundo. Uma inspeção mais cuidadosa da estrutura, no entanto, revelaria a existência de um prédio dentro de um prédio, com um abastecimento próprio de energia, dutos próprios de água e esgoto e sistema próprio de comunicações seguras. Os funcionários carregavam duas chaves. Uma delas abria uma porta sem identificação no saguão e a outra

operava o elevador. Os que cometiam o pecado imperdoável de perder uma ou ambas as chaves eram banidos para o deserto da Judeia e nunca mais vistos.

Gabriel só passara uma vez pelo saguão, no dia seguinte a seu primeiro encontro com Shamron. Dali em diante, ele só entrara no prédio pela garagem subterrânea secreta. Foi o que ele fez naquele momento, com Chiara e Lavon. Eles desceram três lances de escada e seguiram por um corredor vazio até a sala 456C, que já tinha servido como depósito de computadores obsoletos e móveis gastos e, freqüentemente, ponto de encontro clandestino para aventuras românticas dos funcionários noturnos. Agora o lugar era conhecido pelo Escritório inteiro apenas como o Covil de Gabriel. A fechadura sem chave abria-se com um código, que era a data de nascimento de Gabriel. De acordo com um engraçadinho do Escritório, esse era o segredo mais bem-guardado de Israel.

— O que houve? — perguntou Eli, quando a mão de Gabriel hesitou sobre o teclado.

— Estou tendo um problema de idade.

— Você não consegue lembrar a própria data de nascimento?

— Não é isso — respondeu Gabriel, digitando o código. — Só não consigo acreditar que foi há tanto tempo.

Ele entrou na sala, acendeu as luzes e olhou ao redor. As paredes estavam cobertas com restos de antigas operações. Todas haviam salvado vidas inocentes e estavam encharcadas de sangue, boa parte pertencente a Gabriel. Ele caminhou até o quadro-negro, o último do prédio, e pôde ver leves traços de sua própria escrita — o esboço de uma operação conhecida apenas pelo codinome Obra-Prima. Ela tinha resultado na sabotagem das instalações iranianas de enriquecimento de urânio e Israel e o Ocidente ganhara anos preciosos. Agora parecia que o tempo se esgotava. Os iranianos estavam novamente prestes a realizar seu sonho nuclear. E parece que pretendiam punir qualquer um que tentasse impedi-los usando o Hezbollah, seu ávido aliado, como instrumento de vingança.

— Se algum dia o Escritório construir um museu — falou Lavon — ele só estará completo se tiver uma réplica desta sala.

— E qual seria o nome da exposição?

— O vilarejo dos amaldiçoados.

A resposta não veio de Lavon, e sim da figura alta e bem-vestida ao lado da porta, com uma pasta fina embaixo do braço. Yossi Gavish era um funcionário sênior da Pesquisa, a divisão de análises do Escritório. Nascido em Londres e graduado pela faculdade de All Souls, ele ainda falava hebraico com

um pronunciado sotaque britânico e era incapaz de trabalhar sem um fornecimento constante de chá Earl Grey e biscoitos digestivos McVities.

— Não acredito que estou aqui de novo — disse ele.

— Nem eu. — Gabriel apontou para o arquivo. — O que você tem aí?

— Tudo o que o Escritório sabe sobre Cario Marchese. — Ele largou a pasta numa das mesas e olhou em volta. — Uzi quer colocar nós quatro contra Cario e todo o Hezbollah?

— Não se preocupe — falou Gabriel, sorrindo. — Os outros já devem estar chegando.

Levou quase a manhã inteira para o Departamento Pessoal rastrear os membros restantes da equipe de Gabriel e despachá-los para o pequeno calabouço sem janelas. De forma geral, as extrações ocorreram tranqüilamente, mas em alguns casos houve uma resistência local inesperada. Todas as reclamações foram encaminhadas direto para Uzi Navot, que deixou claro que não toleraria dissidência.

— Este não é o mundo árabe — declarou para um chefe de departamento descontente. — É o Escritório. E aqui nós ainda somos totalitários.

Eles chegaram a intervalos irregulares, como membros de uma equipe de infiltração voltando para a base depois de uma missão noturna bem-sucedida. O primeiro foi Yaakov Rossman, um homem com o rosto marcado por cicatrizes, ex-oficial de contraterrorismo do Shabak, o serviço de segurança interna de Israel, que agora treinava pessoas para operar na Síria e no Líbano. Em seguida, foi a vez de dois ajudantes de campo multifuncionais, Oded e Mordecai, seguidos por Rimona Stern, uma ex-agente de inteligência militar que atualmente tratava de assuntos relacionados ao programa nuclear iraniano. Lembrando uma modelo do pintor Rubens, alta e com cabelos cor de areia, Rimona era sobrinha de Shamron. Gabriel a conhecia desde que ela era pequena. Sua mais terna lembrança era de uma destemida garotinha indo ladeira abaixo com seu patinete na frente da casa do tio famoso.

A próxima a aparecer foi Dina Sarid, uma mulher miúda de cabelos escuros. Um verdadeiro banco de dados humano, ela era capaz de recitar hora, local, executores e número de baixas de todos os atos terroristas cometidos contra alvos israelenses e ocidentais, incluindo a longa lista de atrocidades perpetradas pelos assassinos do Hezbollah. Por muitos anos, focou suas consideráveis habilidades analíticas em Imad Mughniyah, comandante militar e alto sacerdote do terror. Em grande parte graças ao trabalho de Dina, ele encontrou o merecido fim em Damasco, em 2008, quando uma bomba foi

detonada embaixo de seu carro. A agente celebrou a morte visitando os túmulos de sua mãe e duas de suas irmãs. No dia 19 de outubro de 1994, elas tinham sido assassinadas por um homem-bomba do Hamas, outro aliado do Irã, que se explodiu num ônibus na rua Dizengoff, em Tel Aviv. Dina ficou gravemente ferida no ataque e ainda mancava um pouco.

Como sempre, Mikhail Abramov chegou por último. Esguio e louro, com um rosto delicado e olhos glaciais, ele imigrara da Rússia para Israel ainda adolescente e entrara na Sayeret Matkal, a unidade de operações especiais de elite das Forças Armadas de Israel. Uma vez descrito por Shamron como "um Gabriel sem consciência", tinha assassinado vários líderes terroristas do Hamas e do Jihad Islâmico Palestino. Atualmente, desempenhava missões similares para o Escritório, embora seus talentos não fossem limitados apenas ao uso da pistola.

Nos corredores e salas de reuniões do King Saul Boulevard, os nove homens e mulheres reunidos na sala 456C eram conhecidos pelo codinome Barak — "relâmpago" em hebraico —, devido à sua capacidade de preparar e conduzir ataques com rapidez. Eles tinham lutado juntos, muitas vezes em condições de estresse insuportável, em campos de batalha secretos se estendendo de Moscou ao Caribe e ao Empty Quarter, na Arábia Saudita. Gabriel tivera sorte de sobreviver às últimas operações, mas agora ele estava mais uma vez diante da equipe, sem danos aparentes, enfeitiçando a todos com a história de uma curadora cujo pai havia sido um tombarolo, de um padre com segredos perigosos e de um mafioso chamado Cario Marchese que fazia negócios com o Hezbollah. A meta da operação, explicou Gabriel, seria simples: eles montariam um dossiê que destruiria Cario e, no processo, arruinaria o grupo terrorista. Mas não seria suficiente apenas provar que ele era um criminoso. Também encontrariam a cordata que o ligava diretamente ao Hezbollah. E então o enforcariam com ela.

Eles eram uma espécie de família e, como toda família, tinham rivalidades mesquinhas, ressentimentos não verbalizados e várias formas de atrito fraterno. Mas ainda assim conseguiram se dividir em subunidades e estabelecer um ritmo de trabalho com um mínimo de disputas. Yossi, Chiara e Mordecai se responsabilizaram por Cario, enquanto as redes de arrecadação de fundos do Hezbollah ficaram a cargo de Dina, Rimona, Yaakov e Mikhail. Gabriel e Lavon assumiram um lugar intermediário, pois a eles caberia a tarefa de encontrar a ligação entre as duas organizações — ou, como descreveu Lavon, a aliança que unia Cario e o Hezbollah num matrimônio criminoso.

Em pouco tempo, as paredes da sala já refletiam a natureza única do empreendimento. De um lado, estava o delineamento do império lícito de Cario

e, do outro, os elementos conhecidos da Corporação Hezbollah, que tinha uma única função — gerar um fluxo constante de dinheiro para o grupo terrorista mais perigoso da história. Foi o Hezbollah — e não a Al-Qaeda — que pela primeira vez transformou seres humanos em bombas e conquistou um alcance global. De fato, em duas ocasiões, os tentáculos da organização atingiram Buenos Aires — em 1992, no bombardeio da embaixada israelense que matou 29 pessoas, e em 1994, no atentado a um centro comunitário judeu que assassinou 95. O Hezbollah tinha milhares de terroristas muito bem-treinados, infiltrados na diáspora mundial do Líbano, e seu vasto arsenal incluía diversos Scud, fazendo dele o único grupo terrorista com mísseis balísticos. Em suma, eles podiam executar um ataque cataclísmico no lugar e na hora de sua escolha. O único requisito era ter a bênção dos mestres clericais xiitas em Teerã.

Foi Alá que forneceu a inspiração para o Hezbollah, mas meros mortais cuidam de suas necessidades financeiras. Os rostos dessas pessoas estavam no lado de Dina da parede. No centro da teia, ela colocou o Banco Bizantino do Líbano — ou BBL, no léxico da equipe. Com ajuda da Unidade 8200, montou uma matriz de redes de comunicação que iam de Londres à tríplice fronteira sem lei da América do Sul. O BBL era a argamassa. Graças aos detetives cibernéticos da Unidade, a equipe ganhou acesso aos livros de contabilidade. Yaakov brincou que ele sabia mais sobre as operações e investimentos do banco que o próprio presidente. Logo ficou claro que a instituição — "Talvez esse não seja o melhor termo", zombou Yaakov — era pouco mais que uma fachada para o Hezbollah.

— Sigam o dinheiro — instruiu Gabriel — e, com um pouco de sorte, chegaremos ao homem do Hezbollah que está dentro da rede.

De forma geral, Gabriel passou a investigação imerso num curso intensivo sobre o comércio global ilícito de antigüidades — especificamente, sobre como tesouros reluzentes do passado transitavam das mãos sujas dos ladrões e saqueadores de túmulos até o mercado legítimo. Boa parte do trabalho envolvia uma revisão exaustiva de monografias, catálogos, bancos de dados de museus, registros de leilões e inventários publicados de negociantes ao redor do mundo. De vez em quando, ele ia com Eli Lavon ao Museu Rockefeller para ouvir um especialista em saques da Autoridade de Antigüidades de Israel. Além disso, telefonou para um velho amigo no mundo de negócios londrino que tinha um bom número de conhecidos envolvidos no que ele chamava de "lado perverso do comércio". Por fim, retomou com discrição o contato com o general Ferrari, que mandou cópias de alguns de seus arquivos mais bem-guardados,

apesar de Gabriel se recusar a identificar seu alvo. Agora era oficialmente uma operação e havia regras a serem cumpridas.

E assim foi por doze dias e doze noites intermináveis, com cada grupo trabalhando para montar o quebra-cabeça. Lavon, o arqueólogo bíblico, não pôde deixar de comparar os esforços da equipe com a construção do antigo aqueduto subterrâneo embaixo da Cidade de Davi, que ligava a Fonte de Giom à Piscina de Siloé. Com mais de 500 metros de comprimento, ele fora construído às pressas no século VIII a.C. conforme a cidade se preparava para ser sitiada pelo exército assírio que se aproximava. Para agilizar o processo, o rei Ezequias mandara dois grupos cavarem o túnel ao mesmo tempo, cada um partindo de uma ponta. De alguma forma, eles conseguiram se encontrar no meio e a água salvadora fluiu para dentro da cidade.

A equipe de Gabriel passou por uma experiência similar pouco depois da meia-noite no décimo terceiro dia, quando chegou um pacote da Unidade com listas de todas as transferências eletrônicas de dinheiro envolvendo as contas do BBL naquele dia. O documento revelou que, às 16h17, o banco recebera uma transferência de 1,5 milhão de euros da Galeria Naxos, de St. Moritz, na Suíça. Em seguida, poucos minutos depois das cinco da tarde no horário de Beirute, uma soma de 150 mil euros, dez por cento do pagamento original, fora transferida do BBL para uma conta no Instituto para Obras Religiosas, também conhecido como Banco do Vaticano. Lavon posteriormente descreveria a atmosfera na sala como um pouco similar ao momento em que as equipes de Ezequias puderam escutar uma à outra quebrando a pedra. Gabriel pediu para suas próprias equipes cavarem um pouco mais e, ao amanhecer, eles conseguiram identificar o homem que buscavam.

20

King Saul Boulevard, Tel Aviv

— Ele diz que seu nome é David Girard. Mas, assim como quase tudo a seu respeito, isso é mentira.

Gabriel soltou a pasta com documentos na mesa executiva ridiculamente grande de Uzi Navot. Era feita de vidro fumê e ficava perto das janelas à prova de balas que iam do teto ao chão, dando vista para o centro de Tel Aviv e para o mar. Uma iluminação fraca entrava pela veneziana vertical, aprisionando Navot nas barras de escuridão. Ele não tocou na pasta e, com um gesto, incentivou Gabriel a continuar.

— Seu nome real é Daoud Ghandour. Ele nasceu no vilarejo de Tayr Dibba no sul do Líbano, na mesma cidade que Imad Mughniyah, ou seja, eles devem ter se conhecido quando jovens.

— Como ele foi de um buraco como Tayr Dibba até uma galeria de antigüidades em St. Moritz?

— Da maneira libanesa — respondeu Gabriel. — Em 1970, Arafat e a OLP abriram negócios no sul do Líbano e a família Ghandour se mudou para Beirute. Pelo visto, Daoud era uma criança de inteligência excepcional. Ele foi para uma boa escola e aprendeu a falar francês e inglês. Na hora de cursar uma faculdade, foi morar em Paris para estudar a Antigüidade na Sorbonne.

— Foi aí que Daoud Ghandour se tornou David Girard?

Isso só aconteceu quando ele seguiu para Oxford. Depois de terminar o doutorado em arqueologia clássica, começou a trabalhar no departamento de antigüidades da Sotheby's, em Londres. Ele estava lá no final dos anos 1990, época em que a casa de leilões foi acusada de vender antigüidades de proveniência desconhecida. Ele saiu de Londres sob suspeita.

— E abriu o próprio negócio?

Gabriel assentiu.

— Quanto custa abrir uma galeria em St. Moritz?

— Muito.

— Onde ele conseguiu o dinheiro?

— Boa pergunta.

Gabriel pegou uma foto entre os documentos e a empurrou para o outro lado da mesa. Mostrava um homem magro de quase 50 anos apoiado numa

vitrine cheia de cerâmicas gregas e etruscas. Ele vestia um pulôver e um blazer escuros. Seu olhar era suave e pensativo. O sorriso encenado até parecia genuíno.

— Bonitão — falou Navot. — Onde você conseguiu a foto?

— No site da galeria. A biografia oficial tem algumas falhas bem grandes, como o nome de batismo e o local de nascimento.

— Qual é o passaporte que ele carrega hoje em dia?

— Suíço. Ele também tem uma esposa suíça.

— De que tipo?

— Falante de alemão.

— Bem cosmopolita ele. — Navot encarou a foto, franzindo a testa. — O que nós sabemos sobre seus hábitos de viagem?

— Como a maior parte das pessoas no comércio de antigüidades, ele passa boa parte do tempo em aviões e quartos de hotel.

— Líbano?

— Ele aparece em Beirute pelo menos duas vezes por mês. — Gabriel fez uma pausa. — Ele também passa um tempo significativo aqui em Israel.

Navot ergueu os olhos bruscamente, mas não disse nada.

— De acordo com os amigos de Eli na Autoridade de Antigüidades de Israel, Daoud Ghandour é um visitante assíduo do Monte do Templo. Na verdade — Gabriel se corrigiu —, ele passa a maior parte de seu tempo embaixo do monte.

— Fazendo o quê?

— David é um consultor não remunerado para a Autoridade Palestina e o Waqf em questões arqueológicas. Aliás, isso é outra coisa que está faltando na biografia oficial.

Navot fitou o retrato por um tempo.

— Qual é a sua teoria?

— Acho que ele é o homem do Hezbollah na rede de Cario. Ele vende bens roubados em sua galeria em St. Moritz, envia o lucro de volta para casa pelo BBL e dá uma comissão de dez por cento para seu padrinho, Cario Marchese.

— Você pode provar isso?

— Ainda não. Por isso estou propondo que façamos negócios com ele.

— Como?

— Vou oferecer algo irresistível e ver se ele morde a isca.

— Eu provavelmente não deveria perguntar — Navot suspirou mas onde você pretende conseguir algo tão irresistível?

— Roubando, é claro.

— É claro — repetiu Navot, sorrindo. — Você precisa de alguma coisa?

— De dinheiro, Uzi. De muito dinheiro.

A doutrina do Escritório determina que agentes partindo para missões no exterior devem passar sua noite final em Israel, dentro de um apartamento seguro conhecido como local de partida. Lá, livres das distrações de esposas, amantes, filhos e animais de estimação, eles assumem as identidades que vão usar como uma armadura até que voltem para casa. Apenas Gabriel e Eli decidiram não participar desse antigo ritual operacional, visto que, por seus próprios cálculos, já tinham passado mais tempo vivendo com identidades falsas do que com as próprias.

No fim, ambos decidiram passar pelo menos parte daquela última noite na companhia de mulheres que tinham sofrido agressões. Lavon foi até o Túnel do Muro das Lamentações passar algumas horas com sua amada Rivka e Gabriel fez uma peregrinação ao hospital psiquiátrico no monte Herzl para visitar Leah. Como de costume, ele chegou depois do horário de visitas. O médico de Leah estava esperando no saguão. Um homem de aparência rabínica, com um quipá e uma barba grisalha comprida, ele era a única pessoa em Israel não relacionada ao Escritório que sabia exatamente o que havia acontecido naquela noite em Viena.

— Faz um tempo desde sua última visita. — O doutor deu um sorriso bondoso. — Ela quer vê-lo.

— Como ela está?

— Igual. Nessa fase de sua vida, é o melhor que podemos esperar.

O médico conduziu Gabriel pelo braço por um corredor de pedra calcária até uma sala comunal com janelas dando vista para o jardim do hospital, onde, à sombra de um pinheiro, Gabriel pedira permissão para se casar com Chiara. Devido à memória fluida, Leah se lembrava disso só de vez em quando. Havia dias em que ela parecia se dar conta de que Gabriel não era mais seu marido, mas, durante a maior parte do tempo, era prisioneira de seu passado. Na mente aturdida de Leah, os períodos prolongados de ausência de Gabriel não eram nada incomuns. Graças a Shamron, ele sempre entrou e saiu do mundo de sua ex-mulher com pouco ou nenhum aviso prévio.

Ela estava sentada na cadeira de rodas, com os restos retorcidos de suas mãos sobre o colo. Os cabelos, uma vez compridos e escuros como os de Chiara, agora eram mantidos curtos e tinham manchas grisalhas. Gabriel beijou a pele

queimada fria e rígida de sua bochecha antes de se sentar num pequeno banco que o médico colocara ao lado. Leah pareceu ignorar sua presença. Seus olhos estavam voltados para o jardim escurecido, mas desfocados.

— Você ama essa garota? — ela perguntou de repente, o olhar ainda fixo em algum ponto distante.

— Que garota? — perguntou Gabriel. Quando percebeu que Leah estava simplesmente revivendo a conversa que dissolvera o casamento deles, sentiu um aperto no peito. — Eu amo você — falou com suavidade, apertando as mãos geladas dela. — Sempre amarei, Leah.

Um sorriso tomou os lábios dela por um breve instante. Em seguida, ela olhou para Gabriel com uma expressão desaprovadora.

— Você está trabalhando para Shamron de novo.

— Como você sabe?

— Posso ver em seus olhos. Você é outra pessoa.

— Eu sou Gabriel.

— Só uma parte de você é Gabriel.

Ela virou o rosto na direção do vidro.

— Não vá ainda, Leah.

Ela se voltou para ele.

— Com quem você está lutando desta vez? Setembro Negro?

— Setembro Negro não existe mais.

— Quem, então?

— O Hezbollah — respondeu ele, após uma hesitação. — É o Hezbollah, Leah.

O nome não pareceu significar nada para ela.

— Fale-me a respeito — pediu ela.

— Eu não posso.

— Por que não?

— Porque é secreto.

— Que nem antes?

— Sim, Leah, que nem antes.

Leah franziu a testa. Ela detestava segredos. Eles tinham destruído sua vida.

— Para onde você vai desta vez?

— Paris — respondeu Gabriel, falando a verdade.

A expressão dela ficou sombria.

— Por que Paris?

— Há um homem lá que pode me ajudar.

— Um espião?

— Um ladrão.

— O que ele rouba?

— Pinturas.

Ela demonstrou uma genuína perturbação.

— Por que um homem como você iria querer trabalhar com alguém que rouba pinturas?

— Às vezes é preciso trabalhar com pessoas más para fazer coisas boas.

— Esse homem é mau?

— Não muito.

— Conte-me sobre ele.

Gabriel não via mal algum em fazer isso, assim atendeu ao pedido. Mas, depois de um tempo, Leah pareceu perder interesse e encarou de novo a janela.

— Veja a neve — falou ela, contemplando o céu noturno sem nuvens. — Não é linda?

— Sim, Leah, é linda.

As mãos dela começaram a tremer. Gabriel fechou os olhos.

Quando Gabriel voltou para a rua Narkiss, encontrou Chiara estirada no sofá à meia-luz, com um copo de vinho tinto equilibrado em sua barriga. Ela lhe ofereceu e o observou bebendo, como se buscasse evidências de uma traição. Em seguida, o levou para o quarto e tirou as próprias roupas, sem dizer nada. Seu corpo estava quente. Eles fizeram amor como se fosse a última vez.

— Leve-me com você para Paris.

— Não.

Chiara não insistiu. Ela sabia que não adiantaria. Não depois do que acontecera em Roma. Não depois do que acontecera ainda antes, em Viena.

— Ela se lembrou de você desta vez?

— Sim.

— De qual versão?

— De ambas.

Chiara ficou em silêncio por um instante.

— Ela sabe que você me ama, Gabriel? — perguntou ela.

— Sabe.

Mais uma pausa.

— É mesmo? — indagou ela.

— O quê?

— Você me ama mesmo?

— Chiara...

Ela se virou de costas para Gabriel.

— Desculpe — falou depois de um tempo.

— Pelo quê?

— Pelo bebê. Se eu não o tivesse perdido, você não iria a Paris sem mim.

Gabriel não respondeu. Chiara subiu devagar em seu corpo.

— Você me ama mesmo? — insistiu ela.

— Mais do que qualquer coisa.

— Prove.

— Como?

Ela o beijou nos lábios e sussurrou:

— Prove, Gabriel.

21

Rue de Miromesnil, Paris

Antigüidades Científicas era uma loja solitária ao final da rue de Miromesnil, onde turistas raramente eram vistos. Algumas pessoas no comércio de antigüidades de Paris haviam insistido com o proprietário, o melindroso Maurice Durand, para que mudasse para a rue de Rivoli, ou até mesmo o Champs-Élysées. Mas ele resistia por medo de ter que passar seus dias a observar norte-americanos acima do peso metendo as mãos em seus preciosos microscópios, câmeras, óculos e barômetros, mas indo embora de mãos vazias. Além do mais, monsieur Durand preferia a vidinha ordeira naquele trecho silencioso do arrondissement. Havia um bar do outro lado da rua onde ele tomava café pela manhã e bebia vinho à noite. E também Angélique Brossard, uma comerciante de estatuetas de vidro que estava sempre disposta a mudar a placa em sua vitrine de OUVERT para FERMÉ toda vez que Durand aparecia para uma visita.

Mas ele tinha outra razão para não ceder à atração das ruas mais movimentadas de Paris. A Antigüidades Científicas, embora razoavelmente lucrativa, era uma fachada para sua ocupação principal. Durand era especialista em levar pinturas e outras obras de arte de casas, galerias e museus para as mãos de colecionadores que não se importavam com detalhes inconvenientes como uma proveniência limpa. Ele às vezes era considerado um ladrão de arte, embora

não concordasse por completo com essa caracterização, pois havia muitos anos que não roubava pessoalmente uma pintura. Agora, Durand operava apenas como intermediário no processo conhecido como roubo encomendado

— ou, como gostava de descrever, ele administrava a aquisição de pinturas que, tecnicamente, não estavam à venda. Seus clientes eram homens que não gostavam de ser desapontados e Durand quase nunca os deixava na mão. Trabalhando com um grupo de ladrões profissionais de Marselha, ele fora o elemento central de alguns dos maiores roubos da história. O topo de sua lista de conquistas, ao menos em termos monetários, era ocupado pelo Auto-retrato com a orelha cortada, de Van Gogh. Roubado da Galeria Courtauld em Londres, a obra estava pendurada na parede do palácio de um xeique saudita que tinha uma inclinação por violência com facas.

Mas foi a ligação de Maurice Durand com um trabalho menos conhecido — Retrato de uma jovem, óleo sobre tela, de Rembrandt van Rijn — que o levara à aliança improvável com o serviço secreto de inteligência de Israel. Depois de aceitar uma comissão para roubar o quadro, Durand descobriu dentro dele uma lista com várias contas de bancos suíços cheias de bens roubados durante o Holocausto. Gabriel usou esse documento para chantagear um bilionário suíço chamado Martin Landesmann, forçando-o a vender um carregamento de centrífugas industriais sabotadas para seus fiéis clientes do Irã. Ao término da operação, Gabriel decidiu não fazer nada contra Durand, pois algum dia o Escritório poderia precisar dos serviços de um ladrão profissional.

E foi por isso que, 24 horas após chegar a Paris, Eli Lavon surgiu à entrada da pequena loja no número 106 da rue de Miromesnil. Ele apertou a campainha, que emitiu um uivo inóspito. Em seguida, as trancas se abriram com um baque surdo e Lavon, sacudindo a chuva do sobretudo molhado, entrou pela porta.

— Roubou algo ultimamente, monsieur Durand?

— Nem sequer um beijo, monsieur Lavon.

Os dois homens avaliaram um ao outro por um momento, sem falar. Eles tinham mais ou menos a mesma altura e constituição física, mas as semelhanças terminavam aí. Lavon estava com um visual que ele chamava de revolucionário chique da Rive Gaúche e Durand se vestia impecavelmente com um terno sóbrio risca de giz e uma gravata lavanda. Sua cabeça careca reluzia como vidro polido sob a iluminação moderada. Ele fitava o agente sem piscar, com seus olhos escuros inexpressivos.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou, ainda que ajudar Lavon fosse a última coisa no mundo que Durand tivesse vontade de fazer.

— Estou procurando algo especial — respondeu Lavon.

— Bem, então você veio ao lugar certo. — Durand foi até uma vitrine cheia de microscópios. — Este acabou de chegar — disse, passando a mão na superfície oxidada de um dos instrumentos. — Foi feito pela Nachet & Sons em Paris, em 1890. As partes óticas e mecânicas estão em boas condições. Assim como a caixa de madeira de nogueira.

— Não é esse tipo de coisa que busco, monsieur Durand.

— Parece que chegou a hora de pagar a conta.

— Você fala como se fôssemos chantageadores — comentou Lavon, dando seu sorriso mais benevolente. — Mas posso assegurar que esse não é o caso.

— O que você quer?

— Seus conhecimentos.

— Eles são caros.

— Não se preocupe, Maurice: dinheiro não será um problema.

A chuva os perseguiu pela Place de la Concorde e ao longo das margens do Sena. Não era a agradável chuva parisiense evocada por cantores e poetas, e sim uma torrente gélida que atravessava seus sobretudos. Durand, completamente infeliz, implorou pelo calor de um táxi, mas Lavon queria ter certeza de que eles não estavam sendo seguidos, por isso continuaram indo em frente. Por fim, entraram no saguão de um prédio de luxo com vista para a Pont Marie e subiram a escada em espiral até um flat no quarto andar. Sentado na sala de estar, parecendo relaxado, se achava Gabriel. Com um leve movimento dos olhos cor de esmeralda, convidou Durand a se juntar a ele. O francês hesitou, mas, depois de receber uma cutucada de Lavon, se aproximou com a lentidão de um homem condenado sendo conduzido à forca.

— E óbvio que você me reconhece — afirmou Gabriel, observando Durand com atenção enquanto ele se acomodava em seu assento. — Isso costuma ser um problema em nossa área de atuação. Mas não neste caso.

— Por quê?

— Porque você sabe que sou um profissional, assim como você. Também sabe que não sou alguém que desperdiçaria meu valioso tempo fazendo ameaças vãs.

Gabriel baixou os olhos para a mesinha de centro. Em cima, havia duas maletas idênticas.

— Bombas-relógio? — perguntou Durand.

— Seu futuro. — Gabriel colocou a mão sobre uma das maletas. — Esta contém evidências suficientes para manter um homem na cadeia pelo resto da vida.

— E a outra?

— Um milhão de euros em dinheiro vivo.

— O que eu preciso fazer?

Gabriel sorriu.

— O que você faz de melhor.

22

Quai des Célestins, Paris

Havia uma garrafa de armanhaque no aparador. Depois de escutar a proposta de Gabriel, Maurice Durand se serviu de uma dose bem generosa. Ele hesitou antes de tomar o primeiro gole.

— Não se preocupe, Maurice — falou Gabriel, num tom tranquilizador. — Nós guardamos o uísque envenenado para ocasiões especiais.

Durand bebeu um pouco, com cautela.

— Tem uma coisa que eu não entendo — disse ele, após um momento. — Por que não roubar esse objeto você mesmo ou pegar um item de um dos seus museus?

— Porque eu vou contar uma história — respondeu Gabriel. — E como toda boa história, ela precisa ser verossímil. Se um objeto de alto valor aparecesse do nada, nosso alvo suspeitaria de uma armadilha. Mas se ele acreditar que foi roubado há pouco tempo por um bando de ladrões com bastante experiência...

— Ele vai supor que está lidando com criminosos profissionais, e não espiões profissionais.

Gabriel ficou em silêncio.

— Que inteligente — falou Durand, erguendo o copo uma fração de centímetro para fingir um brinde. — O que exatamente você está procurando?

— Um vaso ático de pinturas vermelhas, do século IV ou V a.C., algo grande o suficiente para chamar a atenção no mercado ilícito.

— Você gostaria que viesse de uma fonte pública ou particular?

— Particular. Mas não de um museu.

— Não é tão difícil quanto você pensa.

— Roubar um museu?

Durand assentiu.

— Mas seria falta de educação.

— A escolha é sua. — Durand se sentou e encarou seu drinque, pensativo. — Há uma mansão perto de Saint-Tropez. Fica na Baie de Cavalaire, não muito longe da propriedade que pertencia àquele oligarca russo. O nome dele me fugiu agora.

— Ivan Kharkov?

— Sim, ele mesmo. Conhece o homem?

— Só pela reputação.

— Ele foi assassinado na frente de seu restaurante favorito em Saint-Tropez. Uma confusão.

— Foi o que ouvi. Mas você estava me falando da casa do vizinho dele.

— Não é tão grande quanto a antiga casa de Ivan, mas o dono tem um gosto impecável.

— Quem é?

— Um belga — respondeu Durand, com desdém. — Ele herdou uma fortuna industrial e está fazendo o melhor que pode para gastar até o último centavo. Uns dois anos atrás nós tomamos um Cézanne dele. Foi um trabalho de reposição.

— Você deixou uma cópia no lugar.

— Uma cópia muito boa. Parece que nosso amigo belga ainda acredita que a pintura seja genuína, pois até onde eu sei nunca denunciou o roubo para a polícia.

— Qual era?

— O Jas de Bouffan.

— Quem cuidou da falsificação?

— Você tem os seus segredos, Sr. Allon, e eu tenho os meus.

— Continue.

— O belga tem várias outras pinturas de Cézanne. Também tem uma coleção muito impressionante de antigüidades. Uma peça em especial é adorável, um vaso de terracota para transportar água do século V a.C., feito por Amykos. Retrata duas jovens dando presentes para dois atletas nus. Muito sensual.

— Você conhece bem cerâmica grega.

— É uma de minhas paixões.

— Com que freqüência o belga visita a casa?

— Em julho e agosto — respondeu Durand. — No resto do ano, só fica lá o caseiro. Ele tem um pequeno chalé dentro da propriedade.

— E quanto à segurança?

— Certamente você sabe que não existe de fato segurança. Desde que não haja nenhuma surpresa, meus empregados podem entrar e sair da casa em poucos minutos. E você logo terá seu vaso grego.

— Acho que eu gostaria de um Cézanne também.

— Mais verossímil?

— Os detalhes são tudo, Maurice.

Durand sorriu. Ele também era um homem de detalhes.

Durand exigiu apenas que eles resistissem à tentação de monitorar seus movimentos. Gabriel concordou de imediato, embora não tivesse a menor intenção de cumprir. Certa vez, o francês roubara centenas de quadros durante um único verão. Os serviços de um criminoso como ele seriam úteis, mas apenas um tolo daria as costas para um homem assim.

Por três dias, Durand permaneceu em seu beau quartier no norte do oitavo arrondissement. Sua rotina, assim como sua loja, estava cheia de esquisitices agradáveis de outros tempos. Ele tomava dois cafés creme toda manhã na mesma mesa do mesmo bar, sem qualquer companhia além da pilha de jornais comprados sempre na mesma tabacaria. Depois, atravessava a rua estreita e, às dez horas, desaparecia dentro de sua pequena gaiola dourada. Às vezes, era forçado a abrir as portas para um cliente ou entregador, mas Durand passava a maior parte do tempo sozinho. O almoço ia da uma da tarde até às duas e meia, hora em que voltava para a loja, e lá passava o resto da tarde. Às cinco, fazia uma visita breve à madame Brossard. Em seguida, retornava a sua mesa no restaurante para uma taça de Côtes du Rhône, que ele sempre tomava com um ar de suprema satisfação.

Para as almas infelizes forçadas a vigiarem essa vida aparentemente encantadora, Maurice Durand era alvo de imensa fascinação e um forte ressentimento. Não é de espantar que alguns membros da equipe, em especial Yaakov, tenham pensado que Gabriel se enganara ao colocar o estágio inicial da operação nas mãos daquele homem.

— Veja os relatórios de vigilância — exigiu Yaakov depois do jantar no esconderijo principal da equipe, próximo ao Bois de Boulogne. — É óbvio que Maurice passou a mão em nossos euros e não tem a menor intenção de entregar os bens.

Mas Gabriel não estava preocupado. Em outras ocasiões, Durand se revelara um homem de princípios.

— Ele também é um ladrão nato — replicou. — E não há nada que um ladrão aprecie mais do que roubar dos ricos.

A confiança de Gabriel foi recompensada na manhã seguinte, quando a Unidade 8200 escutou Durand reservando acomodações de primeira classe no TGV do meio-dia para Marselha. Yaakov e Oded o acompanharam na viagem, e às cinco da tarde eles viram sua vítima fazendo uma reunião discreta com um pescador no Velho Porto. Mais tarde, esse "pescador" seria identificado como Pascal Rameau, líder de uma das muitas organizações criminosas de Marselha.

Em menos de 24 horas, o bando de Rameau avaliava a suntuosa casa do belga. Gabriel soube disso porque Yossi e Rimona tinham alugado por pouco tempo uma villa nas colinas que dava vista para a propriedade, e a observavam constantemente através de câmeras com lentes de longo alcance e filmadoras. A equipe de Rameau não foi vista de novo. Mas, duas noites depois, durante uma violenta tempestade na Côte dAzur, os dois foram acordados pelo barulho de sirenes ao longo da estrada da costa. Nas horas seguintes, viram luzes azuis piscando à frente do casarão. Pela freqüência de rádio da polícia, ficaram sabendo de tudo o que precisavam: um Cézanne e um vaso grego roubados e nenhuma prisão. C'est la vie.

Saiu em todos os jornais, e era exatamente isso que eles queriam. O Cézanne foi a atração principal. O adorável vaso grego foi um mero adendo. O abalado proprietário ofereceu uma recompensa substancial por informações que levassem à recuperação de seus bens e os seguradores, o grandioso Lloyds de Londres, anunciaram com discrição que considerariam um pagamento de resgate. A polícia francesa bateu em algumas portas e interrogou alguns dos suspeitos de sempre, mas, depois de uma semana, decidiram que tinham coisas mais importantes para fazer do que perseguir um pedaço de lona e um velho fragmento de cerâmica. Além do mais, eles já tinham lidado com esses ladrões. Os homens eram profissionais, não aventureiros, e quando roubavam algo, a obra nunca era vista de novo.

O roubo gerou os tremores comuns de apreensão nas galerias de arte parisienses, porém, no mundo de Maurice Durand, foi apenas uma pedrinha numa superfície tranqüila de água. Eles o escutaram discutindo o caso com sua garçonete favorita, mas, de resto, sua vida seguiu em frente no mesmo ritmo monótono. Ele abria a loja às dez, almoçava à uma da tarde e ia ao encontro dos

prazeres de madame Brossard às cinco em ponto antes de tomar a taça de vinho tinto para o bem de seu pequeno coração inocente.

Finalmente, uma semana após o roubo, ele ligou para Gabriel no número combinado para dizer que os itens requisitados — um barômetro suíço de bolso do começo do século XX e um telescópio de bronze e madeira da Merz de Munique — haviam chegado em segurança. A pedido de Gabriel, Durand os entregou no flat com vista para a Pont Marie no fim do dia e foi embora o mais rápido que pôde. A pintura, uma paisagem do amado monte de Santa Vitória, de Cézanne, tinha sido removida com habilidade da moldura e guardada num tubo de papelão. O vaso foi embalado numa bolsa de náilon. Eli Lavon o retirou e colocou com cuidado na mesa da cozinha. Então, sentou à frente da obra por alguns minutos com Gabriel ao lado, contemplando a imagem das mulheres gregas presenteando os atletas nus.

— Alguém tem que fazer isso — disse Lavon depois de um tempo. — Mas não vai ser eu.

— Eu sou um restaurador — alegou Gabriel. — Eu não conseguiria.

— E eu sou um arqueólogo — afirmou Lavon, na defensiva. — Além disso, nunca fiz nada violento.

— Eu nunca assassinei um vaso.

— Não se preocupe. Ao contrário de seus outros trabalhos, este será apenas temporário.

Gabriel suspirou fundo, colocou o vaso de volta na bolsa e a empurrou com gentileza até a beira da mesa. O som do impacto foi como de ossos se quebrando. Lavon abriu o zíper devagar e olhou melancólico para dentro.

— Assassino — murmurou.

— Alguém tinha que fazer isso.

O Cézanne, contudo, não recebeu maus tratos. Durante as últimas horas de estadia da equipe em Paris, Gabriel cuidou das feridas na pintura com cuidado, como se ela fosse um paciente internado na UTI. Sua meta era tratar a imagem para que a pintura pudesse ser devolvida ao dono nas mesmas condições em que fora encontrada. Nenhum ladrão de arte comum teria feito algo assim, mas o compromisso de Gabriel com a verossimilhança operacional só ia até certo ponto. Antes de mais nada, ele era um restaurador, e zelar pelo Cézanne ajudou a aliviar sua culpa por ter quebrado o vaso.

Ele considerou por um momento colocar a pintura numa moldura, mas descartou a possibilidade, pois tornaria mais difícil transportar o quadro com segurança. Em vez disso, ele aderiu uma camada de toalhas de papel à superfície

usando uma cola de rabo de coelho preparada na cozinha do flat no Bois de Boulogne. Na manhã seguinte, com a cola já seca, colocou a tela de volta no tubo de papelão e o transportou até a embaixada israelense no número 3 da rue Rabelais. O encarregado local relutou um pouco em aceitar o item roubado, mas cedeu depois de receber uma ligação de Uzi Navot. Gabriel posicionou a pintura num canto livre de umidade, dentro do cofre da embaixada, e ajustou o termostato a confortáveis 20 graus. Em seguida, foi para a Gare de Lyon e embarcou no trem do meio-dia com destino a Zurique.

Gabriel passou as quatro horas de viagem planejando a próxima etapa da operação. Às seis horas da noite, conduzia um sedã Audi alugado pela agradável Ban— hofstrasse. Sentado a seu lado, com a bolsa de náilon entre os pés, estava Lavon.

— Suíça — falou ele, olhando triste pela janela. — Por que sempre tem que ser na Suíça?

23

St. Moritz, Suíça

Já era março, o que significava que St. Moritz, a exótica cidade no vale Engadine que costumava servir de resort, estava de novo dominada pela loucura. Na Via Serias, possivelmente a rua comercial mais cara do mundo, aristocratas decadentes caminhavam sem rumo pelas lojas da Chopard, Gucci, Chanel e Bulgari, ao lado de estrelas do cinema, modelos famosas, políticos, magnatas e todos os seus acompanhantes. Eles disputavam as melhores mesas no La Marmite ou no Terrace e, à noite, seguiam sorrindo para os cômodos privativos da Dracula ou da Kings Club. Poucos se davam o trabalho de colocar um par de esquis. Em St. Moritz, esquiar era um passatempo para quem não tinha nada melhor para fazer.

Porém, escondido numa silenciosa rua secundária, como uma pequena ilha de bom senso, erguia-se o imponente e antigo Jägerhof Hotel. O fato de ser deselegante, austero e, acima de tudo, fora de moda, não parecia afetar nem um pouco o estabelecimento. Na verdade, parecia até contribuir. Os restaurantes não são dignos de nota. As amenidades, por assim dizer, não estão entre as melhores. Não há spa, piscina interna ou casa noturna. A única música que se ouve no Jägerhof vem do quarteto de cordas que se apresenta no salão toda tarde, durante a apática calmaria chamada de après ski.

Seus aposentos, assim como seu estilo, são relíquias empoeiradas de outra época. Hóspedes que já conhecem o hotel tendem a pedir quartos nos andares mais baixos, pois o elevador quebra com freqüência, e aqueles atrás de uma barganha seguem para os cômodos pequenos no sótão. Foi num desses quartos que se hospedou um russo alto e esguio com olhos cinzentos e pele da cor da neve do cume da Piz Bernina. Infelizmente, ele machucou o joelho no primeiro dia de suas férias e teve que ficar confinado no quarto desde então. De vez em quando, o homem se sentava em frente à pequena fenda que era a janela e observava as ruas com tristeza, mas passava a maior parte do tempo na cama com a perna machucada para o alto. Para passar o tempo, via filmes e escutava música em seu laptop. As arrumadeiras o descreviam como sendo educado até demais, o que era incomum para um russo.

O mesmo não podia ser dito, no entanto, do médico que apareceu no Jägerhof quatro dias depois de o russo sofrer o infeliz acidente. Ele tinha altura mediana, cabelos grisalhos e olhos castanhos atentos escondidos parcialmente por óculos grossos. Os funcionários do hotel que tiveram o azar de encontrá-lo durante sua breve visita tiveram a impressão de que ele era mais apto a infligir feridas do que a tratar delas.

— Como está o joelho? — perguntou Gabriel.

— Ainda dói se eu coloco muito peso em cima.

— Não parece muito bom.

— Você devia ter visto como estava há dois dias.

A perna repousava em cima de dois travesseiros bordados com o brasão do Jägerhof. Gabriel estremeceu um pouco ao inspecionar o inchaço.

— De onde vieram os hematomas?

— Eu tive que bater nele algumas vezes.

— Com o quê? Uma marreta?

— Usei a garrafa de champanhe.

— Como ela estava?

— Para bater no joelho, estava ótima.

Gabriel foi até a janela e olhou para a praça suíça digna de cartão-postal em frente ao prédio. De um dos lados, uma limusine era estacionada com a lentidão de um cruzeiro de luxo na portaria de um dos hotéis mais caros. Do outro, três mulheres de casacos de pele posavam para uma fotografia ao lado de uma carruagem conduzida por cavalos. Depois de um tempo, o veículo partiu, o som

dos cascos abafados sobre a neve, revelando a entrada discreta da Galeria Naxos. Através da grande vitrine, Gabriel pôde ver David Girard falando com uma cliente sobre uma das melhores obras do estabelecimento, uma estátua romana do século I d.C. de um garoto adolescente posando deitado, sem os membros. A conversa em alemão saía dos alto-falantes do computador de Mikhail.

— Onde você escondeu o transmissor?

— Na mesa dele.

— Como você conseguiu fazer isso?

— Na minha primeira e única visita, deixei para trás uma caneta de ouro muito cara. Monsieur Girard fez a gentileza de guardá-la para mim até eu ter uma chance de passar por ali. O único problema é que está bem ao lado do telefone. Toda vez que alguém liga para a galeria, parece que soa um alarme de incêndio.

— E como estão os negócios?

— Devagar. Normalmente, ele vê um ou dois clientes pela manhã e mais alguns no final da tarde, quando o movimento nas ruas diminui. Às cinco da tarde, o lugar fica às moscas.

— Algum funcionário?

— A esposa costuma passar duas horas na galeria depois de deixar Hansel e Gretel na creche. Eles moram a poucos quilômetros de St. Moritz, numa cidade chamada Samedan. E um lugar bacana. Eu tenho a impressão de que Daoud é o único membro do Hezbollah que vive ali.

— O nome dele é David — corrigiu Gabriel. — E, por enquanto, só podemos provar que ele é membro da Associação Suíça de Negociantes de Artes e Antigüidades.

— Até ele ver aquele belo vaso grego.

— É possível que ele não morda a isca.

— Ele vai morder — garantiu Mikhail. — E aí vamos enfiá-lo num espeto e colocar no fogo, do jeito que você planejou no esquema do quadro-negro no King Saul Boulevard.

— Às vezes as operações não seguem conforme o planejado.

— Não mesmo. — Mikhail observou Gabriel por um instante. — Talvez não seja boa idéia você se aproximar de alguém do Hezbollah agora.

— Eu mal me reconheço neste disfarce.

— Seu rosto famoso não é a única razão pela qual você devia pensar duas vezes antes de entrar naquela galeria.

Gabriel se virou e encarou Mikhail.

— Você não acha que sou capaz? É isso que você quer dizer?

— Não faz muito tempo que Nadia al-Bakari morreu nos seus braços na Arábia Saudita. Talvez você devesse deixar outra pessoa entrar lá e jogar a isca.

— Quem?

— Eu.

— Você mal consegue andar.

— Eu tomo um pouco de aspirina.

— O que você sabe sobre vasos áticos de pinturas vermelhas?

— Absolutamente nada.

— Isso pode ser um problema.

Mikhail ficou em silêncio.

— Isso é tudo? — perguntou Gabriel.

— Isso é tudo.

Gabriel abriu a maleta de alumínio que levara para o hotel. Dentro, havia um único fragmento do vaso, embalado com cuidado num tecido grosso, junto com várias fotografias 20 x 25 dos pedaços restantes. Ativando a pequena chave interna, ele ligou o sistema de transmissão audiovisual, fechou a valise e olhou para Mikhail.

— Você está recebendo o sinal?

— Sim.

Gabriel foi até o espelho e inspecionou o rosto pouco familiar ali refletido. Satisfeito com sua aparência, deixou o quarto sem dizer nada e desceu as escadas até o salão sombrio do Jägerhof. Ao sair na rua, ele já não era mais o médico taciturno que fora tratar um russo ferido, e sim Anton Drexler, da Premier Antiquities Services, sediada em Hamburgo, na Alemanha. Dez minutos depois, após verificar com cuidado se estava sendo seguido, ele se postou na entrada da Galeria Naxos. O garoto sem membros permanecia deitado na vitrine, parecendo a vítima de uma bomba. Herr Drexler examinou a estátua por um instante, com o olhar crítico de um profissional. Em seguida, tocou a campainha e anunciou suas intenções, sendo admitido sem demora.

24

St. Moritz, Suíça

A sala de exposição estava fortemente iluminada, os itens dispostos com cuidado para evitar a impressão de desordem — aqui, uma seleção de crateras e ânforas gregas, ali, vários gatos de bronze egípcios, e em outro canto um

amontoado de corpos de mármore amputados e cabeças sem corpo, tudo com preço disponível mediante consulta. No fundo da galeria, havia uma mesa chinesa com acabamento de verniz e, à frente dela, estava sentado David Girard, aguardando para recebê-lo. Ele vestia um blazer escuro, um suéter com zíper e calças feitas sob medida que pareciam ser de veludo E segurava o telefone preto elegante entre o ombro e a orelha, escrevendo algo ilegível num pedaço de papel com a caneta de ouro cara de Mikhail. Gabriel imaginou o estardalhaço no quarto do Jägerhof.

Girard murmurou algumas palavras em francês e, enfim, colocou o fone no gancho. Ele avaliou o visitante em silêncio com seus olhos castanhos suaves e, sem se levantar, pediu para ver um cartão comercial. Gabriel o passou sem dizer nada.

— Seu cartão não tem endereço nem número de telefone — comentou Girard, em alemão.

— Eu sou um tanto minimalista.

— Por que nunca ouvi falar de você?

— Tento não provocar ondas — explicou Gabriel, com um sorriso dócil. — Mares inquietos dificultam meu trabalho.

— E que trabalho seria esse?

— Eu encontro coisas. Cachorros perdidos, moedas largadas atrás de almofadas de sofás, pedras preciosas escondidas em sótãos e porões.

— Você é um negociante?

— Não como você, é claro — respondeu Gabriel, com toda a modéstia que conseguiu.

— Quem o enviou?

— Um amigo de Roma.

— Esse amigo tem um nome?

— Meu amigo é como eu: prefere águas calmas.

— Ele também encontra coisas?

— Por assim dizer.

Girard devolveu o cartão e, com um movimento dos olhos, pediu para ver o conteúdo da maleta de Herr Drexler.

— Você tem um lugar com um pouco mais de privacidade? — perguntou Gabriel, lançando um olhar breve para a grande vitrine da galeria com vista para

a praça cheia de transeuntes.

— Algum problema?

— Nenhum — falou Gabriel, passando segurança. — Mas St. Moritz não é mais a mesma.

Girard examinou Gabriel com atenção antes de se levantar e andar até uma porta protegida com fechadura eletrônica. Do outro lado, havia uma sala de armazenamento com controle de temperatura, onde era guardadas as peças que ainda não tinham sido expostas na seção principal da galeria e provavelmente nunca seriam. Gabriel observou tudo por um instante antes de destravar a maleta. Em seguida, revelou o fragmento do vaso com um floreio e o dispôs com cuidado na mesa para que Girard pudesse ver a imagem com clareza.

— Eu não negocio fragmentos — afirmou ele.

— Nem eu.

Gabriel lhe passou as fotos; a última mostrava o vaso remendado.

— Alguns pequenos fragmentos superficiais estão faltando — informou —, mas nada que um bom restaurador não possa consertar. Eu tenho um conhecido que pode fazer esse trabalho, se você tiver interesse.

— Prefiro usar meu próprio restaurador — retrucou Girard.

— Foi o que imaginei.

Girard calçou luvas de borracha e examinou o fragmento com uma lente de aumento profissional.

— Parece um trabalho de Amykos. Deve ser mais ou menos do ano 420 a.C.

— Eu concordo.

— Onde você encontrou?

— Aqui e ali — falou Gabriel. — A maior parte das peças veio de antigas coleções de família na Alemanha e aqui na Suíça. Levei cinco anos para rastrear todas.

— É mesmo?

Girard devolveu o fragmento e foi até um computador. Depois de digitar algumas teclas, uma folha saiu da impressora colorida. Era um alerta emitido pela Associação Suíça de Negociantes de Artes e Antigüidades. Falava sobre um vaso ático de pinturas vermelhas que fora roubado duas semanas antes, numa casa residencial no sul da França. Girard colocou o papel na mesa ao lado das fotos e olhou para Herr Drexler em busca de explicação.

— Como você sabe — disse Gabriel, recitando palavras que tinham sido escritas para ele por Lavon —, Amykos era um artista muito produtivo. Ele criou

imagens numerosas que aparecem muitas vezes no decorrer de suas obras. Meu vaso é simplesmente uma cópia daquele que foi roubado na França.

— Então é uma coincidência?

— De fato.

Girard deu uma risada seca.

— Receio que seu amigo em Roma o tenha enganado, pois esta galeria não negocia com antigüidades roubadas ou saqueadas. É uma violação do código de ética de nossa associação, para não falar da lei suíça.

— Na verdade, a lei suíça permite que você adquira uma obra que você acredite não ser roubada. E estou dando a minha garantia, Herr Girard, de que este vaso é o resultado de cinco anos de trabalho.

— Perdoe-me por não estar disposto a aceitar a palavra de um homem que não tem endereço nem número de telefone.

Foi uma performance impressionante, porém apresentou um único defeito: os olhos de David Girard estavam fixos no fragmento de cerâmica. Gabriel já passara tempo suficiente em meio a negociantes de arte para saber que seu alvo já calculava uma oferta. Tudo o que ele precisava, pensou, era um incentivo.

— Para ser justo, Herr Girard — falou Gabriel —, devo avisá-lo que outros indivíduos estão interessados em adquirir o vaso. Mas eu vim a St. Moritz porque me foi dito que você é capaz de transportar mercadorias deste tipo com um único telefonema.

— Infelizmente, acho que você está superestimando minhas habilidades.

Gabriel sorriu, mostrando descrença.

— Sua lista de clientes no Oriente Médio é lendária no ramo, Herr Girard. Sem dúvida você tem meios de criar uma proveniência que satisfaça um deles. Por minha estimativa, o vaso restaurado vale 400 mil francos suíços. Eu estaria disposto a aceitar 100 mil pelos fragmentos e você teria um lucro de 300 mil. — Outro sorriso. — Nada mal. Basta ligar para Riad ou Dubai.

O negociante caiu num silêncio contemplativo, não mais fingindo desinteresse.

— Cinqüenta mil — ofereceu. — A serem pagos quando a venda for efetuada.

Gabriel colocou o fragmento de volta no tecido.

— Se você quiser o vaso, Herr Girard, terá que me pagar o dinheiro adiantado. E o preço não é negociável.

— Preciso de tempo.

— Você tem 24 horas.

— Como posso encontrá-lo?

— Não pode. Ligarei amanhã às cinco horas para saber sua resposta. Se for sim, entregarei os fragmentos às seis, em troca do pagamento integral. Se for não, desligarei o telefone e você não voltará a me ver.

A equipe alugou um agradável chalé de madeira na encosta nevada de uma montanha acima do vilarejo para servir de esconderijo, pagando uma pechincha de 5 mil francos suíços por noite. Quando Gabriel chegou, todos o receberam com aplausos. Em seguida, reproduziram a gravação de um telefonema que David Girard tinha acabado de dar para um colega em Hamburgo, buscando informações sobre um homem chamado Anton Drexler.

— Eu posso estar enganado — falou Eli Lavon, sorrindo —, mas parece que entramos no jogo.

Ninguém tinha ouvido falar do homem. Nenhum rumor em Zurique. Nem sequer um sussurro em Genebra. Nada na Basiléia nem em Nova York. O único indício veio de uma história mal contada de alguém — cuja aparência batia com a descrição de Drexler — tentando vender duas estátuas forjadas de deusas gregas para a Sothebys alguns anos antes. "Ou será que o nome era Dresden? Desculpe não poder ajudar mais, David. Vamos almoçar da próxima vez que você estiver na cidade?"

Sem encontrar nada que o desencorajasse de seguir em frente, Girard começou uma nova investigação, dessa vez tentando localizar um possível comprador para a nova aquisição. Como Gabriel havia previsto, bastou uma única ligação para Riad, onde um príncipe de pouca importância ofereceu 300 mil francos suíços. Não satisfeito, Girard entrou em contato com um colecionador em Abu Dabi, que se dispôs a pagar 320. Um telefonema para Moscou lhe gerou um lance de 340 de um negociante russo de petróleo. Foi então que teve início o leilão, terminando poucas horas depois, quando o saudita propôs 425 mil francos suíços, a serem pagos na entrega.

Girard ligou para a filial de St. Moritz do Banco Julius Baer para requisitar 100 mil em dinheiro vivo. Ele coletou o dinheiro às quatro horas, e às 16h15 já estava de volta à galeria, batendo ansiosamente a caneta de Mikhail na mesa. No quarto do Jägerhof, o barulho parecia vir de uma britadeira.

— Quanto tempo você acha que ele vai ficar fazendo isso? — gemeu Mikhail.

— Suponho que até eu ligar de volta, às cinco — respondeu Gabriel.

— Por que você não liga logo?

— Porque Herr Drexler é um homem de palavra. E disse que ligaria às cinco.

E assim eles esperaram juntos, Mikhail recostado na cama, Gabriel empoleirado na janela e Girard batendo a caneta na mesa, aguardando o telefonema de Herr Drexler. Às cinco em ponto, Gabriel ligou para a galeria usando um celular descartável e fez uma única pergunta, falando num alemão conciso:

— Sim ou não? — Após ouvir a resposta de Girard, ele disse: — Estarei aí em uma hora. Certifique-se de que o lugar esteja vazio quando eu chegar.

Gabriel desligou e tirou o cartão SIM do telefone. Por um instante, o quarto ficou em silêncio. Então, as batidas da caneta voltaram, ainda mais altas que antes.

— Se ele não parar — avisou Mikhail —, vou andar até lá e atirar nele.

— Nós precisamos dele para penetrar na rede de financiamento do Hezbollah — lembrou Gabriel. — Depois você pode atirar nele.

No decorrer dos sessenta minutos seguintes, Gabriel e Mikhail tiveram dois períodos de silêncio. O primeiro se deu às 17h10, quando a esposa suíça de Girard apareceu sem aviso para tomar uma taça de champanhe e celebrar a venda do vaso. O segundo ocorreu às 17h40, quando um visitante do hotel adjacente, que pelo visto não tinha nada melhor para fazer, perguntou se podia dar uma olhada nas obras. Ele era alto, muito bronzeado e falava francês. Pendurada em seu braço como uma jóia, estava uma linda jovem com cabelos escuros curtos e um rosto que parecia ter sido pintado por El Greco. Eles ficaram na loja por quinze minutos, embora a garota tenha passado metade do tempo avaliando seu reflexo nas vitrines de Girard. Ao deixar a galeria, eles tiveram uma discussão breve, mas, após o homem sussurrar no ouvido da mulher, surgiu um sorriso em seu rosto infantil. Os dois atravessaram a praça de braços dados, passando ao lado de Herr Anton Drexler sem lhe dar atenção.

Gabriel consultou mais uma vez o relógio e, precisamente às seis horas, tocou a campainha da galeria. Ele esperava escutar um som suave, mas o que ouviu foi uma explosão. Viu um clarão ofuscante de luz branca e o adolescente romano sem membros voando em sua direção através de uma parede de fogo, e juntos eles caíram na escuridão.

25

St. Moritz, Suíça

A bomba fora feita por um perito e plantada com habilidade. Inicialmente, a polícia federal suíça concluiu que tinha sido detonada por um cronômetro, mas depois descobriram que um celular a acionara. A explosão estilhaçou centenas de vidraças no centro do vilarejo, provocou uma série de avalanches nas pistas de esqui mais altas e derrubou prateleiras com garrafas

Dom Pérignon expostas no saguão ornamentado do Badrutts Palace Hotel. O vidro quebrado foi removido com a típica eficiência suíça e a ordem, logo restaurada. Mesmo assim, todos concordaram que St. Moritz nunca mais seria a mesma.

Apesar da força da detonação, apenas três pessoas foram mortas, incluindo o dono da galeria de antigüidades. Outras 54 ficaram feridas, como o presidente de um grande banco suíço, um famoso jogador inglês de futebol americano e uma modelo tcheca que fora a St. Moritz para se consolar após o término de seu terceiro casamento. A maioria sofrerá apenas pequenos cortes e hematomas, mas houve também alguns ossos quebrados.

Uma das vítimas mais gravemente feridas não pôde ser identificada. O homem não portava passaporte nem cartões de crédito no momento da explosão e, depois, não foi capaz de lembrar seu nome nem a razão pela qual tinha ido a St. Moritz. Com inúmeras lacerações e uma concussão grave, permaneceu hospitalizado por vários dias sem saber — ou ao menos parecia não saber — que era objeto de grande interesse por parte da polícia suíça.

Para começo de conversa, havia uma gravação dele parado na entrada da galeria na hora em que a bomba fora detonada, usando uma peruca e óculos de grau falsos e segurando uma maleta de alumínio — todos os itens foram recolhidos pelos peritos. E também havia o homem alto de olhos cinzentos com sotaque russo que tentou carregá-lo para longe da praça até ser parado pela polícia. E o grupo grande e multilíngue de turistas que fugiram de um château numa colina depois de apenas três dias, sendo que tinham feito reservas para uma semana. Uma busca minuciosa da casa e do quarto do hotel do russo não revelou nenhuma pista dos nomes e das identidades das pessoas.

O aspecto mais intrigante do caso foi o rosto distinto do homem ferido, que se revelou aos poucos conforme o inchaço diminuía e os hematomas

desapareciam. Era um rosto bem conhecido do DAP, o serviço secreto suíço. Inclusive, havia uma prateleira inteira na sala de arquivos deles dedicada unicamente às façanhas desse homem no solo de sua amada terra. E agora, enfim, ele fora entregue indefeso às mãos do governo. Algumas pessoas queriam prendê-lo numa rede para evitar uma fuga, porém os mais sensatos prevaleceram. Eles o ficaram vigiando, esperando que suas feridas curassem. E, quando ele se recuperou o suficiente para deixar o hospital, o algemaram e o levaram embora.

Sem se dar o trabalho de avisar à kantonspolizei, eles o meteram num helicóptero, que os carregou pelos ares a alta velocidade até a sede da polícia federal suíça, na Nussbaumstrasse, em Berna. Depois de registrarem as digitais e fotografarem seu rosto de todos os ângulos imagináveis, o trancaram numa cela com uma pequena televisão de tela plana, uma escrivaninha com canetas e papéis e uma cama confortável com lençóis engomados. Até a polícia suíça fornecia excelentes hospedagens, pensou Gabriel.

Deixaram-no sozinho por horas enquanto refletiam sobre o que fazer com ele, até que o levaram algemado, sem aviso prévio nem representante legal, para a sala de interrogatório. Esperando por Gabriel, estava o oficial encarregado do caso. Ele se apresentou como Ziegler. Sem nome, sem patente ou conversa fiada — apenas Ziegler. Ele era alto e alpino, com a pele avermelhada e os ombros largos de um esquiador. Na mesa à sua frente, havia diversas fotos de Gabriel em estágios diferentes de sua carreira, usando disfarces distintos. Ele aparecia entrando e saindo de bancos, atravessando saguões de hotéis e fronteiras e andando à beira de um canal em Zurique acompanhado pela famosa violonista suíça Anna Rolfe. Ziegler parecia bastante orgulhoso com a demonstração. Era óbvio que ele tinha pensado muito no arranjo.

— Nós temos uma teoria — disse ele, quando Gabriel sentou.

— Mal posso esperar para ouvi-la.

O rosto de Ziegler permaneceu calmo como um lago suíço.

— Parece que, antes de vir para St. Moritz, você fez uma parada breve na França, onde roubou uma pintura de Cézanne e um vaso grego de dois mil anos. Em seguida, você transportou o vaso em pedaços através da fronteira e tentou vendê-lo para David Girard, na Galeria Naxos. Mas o que Girard não sabia era que você não tinha nenhuma intenção de entregá-lo, pois o verdadeiro propósito de seu pequeno artifício era matá-lo.

— Por que eu iria querer matar um negociante suíço de antigüidades?

— Porque, como você já sabe, aquele negociante não era suíço. Bem — acrescentou Ziegler, franzindo a testa —, não era um suíço genuíno. Ele nasceu no sul do Líbano. E, pelo que ficamos sabendo, parece que ainda fazia muitos negócios por ali. E essa é a razão pela qual a inteligência israelense queria vê-lo morto.

— Se nós quiséssemos vê-lo morto, teríamos feito isso sem tirar duas vidas inocentes.

— Que nobre de sua parte, Herr Allon.

— Parece que você está esquecendo outro pequeno detalhe — falou Gabriel, cansado.

— E qual seria?

— Aquela bomba quase me matou.

— Sim — respondeu Ziegler, em tom monótono. — Talvez o lendário Gabriel Allon esteja fora de forma.

Gabriel foi posto de novo na cela e recebeu uma refeição tipicamente suíça de batata com raclete e vitela à milanesa. Depois de comer, ele assistiu ao noticiário da noite em alemão, no canal SF 1. Quinze minutos se passaram antes de o bombardeio em St. Moritz ser mencionado. Foi uma matéria focada em como o evento tinha afetado negativamente as reservas para o feriado seguinte. Não mencionou a ligação de David Girard com o Hezbollah nem fez qualquer referência a prisões efetuadas na investigação do caso, o que Gabriel considerou um bom sinal.

Após o jantar, um médico avaliou seus cortes em silêncio e trocou algumas das ataduras. Ele foi levado de novo à sala de interrogatório para uma sessão noturna. Dessa vez, Ziegler não estava presente. Em seu lugar havia um oficial magro com a palidez de um homem que não tem tempo para atividades ao ar livre. Ele se apresentou como Christoph Bittel, da divisão antiterrorismo do DAP. Isso significava que era mais espião do que policial. Outro sinal encorajador. Policiais prendem. Espiões fazem acordos.

— Antes de mais nada — começou ele —, você precisa saber que Ziegler e o Departamento Federal de Justiça, assim como a polícia, pretendem registrar acusações formais contra você amanhã cedo. Eles têm provas mais do que suficientes para garantir que você passe o resto da vida numa prisão suíça. Você também deveria saber que há um bom número de pessoas aqui em Berna que adorariam ter a honra de escoltá-lo até uma cela.

— Eu não tive nada a ver com aquela bomba.

— Eu sei.

Bittel pegou um controle remoto e apontou para um monitor no canto da sala. Poucos segundos depois, duas figuras apareceram: o homem alto que falava francês e a garota cujo rosto lembrava uma pintura de El Greco. Gabriel o observou mais uma vez sussurrando no ouvido dela.

— Esses são os responsáveis — falou Bittel, pausando o vídeo. — A garota escondeu a bomba no lavabo da galeria enquanto seu colega manteve Girard ocupado.

— Quem são eles?

— Nós esperávamos que você soubesse.

— Nunca os vi antes.

Bittel avaliou Gabriel com um ar de dúvida por um momento antes de desligar o monitor.

— Você é um homem de muita sorte, Sr. Allon. Parece que tem muitos amigos em altos escalões. Um deles intercedeu por você.

— Então é isso? Estou livre para partir?

— Não exatamente. Você violou várias leis que proíbem atividades de espionagem por parte de estrangeiros. Leis que nós levamos muito a sério. Somos um país acolhedor — acrescentou ele, como se estivesse compartilhando uma informação bastante confidencial. — Mas insistimos que nossos visitantes façam a cortesia de assinar o livro de visitas na entrada, de preferência usando os nomes verdadeiros.

— E o que vocês teriam feito se eu tivesse pedido ajuda?

— Teríamos mandado você embora e lidado com isso nós mesmos. Somos suíços. Não gostamos de estrangeiros se intrometendo em nossos assuntos.

— Nós também não. Mas, infelizmente, temos que lidar com isso todo dia.

— Acredito que isso se deva ao fato de você ser israelense — afirmou Bittel, com uma entonação filosófica. — A história sacaneou vocês, mas isso não lhes dá o direito de tratar nosso país como um resort para coleta de informações.

— Minhas visitas ao seu país nunca foram muito agradáveis.

— Mas sempre foram produtivas. E é isso que conta. Você é diligente, Allon. Nós admiramos esse aspecto.

— Então o que você quer de mim?

— Gostaríamos que você fechasse suas contas na Suíça.

— Como assim?

— Eu pergunto sobre suas operações no passado e você me responde. Com a verdade, para variar — falou ele, incisivo.

— Isso pode levar um tempo.

— Não tenho nenhum compromisso. Nem você, Allon.

— E se eu recusar?

— Será acusado formalmente de espionagem, terrorismo e assassinato. E passará o resto de sua merecida aposentadoria aqui na Suíça.

Gabriel fez uma expressão pensativa.

— Temo que isso não seja bom o suficiente.

— O que não é bom o suficiente?

— O acordo. Quero um acordo melhor.

— Você não está em posição de fazer exigências, Allon.

— Você nunca vai me levar a julgamento, Bittel. Eu sei muitas coisas sobre os pecados de seus banqueiros e empresários. Seria um desastre de relações públicas para a Suíça, que nem o escândalo das contas do Holocausto. — Gabriel fez uma pausa. — Você se lembra daquilo, certo? Saiu em todos os jornais.

Dessa vez foi Bittel que se mostrou pensativo.

— Tudo bem, Allon. O que você quer?

— Acho que está na hora de iniciar um novo capítulo no relacionamento entre nossos países.

— E como faríamos isso?

— É óbvio que vocês vêm monitorando David Girard por algum tempo — respondeu Gabriel. — Eu quero cópias de seus arquivos, incluindo todos os registros de ligações telefônicas e de e-mail.

— Isso está fora de cogitação.

— É um admirável mundo novo, Bittel.

— Vou precisar da aprovação dos meus superiores.

— Eu posso esperar. Como você mesmo disse, não tenho outros compromissos.

Bittel se levantou e saiu da sala. Dois minutos depois, estava de volta. A boa e velha eficiência suíça.

— Acho que será mais fácil se fizermos isso na ordem cronológica inversa — disse Bittel, abrindo seu bloco de anotações. — Alguns meses atrás, um residente de Zurique foi decapitado num quarto de hotel em Dubai. Estávamos nos perguntando se você saberia explicar por quê.

Muitos anos atrás, um dissidente suíço, professor Emil Jacobi, dera um excelente conselho a Gabriel: "Ao lidar com a Suíça, é melhor manter algo em mente. A Suíça não é um país. É uma empresa. E é administrada como uma empresa."

Portanto, Gabriel não ficou nem um pouco surpreso quando Bittel conduziu a entrevista com a formalidade de uma transação de negócios. Ele tinha os modos de um banqueiro particular: educado, mas distante; minucioso, mas discreto. Fez seu trabalho com diligência, mas sem malícia alguma. Gabriel ficou com a distinta impressão de que o agente não desejava qualquer registro que pudesse lhe trazer problemas no futuro, que ele estava apenas fazendo marcações pontuais. Mas era o que se poderia esperar de qualquer banqueiro suíço: quer o dinheiro do cliente e não se importa muito com a procedência.

Os dois continuaram trabalhando até chegarem ao caso Augustos Rolfe, a primeira incursão de Gabriel na conduta deplorável dos bancos suíços durante a Segunda Guerra Mundial. Ele tomou cuidado para não dizer nada incrimina— tório e não revelar fontes ou procedimentos operacionais do Escritório. Quando Bittel pedia informações mais aprofundadas, ele se esquivava. Se era ameaçado, fazia suas próprias ameaças. Não se desculpou por suas ações, nem pediu para ser absolvido. Era uma confissão sem culpa nem expiação. Uma transação de negócios; nada mais.

— Eu deixei algo de lado? — perguntou Bittel.

— Você não espera mesmo que eu responda, certo?

Bittel fechou o bloco e chamou um guarda para levar Gabriel de volta à sua cela. Um café da manhã tipicamente suíço o aguardava, junto com um kit de higiene pessoal e uma muda nova de roupas. Ele comeu assistindo ao noticiário matutino. Mais uma vez, sua prisão não foi mencionada. A única matéria relacionada a St. Moritz estava ligada a uma importante competição de esqui do Campeonato Mundial.

Depois de comer, Gabriel foi conduzido aos chuveiros e lhe disseram que tinha uma hora para tomar banho e se vestir. Bittel o aguardava na cela com duas maletas de alumínio fabricadas na Suíça. Dentro de uma, estava o material que Gabriel requisitara; na outra, os fragmentos do vaso quebrado.

— Se você preferir — ofereceu Bittel podemos dizer à polícia francesa que encontramos isso num guarda-volumes do aeroporto.

— Obrigado — agradeceu Gabriel —, mas eu cuido disso.

— O mais rápido possível — advertiu Bittel. — Vamos, sua carona chegou.

Eles subiram até o saguão principal do prédio. Um Mercedes sedã aguardava em frente à entrada com o motor ligado. Bittel se despediu de Gabriel com um aperto caloroso de mãos, como se eles tivessem passado a noite juntos vendo filmes antigos. Em seguida, Gabriel se acomodou no banco de trás do carro. Sentado ao lado, falando ao celular, estava Uzi Navot. Ele olhou para os curativos no rosto de Gabriel e franziu a testa.

— Parece que eles fizeram um bom interrogatório.

— Valeu a pena.

— O que você conseguiu?

— Uma maleta cheia de material dos meus novos melhores amigos no DAP.

— Ótimo — respondeu Navot. — Porque vamos precisar de toda a ajuda possível.

26

Berna, Suíça

Gabriel e Navot partiram do princípio de que os suíços tinham plantado transmissores em ambas as maletas, logo não disseram mais nada até chegarem à segurança da embaixada israelense. Ela ficava numa casa antiga no bairro diplomático, numa rua estreita fechada para o trânsito de civis. Antecipando a chegada deles, a equipe enchera a sala de comunicações seguras com pequenos sanduíches e chocolates suíços. Navot praguejou em voz baixa enquanto acomodava seu corpo volumoso numa cadeira.

— Quando Shamron era chefe do Escritório, os encarregados locais sempre garantiam que houvesse cigarros turcos à mão. Mas sempre que eu chego eles colocam uma bandeja de comida. Às vezes eu tenho a impressão de que estou sendo engordado para o abate.

— Você é o chefe mais popular desde Shamron, Uzi. As tropas o adoram. E, o que é mais importante, eles o respeitam. O primeiro-ministro também.

— Mas tudo isso pode mudar num piscar de olhos se eu não lidar direito com o Irã — afirmou Navot. — Graças a você, nós conseguimos retardá-los por um tempo, mas sabotagem e assassinatos não vão funcionar para sempre. No futuro próximo, será impossível impedir que eles se tornem uma potência nuclear. Espera-se que eu diga ao primeiro-ministro quando isso vai acontecer. E se eu errar por alguns dias, não vamos ter escolha além de viver sob a ameaça de

uma bomba iraniana. — Navot encarou Gabriel com seriedade. — O que você acha de carregar essa responsabilidade nos ombros?

— Péssima idéia. Por isso eu pedi a Shamron que nomeasse você chefe em vez de mim.

— Alguma chance de você reconsiderar?

— Receio que, diante da sua atuação, eu seria uma decepção, Uzi.

— Aprecio o voto de confiança. — Navot empurrou a bandeja na direção de Gabriel. — Coma alguma coisa. Você deve estar faminto depois de tudo o que passou.

— Na verdade, eles me trataram bem.

— O que eles lhe deram para comer?

Gabriel respondeu.

— Estava bom?

— A raclete estava deliciosa.

— Eu sempre adorei raclete.

— É batata com queijo. Como alguém não adoraria?

Navot pegou um sanduíche de ovo e agrião da bandeja e o enfiou inteiro na boca.

— Sinto muito por deixá-lo para trás em St. Moritz, mas eu calculei que seria mais fácil tirar um agente da custódia suíça do que nove. Felizmente, nós tivemos ajuda.

— De quem?

— Dos seus amigos no Vaticano.

— Donati?

— Mais alto.

— Por favor, não me diga que você envolveu Sua Santidade nisto.

— Temo que ele mesmo tenha se envolvido.

— Como?

— Ele pediu que Alois Metzler, da Guarda Suíça, fizesse algumas ligações discretas para Berna. Foi só uma questão de tempo até deixarem você sair. O Escritório conseguiu se manter fora do processo.

— Eu tive que pagar uma taxa para sair.

— Muito alta?

Gabriel contou sobre os relatos.

— Algo do que você disse era verdade?

— Um pouco.

— Bom garoto. — Outro sanduíche desapareceu na boca de Navot.

— Suponho que vocês não tenham conseguido identificar as duas pessoas que entraram na galeria antes de mim.

— Claro que conseguimos — falou Navot, limpando as migalhas dos dedos. — A garota é uma novata, mas nós conhecemos bem seu namorado. Chama-se Ali Montazeri.

— Iraniano?

Navot assentiu.

— Ali é um orgulhoso aluno da Força Qods. Atualmente, trabalha para o VEVAK matando pessoas. Ele é responsável pela morte de dezenas de dissidentes iranianos na Europa e no Oriente Médio. Ele até tentou me matar uma vez, quando eu estava trabalhando perto de Paris.

— Por que os iranianos enviariam um de seus melhores assassinos até a Suíça para matar um agente do Hezbollah?

— Boa pergunta. — Navot ficou em silêncio por um instante. — Enquanto você comia vitela e raclete na sua cela suíça, o Escritório ficou sobrecarregado por um volume enorme de informações sugerindo que o Hezbollah está prestes a nos atingir. Estamos falando de algo grande, Gabriel.

— Em que sentido?

— Uma espécie de 11 de Setembro — respondeu Navot. — Grande o suficiente para começar uma guerra. E, com base no que estamos vendo no sul do Líbano, parece que o Hezbollah está preparado. Eles estão colocando guerreiros experientes perto de nossa fronteira. Seus mísseis também estão em movimento.

— Nós sabemos algo sobre possíveis alvos?

— Tudo indica a Europa, por isso a morte de Girard neste momento chama tanto a atenção. Dina está com um pressentimento de que há uma ligação.

— Os pressentimentos de Dina me deixam nervoso.

— Me deixam também.

— Você tem certeza de que o homem que plantou a bomba era Ali Montazeri?

— Certeza absoluta.

— Suponho que devemos contar isso aos nossos novos amigos suíços.

— Seria o mais digno — concordou Navot. — Mas, por enquanto, prefiro seguir uma tática própria dos iranianos.

— Qual?

— Khodeh.

— Levar os inimigos a calcularem erroneamente sua verdadeira posição?

— Correto.

— O que você tem em mente?

— Primeiro fazemos os iranianos pensarem que saíram impunes no caso de St. Moritz. Depois levamos esse material que os suíços nos deram de volta para o King Saul Boulevard e o colocamos nas mãos de Dina.

— Tem mais uma coisa que precisamos fazer — destacou Gabriel.

— O quê?

— Encontrar alguém para consertar o vaso grego.

— Você não consegue?

— Um vaso é muito diferente de uma pintura.

Navot baixou os olhos para os sanduíches.

— Tem certeza de que não está com fome? Os sanduíches estão muito bons.

— Fique à vontade, Uzi.

— Talvez devêssemos embrulhar para a viagem. A comida na El Al não é mais a mesma.

Eles pegaram o voo das 12h45 no Aeroporto de Kloten, em Zurique, e às 17h30 aterrissaram no Ben Gurion. A limusine Peugeot blindada de Navot aguardava na pista, cercada pelo dobro do número habitual de guarda-costas. Recostada no capô, com um jeans azul e os braços cruzados abaixo do peito, estava Chiara. Em silêncio, ela deu um abraço demorado em Gabriel, o rosto cheio de lágrimas afundado em seu pescoço. Em seguida, o beijou nos lábios e tocou com delicadeza as ataduras em sua bochecha.

— Você está horrível.

— Eu me sinto bem pior.

— Eu lhe diria para ir para casa e dormir um pouco, mas receio que não haja tempo para isso.

— O que aconteceu?

Ela passou um papel a Navot. Ele acendeu a luz do teto da limusine e o leu.

— O comandante militar do Hezbollah está mandando suas forças se prepararem para uma retaliação massiva contra Israel nas próximas duas semanas. — Navot fez uma bolinha com o papel. — Ou seja, é como pensávamos. Eles vão nos atingir, Gabriel. Com violência. E em breve.

O interrogador de Gabriel foi fiel à sua palavra e o material entregue se mostrou até mais abrangente do que o esperado. Lavon comparou as informações recebidas com a descoberta de uma cidade pertencente a uma

civilização até então desconhecida. O que tornou tudo ainda mais notável, salientou ele, foi o fato de elas terem sido fornecidas por um serviço secreto que sempre tinha sido profundamente hostil aos interesses de Israel, até mesmo à própria existência do Estado.

— Talvez a gente não esteja tão sozinho, afinal — comentou ele com a equipe naquela noite. — Se os suíços podem abrir suas portas para nós quando precisamos, qualquer coisa é possível.

O material revelou que David Girard, também conhecido como Daoud Ghandour, apareceu nos radares internos do DAP pouco depois de receber o passaporte suíço vermelho que lhe concedia permissão para entrar e sair à vontade dos territórios do Oriente Médio. Havia o memorando original do chefe da Onyx, o sofisticado sistema de vigilância suíço, manifestando preocupação acerca do fluxo de telefonemas, e-mails e transações financeiras da Galeria Naxos. O DAP foi gentil e incluiu o relatório anexo, junto com todas as atualizações subsequentes da Onyx. Quando esses documentos foram combinados com as informações que a equipe já possuía, vieram à tona provas irrefutáveis de que a Galeria Naxos não passava de uma fachada para arrecadar fundos para o Hezbollah. A ligação entre ela e Cario Marchese também ficou clara, por meio de mais de cinqüenta transferências bancárias que partiram de David Girard, passaram pelo Banco Bizantino do Líbano e chegaram a contas controladas por Cario no Banco do Vaticano. Essa era a cordata que Gabriel buscava — a corda ligando Cario aos terroristas do Hezbollah. Os suíços tinham essa evidência desde o começo. Eles só não tinham a chave para decifrar o código.

Contudo, por enquanto, Cario era uma preocupação secundária, pois a cada dia que passava ficava mais claro que David Girard se envolvera em mais do que uma mera arrecadação de fundos. Havia a ligação que ele fizera seis meses antes para um número no vale do Bekaa, no Líbano, que o Escritório vinculara a um chefe local do Hezbollah. E o outro telefonema, feito duas semanas depois, para alguém no Cairo ligado a uma das diversas células do Hezbollah que tinham se firmado no caótico Egito pós-revolução. E os 200 mil dólares que ele pagara a um comerciante de antigüidades tailandesas em Bangcoc, uma fonte de atividades do Hezbollah no sudeste da Ásia.

— Para mim, David Girard era um mensageiro. Ele usava seu emprego no negócio de antigüidades como disfarce para entregar correspondências secretas a células do Hezbollah espalhadas pelo mundo.

— Mas por que os iranianos iriam querer vê-lo morto?

— Talvez a correspondência que ele estava enviando tivesse algo a ver com o ataque por vir. Ou talvez...

— O quê, Dina?

— Talvez tivesse um carimbo de Teerã.

No fim das contas, não foi a alta tecnologia suíça que forneceu a resposta, e sim uma boa e velha fotografia de vigilância. Tirada com uma câmera oculta, mostrava David Girard num bonde em Zurique. Por três dias, a imagem ficou pendurada na parede da abarrotada sala 456C, sem utilidade, até que, no caminho para o arquivo, Dina estacou subitamente. Arrancando o retrato da parede, ela encarou a figura de barba curta sentada ao lado de Girard. A cabeça do homem estava virada para o lado oposto ao negociante, assim como seus ombros musculosos, e o sol entrando pela janela do bonde fazia com que o cristal de seu pesado relógio de mergulho parecesse estar em chamas. O efeito chamou a atenção de Dina para o dorso da mão, onde ela notou a bandagem.

— É ele — sussurrou Dina. — É o próprio diabo.

A foto do homem foi comparada com todas as imagens que tinham dele no banco de dados, mas os computadores relataram que não havia dados suficientes para fazer uma identificação positiva. Resoluta, Dina ergueu o queixo delicado e declarou que eles estavam enganados. Era o mesmo homem, ela tinha certeza. Apostaria sua carreira nisso.

— Além do mais — acrescentou ela —, não se trata de olhar para o rosto. Olhe para a mão.

A mão fora perfurada por uma bala israelense no Líbano, onde o homem ajudara a transformar um bando de xiitas desorganizados na força terrorista mais

formidável do mundo. Suas mãos estavam sujas do sangue de outras pessoas. Era Massoud, afirmou ela. Massoud, o sortudo.

Gabriel a levou escada acima e deixou que Dina relatasse sua opinião a Uzi Navot. Ele empalideceu e, involuntariamente, olhou para a pilha de informações mais recentes que indicavam um ataque iminente. Navot pediu recomendações e Gabriel lhe fez apenas uma. Havia riscos óbvios, disse, mas eram muito menores que os riscos de não fazer nada.

Navot subiu com pressa a colina até Jerusalém para pedir a aprovação do primeiro-ministro, o que obteve em uma hora. Agora restava apenas a ligação de cortesia obrigatória aos americanos, um serviço que ele delegou alegremente a Gabriel.

— O que quer que você faça — recomendou, no caminho para Ben Gurion —, não peça a permissão deles. Apenas descubra se há alguma mina que

possa explodir na nossa cara. Não estamos lidando com uma facção da OLP. É a porra do império persa.

27

Herndon, Virgínia

Antigamente era uma fazenda, mas fazia muito tempo a terra fora engolida pela interminável expansão da cidade de Washington. Agora, só havia blocos residenciais com grandes casas de valor cada vez menor e crianças de aparência sadia que passavam tempo demais navegando pelos cantos obscuros da internet. A aparente harmonia não escondia o fato de que os Estados Unidos, o último aliado de Israel no mundo, estava em declínio.

A construção de tijolos com dois andares no final de Stillwater Court diferia das demais apenas pelas janelas à prova de balas. Por muitos anos, os vizinhos acreditaram que o proprietário daquela casa trabalhava numa das empresas de alta tecnologia que se enfileiravam no Dulles Corridor. Então, veio a promoção que o forçou a andar num Escalade blindado e, em pouco tempo, os outros moradores se deram conta de que havia ali um espião. Mas não um espião qualquer. Adrian Carter era o chefe do Serviço Clandestino Nacional, uma divisão operacional da CIA, e estava no posto havia mais tempo que qualquer um de seus antecessores, um feito que ele atribuía mais à teimosia que ao talento. Mas isso era típico de Carter. Um dos últimos executivos da Agência recrutados entre os protestantes da Nova Inglaterra, ele acreditava que a vaidade só não era um pecado maior do que as trapaças no golfe.

Apesar de ainda ser março, um sol forte queimava a nuca de Gabriel enquanto ele atravessava o amplo quintal de Carter com um agente da CIA ao lado. Carter o aguardava em frente à porta aberta. Ele tinha os cabelos ralos e despenteados de um professor universitário e um bigode que saíra de moda na época do auge da discoteca e da Guerra Fria. Sua calça cáqui de algodão precisava ser passada; o suéter de gola olímpica começava a desbotar nos cotovelos.

— Desculpe por arrastar você até aqui — disse ele, apertando a mão de Gabriel. — Mas é o meu primeiro dia de folga em um mês e eu não suportaria uma viagem até Langley ou um de nossos esconderijos.

— Eu ficaria feliz se nunca mais visse o interior de um esconderijo.

— Então por que você voltou? — perguntou Carter, em tom sério. — E que merda é essa que aconteceu com seu rosto?

— Eu estava muito perto de uma galeria suíça de antigüidades quando uma bomba explodiu.

— St. Moritz?

Gabriel assentiu.

— Eu sabia que nossa conversa seria interessante.

— Você ainda não ouviu a melhor parte.

Carter sorriu.

— Entre — convidou, fechando depois a porta. — Pedi a minha esposa para sair e fazer uma longa caminhada. E não se preocupe: ela levou Molly.

— Quem é Molly?

— Au, au.

Um lanche estava servido na varanda envidraçada com vista para o pedaço verde do sonho norte-americano que era o terreno de Carter. Gabriel respeitosamente encheu o prato com frios e salada de macarrão, mas não tocou na comida enquanto relatava a estranha jornada que o levara da Basílica de São Pedro até ali. Ao terminar o relato, ele mostrou duas fotografias para Carter, uma de Ali Montazeri e a garota saindo da Galeria Naxos em St. Moritz, a outra de David Girard sentado num bonde em Zurique.

— Observe com atenção o homem à esquerda dele — disse Gabriel. — Você o reconhece?

— Não tenho certeza.

— E agora?

Gabriel passou outra imagem do homem para Carter. Dessa vez, ele aparecia entrando na embaixada iraniana em Berlim.

Carter ergueu os olhos bruscamente.

— Massoud?

— Em carne e osso.

Filho de um pastor episcopal, Carter praguejou baixinho.

— Nós tivemos a mesma reação.

Carter colocou a foto na mesa ao lado das outras e a encarou em silêncio. Massoud Rahimi era um dos raros habitantes do mundo secreto que não exigiam apresentação. Na verdade, ninguém nunca se dava o trabalho de dizer seu sobrenome. Chamavam-no apenas de Massoud, um homem que tinha um dedo em todos os grandes atos terroristas vinculados ao Irã desde o bombardeio aos quartéis dos fuzileiros navais em Beirute, em 1983. Atualmente, trabalhava para

a embaixada do Irã em Berlim, que também servia como a principal base de operações do VEVAK no Ocidente. Ele portava um passaporte diplomático com outro nome e alegava ser um funcionário de baixo escalão no departamento consular. Nem mesmo os alemães, que mantinham relações comerciais próximas com o Irã, acreditavam nisso.

— Qual é a sua teoria? — perguntou Carter.

— Não acreditamos que foi mera coincidência Massoud e David Girard pegarem o mesmo bonde em Zurique.

— Você acha que Massoud ordenou o bombardeio em St. Moritz?

— Esse é seu estilo. Ele nunca hesitou em matar aliados quando precisava manter um segredo importante.

— E agora você quer descobrir qual é o segredo.

— Exatamente.

— Como?

— Esperamos que o próprio Massoud nos diga.

— Você está pensando em suborná-lo?

— Massoud preferiria cortar os próprios pulsos a aceitar dinheiro de judeus.

— Uma deserção coagida?

— Não há tempo.

Carter ficou em silêncio.

— Acredito que não precise lembrar a você que Massoud tem um passaporte diplomático — falou. — E isso o torna intocável.

— Ninguém é intocável. Não quando vidas estão em risco.

— Massoud é — retrucou Carter. — Se você tocar num fio de cabelo dele, vai iniciar uma temporada de caça contra todos os diplomatas israelenses no mundo.

— Caso você não tenha notado, Adrian, ela já começou. Além do mais, eu não vim aqui atrás de conselhos.

— Então por que você está aqui?

— Quero saber se o campo está limpo.

— Eu posso afirmar categoricamente que a Agência não está nem perto do campo — respondeu Carter. — Mas você deveria saber que os alemães pensaram em ir atrás dele uns dois anos atrás.

— Ir atrás como?

— Parece que Massoud aprecia os prazeres mundanos. Ele costuma tirar um pouco do próprio orçamento operacional para guardar em vários bancos

espalhados pela Europa. O serviço secreto alemão pretendia chamar Massoud para uma conversa, que terminaria com uma escolha simples: ou ele trabalhava para os alemães ou eles contavam para seus chefes em Teerã sobre o desfalque.

— Como você sabe disso?

— Os alemães me procuraram para perguntar se a Agência queria tomar parte. Eles até me deram uma cópia das evidências que tinham contra ele.

— E o que aconteceu?

— Nada. Isso foi no mesmo período em que a Casa Branca achou que conseguiria convencer os iranianos a desistirem de seu programa nuclear apenas conversando. O presidente e sua equipe não queriam fazer nada que pudesse irritá-los. E, aparentemente, a chanceler alemã tinha preocupações similares. Ela temia que isso pudesse interferir em todos os negócios que as empresas da Alemanha estavam fazendo com o Irã.

— Então a coisa morreu — completou Gabriel. — E um assassino está sentado em Berlim planejando um ataque contra meu país.

— Parece que sim.

— Onde está o material do serviço secreto alemão?

— Trancado no arquivo de Langley.

— Eu quero esse material.

— Posso dá-lo, mas isso tem um custo.

— Quanto?

— Eu tenho uma longa lista de perguntas.

— Por que você não se junta a nós na operação?

— Porque eu quero ficar bem longe dela. — Carter encarou Gabriel, sério. — Posso lhe dar um conselho?

— Se você acha que é necessário...

— Invente uma história sólida. E, independentemente do que você for fazer, tente não estragar tudo. Caso contrário, é bem possível que seja detonada a Terceira Guerra Mundial.

Com bastante discrição, Carter requereu a Langley os documentos alemães e, em menos de uma hora, eles foram entregues na porta de sua casa por um mensageiro da Agência. Como o diretor não poderia entregar os documentos sem se comprometer, Gabriel passou o restante daquela tarde agradável na varanda da casa memorizando cada detalhe dos delitos financeiros de Massoud. Carter o ajudou em alguns pontos, mas devotou a maior parte de seu tempo à lista de perguntas que queria fazer a Massoud. Ele as escreveu à mão e, em seguida, queimou as demais páginas do bloco de notas. Carter era um magnífico

espião e sua devoção ao trabalho era impressionante. De acordo com os piadistas de Langley, ele mandava mensagens cifradas para a esposa quando queria fazer amor.

Perto das quatro horas, Gabriel terminou de analisar todos os documentos, ficando com pouco tempo para pegar o voo noturno da Lufthansa rumo a Berlim. No caminho até o Escalade, Carter parecia desapontado por Gabriel ter que partir. Ele estava sendo tão atencioso que Gabriel ficou surpreso por ele não o lembrar de colocar o cinto de segurança.

— Tem algo incomodando você, Adrian?

— Eu estou me perguntando se você está à altura disso tudo.

— A próxima pessoa que me perguntar isso...

— É uma pergunta justa — interrompeu Carter. — Se um de meus agentes tivesse passado pelo que você passou na Arábia Saudita, ele teria férias permanentes.

— Eu tentei.

— Talvez você deva tentar com mais vontade da próxima vez. — Carter apertou a mão de Gabriel. — Mande um cartão-postal de Berlim. E, se você acabar sendo preso, por favor, esqueça a fonte das informações sobre as atividades extras de Massoud.

— Vai ser nosso segredo, Adrian. Que nem todo o resto.

Carter sorriu e fechou a porta. Gabriel o viu pela última vez parado na calçada com o braço estendido, como se chamasse um táxi. O Escalade fez uma curva e Carter sumiu de vista. Gabriel olhou pelos vidros fumês para os jardins bem cuidados e as árvores jovens cheias de flores, mas seus pensamentos estavam fixos apenas em números. Os números das contas secretas de Massoud. E as horas que restavam até que Massoud encharcasse as ruas com sangue.

28

Wannsee, Berlim

Um dos maiores mistérios da operação era como a equipe no esconderijo de Berlim tinha ido parar no distrito de Wannsee. O líder do Departamento de Acomodações alegaria que fora mera coincidência, que ele tinha escolhido a propriedade porque ela estava disponível e era adequada. Foi só depois, ao final do caso, que o homem acabou admitindo que a decisão tinha sido influenciada por ninguém menos que Ari Shamron. Ele queria lembrar a Gabriel e à equipe o

que acontecera em Wannsee em janeiro de 1942, quando quinze nazistas do alto escalão se reuniram para um almoço numa casa à beira do lago para resolver os detalhes burocráticos referentes à exterminação de um povo. E talvez desejasse lhes recordar o custo de um fracasso.

O esconderijo ficava a pouco menos de um quilômetro ao sul do lugar onde a Conferência de Wannsee se dera, numa via densamente arborizada chamada Lindenstrasse. O local era cercado por um muro de tijolos prestes a desmoronar e outro coberto por vegetação. Os quartos vazios cheiravam a mofo e poeira e um leve toque de conhaque. Carpas gordas cochilavam debaixo da camada de gelo que cobria o viveiro de peixes.

Os membros da equipe se disfarçaram de funcionários de algo chamado VisionTech, uma empresa sediada em Montreal que existia apenas na imaginação de um gestor operacional do King Saul Boulevard. De acordo com a história inventada, eles tinham vindo a Berlim para iniciar um empreendimento conjunto com uma companhia alemã, o que explicava o número incomum de computadores e outros equipamentos técnicos que carregavam. A maior parte ficou na ampla sala de jantar, que serviu como centro operacional. Poucas horas depois da chegada, as paredes já estavam cobertas com mapas em grande escala e fotografias de vigilância de Massoud.

Dina aceitou com satisfação a tarefa de preparar as perguntas para o tão esperado interrogatório de Massoud, e entrar no escritório dela era como entrar numa sala de aula dedicada à evolução do terrorismo moderno. Massoud Rahimi sempre estivera no centro de tudo, desde novembro de 1979, em meio aos estudantes e militantes que invadiram a embaixada norte-americana em Teerã. A maioria dos 52 reféns posteriormente o identificaria como o tortura— dor mais cruel. Execuções simuladas eram um de seus passatempos favoritos.

Desde aquela época, Massoud adorava ver um norte-americano implorando pela própria vida.

A atividade importante seguinte em seu currículo se dera no Líbano em 1982, quando ele começou a trabalhar com um novo grupo militante xiita conhecido como Organização dos Oprimidos da Terra. Dizia-se que Massoud teve um papel-chave no encurtamento do nome para Partido de Deus, ou Hezbollah, e que ajudou a preparar o caminhão-bomba de mais de 5.400 quilos que destruiu os quartéis dos fuzileiros navais norte-americanos no Aeroporto de Beirute, às 6h22 do dia 23 de outubro de 1983. Aquela explosão, a maior detonação não nuclear desde a Segunda Guerra, matou 243 homens e mudou para sempre a face do terrorismo global. Mais ataques se seguiram. Aviões

foram seqüestrados, pessoas foram feitas reféns, embaixadas sofreram bombardeios. Todos tinham um elemento em comum: tinham sido executados a mando do homem que agora trabalhava na embaixada iraniana em Berlim, protegido por um passaporte diplomático.

Mas o que convenceria um homem como Massoud a abrir mão de seus segredos mais homicidas? E em primeiro lugar, como capturá-lo? Eles teriam que se valer da antiga prática xiita conhecida como taqiyya, demonstrando uma falsa intenção. Não iriam seqüestrar Massoud, explicou Gabriel. Ele teria que vê-los como salvadores e protetores. E, depois que revelasse tudo o que sabia, deixariam que seguisse sua vida. Pescar e soltar. Sem causar mal nenhum.

A equipe teria preferido observá-lo por um mês ou mais, porém isso era impossível: as luzes de alerta piscavam no King Saul Boulevard, pois todas as informações indicavam um grande ataque dentro de uma semana ou menos. Eles tinham que capturar Massoud antes que as bombas explodissem ou Teerã apresentasse uma desculpa para levá-lo de volta para casa. Esse era o maior medo de Gabriel, que o VEVAK tirasse Massoud de cena antes do ataque e ele saísse do alcance do Escritório e do resto do mundo. Portanto, foi determinado um prazo de três dias para planejar e executar o seqüestro de um diplomata iraniano no coração de Berlim. Quando Eli Lavon estimou que as chances de sucesso eram de 25 por cento, Gabriel o levou ao escritório improvisado de Dina para ver as fotografias do que poderia acontecer caso eles falhassem.

— Eu não quero estimativas — falou Gabriel. — Eu quero Massoud.

A missão foi facilitada pelo fato de Massoud se sentir seguro em solo alemão. Sua rotina — pelo menos no breve período em que eles puderam observá-la — era extremamente disciplinada. Ele passava a maior parte do tempo dentro do posto do VEVAK na embaixada, que ficava ao lado do Instituto Alemão de Arqueologia. A equipe considerou isso um bom presságio. Massoud chegava ao trabalho antes das oito da manhã e saía tarde da noite. Seu apartamento ficava a 3 quilômetros ao norte, em Charlottenburg. O automóvel oficial não parecia ser blindado, mas Massoud mantinha um motorista e guarda-costas do VEVAK sempre por perto. A tarefa de neutralizar o segurança na noite do seqüestro ficou a cargo de Mikhail. Depois de anos se esquivando de balas iranianas durante o serviço militar em Israel, ele estava ansioso para retribuir.

Mas onde fazer isso? Numa rua cheia? Vazia? Enquanto o carro estivesse parado no sinal? Na porta da casa de Massoud? Gabriel declarou que o local seria determinado por um único fator: precisava oferecer uma rota de fuga. Se eles escolhessem um ponto muito próximo da embaixada, correriam o risco de se

envolver num tiroteio com a polícia alemã, que protegia o terreno diplomático dia e noite. Mas se deixassem Massoud chegar muito perto do apartamento, poderiam ficar presos no trânsito de Charlottenburg. No fim, a escolha estava clara para todos. Gabriel marcou o lugar no mapa com um alfinete vermelho-sangue. Eli Lavon pensou que o pino lembrava uma lápide.

Dessa forma, a operação entrou na fase que a equipe chamava de "abordagem final". Eles tinham o alvo, o plano, as tarefas divididas. Agora tudo o que faltava era pousar o avião sem matar ninguém. Não havia um computador a bordo para orientá-los, logo teriam que confiar nos próprios instintos. Tentariam reduzir ao mínimo o acaso. Gabriel acreditava que, em serviço, a sorte devia ser conquistada; não era algo com que se contasse apenas. E normalmente ela se conquistava com planejamento e preparações minuciosas.

No léxico do Escritório, aquela operação era do tipo "rodas pesadas", o que significava que diversos veículos de diferentes marcas e modelos teriam que ser providenciados. Transportes, a divisão do Escritório que cuidava dessas questões, adquiriu a maior parte deles com agências de locação européias amistosas, de forma que impossibilitava o rastreamento dos veículos até por um membro da equipe. O veículo mais importante, no entanto, era do próprio Escritório: um furgão com um compartimento oculto para armazenar pessoas que desempenhara um papel importante numa das operações mais célebres de Gabriel — a captura do criminoso de guerra nazista Erich Radek em sua casa, no Primeiro Distrito de Viena. Chiara o dirigira naquela noite. Radek ainda aparecia regularmente em alguns de seus piores pesadelos.

Para sua tristeza, Chiara não iria para Berlim, embora seu papel na operação ainda fosse central. Sua tarefa era coordenar a taqiyya que esconderia os rastros da equipe e que, se fosse bem-sucedida, despistaria tanto os alemães como os iranianos. Como todas as boas mentiras, essa era plausível e tinha elementos verdadeiros. E talvez, disse Gabriel, também trouxesse uma esperança para o futuro — um futuro onde o Irã não estivesse mais sob o controle de uma quadrilha de lunáticos religiosos. Os mulás e seus seguidores na Guarda Revolucionária não eram racionais, mas imprevisíveis e apocalípticos. O Oriente Médio nunca ficaria em paz enquanto eles não fossem eliminados.

Também havia outras mentiras, como a mochila de lona cheia de argila cinza, fios, um timer e um pequeno explosivo no formato de uma concha que faria muito mais barulho que estrago. Mas tudo isso só seria útil se eles conseguissem tirar Massoud de seu carro com um mínimo de violência. Após muita deliberação, ficou decidido que Yaakov lideraria o ataque e Oded iria

ajudá-lo. Interrogador profissional de terroristas, Yaakov tinha uma postura e uma expressão que deixavam poucas dúvidas acerca da validade de suas ameaças. E, o que era mais importante, descendia de judeus alemães e falava alemão fluente. Seu papel seria convencer Massoud a sair do carro. E, se palavras não bastassem, Oded usaria de força.

Eles não se atreveram a ensaiar em público, então conduziram intermináveis treinos dentro do esconderijo em Wannsee. No começo, Gabriel manteve uma postura profissional, mas, conforme os treinos se prolongaram, seu humor se tornou instável. Mikhail temeu que ele estivesse sofrendo uma ressaca operacional devido ao bombardeio em St. Moritz ou ao pesadelo na Arábia Saudita. Mas Lavon sabia a verdade. Era Berlim, explicou. Berlim era uma cidade de fantasmas para todos eles, mas em especial para Gabriel. Tinha sido o lar de seus avós maternos e provavelmente teria sido o seu próprio lar se não fosse pelo bando de assassinos que haviam se reunido naquela casa à beira do lago a alguns metros de distância.

Portanto, toda a equipe ouviu com uma paciência admirável Gabriel reclamar de cada aspecto do plano pelo que parecia ser a centésima vez. E tentaram manter uma postura séria e não sorrir quando ele repreendeu Yaakov e Oded depois de um ensaio particularmente terrível. E tomaram o cuidado de não surpreendê-lo enquanto estivesse sozinho, pois, apesar de uma vida inteira no meio da espionagem, ele estava com os nervos à flor da pele. Na última tarde em Berlim, a equipe mal podia tolerar seu mau humor. Eles tingiram seus cabelos grisalhos perto das têmporas e ocultaram os olhos verdes inesquecíveis atrás de óculos. Em seguida, lhe deram casaco e cachecol e o expulsaram do esconderijo para caminhar entre as almas dos mortos.

Gabriel, como um legítimo agente de campo, queria ver o lugar com seus próprios olhos pelo menos uma vez — a embaixada, os postos de observação, os pontos de retirada, o local de captura. Mais tarde, ele embarcou num trem do S-Bahn que o conduziu através de Berlim até o Portão de Brandemburgo. Chegando ao antigo lado oriental da cidade, caminhou ao longo da Unter den Linden, embaixo das tílias sem folhas. Na Friedrichstrasse, o centro da vida noturna de Berlim durante os anos 1920, virou à direita e andou até o distrito de Mitte. Ele vislumbrou algumas relíquias do passado stalinista, mas, de forma geral, as manchas arquitetônicas do comunismo haviam sido removidas. Era como se a Guerra Fria e a guerra real que a precedera nunca tivessem acontecido. No Mitte atual, não existiam memórias, apenas prosperidade.

Na Kronenstrasse, Gabriel dobrou à direita e seguiu a rua na direção leste até um prédio moderno com grandes janelas quadradas reluzentes. Muito tempo atrás, antes do comunismo e da guerra, havia ali uma bela construção neoclássica de pedras cinza. Um pintor expressionista alemão chamado Viktor Frankel tinha morado no segundo andar com a esposa, Sarah, e a filha, Irene, mãe de Gabriel. Ele nunca vira uma foto do prédio, porém, uma vez, na infância, sua mãe tentara desenhar um esboço antes de ser tomada por uma crise de choro. Fora lá que eles tiveram uma vida burguesa encantada cheia de arte, música e tardes no Tiergarten. E que a corda começou a apertar lentamente seus pescoços. No outono de 1942, foram conduzidos como ovelhas por seus compatriotas num vagão para gado e deportados para Auschwitz. Os avós de Gabriel entraram na câmara de gás assim que chegaram, mas sua mãe fora enviada para o campo feminino de trabalho forçado em Birkenau. Ela nunca contou suas experiências para Gabriel. Em vez disso, registrara tudo no papel e trancara os papéis nos arquivos do memorial de Yad Vashem.

Eu não vou falar das coisas que vi. Não posso. É o mínimo que devo aos mortos...

Gabriel fechou os olhos e pensou em como a rua tinha sido antes da loucura. Viu-se como criança, visitando avós que puderam envelhecer. E imaginou sua vida caso tivesse crescido em Berlim, e não no vale de Jezreel. Uma fumaça acre soprou sobre seu rosto, como vindo de um crematório distante, e ele escutou uma voz familiar atrás de si.

— O que você espera encontrar aqui? — perguntou Shamron.

— Força — respondeu Gabriel.

— Sua mãe lhe deu força ao escolher seu nome. E, então, ela o deu para mim.

29

Berlim

Shamron se registrou no Adlon como Rudolf Heller, um de seus disfarces europeus favoritos. Gabriel queria evitar as câmeras de segurança do famoso e antigo hotel, assim eles contornaram o Tiergarten. O ar tinha esfriado subitamente e o vento soprava por entre as colunas do Portão de Brandemburgo. Shamron estava usando um sobretudo de caxemira, um chapéu fedora e óculos escuros que o faziam parecer um empresário que ganha dinheiro de formas

obscuras e nunca perde nas cartas. Ele parou diante do novo memorial do Holocausto de Berlim, uma paisagem austera de blocos cinzentos retangulares, e franziu a testa, consternado.

— Parecem contêineres prestes a serem colocados num navio de carga.

— O arquiteto queria criar uma atmosfera de desconforto e confusão. A idéia é representar o extermínio metódico de milhões em meio ao caos da guerra.

— É isso que você vê?

— Eu considero um milagre haver um memorial desses aqui. Eles poderiam ter escondido numa cidade do interior. Mas o construíram no coração de uma Berlim unificada, bem ao lado do Portão de Brandemburgo.

— Você dá crédito demais para eles, filho. Depois da guerra, todos fingiram que não tinham reparado em seus vizinhos desaparecendo no meio da noite. A Alemanha e o resto do mundo só compreenderam de fato o horror do Holocausto quando capturamos o homem que trabalhava ali.

Ele apontou para o outro lado do Tiergarten, na direção da Kurfürstenstrasse, onde ficava o prédio imponente que sediara a sociedade judaica de assistência mútua e servira de quartel-general de Adolf Eichmann. Mas os olhos de Gabriel ainda estavam fixos nas pedras do memorial.

— Você deveria pôr tudo no papel. — Ele fez uma pausa e encarou Shamron. — Antes que seja tarde demais.

— Eu não pretendo ir a lugar nenhum.

— Nem você vai viver para sempre, Ari. Você devia passar mais tempo com uma caneta na mão.

— Eu sempre achei as autobiografias de espiões uma leitura tediosa. Além do mais, que bem isso faria?

— Lembraria ao mundo por que vivemos em Israel, e não na Alemanha ou na Polônia.

— O mundo não se importa — retrucou Shamron, com um aceno de desdém. — E o Holocausto não é a única razão pela qual Israel é nosso lar. Nós estamos lá porque era nossa terra no começo de tudo. Pertencemos a ela.

— Alguns de nossos amigos já não têm mais tanta certeza.

— Isso porque os palestinos e seus aliados conseguiram convencer boa parte do mundo de que nos apropriamos de um território árabe. Eles fingem que os antigos reinos de Israel são um mito, que o Templo de Jerusalém não é nada além de uma história da Bíblia.

— Você parece Eli falando.

Shamron deu um breve sorriso.

— À sua maneira, Eli está empreendendo uma guerra naquelas escavações embaixo do Muro das Lamentações. Nossos irmãos muçulmanos esqueceram que o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa foram construídos sobre as ruínas dos dois templos judeus. Agora a batalha política pela Palestina é uma guerra religiosa por Jerusalém. E nós temos que provar ao mundo que chegamos lá primeiro.

O vento gemeu entre as pedras do memorial. Shamron levantou o colarinho do casaco e dobrou a esquina, entrando numa rua nomeada em homenagem a Hannah Arendt, a filósofa e teórica política que cunhou a expressão "a banalidade do mal" para descrever o papel de Eichmann no extermínio de seis milhões de judeus europeus. Shamron, que passara horas sozinho com o assassino num esconderijo em Buenos Aires, considerava essa caracterização equivocada. Ele entrou numa cafeteria e, ao ver a placa PROIBIDO FUMAR, sentou numa mesa do lado de fora.

— Alemães saudáveis — resmungou, acendendo um cigarro. — Bem o que o mundo precisa.

— Pensei que você os tivesse perdoado.

— Eu perdoei, mas receio que nunca possa esquecer. E eu também gostaria que o governo deles considerasse ficar distante da República Islâmica do Irã. Mas há muito tempo aprendi a não pedir coisas impossíveis.

Shamron ficou em silêncio enquanto a garçonete, uma linda mulher com a pele leitosa, lhes serviu café. Ele olhou para a rua movimentada e sorriu.

— Qual é a graça? — perguntou Gabriel.

— Após sair daquela prisão saudita, você me falou que nunca faria outro trabalho para o Escritório. E agora está prestes a executar uma de nossas operações mais ousadas até hoje, tudo porque uma garota levou um tombo na Basílica de São Pedro.

— Ela tem um nome. E não foi um tombo. Ela foi empurrada por Cario Marchese.

— Vamos lidar com Cario depois de Massoud.

— Imagino que você tenha revisado o plano.

— Minuciosamente. E meus instintos me dizem que você não terá mais de trinta segundos para meter Massoud dentro do carro.

— Nós fizemos os ensaios com vinte. Mas, pela minha experiência, as coisas sempre acontecem mais rápido na vida real.

— Em particular quando você está envolvido — gracejou Shamron. — Mas hoje à noite você vai ser só um espectador.

— Um espectador muito ansioso.

— Imagino que sim. Se tudo der errado, vai ocorrer um desastre diplomático e os iranianos proclamarão uma vitória. O mundo não parece reparar ou se importar que eles ataquem nosso povo sempre que lhes convém. Mas se respondemos na mesma moeda, somos rotulados como matadores maquiávelicos.

— Eles poderiam nos chamar de coisas piores.

— Por exemplo?

— Fracos — respondeu Gabriel.

Shamron assentiu e mexeu seu café, pensativo.

— Tirar Massoud do carro dele e colocá-lo no seu vai ser a parte mais fácil desta operação. Convencê-lo a falar já é outra história.

— Você tem uma sugestão. Não estaria aqui se não tivesse.

Shamron aquiesceu.

— Massoud não é o tipo de homem que se assusta com facilidade. O único jeito de você conseguir isso é oferecendo a ele um destino pior do que a morte. E aí você joga uma boia salva-vidas e torce para que ele a agarre.

— E se ele agarrar?

— A tentação vai ser sugar cada gota de informação. Mas, em minha humilde opinião, isso seria um erro. Além do mais, não há tempo para isso. Consiga os dados de que você precisa para impedir o ataque. E depois...

A voz de Shamron sumiu.

— Depois o liberamos — concluiu Gabriel.

Carrancudo, Shamron anuiu lentamente.

— Nós não somos como nossos inimigos. E isso significa que não matamos homens que carregam passaportes diplomáticos, mesmo se eles tiverem o sangue de nossas crianças nas mãos.

— Mesmo sabendo que ele matará de novo?

— Você não tem escolha além de fazer um pacto com o diabo. Massoud precisa acreditar que você não o trairá. E, infelizmente, esse tipo de confiança não pode ser conquistada com vendas e máscaras de lã. Você terá que mostrar seu rosto famoso para ele e olhar em seus olhos. — Shamron ficou em silêncio. — A menos que você prefira que outra pessoa tome seu lugar no interrogatório.

— Quem?

Shamron não disse nada.

— Você?

— Eu sou a escolha mais lógica. Se Massoud olhar para o outro lado da mesa e vir você, ele terá boas razões para pensar que não vai sobreviver. Mas se ele me vir...

— Ele vai sentir um alívio imenso?

— Ele vai saber que está lidando com os escalões mais altos do governo israelense — respondeu Shamron. — E talvez isso o deixe mais disposto a falar.

— Eu aprecio a oferta, Abba.

— Mas não tem a menor intenção de aceitar. — Ele fez uma pausa. — Você sabe que ele vai passar o resto da vida tentando matá-lo, não é?

— Ele vai ter que entrar na fila.

— Você pode se mudar para Israel.

— Você nunca desiste, não é mesmo?

— Não é da minha natureza.

— O que eu faria para ganhar a vida?

— Pode me ajudar a escrever meu livro.

— Nós iríamos acabar nos matando.

Shamron apagou seu cigarro devagar, indicando que era hora de partir.

— É um tanto apropriado, você não acha?

— O quê?

— Que sua última operação se dê aqui, na cidade dos espiões.

— É a cidade dos mortos — replicou Gabriel. — E eu quero sair daqui o mais cedo possível.

— Leve Massoud de souvenir. E, independentemente do que você fizer, não seja pego.

— O Décimo Primeiro Mandamento de Shamron.

— Amém.

Eles se despediram no Portão de Brandemburgo. Shamron seguiu para seu quarto no Hotel Adlon e Gabriel foi para as trilhas do Tiergarten, onde caminhou até ter certeza de que não estava sendo seguido. Ao entrar no esconderijo em Wannsee, ele viu que a equipe fazia uma verificação final. Quando começou a escurecer, foram saindo um a um, em intervalos, e às seis já estavam todos em suas devidas posições. Gabriel vasculhou os quartos da casa em busca de qualquer traço da presença da equipe. Em seguida, sentou em silêncio na escuridão, com um laptop aberto no colo. A tela mostrava um imagem em alta resolução da embaixada iraniana, transmitida de uma câmera em miniatura escondida num carro estacionado do outro lado da rua. Às 20h12, o portão de segurança do prédio se abriu lentamente, revelando um Mercedes sedã

preto. O carro virou à esquerda e passou a poucos centímetros da câmera — tão perto que Gabriel se imaginou estendendo os braços e arrancando do banco de trás o único passageiro. Pelo rádio, informou aos demais que o diabo estava indo na direção deles.

30

Berlim

A taqiyya começou dois minutos depois, às 20h14, quando a polícia de Berlim recebeu um telefonema referente a um objeto suspeito encontrado dentro do Europa Center, o complexo empresarial e comercial ao lado das ruínas da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm. O objeto era uma mochila de lona do tipo que góticos, skinheads, anarquistas, ambientalistas radicais e outros arruaceiros carregam. Fora colocada embaixo de um banco a alguns metros do famoso relógio de água do local, um ponto de encontro popular, especialmente para crianças pequenas. Mais tarde, as testemunhas descreveriam a pessoa que deixara a mochila como uma muçulmana de 30 e poucos anos. A idade estava correta, mas não a etnia. O engano era compreensível, já que ela usava um hijab.

O denunciador relatou que o conteúdo da mochila era similar a um explosivo, e os primeiros policiais que chegaram à cena concordaram. Eles exigiram uma evacuação da área ao redor do relógio de água e, em seguida, de todo o shopping e dos prédios adjacentes. Às 20h25, milhares de pessoas fluíam para as ruas e policiais convergiam de todos os cantos de Berlim.

Mesmo dentro dos confins serenos e imponentes do Hotel Adlon, dava para perceber que Berlim passava por uma situação de emergência de grande escala. No famoso bar e lounge do saguão, onde nazistas antigamente se encontravam, hóspedes ansiosos pediam explicações para a gerência e alguns iam para a calçada ver as viaturas passando a toda a velocidade pela Unter den Linden.

Um hóspede, no entanto, parecia alheio à agitação. Bem-vestido e em idade avançada, um cavalheiro calmamente pagou por um uísque quase intocado e pegou um elevador para sua suíte no último andar do hotel. Lá, ele observou pela janela o espetáculo de luzes, como se tivesse sido organizado para entretê-lo. Após um instante, pegou um celular no bolso do paletó e fez a discagem automática para um número que fora gravado no aparelho por uma criança que entendia dessas coisas. Ele escutou uma série de cliques e tons. Então, uma voz masculina o cumprimentou com pouco mais que um grunhido.

— O que estou vendo? — perguntou Shamron.

— O prelúdio — respondeu Navot.

— Quando a cortina abre para o primeiro ato?

— Em um minuto. Talvez menos.

Shamron desligou e voltou os olhos para as luzes azuis piscando na cidade. Era uma linda vista, pensou. Por meio da ilusão, farás a guerra.

Naquele momento, cerca de 5 quilômetros a oeste do posto de observação privilegiado de Shamron, Yossi Gavish e Mikhail Abramov montavam duas motos perto de um pequeno parque na Hagenstrasse. Já não havia mais ninguém no local fazia um bom tempo, mas as luzes ainda estavam acesas nas casas da rua, que se assemelhavam a castelos teutônicos em miniatura. Mikhail massageava seu joelho dolorido. Yossi estava imóvel, parecendo uma estátua de bronze.

— Relaxe, Yossi — pediu Mikhail. — Você precisa relaxar.

— Não é você que tem uma bomba no bolso.

— Só vai explodir dez segundos depois de você prendê-la no carro.

— E se ela tiver algum defeito?

— Nunca tem.

— Para tudo há uma primeira vez.

Um furgão verde e branco da polícia passou correndo, com as sirenes a toda. Yossi permanecia congelado.

— Respire — ordenou Mikhail. — Senão a polícia vai pensar que você está prestes a seqüestrar um diplomata iraniano.

— Não sei por que eu tenho que prender a bomba.

— Alguém precisa fazer isso.

— Eu sou um analista — retrucou Yossi. — Eu não explodo carros. Eu leio livros.

— Você prefere cuidar do motorista?

— E como eu faria isso? Deslumbrando-o com minha perspicácia e meu intelecto?

Antes que pudesse responder, Mikhail ouviu um chiado no fone, seguido por três toques. Erguendo os olhos para a rua, ele avistou os faróis do Mercedes se aproximando. Quando o carro passou por eles, o russo pôde ver Massoud no banco de trás, trabalhando em alguns papéis sob a luz de sua luminária. Alguns segundos depois, apareceu um BMW, dirigido por Rimona, com Yaakov e Oded sentados eretos na traseira. Finalmente surgiu o station wagon Passat de Lavon, que agarrava o volante como se pilotasse um navio petroleiro por mares traiçoeiros. Mikhail e Yossi se posicionaram para segui-los e aguardaram o sinal seguinte.

Eles tinham chegado ao ponto que Shamron descrevia como bifurcação operacional. Até aquele momento, nenhum limite fora desrespeitado e nenhum crime cometido, exceto plantar uma bomba no Europa Center. A equipe ainda podia abortar tudo, se reunir, fazer uma nova avaliação e tentar outra noite. Era a decisão mais fácil: embainhar a espada em vez de usá-la. Shamron a chamava de "saída de emergência do covarde". Ele sempre acreditou que as operações eram arruinadas mais por hesitação do que por imprudência.

Mas naquela noite a decisão não coube a Shamron e, sim, a um guerreiro calejado, sentado sozinho numa casa em Wannsee. Ele encarava um monitor, vendo sua equipe e seu alvo se aproximando do ponto sem retorno. Era a Königsallee, uma rua que seguia do arborizado Grunewald até a movimentada Kurfürstendamm — e quando Massoud a atravessasse, ele estaria além do alcance da equipe. Gabriel ligou seu rádio criptografado e perguntou se alguém tinha qualquer objeção de última hora. Sem ouvir resposta, deu a ordem para procederem. Fechou os olhos e escutou as sirenes.

Algumas pessoas no King Saul Boulevard viriam a lamentar o fato de nenhuma gravação ter sido feita. Shamron, no entanto, discordava. Para ele, vídeos operacionais, assim como missões suicidas, deviam ser apenas realizados por inimigos de Israel. Além do mais, disse, nenhuma filmagem poderia capturar a perfeição da manobra. A ação foi épica, uma fábula a ser contada para as futuras gerações à luz de fogueiras no deserto.

Começou com um movimento quase imperceptível de dois veículos — um dirigido por Rimona; o outro, por Lavon. Ambos diminuíram a velocidade ao mesmo tempo e se moveram um pouco para a direita, deixando livre o caminho de Yossi até a traseira do Mercedes. Ele acelerou e, em poucos segundos, já enxergava o ombro esquerdo do demônio. Com cuidado, ele enfiou a mão no bolso do casaco e ativou a granada magnética. Em seguida, olhou para a frente e esperou a garota pisar na rua.

Ela vestia uma jaqueta verde berrante com faixas reflexivas nas mangas e estava empurrando uma bicicleta com o farol do guidom aceso. Uma hora antes, ela tinha transportado a mochila de lona que causara tanta confusão no centro de Berlim. Naquele momento, enquanto atravessava a faixa de pedestres bem iluminada mancando um pouco, ela não carregava nada além de um passaporte falso e um ódio ilimitado pelo homem no banco de trás do Mercedes.

Por um instante, todos temeram que o motorista de Massoud pretendesse usar sua imunidade diplomática para atropelar a mulher. Mas, por fim, ele afundou o pé no freio e o grande carro preto deslizou até parar em meio a uma

nuvem de fumaça cinza-azulada. Yossi desviou para a esquerda, quase encostando no para-choque traseiro do automóvel, e gritou algumas obscenidades antes de prender dissimuladamente a granada dentro do aro da roda frontal. Àquela altura, a garota já tinha alcançado a outra calçada em segurança. O motorista de Massoud chegou a fazer um breve aceno de desculpas ao se afastar. A menina deu um sorriso enquanto se distanciava com o que parecia ser uma pressa incomum.

Seis segundos depois, o dispositivo explodiu. A carga calibrada com cuidado fez com que toda a força da detonação fosse direcionada para dentro, eliminando a possibilidade de haver danos colaterais ou vítimas. O susto foi bem maior que o prejuízo, rasgando o pneu esquerdo frontal e abrindo o capô. Cego e confuso, o motorista jogou o carro por instinto para a direita. Ele subiu na calçada e bateu numa grade de ferro, parando na Hagenplatz, um pequeno gramado triangular que a equipe chamava carinhosamente de Praça do Sorvete.

A única fraqueza do plano era o ponto de ônibus a poucos metros da interseção. Naquela noite, havia cinco pessoas ali: um casal de alemães idosos, dois jovens de ascendência turca e uma mulher na faixa dos 20 anos, tão magra e pálida que parecia ter acabado de sair de um prédio bombardeado pelos Aliados. O que eles viram a seguir pareceu apenas um gesto de gentileza por parte de três bons samaritanos que estavam lá por acaso. Um dos homens, o motociclista alto e esguio, correu para ajudar — ao menos essa foi a impressão das testemunhas. O que elas não perceberam foi a pistola que o homem removeu rapidamente do coldre do motorista. Nem a seringa com uma dose potente de sedativos que ele injetou na coxa esquerda da vítima.

Os outros bons samaritanos se focaram no homem do banco traseiro. Como não estava com cinto de segurança, ele ficou seriamente aturdido pela força da batida. Uma injeção piorou sua condição, mas as testemunhas também não repararam nesse detalhe. Eles lembrariam apenas que os dois homens ergueram o passageiro machucado e o colocaram com cuidado em seu próprio veículo. O carro partiu no mesmo instante e virou à esquerda, rumo a Grunewald — o que era estranho, pois o hospital mais próximo ficava na direção oposta. O motoqueiro seguiu o automóvel, assim como o Passat dirigido por uma pessoa de feições meigas que parecia não ter prestado atenção em nada do que acabara de acontecer. Mais tarde, ao serem questionadas pela polícia, as testemunhas se dariam conta de que todo o procedimento fora realizado em silêncio. Na verdade apenas um dos bons samaritanos — o homem com cabelos escuros e cicatrizes

no rosto — tinha falado com o passageiro ferido: "Venha conosco. Vamos protegê-lo dos judeus."

Como Gabriel havia previsto, a captura levou menos tempo que o esperado — apenas treze segundos do começo ao fim, e a retirada de Massoud tomara apenas oito segundos. Sozinho no esconderijo em Wannsee, ele acompanhou a primeira troca de veículos da noite e o percurso da equipe rumo ao norte, pela E51 Autobahn. O tempo seria precioso; eles não podiam desperdiçar um instante sequer. Alguns segundos poderiam significar a diferença entre o sucesso e o fracasso, entre a vida e a morte. Gabriel não podia fazer mais nada. Ele pusera fogo na cidade de seus pesadelos. Tudo o que restava era vê-la queimar.

Ele enviou uma mensagem para o King Saul Boulevard confirmando que a primeira fase da operação seguira de acordo com os planos. Saiu da casa e entrou num Audi sedã. Depois de passar pela casa assombrada à beira do lago onde o assassinato de seus avós fora planejado, ele se dirigiu à auto-estrada. A polícia de Berlim ainda seguia para o Europa Center. Mas por quanto tempo?

No último andar do Hotel Adlon, Shamron contemplava pela janela as luzes azuis da polícia rodopiando lá embaixo. Nos últimos minutos, todas tinham convergido para o mesmo ponto da Berlim Ocidental, mas, às 20h36, ele percebeu uma mudança no padrão. Não se deu o trabalho de pedir uma explicação para o King Saul Boulevard. O engodo terminara. A corrida até a fronteira havia começado.

PARTE TRÊS

O POÇO DAS ALMAS

31

Berlim — Norte da Dinamarca

O Exército de Libertação Iraniana — um grupo anteriormente desconhecido dedicado à derrubada dos governantes teocratas do país — surgiu pela primeira vez nos radares do Ocidente no fim da manhã seguinte, quando assumiu a responsabilidade pelo seqüestro de Massoud Rahimi, um agente do alto escalão da inteligência iraniana. O comunicado foi feito por meio de um manifesto entregue à BBC em Londres e divulgado num site que entrou no ar horas depois do rapto. Entre as inúmeras exigências, estavam o término do programa nuclear iraniano e a libertação de todos aqueles aprisionados por razões políticas, religiosas, morais ou sexuais. Os mulás tinham apenas 72 horas para cumpri-las. Caso contrário, prometera o grupo, Massoud sofreria a mesma morte violenta que ele inflingira a tantas vítimas inocentes. Para demonstrar a seriedade da ameaça, foi postada uma fotografia de Massoud ladeado por dois homens com os rostos cobertos por máscaras de lã. Ele estava olhando direto para a câmera, com as mãos amarradas atrás das costas. Seu rosto não apresentava marcas de violência, embora os olhos parecessem um tanto grogues.

O surgimento repentino de um novo movimento iraniano de oposição pegou muitos jornalistas de surpresa e, durante as primeiras horas da crise, repórteres na Europa e nos Estados Unidos não tiveram escolha além de fazer loucas especulações sobre as origens e objetivos do ELI. Aos poucos, foi se desenhando o retrato de um grupo pequeno e coeso de intelectuais iranianos seculares e de exilados que desejavam arrancar o país da Idade das Trevas e conduzi-lo ao mundo moderno. No fim do dia, os especialistas em terrorismo e analistas de política externa dos dois lados do Atlântico já falavam de uma nova força que representava uma ameaça clara ao regime iraniano. E ninguém percebeu que as informações que estavam sendo transmitidas com tanta autoridade tinham sido inventadas por uma equipe trabalhando num porão em Tel Aviv.

Apenas uns poucos experts estavam familiarizados com o nome Massoud Rahimi, e aqueles com idade suficiente para se recordarem da crise dos reféns no Irã se regozijaram um pouco com seu destino. Mas a situação foi diferente em Teerã, onde os iranianos reagiram com uma previsível fúria. Numa declaração oficial, eles negaram a existência do Exército de Libertação Iraniana, negaram que Massoud Rahimi era um agente da inteligência iraniana e negaram que ele tivesse qualquer ligação com o terrorismo. Além disso, acusaram Israel de criar o grupo para acobertar o envolvimento com o caso. O primeiro-ministro israelense tomou a palavra no Knesset para denunciar aquelas alegações, considerando-as um delírio de fanáticos depravados. Ele também deu uma cutucada não muito sutil na Alemanha por permitirem que Massoud, conhecido assassino com o sangue de centenas de inocentes em suas mãos, se passasse por um funcionário diplomático. A chanceler alemã disse que as observações não contribuíam em nada para a situação e apelou ao primeiro-ministro para que fossem tomadas medidas apaziguadoras. Em particular, falou aos seus chefes de agência de espionagem que tinha quase certeza do envolvimento dos israelenses.

A sofisticação da operação levou muitos alemães da polícia e dos serviços de segurança a concordarem com a chanceler, embora não existissem evidências para apoiar essa suposição. Um ministro do Interior frustrado afirmou, furioso, a seus assistentes mais próximos que só podiam ser os israelenses, porque nenhum outro país no mundo tinha agentes perspicazes o suficiente — ou, para falar a verdade, desonestos o suficiente — para sequer conceber uma operação desse tipo. Sabiamente, os assessores do político o aconselharam a deixar isso de fora de sua próxima declaração à imprensa.

A polícia alemã se dedicou por completo à busca do iraniano desaparecido. Eles varreram o país de leste a oeste, das montanhas da Bavária até as praias cinzentas e rochosas do mar Báltico. Procuraram nas grandes e pequenas cidades, fizeram contato com suas fontes e informantes dentro da grande comunidade alemã de islamistas radicais, vigiaram todos os telefones e e-mails que pudessem fornecer alguma pista. Porém, após 24 horas, não obtiveram resultado algum. Naquela noite, o ministro do Interior informou ao embaixador iraniano que, até onde a polícia alemã sabia, seu colega tinha desaparecido. Não era verdade, é claro. Eles estavam apenas procurando no lugar errado.

No extremo norte da Dinamarca, há uma minúscula península onde o mar do Norte e o Báltico colidem numa guerra sem fim. Na costa do Báltico, a areia é plana e deserta, mas, no outro lado, ela forma dunas varridas pelo vento, onde fica a pequena aldeia de Kandestederne. No verão, o lugar se enche de

dinamarqueses em férias, porém, no resto do ano, parece que foi abandonado após alguma praga.

Nos limites da aldeia, escondida no sopé de uma grande duna, havia um belo chalé de madeira com a ampla varanda voltada para o mar. Contava com quatro quartos, uma cozinha bem ventilada cheia de apetrechos de aço inoxidável e duas salas mobiliadas no estilo minimalista dinamarquês. Também existia uma adega no porão, que o Departamento de Acomodações transformou numa cela à prova de som. Dentro, estava o homem que a polícia alemã buscava com tanto desespero — vendado, amordaçado, só com as roupas de baixo, tremendo violentamente de frio. Em 24 horas, não recebera nada para comer nem beber; só lhe deram uma pequena dose de tranqüilizante para mantê-lo quieto. Ninguém tinha falado com ele. Até onde sabia, Massoud fora abandonado a uma morte lenta e agonizante por inanição. Era uma punição merecida. O destino, no entanto, escolhera outro rumo para ele.

O passo seguinte da jornada de Massoud começou após 26 horas no cativeiro, quando Mikhail e Yaakov o escoltaram até a sala de jantar. Depois de prendê-lo com firmeza numa cadeira de metal, eles removeram a venda e a mordaça. O iraniano piscou rápido várias vezes antes de examinar as paredes. Estavam cobertas por fotografias ampliadas de suas obras: as ruínas dos quartéis dos fuzileiros navais em Beirute, a carroceria queimada de um ônibus em Tel Aviv, os destroços do centro comunitário judeu em Buenos Aires. Ele fez uma expressão de incredulidade, mas, ao olhar o homem sentado à sua frente, se encolheu de medo.

— Estava esperando outra pessoa? — perguntou Gabriel com calma, falando inglês.

— Não tenho a mínima idéia de quem você é — respondeu Massoud na mesma língua.

— Mentira.

— Você não vai sair impune disto.

— Nós já saímos.

Havia três itens em cima da mesa diante de Gabriel: uma pasta de papel pardo, um BlackBerry e uma Beretta 9 milímetros carregada. Ele moveu a pistola com cuidado e empurrou o celular para que Massoud pudesse ver a tela. Mostrava a página principal do site da BBC. A matéria tratava de um seqüestro ousado no coração de Berlim.

— Você cometeu uma grave violação da Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas — afirmou Massoud.

— Seu seqüestro foi realizado pelo Exército de Libertação Iraniana. É o que diz a BBC. — Gabriel apontou para a tela. — E, como você sabe, a BBC nunca erra.

— Bem pensado.

— Não foi tão difícil. Nós só seguimos uma tática de vocês.

— Qual?

— Taqiyya.

— Não existe taqiyya. Isso é uma calúnia difundida pelos inimigos do Islã xiita.

— Vocês usam taqiyya todos os dias, quando garantem ao mundo que seu programa nuclear é estritamente voltado para propósitos pacíficos.

— É por isso que estou aqui?

— Não. — Gabriel pegou o telefone e folheou as páginas da pasta. — Você está sendo acusado de comandar múltiplos atos terroristas que resultaram na morte de centenas de inocentes, de conspirar para cometer futuros atentados e de fornecer apoio material para um grupo que tem como meta a aniquilação do meu povo. — Ele ergueu os olhos e perguntou: — Como você se declara?

— Eu sou o terceiro secretário do departamento consular da embaixada iraniana em Berlim.

— Como você se declara? — insistiu Gabriel.

— Você está violando todas as normas e procedimentos diplomáticos.

— Como você se declara?

Massoud ergueu o queixo e disse:

— Inocente.

Gabriel fechou a pasta. Sessão suspensa.

Eles o trouxeram para mais duas audiências naquela noite, ambas com o mesmo resultado. Em seguida, o mantiveram acordado com banhos constantes de água do mar gelada e gravações de um barulho ensurdecedor, reproduzidas dentro da câmara à prova de som, para só Massoud se deleitar. Gabriel estava relutante quanto ao uso de coerção física — ele sabia que privações de sono e sensoriais seriam suficientes para que o iraniano dissesse qualquer coisa —, mas não teve escolha. Agora havia duas contagens regressivas: do tempo que eles tinham até o ataque e até serem descobertos. Gabriel estabeleceu um prazo de 72 horas para a equipe sair da Dinamarca. O chefe do serviço secreto dinamarquês era um amigo, mas isso mudaria rapidamente se ele descobrisse que Gabriel levara um homem como Massoud Rahimi ao seu país.

Portanto, no decorrer do segundo dia, eles aumentaram aos poucos a pressão sobre a presa. O som ficou mais alto; a água, mais fria; as ameaças sussurradas no ouvido de Massoud, mais apavorantes. Quando ele pediu por comida e bebida, lhe ofereceram uma tigela de areia e o encharcaram com um balde de água do mar. Dormir seria impossível, garantiram, a menos que ele cooperasse.

Lentamente, a cada hora que passava, a força de Massoud diminuía, assim como sua determinação a resistir. E, o que era mais importante, ele se deu conta de que aquele infeliz episódio poderia não terminar com sua morte; talvez houvesse um acordo. Mas como convencê-lo a aceitar a mão estendida? E quem a estenderia, em primeiro lugar?

— Por que eu? — perguntou Lavon, incrédulo.

— Porque você é a pessoa menos ameaçadora nesta casa — explicou Gabriel. — E porque você não tocou nem um dedo nele.

— Eu não interrogo pessoas. Eu só as sigo.

— Você não precisa perguntar nada, Eli. Apenas deixe ele saber que eu estou disposto a negociar um acordo generoso.

Lavon passou cinco minutos a sós com o monstro.

— Como foi?

— Fora a parte em que ele ameaçou me matar, achei que foi bem de acordo com o esperado.

— Quanto tempo vamos dar para ele?

— Uma hora deve bastar.

Eles deram duas.

Da vez seguinte que foi escoltado para o tribunal improvisado, Massoud tremia incontrolavelmente e seus lábios estavam azuis devido ao frio. Gabriel pareceu não reparar. Ele tinha os olhos fixos no arquivo aberto na mesa à sua frente.

— Soubemos que durante seu tempo em Berlim você não foi honesto ao gerenciar os fundos operacionais do VEVAK — falou Gabriel. — É claro que isso não nos preocupa. Mas sentimos que é nosso dever relatar esse fato aos seus superiores em Teerã. Quando o fizermos, receio que eles desejem sua liberação. Só que por razões não relacionadas ao seu bem-estar.

— Mais mentiras judias — retrucou Massoud.

Gabriel sorriu e passou a recitar uma série de números de contas e valores correspondentes.

— São todas contas legítimas usadas para propósitos legítimos — afirmou Massoud, calmo.

— Então você não teria objeções se falássemos sobre elas ao VEVAK?

— Eu não trabalho para o VEVAK.

— Sim, você trabalha, Massoud. E isso significa que você tem como sair desta situação — Gabriel fez uma pausa. — Se estivesse em seu lugar, eu usaria esse recurso.

— Talvez eu não seja tão prolixo quanto você, Allon.

— Ah — disse Gabriel, sorrindo você me reconheceu, afinal.

— Seu rosto tende a aparecer nos jornais. Gabriel virou uma página do arquivo.

— Você está enfrentando acusações sérias, Massoud. Como você se declara?

— Inocente.

— Como você se declara?

— Inocente.

— Como você se declara? Silêncio...

Gabriel ergueu os olhos.

— Como você se declara, Massoud? — perguntou gentilmente.

— O que você quer de mim?

— Quero que você responda a algumas perguntas.

— E depois?

— Se você me disser a verdade, será solto. Se mentir para mim, vou dizer aos seus superiores em Teerã que você andou roubando dinheiro deles. E aí eles vão meter uma bala na sua cabeça.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Porque, neste instante, eu sou seu único amigo no mundo. O iraniano não respondeu.

— Como você se declara, Massoud?

— O que você quer saber?

32

Kandestederne, Dinamarca

Eles lhe deram um banho quente sob a mira de uma arma e o vestiram num agasalho azul e branco extragrande para acomodar seu porte volumoso. Um

prato de comida o aguardava na sala de jantar, junto com uma xícara de chá persa adocicado. Apesar de estar faminto e de não ter recebido nenhum utensílio além de uma inofensiva colher de plástico, ele conseguiu comer com dignidade.

— Nada para você? — perguntou, gesticulando em direção ao lugar vazio na mesa em frente a Gabriel.

— Eu não conseguiria comer até o final.

— Não seja tão crítico, Allon. Nós dois somos profissionais.

— Você é um assassino.

— Você também.

Gabriel olhou para Yaakov e a comida foi removida. Massoud não demonstrou raiva.

— Primeira regra de interrogatórios, Allon: não deixe o prisioneiro afetá-lo emocionalmente.

— Segunda regra, Massoud: não irrite o interrogador.

— Eu gostaria de fumar.

— Não.

— Então talvez você seja gentil o suficiente para me permitir rezar.

— Se for necessário.

— É necessário. Que horas são?

— Isha.

— Em que direção fica Meca?

Gabriel apontou para a direita. Massoud sorriu.

— Terceira regra de interrogatórios, Allon: não diga ao prisioneiro onde ele está.

— Você está no inferno, Massoud. E o único jeito de sair é me dizendo a verdade.

Ele rezou por trinta minutos. Quando terminou, Mikhail e Yaakov começaram a prendê-lo na cadeira de metal, mas Gabriel interveio e disse em hebraico que aquilo não seria necessário. Massoud franziu a testa, como se não tivesse entendido, mas Gabriel imaginou que fosse fingimento. Ele permitiu que o iraniano comesse o resto de seu jantar. Em seguida, ofereceu mais uma xícara de chá quente.

— Que bondoso de sua parte.

— Eu garanto que meus motivos são inteiramente egoístas — retrucou Gabriel. — Nós temos uma longa noite à nossa frente.

— Por onde você gostaria de começar?

— Pelo começo.

— No princípio — recitou Massoud —, Deus criou o céu e a terra. Então, Ele criou os judeus e estragou a coisa toda.

— Vamos avançar o calendário alguns anos, que tal?

— Até quando?

— Até David Girard — respondeu Gabriel. — Também conhecido como Daoud Ghandour.

Não seria possível contar a história de Daoud Ghandour, disse Massoud, sem antes falar da infeliz ocupação do Líbano por parte de Israel. Gabriel hesitou em lhe dar uma plataforma para discursos triunfalistas, mas logo percebeu ser uma oportunidade rara que não podia ser desprezada. Assim, ele sentou com as mãos apoiadas na mesa e ouviu pacientemente Massoud recontar como os iranianos tinham explorado com habilidade o caos no Líbano para criar uma armadilha mortal para centenas de soldados israelenses.

— Vocês vieram ao Líbano para destruir a OLP — falou ele, provocando Gabriel com toda a sutileza — e em seu lugar deixaram o Hezbollah.

Seguindo em frente com sua história, Massoud deixou de lado o papel de refém político ofendido e adotou o ar de um professor universitário dando uma palestra. Observando-o, Gabriel entendeu por que ele tinha prosperado no mundo competitivo da Guarda Revolucionária e do VEVAK. Num universo paralelo, Massoud poderia ter sido um jurista renomado ou um político de um país decente. Em vez disso, a história turbulenta do Islã e do Oriente Médio conspirara para transformá-lo em alguém que comandava assassinatos em massa. Mesmo assim, Gabriel não pôde deixar de sentir certo respeito por ele. Para se afastar disso, de vez em quando ele olhava para as fotos ampliadas das obras de Massoud, que fazia o mesmo. Ele parecia especialmente orgulhoso de uma: a que mostrava nuvens de fumaça se erguendo dos quartéis dos fuzileiros navais norte-americanos em Beirute. O evento, afirmou, foi um divisor de águas na história do envolvimento dos Estados Unidos no Oriente Médio. Serviu para revelar que o país era frágil e covarde, podendo ser atingido e debandando assim que via o próprio sangue. E tinha deixado uma impressão profunda num jovem xiita libanês chamado Daoud Ghandour.

— Poucas horas após o ataque, ele foi até o recrutador do Hezbollah em sua vizinhança no sul de Beirute. Mas havia um problema: Ghandour acabara de ser aceito pela Sorbonne, em Paris. Ele disse que preferia ficar no Líbano para lutar contra os judeus e os norte-americanos. O recrutador teve uma idéia melhor. Ele recomendou que Ghandour se instruísse. E depois ligou para mim.

— Então Ghandour era um espião do Irã desde o começo?

— Você está sendo linear demais em seu pensamento, Allon. Lembre-se, nós estávamos ativos em quase todos os níveis do Hezbollah desde o começo. O próprio Hezbollah era um espião do Irã.

— Quem o controlava?

— Nossa base em Paris. Quando não estava estudando, Ghandour nos ajudava a organizar todos os exilados e dissidentes iranianos que abriram negócios na França após a queda do xá.

— E na Inglaterra?

— Londres ficou responsável por Ghandour enquanto ele terminava o doutorado em Oxford. Na época em que ele começou a trabalhar na Sothebys, eu já tinha deixado de ser militar e era um diplomata respeitável.

— Você assumiu o controle?

Massoud assentiu.

— Mas agora ele não era mais Daoud Ghandour, um garoto pobre do sul do Líbano. Tinha se transformado em David Girard, um especialista em antigüidades que viajava pelo mundo em nome de uma respeitada casa de leilões.

— Seu sonho se realizou.

— O dele também, eu imagino.

— Como você o usou?

— Com cautela. Ele podia ir a lugares inacessíveis para mim e falar com pessoas com quem eu não podia encontrar.

— Então você o usou como mensageiro?

— Ele era meu serviço particular de correio. Se o VEVAK quisesse que uma célula do Hezbollah em, digamos, Istambul realizasse um ataque, podíamos preparar tudo de longe por meio de David. Ele era o canal de comunicação com a célula e também cuidava das necessidades financeiras. Em alguns casos, até coordenava o carregamento de explosivos e outras armas. Era perfeito. — Massoud ficou em silêncio. — E também havia o dinheiro.

— Do comércio de antigüidades ilícitas?

Massoud aquiesceu.

— David teve a idéia quando trabalhava na Sothebys. Ele sabia que aqueles que estavam dispostos a ignorar a lei poderiam gerar muito dinheiro. E que boa parte do comércio era controlada por um homem.

— Cario Marchese.

— Aliado do Vaticano — acrescentou Massoud, com desdém. — Só que a organização de Cario tinha uma falha: era muito forte na Europa, mas

precisava de materiais do Oriente Médio.

— Materiais que o Hezbollah foi capaz de fornecer.

— Não só o Hezbollah. Muitas das antigüidades eram peças do império persa que saíram do solo iraniano. Em pouco tempo, a operação estava gerando milhões de dólares por mês, que eram enviados direto para os cofres do Hezbollah.

— Até que uma curadora do Vaticano começou a fazer perguntas demais.

— Sim — concordou Massoud. — E a festa acabou.

Massoud pediu um cigarro pela segunda vez e Gabriel cedeu, dando-lhe um dos Marlboros de Yaakov. Ele o fumou devagar, como se suspeitasse que não fosse ganhar outro, e tomou o cuidado de soprar a fumaça para longe de Gabriel. Pelo visto, o VEVAK estava ciente de sua aversão a tabaco.

E não só disso. Massoud se gabou de saber que o monsenhor Luigi Donati tinha pedido a Gabriel para investigar a morte de Claudia Andreatti e que o israelense encontrara o cadáver de um ladrão de túmulos chamado Roberto Falcone. O VEVAK tomara conhecimento desses fatos, relatou Massoud, por meio de Cario Marchese, que as contara para seu sócio David Girard.

— Cario estava ciente de sua investigação desde o começo — explicou Massoud. — E ele acreditava, com razão, que você era uma ameaça. Quando os outros membros da rede começaram a ficar nervosos, ele lhes pediu que não se preocupassem, pois encontraria uma solução à moda italiana.

— Mandando me matarem?

Massoud assentiu.

— Mas antes ele queria ter uma idéia do quanto você sabia sobre a operação dele. Então, ele fez um jantar em sua homenagem. E tentou matá-lo na sua volta para casa. — Ele balançou a cabeça devagar. — Honestamente, não ficamos surpresos quando o atentado fracassou. O homem que Cario mandou para fazer o trabalho pode ter sido bom o suficiente para ganhar a vida na Itália, mas não no nosso mundo.

— Assim, você decidiu cuidar da questão.

— Nós encaramos a situação como uma oportunidade única de associar seu serviço secreto a um escândalo, no pior momento possível para vocês. Também apreciamos a chance de nos vingarmos pelo dano que você causou ao nosso programa nuclear.

— Como você sabia que encontraríamos Girard?

— Digamos que nós temos muita fé em sua habilidade, embora ninguém imaginasse que você estaria em posse de uma ânfora grega roubada. Esse foi um

golpe de mestre, Allon.

— Eu mal posso expressar o quanto sua aprovação significa para mim. Mas você estava prestes a explicar como os dois assassinos enviados a St. Moritz para me matarem estragaram o trabalho.

— Nós achamos que seria importante manter seu corpo claramente reconhecível. Se você fosse explodido em pedaços, seu serviço secreto poderia negar que você estava lá.

— Que atencioso.

O iraniano deu de ombros.

— Então você tirou a vida de um dos principais agentes do Hezbollah para me matar em circunstâncias que fossem constrangedoras para meu serviço?

Massoud anuiu.

— Quando a ligação do Hezbollah com a rede de contrabando de Cario foi exposta, Girard deixou de ser útil. Ele era dispensável.

— Assim como você — replicou Gabriel. — Nós sabemos que um grande ataque está vindo, e você vai nos ajudar a impedi-lo. Caso contrário, vou fazer com você o que fiz com aquelas instalações secretas de enriquecimento de urânio. Vou explodi-lo em pedaços. E aí vou despachar os restos para os seus mestres em Teerã numa caixa.

Ele tentou se esquivar e empurrou várias fábulas para satisfazer sua pequena e atenta audiência, mas Gabriel não esperava outra coisa. Sua expressão deixava claro que ele já vira performances similares. As demandas eram claras e inflexíveis: ele queria detalhes verificáveis do ataque pendente — a hora, o lugar, o alvo, as armas e os membros da célula atacante. Depois que o ataque fosse frustrado, Massoud seria solto com discrição. Mas se ele se recusasse a fornecer a informação ou só a desse quando não tivesse mais serventia, Gabriel o destruiria.

— Como sou seu único amigo no mundo — falou Gabriel —, eu o aconselharia a aceitar nossa oferta generosa. Tudo o que você precisa fazer é dar os detalhes de um único ataque. Em troca, você será liberado para mutilar e assassinar quantas pessoas quiser.

— Saiba que você estará no topo da minha lista, Allon.

— Eu recomendo que você aceite um trabalho burocrático na sede do VEVAK em Teerã — replicou Gabriel —, porque, se você sair do Irã de novo, eu e meus amigos vamos caçá-lo e matá-lo.

— Como posso ter certeza de que vocês não vão me matar de qualquer jeito?

— Porque nós não somos como vocês, Massoud. Quando fazemos um acordo, nós o cumprimos. Além do mais, nunca fez parte do nosso estilo matar reféns a sangue-frio.

Massoud fitou as fotos de seus atentados antes de encarar Gabriel.

— Eu não tenho idéia de que dia é hoje.

— É sexta-feira.

A expressão de Massoud se tornou sombria.

— Que horas?

— Isso depende.

— Horário da Europa Central.

Gabriel ligou o celular e olhou para a tela.

— São 2h12 da madrugada.

— Ótimo. Isso significa que ainda temos um pouco de tempo.

— Quando será o ataque?

— Hoje à noite, pouco depois do pôr do sol.

— O sabá?

Massoud assentiu.

— Qual é o alvo?

— Uma cidade que você conhece bem, Allon. Na verdade — acrescentou o iraniano, sorrindo — foi escolhida em sua homenagem.

33

Viena

Gabriel conseguiu um voo que saía às 6h30 de Copenhague e chegava em Viena no meio da manhã. Depois de entrar na Áustria com um passaporte norte-americano que convenientemente se esquecera de devolver para Adrian Carter, ele entrou numa cafeteria do aeroporto e leu os jornais por uma hora, até que viu Mikhail, Oded, Yaakov e Lavon atravessando o saguão de desembarque. Seguiu-os até a saída e os observou entrando em quatro táxis diferentes. Caminhou em direção a um sedã preto com placa de Viena e se acomodou no banco de trás, onde Shamron já estava sentado. Ele se livrara da roupa sob medida de lã e seda de Herr Heller e voltara a vestir calças cáqui, a camisa branca de algodão e a jaqueta de couro. Ari jogou o cigarro pela janela quando o carro começou a andar.

— Parece que você não dorme há uma semana.

— Eu não durmo há uma semana.

— Só mais algumas horas, filho, e tudo estará terminado.

O carro entrou na A4 Ost Autobahn e seguiu para o centro de Viena. O tempo estava terrível: chuva de vento com granizo e neve.

— Quanto os austríacos sabem? — perguntou Gabriel.

— Hoje, no começo da manhã, Uzi acordou Jonas Kessler, o chefe do serviço de segurança austríaco, e disse que o país dele seria alvo de um ataque terrorista.

— Como Kessler reagiu?

— Depois de fazer o sermão obrigatório sobre como Israel está tornando o mundo menos seguro, ele exigiu saber a origem da informação. Como você deve imaginar, a resposta de Uzi foi um tanto vaga e Kessler não ficou muito contente.

— Ele tem noção da urgência?

— Ele sabe que estamos falando de horas e não dias, mas Uzi insistiu em falar o resto pessoalmente. Aliás, seria uma boa idéia se você conduzisse a reunião.

— Eu?

Shamron assentiu.

— Alguns dos nossos aliados instáveis aqui na Europa têm a impressão de que nós passamos informações só para engrandecer nossa própria importância. Mas se o aviso vier de você, eles veriam claramente que a situação é séria. Mortalmente séria.

— Porque eles sabem que eu não pisaria neste país a menos que houvesse vidas em risco?

— Exato.

— E quando eles perguntarem sobre a fonte da informação?

— Você diz que um passarinho lhe contou. E passa para o próximo item.

Gabriel ficou em silêncio por um tempo.

— Se Massoud estiver falando a verdade, o caso está além da capacidade dos austríacos. Isso precisa ser resolvido com eficiência, Ari. Senão pessoas vão morrer. Muitas pessoas.

— Então, talvez haja uma solução justa.

— Qual?

— Nós salvamos as vidas e eles levam o crédito.

Gabriel sorriu. Fechando os olhos, dormiu no mesmo instante.

Como sempre, houve uma disputa entre os serviços na hora de decidir o local da reunião. Uzi Navot queria que fosse numa sala segura na embaixada israelense, mas Jonas Kessler escolheu um imponente prédio do governo no elegante Innere Stadt, a um quarteirão da Ópera Estatal. Um aviso no saguão declarava que o lugar seria usado naquele dia para uma conferência relacionada a agricultura sustentável, mas, na entrada do salão principal, havia uma lata de lixo onde os convidados eram instruídos a depositar seus celulares e outros equipamentos eletrônicos. O cômodo era uma monstruosidade da época dos Habsburgos, com cortinas de ouro e lustres de cristal que flutuavam como nuvens cheias de velas. Quando Gabriel e Shamron entraram, Navot se inclinava sobre uma mesa de bufê coberta de bolos vienenses e tortas de creme. Kessler, uma figura ossuda com cabelos escuros penteados bem para trás, estava no canto oposto do aposento, cercado por um cordão protetor de assistentes. Ele olhava para o relógio e parecia pensar se daria para encerrar o encontro a tempo do seu exercício físico do meio-dia.

Seguindo a orientação de Kessler, eles tomaram os lugares designados numa mesa retangular que parecia mais adequada para uma cúpula de governo na época da Guerra Fria do que para uma reunião de espiões. Gabriel, Shamron e Navot sentaram de um lado, e os austríacos do outro. A maior parte era da divisão de contraterrorismo do serviço de segurança, mas também havia diversos

oficiais do alto escalão da Bundespolizei, a polícia nacional austríaca. Kessler não se deu o trabalho de fazer apresentações. Também não houve nenhuma discussão acerca do idioma a ser usado: Gabriel, Shamron e Navot falavam alemão fluente. Navot tinha até mesmo um traço do sotaque vienense. Seus ancestrais moravam em Viena quando os alemães anexaram a Áustria em 1938. Aqueles que conseguiram escapar perderam tudo — menos o sotaque vienense.

— Nós estamos honrados por termos tantos agentes distintos de seu serviço conosco hoje — anunciou Kessler sem muita convicção, batendo com uma colher de prata contra a borda de sua xícara de café de porcelana como se fosse um martelinho de juiz. — Especialmente você, Herr Allon. Já faz muito tempo desde sua última visita a Viena.

— Não tanto quanto você pensa — observou Gabriel.

Kessler forçou um pequeno sorriso.

— Eu estava trabalhando na noite em que a OLP explodiu aquela bomba embaixo do seu carro — disse ele após um momento. — Lembro como se fosse ontem.

— Eu também — falou Gabriel, impassível.

— Imagino que sim. Eu também estava trabalhando na noite em que você sequestrou Erich Radek de sua casa no Primeiro Distrito e o levou para Israel.

— Radek concordou em ir para Israel.

— Só depois de você removê-lo da cena do crime em Treblinka. Mas isso, como dizem, é história antiga. — Outro sorriso forçado. — Herr Navot me contou que o Hezbollah está mirando Viena.

Gabriel assentiu.

— Quando esse ataque vai ocorrer?

— Pouco depois do pôr do sol.

— O alvo?

— A sinagoga Stadttempel e o centro comunitário. Se os terroristas forem bem-sucedidos, mais de cem pessoas podem ser mortas esta noite. Mas, por outro lado, se trabalharmos em conjunto... — A voz de Gabriel se perdeu, deixando o pensamento inacabado.

— Sim?

— Só os quatro terroristas morrerão.

— Nós não concordamos em trabalhar com você, Herr Allon. E certamente não vamos nos engajar em uma operação de assassinato seletivo.

— Quando eu terminar de explicar a ameaça, você vai se dar conta de que não há alternativa.

— Talvez você possa fazer a gentileza de nos revelar a fonte de sua informação.

— Regra número um ao trabalhar com o Escritório: não faça perguntas demais.

Os pouco ortodoxos comentários iniciais de Gabriel deixaram sua audiência sem palavras. Quando ele transmitiu a informação que lhe fora dada por Massoud, os austríacos ofegaram, sem querer acreditar. Gabriel entendia muito bem a reação, pois naquele instante quatro membros do Hezbollah estavam enfurnados num apartamento na Koppstrasse, número 34, preparando-se para executar um dos piores ataques terroristas na história da Áustria. Cada membro da célula estaria armado com uma pistola semiautomática e um colete com dezenas de quilos de explosivos e estilhaços. Eles usariam as armas para subjugar os seguranças que vigiavam o complexo durante as cerimônias. Com os guardas neutralizados, a equipe se dividiria: dois homens para a sinagoga, dois para o centro comunitário localizado do outro lado da rua estreita. Eles pretendiam se detonar ao mesmo tempo. Allahu Akbar.

— Por que não entrar no apartamento e prendê-los agora? — perguntou Kessler.

— Porque eles não são amadores dos cortiços muçulmanos do Europa Oriental, mas, sim, terroristas treinados do Hezbollah que começaram sua carreira lutando contra o exército israelense no sul do Líbano.

— O que isso significa?

— Que eles estão preparados. Se você tentar entrar naquele apartamento, vão detonar os explosivos. A mesma coisa vai acontecer se você tentar evacuar o prédio discretamente ou prendê-los a qualquer momento a caminho de sua viagem ao paraíso.

— E por que não cancelar as cerimônias desta noite?

— Nada nos deixaria mais felizes. Mas se os terroristas chegarem e encontrarem a sinagoga fechada, eles vão buscar outro alvo. Naquele horário, tenho certeza de que vai ser fácil achar algo. Acredito que eles seguiriam para a Kárntnerstrasse para matarem tantos austríacos inocentes quanto possível.

Gabriel estava se referindo ao movimentado bulevar que ia da Ópera Estatal até a catedral Stephansdom. Coração econômico e social de Viena, a rua era tomada por cafés, estabelecimentos exclusivos e lojas de departamentos. Numa noite de sexta-feira, um ataque naquela região seria devastador. Jonas Kessler estava ciente disso, claro, o que explicava sua expressão aturdida.

Quando enfim voltou a falar, sua voz não carregava mais o sarcasmo de antes. Gabriel chegou a detectar um quê de gratidão.

— O que você está sugerindo, Herr Allon?

— Receio que haja apenas um plano possível.

— Qual?

— Nós esperamos os terroristas se aproximarem da sinagoga e declararem suas intenções. E então os abatemos antes que eles se detonem.

— Matá-los?

Gabriel não respondeu. Shamron e Navot permaneceram calados.

— Nós temos uma unidade tática policial muito bem-treinada, que certamente está à altura dessa tarefa.

— Einsatzkommando Cobra — interveio Shamron. — Mais conhecidos como EKO Cobra.

Kessler assentiu.

— É para esse tipo de situação que eles são treinados.

— Com todo o respeito, Herr Kessler, quando foi a última vez que um membro da EKO Cobra atirou no ponto da cabeça equivalente ao tronco encefálico de um terrorista, para impedi-lo de detonar uma bomba com uma contração involuntária dos dedos?

Kessler ficou em silêncio.

— Foi o que pensei — disse Shamron. — Por acaso você se lembra de quando a EKO Cobra foi formada, Herr Kessler?

— Pouco depois do massacre nas Olimpíadas de Munique.

— Correto — falou Shamron. — E eu estava lá naquela noite, Herr Kessler. Nós imploramos aos alemães para que nos deixassem conduzir a operação de resgate na Base Aérea Fürstenfeldbruck, mas eles recusaram. Eu tive que escutar os gritos de meus cidadãos enquanto eles eram massacrados. Foi... — Sua voz sumiu, como se ele estivesse pensando na palavra apropriada. Por fim, completou: — Foi inacreditável.

— As pessoas que vão entrar naquela sinagoga hoje à noite são cidadãos austríacos.

— Isso é verdade — concordou Shamron. — Mas eles também são judeus, o que significa que nós somos seus guardiões. E nós vamos garantir que eles saiam vivos.

34

VIENA

O debate foi encerrado e ambos os lados começaram a estabelecer um acordo operacional. Em poucos minutos, eles tinham o esboço de um contrato. Gabriel e Mikhail cuidariam de matar os terroristas e a EKO Cobra, da vigilância. Por insistência de Kessler, os austríacos se reservavam o direito de agirem contra os muçulmanos a qualquer momento antes de sua chegada ao Bairro Judeu, se a oportunidade se apresentasse. Caso contrário, eles tinham ordens de dar amplo espaço de manobra à equipe do Hezbollah — ou, nas palavras de Shamron, eles deveriam escoltá-la silenciosamente até as portas da morte. Gabriel facilitou o trabalho dos austríacos revelando a Kessler a exata rota que os terroristas fariam até a sinagoga e os bondes que tomariam. Kessler ficou impressionado. Ele sugeriu que Gabriel usasse uma cafeteria na Rotenturmstrasse como posto de preparação. Gabriel sorriu e disse que usaria o estabelecimento vizinho.

— Por quê?

— A vista é melhor.

— Quando exatamente você esteve em Viena pela última vez?

— Não lembro.

Restavam apenas as regras de combate. Nesse ponto não houve espaço para debate. Gabriel e Mikhail não agiriam até que os terroristas sacassem suas armas — e se eles matassem homens desarmados, seriam processados de acordo com as mais rígidas leis austríacas, além de quaisquer outras leis que Kessler fosse capaz de conceber. Gabriel concordou com a medida e até mesmo assinou um documento preparado às pressas. Depois de acrescentar seu próprio nome, Kessler distribuiu vários minirrádios pré-configurados na freqüência que as equipes da EKO Cobra usariam naquela noite.

— Armas? — perguntou Kessler.

— Ainda é um pouco cedo para mim — respondeu Gabriel.

Kessler franziu a testa.

— Suas informações são bem precisas — comentou ele. — Vamos torcer para que estejam certas.

— Costumam estar. É assim que sobrevivemos numa vizinhança perigosa.

— Você vai me dizer quem é sua fonte?

— Isso só complicaria as coisas.

— Suponho que não haja qualquer relação com aquele diplomata iraniano desaparecido.

— Que diplomata desaparecido?

Já era quase meio-dia. Shamron deu o cartão magnético de um quarto de hotel no Innere Stadt para Gabriel e lhe recomendou que descansasse por algumas horas. Allon ainda queria inspecionar o campo de batalha à luz do dia, portanto percorreu a Kärntnerstrasse, sendo seguido sem muita discrição por dois palermas do serviço de Kessler. Nas ruas da Stephansplatz, uma multidão comemorava a Quaresma. Gabriel cogitou entrar na catedral para ver um retábulo que tinha restaurado, mas mudou de idéia e atravessou as tendas coloridas, se dirigindo para o Bairro Judeu.

Antes da Segunda Guerra, o emaranhado de ruas e becos estreitos constituíra o centro de uma das comunidades judaicas mais vibrantes e notáveis do mundo. No auge, chegou a comportar 192 mil pessoas, mas, em novembro de 1942, havia apenas sete mil. O restante fugira ou fora morto nos campos de concentração da Alemanha nazista. Mas o Holocausto não foi o primeiro ataque maciço sofrido pelos judeus vienenses. Em 1421, toda a população judia foi queimada, batizada à força ou expulsa quando uma onda cruel de assassinatos rituais tomou a cidade. Era como se os austríacos às vezes se sentissem compelidos a massacrar judeus.

A Stadttempel era o coração do Bairro Judeu. Construída no começo do século XIX, quando um decreto do imperador José II passou a exigir que locais de cultos não católicos não ficassem à vista do povo, ela foi erguida atrás de uma fachada de casas antigas numa pequena via de pedras chamada Seitenstet—tengasse. Durante a Noite dos Cristais — o levante organizado contra os judeus que varreu a Alemanha e a Áustria em novembro de 1938 —, as sinagogas de Viena foram incendiadas sem que os bombeiros esboçassem uma reação. Mas não a Stadttempel. Um incêndio ali teria destruído as estruturas vizinhas, assim as multidões tiveram que se contentar em destruir as janelas e vandalizar o glorioso santuário. Foi o único local de oração judaico da cidade inteira que sobreviveu àquela noite.

Gabriel se aproximou da sinagoga pela mesma rota que os terroristas usariam à noite. Ao pôr do sol, a maior parte dos fiéis estaria reunida do lado de dentro, mas sem dúvida haveria algumas pessoas amontoadas ao redor da entrada. Protegê-las de danos colaterais seria o principal desafio. Gabriel e Mikhail teriam que ser extremamente rápidos e precisos. Allon calculou que eles teriam apenas dois segundos para agir depois que os terroristas se identificassem — dois segundos para imobilizar quatro terroristas experientes. Não era o tipo de coisa que podia ser ensinada numa sala de aula ou num estande de tiro. Exigia

anos de treinamento e prática, e mesmo assim um instante de hesitação poderia fazer a diferença entra a vida e a morte, não só para os alvos do ataque como também para os dois agentes.

Gabriel ficou na rua até memorizar cada rachadura e pedra e, então, seguiu para uma pitoresca praça com diversos restaurantes. Era lá que ficava o restaurante italiano onde ele fizera sua última refeição com Leah e Dani e, na rua adjacente, o local onde seu carro tinha explodido. Gabriel ficou parado por um bom tempo, paralisado pelas lembranças. Tentou controlar os pensamentos, mas não conseguiu. Era como se tivesse contraído a doença implacável de Leah. Algo tocou seu cotovelo. Ele se virou bruscamente e viu o rosto maquiado de uma austríaca idosa. Gabriel calculou sua idade. Era outro raciocínio automático incontrolável.

— O senhor está perdido? — perguntou ela em alemão.

— Sim — respondeu Gabriel, sendo sincero.

— Aonde está indo?

— Café Central — disse ele, sem hesitar.

Ela apontou para o sudoeste, em direção ao Hofburg. Gabriel seguiu em frente até sair da vista da mulher. Em seguida, deu meia-volta e andou até a catedral. O hotel onde o Escritório tinha reservado um quarto para ele ficava na rua seguinte. Ao entrar, Gabriel viu Yaakov e Lavon tomando café no saguão. Ele os ignorou e procurou o recepcionista, para avisar que subiria a seu quarto.

— Sua esposa chegou há pouco tempo — informou o homem.

Gabriel sentiu um nó no estômago.

— Minha esposa?

— Sim. Alta, cabelos escuros compridos, olhos escuros.

— Italiana?

— Muito.

Gabriel conseguiu respirar de novo. Ele passou por Yaakov e Lavon sem dizer uma palavra e seguiu para o quarto.

Pendurado na maçaneta, havia um aviso de NÃO PERTURBE. Gabriel passou o cartão magnético e entrou sem fazer barulho. O chuveiro estava ligado e Chiara cantava no banho. Seu tom era melancólico e a voz, baixa e sensual. Gabriel foi até a cama, onde uma muda nova de suas próprias roupas fora posta numa pilha organizada. Ao lado, se encontravam um silenciador, uma caixa de munição, um coldre de ombro e uma Beretta calibre 45, maior que a 9 milímetros que ele preferia, mas necessária para um tiro rápido e letal. As balas de ponta oca ajudariam a diminuir as chances de danos colaterais, pois não

tinham tanto poder de penetração e não atravessariam o corpo. Gabriel carregou dez no pente e o inseriu na pistola. Em seguida, enroscou o silenciador na ponta do cano e estendeu o braço, verificando a estabilidade da arma.

— O que você acha que pessoas normais fazem quando vêm a Viena? — perguntou Chiara.

— Tomam café e ouvem música.

Gabriel baixou a pistola e olhou para a esposa. Ela estava recostada no batente da porta vestindo um roupão de banho, o rosto corado pelo calor do banho.

— Eu achei que tinha falado para você ficar em Jerusalém.

— Você falou.

— Então por que você está aqui?

— Eu não queria que você tivesse que voltar para cá sozinho.

Gabriel tirou o pente e soltou o silenciador.

— Por que você está fazendo isso? — indagou ela.

— Porque os austríacos nunca lidaram com uma situação como essa antes. E, mesmo se tivessem lidado, eu não estaria disposto a confiar neles quando se trata de vidas judias.

— Essa é a única razão?

— Por que mais eu faria isso?

Chiara sentou na beira da cama e o observou com atenção.

— Você parece péssimo — constatou.

— Obrigado, Chiara. Você está linda, como sempre.

Ela ignorou o comentário.

— Eu não sei como foi aquela noite, mas tenho uma boa noção — falou Chiara. — Você a revive nos sonhos com mais freqüência do que imagina. Eu ouço tudo. Ouço você chorando sobre o corpo de Dani. Ouço você dizendo a Leah que a ambulância vai chegar logo.

Ela ficou em silêncio e enxugou uma lágrima da bochecha.

— Mas, às vezes, não é assim que acontece — continuou. — Aí você mata os terroristas antes de eles conseguirem detonar a bomba. Leah e Dani ficam ilesos.

Você segue sua vida, feliz. Sem explosão. Sem funeral. — Ela fez uma pausa. — Sem Chiara.

— É só um sonho.

— Mas é como você queria que as coisas tivessem acontecido.

— Você está certa, Chiara. Eu queria que Dani não tivesse morrido naquela noite. E eu queria que Leah...

— Eu não o culpo, Gabriel — interrompeu-o Chiara. — Eu sabia disso quando me apaixonei por você. Eu sempre soube que só teria parte do seu coração. O resto sempre pertenceria a Leah.

Gabriel se aproximou e tocou o rosto dela.

— O que isso tem a ver com esta noite?

— Você tem razão, Gabriel: é só um sonho. Matar aqueles terroristas hoje não vai trazer Dani de volta. E não vai fazer Leah voltar a ser como antes. O que pode acabar ocorrendo é você ser morto na mesma cidade em que seu filho.

— As únicas pessoas que vão morrer hoje são os terroristas.

— Talvez. Ou talvez você cometa um erro e eu saia de Viena sem marido. — Ela sorriu involuntariamente. — Não seria poético?

— Eu não sou um poeta. E não vou errar.

Ela respirou fundo, desistindo da discussão, e prendeu o roupão com firmeza sobre os seios.

— Você teria lugar para mais uma pessoa na sua equipe hoje?

Gabriel a encarou, inexpressivo.

— Achei que sua resposta seria essa. — Chiara tomou a mão dele. — Como eu vou saber, Gabriel? Como eu vou saber se você está vivo ou morto?

— Se você ouvir explosões, vai saber que estou morto. Mas se ouvir sirenes... — Ele deu de ombros.

— O quê?

— Vai estar tudo terminado. — Gabriel beijou-lhe os lábios e sussurrou: — E aí nós vamos para casa e continuamos nossa vida, felizes.

Gabriel tomou um banho e tentou dormir, mas não conseguiu. Sua mente estava repleta de memórias e seus nervos, fragilizados demais pela ansiedade. Ele ficou deitado em silêncio ao lado de Chiara, vendo o dia escurecer e ouvindo a comunicação no rádio que Kessler lhe dera. A EKO Cobra tinha estabelecido um posto de observação em frente ao apartamento na Koppstrasse e, se valendo de uma câmera termográfica, confirmara a presença de pelo menos quatro pessoas no interior dele. Equipes adicionais da unidade tática estavam posicionadas em vários pontos desde a rua até o Innere Stadt. Os terroristas seguiriam um corredor polonês, que os levaria direto para as armas de Gabriel e Mikhail.

O sol se pôs às 18h12. Às 16h30, Gabriel tomara duas xícaras de café — o suficiente para deixá-lo alerta, mas não para fazer com que suas mãos

tremessem — e vestira jeans azuis desbotados e um pulôver escuro de lã, o uniforme do soldado da noite trazido de Jerusalém por Chiara. Ele carregou a Beretta, colocando-a no coldre de ombro. Enquanto Chiara o observava, praticou repetidamente o saque da arma e o disparo de dois tiros em rápida sucessão, sempre inclinando um pouco a mira para cima.

Quando se sentiu preparado, guardou a arma e pôs a jaqueta de couro. Tirou a aliança e a deu para Chiara. Ela não perguntou a razão; não era necessário. Em vez disso, o beijou pela última vez e tentou não chorar durante sua partida. Chiara ficou sozinha diante da janela, o rosto banhado de lágrimas, rezando para que mais tarde ouvisse sirenes.

35

Viena

O Ministério do Interior ocupava um antigo e grandioso palácio na Herengasse, número 7. Nas profundezas da enorme estrutura, havia um centro de alerta e uma sala de crise, ambos construídos nos dias tensos que se seguiram ao ataque de 11 de setembro, quando todos na Europa, incluindo os austríacos, acreditavam que seriam os próximos na lista da Al-Qaeda. Felizmente, Jonas Kessler só entrara no centro de alerta uma vez, na noite em que Erich Radek fora capturado pelo mesmo homem que agora tinha a carreira de Kessler na palma da mão.

O centro era uma espécie de pequeno anfiteatro. No nível mais baixo, num espaço que a equipe chamava de "poço", agentes de vários ramos da polícia federal austríaca e dos serviços de segurança estavam sentados em três mesas comunais repletas de telefones e computadores. Os funcionários do escalão mais alto ficavam acima, em estações de trabalho, e o último nível era reservado aos chefes, ministros e, se necessário, o próprio chanceler.

Às 17h35, Kessler tomou seu lugar, entre o ministro do Interior e Uzi Navot. Ao lado do diretor do Escritório, estava Ari Shamron, girando seu velho isqueiro entre os dedos e encarando o maior monitor da parede. Mostrava o exterior do prédio da Koppstrasse. Às 17h50, no exato horário que Gabriel previra, quatro jovens libaneses surgiram na entrada. Todos usavam casacos pesados de lã, com os rostos bem barbeados, um sinal de que tinham se preparado ritualmente para os prazeres virginais que os aguardavam no paraíso.

Os árabes caminharam quatro quarteirões até a Thaliastrasse e entraram no metrô. Às 17h55, embarcaram no trem — em vagões distintos, como Gabriel havia alertado que fariam. Observando-os pelos monitores, Kessler praguejou baixinho. Ele se voltou para Navot e Shamron.

— Eu não sei como agradecer.

— Então não agradeça — respondeu Shamron, sombrio. — Só depois que tudo tiver acabado.

— Carma ruim? — perguntou Kessler.

Shamron não deu nenhuma resposta; apenas continuou a girar o isqueiro entre os dedos, nervoso. Ele não acreditava em carma. Ele acreditava em Deus. E em seu anjo vingativo, Gabriel Allon.

Infelizmente, essa não era a primeira vez que terroristas árabes escolhiam a histórica Stadttempel como alvo. Em 1981, duas pessoas foram mortas e trinta ficaram feridas quando militantes palestinos atacaram um bar mitzvah com metralhadoras e granadas de mão. Por causa disso, agora aqueles que desejavam entrar na sinagoga tinham que atravessar um cordão de seguranças israelenses. Membros da comunidade judaica local costumavam ser admitidos sem demora, mas visitantes precisavam passar por um interrogatório enlouquecedor e uma revista dos pertences. Era mais ou menos tão agradável quanto embarcar num avião da El Al.

A maioria dos guardas eram veteranos do ramo de proteção diplomática do Shabak, o serviço de segurança interna de Israel. Assim, dois dos homens de plantão naquela noite reconheceram Yaakov quando ele se aproximou da sinagoga, seguido por Oded e Lavon. Yaakov chamou as sentinelas de lado e avisou, com tanta calma quanto possível, que a sinagoga estava prestes a ser atacada e passou uma série de instruções. Os seguranças imediatamente entraram nos escritórios do centro comunitário judeu, deixando para Yaakov e Oded a vigilância da rua. Lavon, um antigo membro daquela comunidade, cobriu sua cabeça com um quipá e adentrou a sinagoga. Velhos hábitos perduram, pensou, mesmo em tempos de guerra.

Como sempre, havia um pequeno grupo de fiéis espalhado pelo saguão. Lavon passou no meio deles e se viu no belo santuário oval. Ao olhar para a seção feminina, ele viu rostos iluminados pelas velas acesas entre as colunas jônicas. Os homens se acomodavam em seus assentos no nível inferior. Quando Lavon passou por eles e subiu na bimah, várias cabeças se voltaram, surpresas. Alguns sorriram. Fazia muito tempo que não o viam.

— Boa noite, senhoras e senhores — começou Lavon, sua voz calma e agradável. — É bem possível que alguns de vocês se lembrem de mim, mas isso não importa agora. O importante é que todos vocês devem deixar o santuário pela porta dos fundos da forma mais rápida e silenciosa possível.

Lavon tinha esperado um debate talmúdico sobre a necessidade de tal procedimento, ou mesmo se era algo possível de se fazer no sabá. Ele observou, maravilhado, os congregantes se levantarem e seguirem suas instruções ao pé da letra. No fone de ouvido, uma voz em alemão disse que os agentes do Hezbollah haviam feito a transferência para o trem número 3, com destino ao Innere Stadt. Ele consultou o relógio: eram 18h05. Estavam bem no horário.

No final da Rotenturmstrasse, a poucos metros das margens do Donaukanal, há um café chamado Aida. O toldo e a fachada são cor-de-rosa,

fazendo dele a cafeteria mais feia de Viena. Em outro período da vida, de posse de outro nome, Gabriel costumava trazer seu filho até o local quase todas as tardes para um sorvete de chocolate. Naquele momento, ele compartilhava uma mesa com Mikhail Abramov. Quatro membros da EKO Cobra estavam sentados perto, tão discretos quanto um outdoor da Times Square. Gabriel tinha as costas viradas para a rua, o peso da Beretta calibre 45 puxando seu ombro. Mikhail tamborilava na mesa, agitado.

— Por quanto tempo você pretende fazer isso? — perguntou Gabriel.

— Até ver os quatro rapazes do Hezbollah.

— Está me dando dor de cabeça.

— Você vai sobreviver. — Os dedos de Mikhail continuaram batucando. — Eu não queria soltá-lo.

— Massoud?

Mikhail assentiu.

— Eu dei a minha palavra.

— Ele é um assassino.

— Mas eu não sou. Nem você.

— E se ele mentiu? Aí você não precisa manter sua promessa.

— Se quatro homens-bomba do Hezbollah aparecerem naquela rua em alguns minutos — falou Gabriel, indicando a vitrine —, vamos saber que ele falou a verdade.

Mikhail voltou a tamborilar.

— Talvez não seja necessário matá-lo — disse ele, pensativo. — Talvez esquecê-lo seja suficiente.

— Como assim?

— Yossi e os outros poderiam deixar Massoud acorrentado na casa na Dinamarca. Alguém encontraria o esqueleto.

— Uma displicência fingida? É isso que você está sugerindo?

— Acontece.

— Ainda seria assassinato.

— Não, não seria. Seria morte por negligência.

— Não acho que haja diferença.

— Exatamente. — Mikhail abriu a boca para continuar, mas viu que Gabriel prestava atenção no rádio.

— O que foi?

— Eles estão saindo do trem.

— Onde?

— Na Stephansplatz.

— Bem onde Massoud disse que sairiam.

Gabriel anuiu.

— Ainda acho que deveríamos matá-lo.

— Você quer dizer esquecê-lo.

— Isso também.

— Não somos assassinos, Mikhail. Trabalhamos na prevenção de assassinatos.

— Tomara que sim. Caso contrário, vão ter que nos tirar da rua com pinças.

— É melhor ter pensamento positivo.

— Eu sempre prefiro focar no pior resultado possível.

— Por quê?

— Motivação — explicou Mikhail. — Se eu imagino um rabino preparando meu cadáver para o enterro, fico mais motivado a fazer meu trabalho direito.

— É só esperar até as armas aparecerem. Não podemos matar ninguém até ver as armas.

— E se eles não sacarem as armas? E se eles simplesmente se explodirem na rua?

— Pensamento positivo, Mikhail.

— Sou um judeu vindo da Rússia. Pensamentos positivos não são da minha natureza.

A garçonete colocou a conta na mesa. Gabriel deu uma nota de 20 e falou para ela ficar com o troco. Mikhail olhou de relance para os quatro homens da EKO Cobra.

— Eles parecem mais nervosos do que nós.

— Devem estar.

Mikhail voltou o olhar para a rua.

— Você já pensou no que vai fazer depois?

— Vou dormir por vários dias.

— Lembre-se de desligar o telefone.

— Essa é a última vez, Mikhail.

— Até surgirem alguns terroristas querendo matar centenas de judeus. Então você volta.

— Receio que vocês terão que agir sem mim na próxima ocasião.

— Veremos. — Mikhail encarou Gabriel. — Você tem certeza de que está pronto?

— Se me perguntar isso de novo, vou dar um tiro em você.

— Isso seria uma péssima idéia.

— Por quê?

— Olhe lá fora.

Na sala de crise do Ministério do Interior austríaco, Ari Shamron observou os quatro terroristas do Hezbollah entrarem num beco estreito que dava na sinagoga, seguidos por Gabriel e Mikhail. Naquele instante, ele teve uma premonição assustadoramente clara de que ocorreria um desastre, diferente de qualquer coisa que ele já houvesse sentido antes. Não era nada, tranquilizou-se. A Stadttempel já conseguira sobreviver à Noite dos Cristais, e isso voltaria a se repetir. Ele acendeu o isqueiro e fitou a chama. Dois segundos, pensou. Talvez menos. E tudo estaria terminado.

Eles tinham se posicionado numa formação com dois na frente e dois seguindo a poucos passos de distância. Gabriel não pôde deixar de admirar sua competência. Com os casacos de inverno e a falsa atitude casual, eles pareciam quatro jovens querendo aproveitar a noite no famoso Triângulo das Bermudas de Viena, e não terroristas suicidas do Hezbollah a minutos de suas mortes. Gabriel sabia o nome deles, os vilarejos em que tinham nascido e as circunstâncias de seus recrutamentos. Mas agora os homens eram apenas Alef, Bet, Gimel e Dalet — as primeiras quatro letras do alfabeto hebraico. Alef e Bet pertenciam a Gabriel. Gimel e Dalet, a Mikhail. Alef, Bet, Gimel, Dalet... e então tudo acabaria.

A rua se tornava uma ladeira e fazia uma ligeira curva para a direita. Yaakov e Oded parados alguns metros depois, num foco de luz branca em frente à sinagoga. Oded estava interrogando dois judeus norte-americanos que queriam participar da cerimônia do sabá na cidade de seus ancestrais, mas Yaakov prestava atenção aos quatro jovens vindo em sua direção. Ele os observou por um tempo apropriado antes de se forçar a desviar os olhos. Oded parecia não ter percebido o grupo. Ele permitiu que os dois visitantes entrassem e voltou sua atenção para a fila de pessoas à espera. Dez ou mais pessoas, incluindo duas crianças, estavam reunidas na rua sem a menor noção do horror que se aproximava.

Gabriel e Mikhail saíram da cafeteria e foram diminuindo gradualmente a distância até seus alvos. Menos de 10 metros os separavam: quatro terroristas, dois agentes secretos, todos empenhados em suas missões, cada um confiante em

sua causa e em seu deus. Naquela noite, a antiga batalha pelo controle da terra de Israel seria mais uma vez travada numa bela rua vienense. Gabriel não conseguiu deixar de sentir o peso da história sobre seus ombros enquanto subia a rua íngreme — sua própria história, a história de seu povo, Shamron... Ele imaginou Shamron em sua juventude, perseguindo Adolf Eichmann ao longo de uma rua deserta no norte de Buenos Aires. Shamron tinha tropeçado num cadarço e quase caíra. Depois daquela missão, passou a amarrar os sapatos com nós duplos sempre que estava numa operação. Gabriel havia feito o mesmo, em homenagem ao Velho. Nada de cadarço solto. Nada de pesadelo de sangue e fogo numa sinagoga em Viena.

Gabriel e Mikhail apertaram um pouco o passo, reduzindo ainda mais a distância. Quando os terroristas passaram pelo feixe de luz de um poste, Gabriel notou o fio de um detonador correndo pela parte interna do pulso de Alef. Os quatro homens tinham os casacos bem abotoados e, não por coincidência, as mãos direitas estavam enfiadas nos bolsos. Saquem, pensou. Dois segundos, talvez menos. Alef, Bet, Gimel, Dalet...

Gabriel olhou rapidamente por cima do ombro e viu a equipe da EKO Cobra seguindo em silêncio atrás deles. Yaakov e Oded conseguiram colocar a maior parte das pessoas para dentro, mas alguns fiéis vagavam pela rua, incluindo as duas crianças. Mikhail respirou fundo várias vezes para tentar diminuir os batimentos cardíacos, mas Gabriel não se deu o trabalho de fazer o mesmo. Não seria possível. Não naquela noite. Ele encarou a mão direita de Alef, seu coração batendo no peito como um tambor, e esperou que a arma surgisse. Mas quem a viu foi uma das crianças, um menino. Seu grito de medo impulsionou Gabriel.

Não haveria explosão.

Não haveria o funeral.

Apenas dois anjos caídos correndo para a frente com os braços estendidos.

Dois segundos, talvez menos.

Alef, Bet, Gimel, Dalet...

Estava tudo terminado.

Chiara não ouviu os tiros, apenas as sirenes. Sozinha em seu quarto, ela pensou que era o som mais belo que já ouvira em toda a sua vida. Ficou escutando por um bom tempo, até que pegou o celular e ligou para Uzi Navot, no Ministério do Interior. Mal pôde ouvir a voz dele por cima do ruído de fundo.

— O que está acontecendo?

— Terminou.
— Alguém ficou ferido?
— Só os vilões.
— Onde ele está?
— Os austríacos estão com ele.
— Eu o quero de volta.
— Não se preocupe — disse Navot. — Agora ele é todo seu.

36

Viena — Tel Aviv — Vaticano

Como boa parte das mentiras, não era muito convincente. Shamron não viu problemas nisso. Na verdade, ele aprovou completamente. Mentir, afirmou, era algo humano, mesmo quando praticado por profissionais. E uma mentira que fosse dita com facilidade demais não seria muito convincente.

No começo, houve certa confusão quanto ao que acontecera durante o pôr do sol na rua estreita do lado de fora da Stadttempel. Os primeiros relatos na rádio austríaca falavam de dois homens armados que tinham matado quatro judeus no que parecia um ato de violência da extrema direita. A situação ficou mais complicada no momento em que um grupo obscuro neonazista alegou responsabilidade pelo feito. O primeiro instinto de Jonas Kessler foi de corrigir a história. Mas Shamron e Navot o convenceram a não tomar qualquer atitude até as nove da noite, quando ele enfim apareceu na sala de imprensa do Ministério do Interior para revelar a verdade — ou, ao menos, a verdade de acordo com seu ponto de vista. Sim, começou Kessler, houve de fato tiros na sinagoga, mas os quatro mortos eram homens-bomba do Hezbollah que tinham vindo a Viena para realizar um violento ataque terrorista. As autoridades austríacas haviam sido alertadas sobre a célula por meio de um serviço de inteligência estrangeiro que, por razões compreensíveis, teria que permanecer incógnito. Quanto à operação bem-sucedida, tratou-se de uma ação estritamente austríaca desempenhada pela divisão EKO Cobra da polícia federal.

— Foi o melhor momento da EKO Cobra — concluiu Kessler com admirável sinceridade.

Como seria de esperar, a imprensa focou seu interesse no elemento mais nebuloso da história de Kessler: a fonte da informação que conduzira à operação. O serviço secreto suíço se recusou a comentar, mas, dentro de 48 horas, várias

"fontes" sem nome discretamente deram o crédito à CIA. Os analistas de terrorismo na televisão voltaram a questionar a exatidão dos relatos, acreditando no envolvimento de Israel. Os israelenses se recusaram a fazer qualquer comentário.

Na manhã seguinte, o Die Presse, um dos jornais mais respeitados da Áustria, publicou uma matéria detalhando a operação, baseada em grande parte no relato de testemunhas oculares. O aspecto mais intrigante da história era a descrição do homem armado mais baixo. E também havia a figura desgrenhada que supervisionara a evacuação do interior da sinagoga nos minutos que precederam o ataque. Algumas pessoas acharam que ele tinha uma semelhança notável com um homem que administrava uma agência de restituição de bens roubados durante o Holocausto, chamada Inquéritos e Reivindicações da Guerra. Um jornal israelense logo publicou que o homem em questão — o professor Eli Lavon, da Universidade Hebraica — estava trabalhando numa escavação próxima ao Túnel do Muro das Lamentações quando o ataque se deu e que não tinha nenhuma ligação conhecida com a inteligência israelense.

Desnecessário dizer que grande parte do mundo islâmico logo fervilhava, irada com Israel, seus serviços de inteligência e, por extensão, seus novos amigos austríacos. Jornais em todo o Oriente Médio declararam que os assassinatos foram um ato injustificado e desafiaram a Áustria a mostrar os coletes com explosivos supostamente usados pelos quatro "mártires". Quando Kessler fez isso, a imprensa árabe declarou que eles eram fraudulentos. No momento em que as fotos editadas dos corpos foram divulgadas, mostrando com clareza quatro homens cheios de bombas, os árabes declararam que também eram fraudes. Eles viam a mão oculta de Israel no assassinato. E, uma vez na vida, estavam certos.

Foi em meio a essa agitação que Massoud Rahimi, o diplomata iraniano seqüestrado, foi descoberto algemado e vendado numa pastagem no extremo norte da Alemanha. Ele disse à polícia alemã que tinha escapado de seus seqüestradores, mas o Exército de Libertação Iraniana declarou que soltara Massoud por "razões humanitárias". Na manhã seguinte, com alguns quilos a menos, mas aparentando estar saudável, ele apareceu diante das câmeras em Teerã, entre o presidente iraniano e o chefe de seu serviço secreto. Massoud revelou poucos detalhes acerca do tempo que passou em cativeiro, dizendo apenas que, de forma geral, fora bem tratado. Os dois homens a seu lado pareceram um tanto céticos, e o presidente prometeu que os responsáveis pelo seqüestro seriam severamente punidos.

A ameaça de retaliação iraniana não foi ignorada, em especial nos corredores do King Saul Boulevard. Mas o Escritório celebrou o sucesso da operação. Vidas foram salvas, um velho adversário ficara seriamente abalado e uma lucrativa rede de arrecadação de fundos do Hezbollah fora arruinada. No entanto, um fato comprometia o contentamento do Escritório: Sua Santidade, o papa Paulo VII, estaria no Aeroporto Ben Gurion em menos de uma semana. Dada a turbulência geral na região, Navot considerava sensato um adiamento da viagem, uma opinião compartilhada pelo primeiro-ministro e pelo restante de seu rebelde gabinete. Mas quem diria ao papa para não ir à Terra Santa? Eles só tinham um candidato. Um anjo caído. Um pecador na cidade dos santos.

O padre Mark aguardava Gabriel junto às Portas de Bronze. Ele o acompanhou pela Scala Regia e pelo chão de paralelepípedos do Cortile di San Damaso, subindo depois os degraus que davam nos aposentos privados do papa. Donati estava sentado à escrivaninha em seu escritório. Era uma sala simples, com o pé-direito alto, paredes caiadas e prateleiras cheias de livros sobre direito canônico. Havia fotografias emolduradas em fileiras bem alinhadas em cima de um aparador. Boa parte delas mostrava Donati discretamente ao lado de seu mestre em momentos históricos do papado. Uma das imagens, no entanto, parecia fora de lugar: uma versão mais jovem de Donati, sujo e sorrindo sem reservas, com o braço sobre os ombros de um jovem padre com ar de intelectual.

— Esse é o padre José Martinez — explicou Donati. — Nós tínhamos acabado de terminar a construção de uma escola em nosso vilarejo, em El Salvador. A foto foi tirada uma semana antes de ele ser assassinado. — Donati examinou o rosto de Gabriel por um instante e franziu a testa. — Quando eu saí de El Salvador, um passo à frente dos grupos de extermínio, minha aparência era similar à sua.

— Eu tive algumas semanas bem ocupadas desde que saí de Roma.

— Ê o que dizem os jornais. Um roubo de obras de arte na França, uma explosão numa galeria em St. Moritz, o seqüestro de um diplomata iraniano e uma operação dramática de contraterrorismo no coração de Viena. Para os que não são do meio, esses eventos parecem não ter vínculos. Mas, para alguém como eu, eles têm uma coisa em comum.

— Duas coisas em comum, para falar a verdade — disse Gabriel. — Uma é o Escritório. E a outra é Cario Marchese.

Já eram quase seis da tarde e o sol se punha atrás dos telhados e domos do centro histórico romano. Enquanto Gabriel falava, a luz suave foi se extinguindo do escritório, até o cômodo ser tomado por uma escuridão apropriada para

confissões. Vestido com uma batina preta, Donati estava praticamente invisível, exceto pela brasa de seu cigarro. Ao fim do relato de Gabriel, ele permaneceu sentado por alguns minutos num silêncio penitente antes de caminhar em direção à janela. Logo abaixo, estava a Torre Nicolau V, a construção medieval que agora servia de sede para o Banco do Vaticano.

— Há algo que você possa provar?

— Existem provas que se sustentariam num tribunal. Mas também provas que são suficientes para fazer um problema desaparecer.

— O que você sugere?

— Uma conversa — explicou Gabriel. — Vou revelar a Cario tudo o que sei. E dizer que você e Sua Santidade gostariam que ele se demitisse imediatamente do cargo no conselho supervisor do Banco do Vaticano. Também vou falar que, se algum dia ele aparecer de novo nas Portas de Bronze, vai ter que se explicar para mim.

— Parece um preço terrivelmente baixo a ser pago por dois assassinatos.

— Mas é o que você queria. — Gabriel olhou para a silhueta de Donati na janela. — É isso que você quer, não é, Luigi?

— O mais correto seria dizer tudo o que você sabe ao general Ferrari.

— Talvez. Mas um processo do governo contra Cario por contrabando de antigüidades roubadas, lavagem de dinheiro e assassinato seria um desastre de relações públicas para a Igreja. E para você também, Luigi. Tudo seria revelado. Você seria destruído. — Gabriel fez uma pausa. — Verônica também.

— E se Cario se recusar a sair em silêncio?

— Vou deixar claro que ele não tem escolha. Confie em mim, ele vai entender.

— Eu não vou tolerar um assassinato. Outro assassinato, quero dizer.

— Não estou falando de matar ninguém. Mas se existe alguém que merece...

Donati silenciou Gabriel erguendo sua mão comprida.

— Apenas fale com Cario.

— Quando?

— Na semana que vem. Assim, nada poderá vazar para a imprensa antes da viagem a Israel. — Ele olhou por cima do ombro e perguntou: — Você não teve tempo de revisar as medidas de segurança, teve?

— Na verdade, eu as revisei com bastante cuidado.

— E...?

— Tenho apenas uma recomendação.

— Qual?

— Adie, Luigi.

Donati se virou devagar.

— Você está me dizendo para cancelar a viagem?

— Não. Nós só queremos que você a adie até as coisas se acalmarem.

-Nós?

— Essa recomendação vem do topo.

— Do primeiro-ministro?

Gabriel assentiu.

— A menos que seu primeiro-ministro esteja preparado para pedir formalmente ao líder de um bilhão de católicos que ele não vá a Israel, não existe a menor chance de cancelarmos.

— Então alguém precisa dizer ao Santo Padre como nós nos sentimos.

— Eu concordo — disse Donati, sorrindo. — Mas não serei eu.

Os Jardins do Vaticano estavam tomados pela escuridão quando Gabriel saiu do Palácio Belvedere. Ele passou pela Fonte do Sacramento e pelo Colégio Etíope, seguindo para o local onde diversos guardas suíços em roupas civis se mantinham posicionados como estátuas, junto ao muro da cidade. Gabriel foi adiante sem dizer uma palavra e subiu uma escadaria de pedra até alcançar o terraço. Pietro Lucchesi, também conhecido como papa Paulo VII, esperava ali sozinho. Roma se agitava lá embaixo — a empoeirada, eterna Roma. Gabriel nunca se cansava de observá-la. Nem o Santo Padre.

— Eu me lembro da primeira vez que viemos para este lugar juntos — comentou o Santo Padre. — Foi depois dos problemas com a Crux Vera. Você salvou meu papado, para não mencionar minha vida.

— Era o mínimo que poderíamos fazer, Santidade — falou Gabriel, contemplando a cúpula da Grande Sinagoga de Roma, do outro lado do Tibre. Por um instante, ele imaginou Pietro Lucchesi em cima da bimah, dizendo palavras que nunca tinham saído dos lábios de um pontífice até aquele dia: "Por estes pecados, e por outros que em breve serão revelados, oferecemos nossa confissão e imploramos Seu perdão..."

— Vossa Santidade foi muito corajoso naquele dia.

— Não teria sido possível sem você. Mas meu trabalho não está concluído no que diz respeito a curar as feridas entre nossas duas fés, e por essa razão é essencial que eu faça essa viagem para Jerusalém.

— Ninguém deseja sua ida a Israel mais do que eu.

— Mas...?

— Não acreditamos que seja seguro neste momento.

— Então faça o que quer que seja necessário para tornar seguro. Pois, a meu ver, a questão está resolvida.

— Sim, Santidade.

O papa sorriu.

— Isso é tudo, Gabriel? Eu esperava mais argumentação.

— Eu não gostaria de discutir regularmente com o vigário de Cristo.

— Ótimo. Pois eu desejo que você sirva como meu guarda-costas pessoal durante a viagem.

— Eu ficaria honrado, Santidade. Afinal, é um papel que já interpretei antes.

— Com sucesso considerável.

O Santo Padre sorriu enquanto sua batina era agitada pelo vento. O ar já não era mais invernal; cheirava a pinho e terra quente. Sua Santidade pareceu não notar. Ele estava claramente preocupado com questões mais sérias do que a mudança das estações.

— É verdade que Cario Marchese tem algo a ver com a morte daquela pobre garota do museu? — perguntou ele.

Gabriel hesitou.

— Algo errado, Gabriel?

— Não, Santidade. Mas talvez seja melhor se...

— Eu for protegido dos detalhes desagradáveis? — O papa deu um sorriso cúmplice. — Vou contar a você um pequeno segredo, Gabriel. O vigário de Cristo não aparece em coletivas de imprensa. E também não precisa responder a intimações. É um dos pequenos benefícios que vêm com o emprego.

— E quanto ao apartamento de luxo no meio de Roma?

— Para falar a verdade, eu nunca apreciei viver em lugares altos. — O papa olhou para as colinas de Roma. A cidade parecia estar acesa por um milhão de velas. — Limpar a bagunça no Banco do Vaticano foi uma de minhas maiores prioridades. E agora parece que um homem com laços antigos com o Vaticano desfez todo o nosso trabalho.

— Ele vai sumir em breve.

— Precisa que eu faça algo?

— Fique o mais longe possível.

Um silêncio amistoso caiu sobre eles. Paulo VII estudou Gabriel com atenção, assim como Donati fizera antes.

— Você tem alguma idéia do que vai fazer depois?

— Tenho um Caravaggio para terminar.

— E quando terminar?

— Vou dar o meu melhor para deixar minha esposa feliz.

— E imaginar que você a teria deixado escapar se não fosse por mim — lembrou o papa. — Talvez você deva pensar em ter um filho.

— É complicado.

— Posso ajudar de alguma forma?

Dessa vez foi Gabriel que sorriu.

— O que você tem em mente?

— Como líder da Igreja Católica Apostólica Romana, receio que possa apenas rezar.

— Suas preces seriam muito apreciadas.

— E quanto ao meu conselho?

Gabriel ficou em silêncio. O Santo Padre o observou por um instante antes de falar.

— Você está vagando por aí há muitos anos, Gabriel. Talvez agora seja hora de ir para casa.

— Meu trabalho é aqui na Europa, Santidade.

— Pinturas?

Gabriel assentiu.

— Há algumas coisas na vida mais importantes do que arte — afirmou o papa. — Eu temo que seu país esteja prestes a enfrentar dias sombrios. Ultimamente, meu repouso tem sido perturbado por sonhos. Eu tenho tido... visões.

— Que tipo de visões, Santidade?

— Acho que é melhor eu não responder — disse ele, repousando a mão no braço de Gabriel. — Mas escute com atenção: termine aquele Caravaggio e depois vá para casa.

37

Leste de Jerusalém

Naquele mesmo instante, no leste de Jerusalém, o imã Hassan Darwish conduzia seu station wagon amassado pela rampa íngreme que levava da Estrada de Jerico até a Porta dos Leões. Como sempre, os policiais israelenses de plantão fizeram apenas uma inspeção superficial no carro antes de permitir que ele entrasse no Bairro Muçulmano da Cidade Antiga. O imã era descendente de uma família de palestinos célebres da cidade de Hebron, na Cisjordânia. E, o mais importante, era membro do Conselho Supremo do Waqf, os guardiões oficiais do platô do Monte do Templo desde que Saladino o tomou de volta dos cruzados em 1187. Seu posto tornava Darwish tão intocável quanto um árabe podia ser no leste de Jerusalém, pois, com apenas algumas palavras de incitação, ele poderia transformar a Montanha Sagrada num caldeirão em ebulição. Aliás, o imã já tinha feito isso em diversas ocasiões.

Ele deixou o automóvel no pequeno estacionamento Waqf na rua Porta dos Leões e entrou em seu escritório, na parte norte da esplanada do Monte do Templo. Uma boa quantidade de recados o aguardava em sua velha mesa otomana. Como representante não oficial do Waqf, todos os dias ele recebia dezenas de ligações de entrevistadores a respeito de questões relacionadas ao Monte do Templo e a outros locais sagrados de Jerusalém. Darwish ignorava a maior parte dos telefonemas, em especial os dos repórteres norte-americanos e israelenses — e havia um bom motivo para isso. Tendo trabalhado com Yasser Arafat e seu sucessor, Mahmoud Abbas, ele conduzira uma campanha incansável para enfraquecer a reivindicação judaica sobre a Palestina por meio da negação da existência do Templo Judeu de Jerusalém. Mas a guerra contra a verdade ia além de meras palavras. Usando projetos de construção como fachada, ele sistematicamente varrera a Montanha Sagrada de qualquer evidência do antigo Templo. Seu conselheiro não oficial na empreitada, um especialista em antigüidades que residia na Suíça, fora sacrificado numa explosão recente em sua galeria.

Darwish esperava não compartilhar o mesmo destino. Embora falasse com freqüência sobre a beleza do martírio, preferia deixar a morte para outros.

Como sempre, Darwish logo dispensou os pedidos de entrevista jogando — -os sem cerimônia numa lixeira. Restou apenas uma mensagem de aparência

ordinária vinda de um tal Sr. Farouk, afirmando que uma encomenda de Alcorões tinha chegado das impressoras da Universidade Al-Azhar, no Cairo. O imã encarou a mensagem por vários minutos, pensando se teria a coragem ou a fé necessária para levar aquilo adiante. Por fim, pegou um molho de chaves da primeira gaveta da mesa e saiu para o monte sagrado.

A família Darwish estava vinculada ao Waqf de Jerusalém havia séculos e, na infância, Hassan passara seus dias memorizando o Alcorão à sombra das árvores no canto norte do Nobre Santuário. Mesmo agora, na meia-idade, ele não conseguia passar pelo Domo da Rocha sem sentir que Alá e o profeta Maomé caminhavam a seu lado. No centro da estrutura octogonal colorida, ficava a Rocha, tida como sagrada pelas três fés abraâmicas. Para os judeus e cristãos, era o lugar onde o arcanjo Gabriel impedira que Abraão matasse o filho Isaac. Para os muçulmanos, marcava o local onde Gabriel se juntara a Maomé para a Jornada Noturna rumo ao paraíso. Embaixo da pedra, havia uma caverna natural conhecida como Poço das Almas, onde os muçulmanos acreditavam que as almas dos condenados eram mantidas temporariamente antes de serem lançadas no inferno. Quando criança, Darwish costumava se esgueirar até ali sozinho, tarde da noite. Ele permanecia sentado por horas nos tapetes de oração mofados, fingindo que podia ouvir os prantos de angústia das almas. Em sua imaginação, os gritos nunca vinham de muçulmanos, apenas de judeus que Deus tinha punido por roubarem a terra da Palestina.

Por um tempo, o imã pensara ser possível que judeus e muçulmanos dividissem a terra e vivessem lado a lado em paz. Agora, após décadas de uma ocupação esmagadora israelense e de promessas quebradas, ele havia chegado à conclusão de que os palestinos nunca seriam livres enquanto o Estado sionista não fosse aniquilado. A chave para a libertação da Palestina, supunha Darwish, era o Monte do Templo. Os israelenses tinham sido tolos ao permitirem que o Waqf retivesse sua autoridade sobre o Haram depois da Guerra dos Seis Dias, pois, assim, inadvertidamente, selaram o próprio destino. Estudioso da história do antigo Oriente Médio, o imã compreendia que o conflito entre árabes e judeus era mais que uma simples batalha por terra: era uma guerra religiosa, e o Haram estava no centro de tudo. Arafat tinha usado o Monte do Templo para inflamar a Segunda Intifada em 2000. Agora Darwish pretendia usá-lo para começar outra. Mas essa intifada, a terceira, ofuscaria as duas que a precederam. Seria cataclísmica, uma solução final. E, ao fim, não restaria um único judeu na terra da Palestina.

Com imagens vividas do apocalipse vindouro em sua mente, o imã caminhou pelo amplo pátio em direção à Mesquita de Al-Aqsa. No lado leste da estrutura maciça, havia uma entrada recém-construída para a subterrânea Mesquita Marwani. Darwish desceu os degraus e, usando uma de suas chaves, destrancou a porta principal. Como sempre, sentiu-se um pouco apreensivo ao entrar. Como diretor da obra, ele sabia o quanto o Haram ficara enfraquecido pela retirada de toneladas de terra e detritos. Toda a metade sul do platô estava correndo risco de desmoronar. No Ramadã e em outros dias santos importantes, Darwish quase podia ouvir a Montanha Sagrada gemendo sob o peso dos fiéis. Bastaria um pequeno empurrão e boa parte do lugar mais sagrado do planeta desabaria no vale do Cédron, levando junto a Al-Aqsa, o terceiro santuário mais santo do Islã. E o que aconteceria depois? Os exércitos do Islã estariam nas fronteiras de Israel dentro de horas, junto com dezenas de milhões de fiéis muçulmanos enfurecidos. Seria um jihad para terminar com todos os jihads, uma intifada com um único propósito: a aniquilação completa do Estado de Israel e de seus habitantes.

Por hora, a imensa mesquita subterrânea com suas doze vias de pilares e arcos estava tomada pelo silêncio sepulcral e por uma suave luz divina. Sozinho, Darwish andou sem fazer barulho por uma passagem abobadada até chegar a uma pesada porta de metal fechada por um grande cadeado, cuja única chave ficava com o imã. Ele a destrancou e a empurrou, revelando uma escadaria de pedra. Após alguns degraus, havia outra porta. Darwish também tinha a chave. Quando ela foi aberta, revelou apenas uma escuridão absoluta. Ele tirou uma pequena lanterna do bolso do thobe e a acendeu, iluminando os primeiros 15 metros de um túnel antigo que mal permitia a passagem de um homem. Escavado na época do Primeiro Templo judeu, era apenas uma das muitas maravilhas desenterradas pelos palestinos durante a construção da mesquita. Darwish não informou sua existência nem à Autoridade de Antigüidades de Israel nem às Nações Unidas. Só sabiam do lugar o imã e alguns trabalhadores que juraram segredo.

Entrar num túnel tão antigo no meio da noite deixaria alguns homens apreensivos, mas não Darwish. Na infância, ele tinha passado incontáveis horas explorando as cavernas e passagens ocultas do Nobre Santuário. Aquela descia num ângulo traiçoeiramente íngreme por centenas de metros antes de o terreno se nivelar. Depois seguia em linha reta por cerca de 400 metros e subia num ângulo agudo. Arfando após a árdua caminhada, Darwish escalou devagar a escada de mão até o alçapão de madeira no topo. Ao abri-lo, ele se viu no quarto

de um apartamento em Silwan, um bairro no leste de Jerusalém, adjacente à Cidade de Davi. Numa parede, havia um pôster de um famoso jogador francês de futebol; em outra, uma fotografia de Yahiya Ayyash, o grande fabricante de bombas do Hamas conhecido como "Engenheiro". Darwish abriu o armário. Dentro, estavam os "Alcorões" que o Sr. Farouk mencionara em sua mensagem: centenas de quilos de detonadores e explosivos potentes que foram contrabandeados pelo Hezbollah e pelo Hamas através da fronteira egípcia e levados a Israel por tribos beduínas. Havia mais em outra parte de Silwan. Muito mais.

Darwish fechou a porta do armário, saiu do quarto e atravessou os cômodos estreitos do apartamento até chegar a uma minúscula sacada com vista para o vale do Cédron. No lado oposto, acima dos imensos muros cor de mel feitos de pedra, havia dois imensos domos, um de prata e o outro de ouro.

— Allahu Akbar — disse o imã em voz baixa. — E que Ele tenha piedade de minha alma pelo que vou fazer em Seu nome.

38

Vaticano

Durante a semana seguinte, a vida turbulenta de Gabriel se acomodou numa rotina agradável, embora reclusa. Como o flat na Via Gregoriana não podia mais ser usado, ele se refugiou num pequeno apartamento clerical dentro do Palácio Apostólico. Ele acordava cedo todo dia, tomava o café da manhã com as freiras que cuidavam do lar do Santo Padre e ia ao laboratório de conservação, onde passava algumas horas trabalhando no Caravaggio. Antonio Calvesi, o restaurador-chefe, raramente se afastava da pequena gruta de trabalho de Gabriel. No segundo dia, ele enfim reuniu coragem para perguntar sobre a razão de sua ausência.

— Eu estava visitando uma tia doente.

— Onde?

— Em Palm Beach.

Calvesi franziu a testa, descrente.

— Há rumores de que você vai acompanhar il Papa em sua peregrinação à Terra Santa.

— Eu prefiro chamá-la de Israel — disse Gabriel, tocando seu pincel com suavidade no lustroso manto vermelho de João Evangelista. — E, sim, Antonio,

eu irei com ele. Mas não se preocupe: terminarei o Caravaggio quando voltarmos.

— Quanto tempo?

— Talvez uma semana, talvez um mês.

— Você faz isso só para me irritar?

— Sim.

— Tomara que sua tia permaneça saudável.

— Sim. Tomara.

Às dez horas em ponto, Gabriel saía do laboratório e caminhava até o escritório da Guarda Suíça para a preparação diária dos arranjos de segurança da viagem do papa. No começo, Alois Metzler pareceu incomodado com sua presença. Mas seus receios logo se evaporaram quando o restaurador destacou vários problemas notórios nos quais ninguém mais parecia ter reparado. Ao término de uma reunião particularmente longa, ele convidou Gabriel para sua sala.

— Se você vai servir conosco — disse ele, olhando de relance para o jeans azul e a jaqueta de couro do outro homem —, vai ter que se vestir como nós.

— Pantalonas me engordam — replicou Gabriel. — E eu nunca consegui entender como alguém passa uma alabarda por um detector de metal no aeroporto.

Metzler pressionou um botão em seu interfone. Dez segundos depois, seu ajudante apareceu com três ternos escuros, três camisetas brancas, três gravatas e um par de sapatos sociais com cadarços.

— Onde você conseguiu minhas medidas? — perguntou Gabriel.

— Com sua esposa. — Metzler abriu a primeira gaveta de sua mesa e retirou uma 9 milímetros. — Você também vai precisar de uma destas.

— Eu tenho uma dessas.

— Mas, se você vai se passar por um guarda suíço, terá que portar uma pistola-padrão da Guarda Suíça.

— Uma SIG Sauer P226.

— Muito impressionante.

— Eu já estive por aqui algumas vezes.

— Foi o que ouvi. — Metzler sorriu. — Antes de receber a arma, você precisa ser aprovado num exame de proficiência.

— Você está brincando.

— Eu sou suíço, eu nunca brinco. — Metzler se levantou. — Imagino que você se lembre do caminho.

— Pego a direita depois da armadura e sigo o corredor até o pátio. A porta para o estande de tiro fica do outro lado.

— Vamos.

A caminhada levou menos de dois minutos. Quando eles entraram no estande, quatro garotos suíços de 20 e poucos anos disparavam e o ar estava carregado com fumaça. Metzler ordenou que eles saíssem e deu a SIG Sauer para Gabriel, junto com um pente vazio e uma caixa de munição. Gabriel colocou quinze balas com rapidez e enfiou o pente na pistola. Metzler pôs óculos de proteção e tampões de ouvido.

— E você? — indagou ele.

Gabriel balançou a cabeça.

— Por que não?

— Porque se alguém estiver tentando matar o Santo Padre, eu não vou ter tempo de proteger meus olhos e ouvidos.

Metzler pendurou um alvo na linha e o levou até uma distância de 20 metros.

— Mais longe — pediu Gabriel.

— Até onde?

— Até o fim.

Metzler obedeceu. Gabriel ergueu a arma na posição triangular clássica de tiro e disparou as quinze balas nos olhos, no nariz e na testa do alvo.

— Nada mal — admitiu o comandante. — Vamos ver se você consegue fazer isso de novo.

Metzler colocou outro alvo no final do estande enquanto Gabriel recarregava a arma. Ele a esvaziou em segundos. Dessa vez, em vez de quinze buracos espalhados pelo rosto, havia apenas um único buraco grande no centro da testa.

— Meu Deus — disse Metzler.

— Arma de qualidade — disse Gabriel.

Ao meio-dia, Gabriel escapava do Vaticano na traseira do sedã oficial de Donati e ia até a embaixada israelense para se inteirar das informações coletadas diariamente no King Saul Boulevard. Quando sobrava tempo, ele voltava ao laboratório para mais algumas horas de trabalho. Às sete da noite, ele ceava com Donati e o Santo Padre na sala de jantar papal. Gabriel sabia que não teria sentido voltar a falar da questão da segurança, portanto aproveitou a

oportunidade para ajudar a preparar Sua Santidade para o que seria uma das viagens ao exterior mais importantes de seu papado. O Secretariado de Estado, mais ou menos o equivalente ao Ministério do Exterior no Vaticano, tinha escrito uma série de declarações previsivelmente seguras para o papa fazer nas diversas paradas em Israel e nos territórios sob a autoridade palestina. Mas a cada dia ficava mais claro que o Santo Padre pretendia reformular de forma radical o relacionamento tenso entre a Santa Sé e o Estado judeu. A viagem seria mais que apenas uma peregrinação: seria a culminação de um processo que o papa iniciara quase uma década antes, com seu ato de contrição na Grande Sinagoga de Roma.

Na última noite, Gabriel escutou Sua Santidade discorrer sobre os comentários que pretendia fazer no Yad Vashem, o museu e memorial do Holocausto em Israel. Depois, Donati, inquieto, insistiu em acompanhar Gabriel até seu apartamento. Um desvio os levou a uma das portas que conduzia à Capela Sistina. Donati hesitou antes de girar a maçaneta.

— Acho que é melhor você entrar sem mim desta vez.

— Quem está lá dentro, Luigi?

— A única pessoa no mundo que pode dar a Cario o castigo merecido.

Verônica Marchese estava atrás do altar com os braços cruzados em posição defensiva, contemplando O Último Julgamento. Ela não desviou o olhar enquanto Gabriel se aproximava em silêncio.

— Você acha que vai ser parecido com isso? — perguntou ela.

— O fim?

Verônica assentiu.

— Espero que não. Se for, eu vou ter problemas sérios.

Ela encarou Gabriel pela primeira vez. Dava para ver que ela estivera chorando.

— Como isso aconteceu, Sr. Allon? De que maneira um homem como você se tornou um dos melhores restauradores de arte cristã?

— É uma longa história.

— Acho que eu preciso de uma — comentou ela.

— Eu recebi ordens de fazer coisas para meu país que me impossibilitaram de pintar. Então, aprendi a falar italiano e fui a Veneza usando uma identidade falsa para estudar restauração.

— Com Umberto Conti?

— Quem mais?

— Eu sinto falta de Umberto.

— Eu também. Ele tinha um molho de chaves que podia abrir qualquer porta em Veneza. Ele costumava me arrancar da cama tarde da noite para observar pinturas. "Um homem satisfeito com si mesmo pode ser um restaurador adequado", ele costumava me dizer, "mas apenas um homem com danos na própria tela pode ser um grande restaurador".

— Você conseguiu reparar sua tela?

— Alguns pedaços — respondeu Gabriel, depois de pensar um pouco. — Mas receio que algumas partes não possam ser restauradas.

Ela ficou calada.

— Onde está Cario?

— Em Milão. Pelo menos eu acho que ele está em Milão. Não faz muito tempo, eu descobri que Cario nem sempre me fala a verdade sobre onde está ou com quem vai se encontrar. E agora sei por quê.

— O que Donati contou?

— O suficiente para eu saber que minha vida nunca mais vai ser a mesma.

Um silêncio pesado caiu sobre os dois. Gabriel se lembrou da aparência de Verônica naquela tarde na Villa Giulia, e de como ela parecia muito mais jovem. Naquele momento, de repente, ela parecia ter exatamente seus 50 anos. Mas sua beleza continuava impressionante.

— Você já devia ter percebido que seu marido não era o que aparentava ser — falou Gabriel.

— Eu sabia que Cario ganhava muito dinheiro de forma obscura. Mas se você quer saber se eu tinha idéia de que ele era o líder de uma organização criminosa internacional que controla o comércio de antigüidades ilícitas... — Sua voz sumiu. — Não, Sr. Allon, eu não fazia idéia.

— Ele usou você, Verônica. Você foi a porta dele para o Banco do Vaticano.

— E ele se tornou respeitável em conseqüência da minha reputação no mundo das antigüidades. — O cabelo dela estava caído sobre o rosto. Verônica o colocou para o lado, como se quisesse que Gabriel, o restaurador, avaliasse o dano provocado pela traição de Cario.

— Por que você se casou com ele? — indagou Gabriel.

— Você está me julgando, Sr. Allon?

— Nunca pensaria em fazer isso. Estava apenas me perguntando como você pôde escolher um homem como ele depois de ter se apaixonado por Luigi.

— Você não sabe muito sobre as mulheres, certo?

— É o que me dizem.

O sorriso dela foi genuíno. E logo desapareceu enquanto ela listava as razões pelas quais tinha se casado com Cario: ele era lindo, interessante, rico.

— Mas Cario não era Donati — completou Gabriel.

— Não, só existe um Luigi. E eu o teria todo para mim se não fosse por Pietro Lucchesi.

O tom de voz era amargo, ressentido, como se Sua Santidade fosse responsável pelo fato de ela ter se casado com um assassino.

— Provavelmente foi melhor — arriscou Gabriel.

— Luigi ter voltado para o sacerdócio?

Ele assentiu.

— É fácil para você dizer isso, Sr. Allon. — Ela acrescentou com suavidade: — Não era você que estava apaixonado por ele.

— Ele está feliz aqui, Verônica.

— E o que vai acontecer quando eles tirarem o Anel do Pescador do dedo de Lucchesi e colocarem seu corpo na cripta embaixo da basílica? O que Luigi irá fazer? — Ela respondeu à própria pergunta: — Imagino que ele vá ensinar direito canônico por alguns anos numa universidade pontifícia e passar os últimos anos de sua vida numa casa de repouso cheia de padres velhos. Tão solitário... Tão terrivelmente triste e solitário...

— É a vida que ele escolheu.

— Foi escolhida para ele, assim como a sua. Vocês dois são muito parecidos, Sr. Allon. Deve ser por isso que se dão tão bem.

Gabriel a encarou por um instante.

— Você ainda o ama, não é?

— Eu não quero responder a essa pergunta. Ao menos não aqui. — Ela voltou o rosto para o teto. — Você sabia que Claudia ligou para meu escritório na Villa Giulia na noite em que morreu?

— Às 20h47.

— Então imagino que você também saiba que ela ligou para outro número um minuto antes.

— Eu sei disso. Mas nós nunca conseguimos identificá-lo.

— Eu poderia ter ajudado.

Ela passou um cartão comercial para Gabriel. O número que Claudia discara era o celular de Verônica.

— Eu já tinha saído do escritório quando Claudia me ligou e só no dia seguinte percebi isso.

— Por que só no dia seguinte?

— Porque meu celular desaparecera naquele dia. Eu o encontrei na manhã seguinte, no chão do meu carro. Nem me importei com isso, até o dia em que você foi me encontrar no museu. Aí caí na real. Depois de deixar você naquele temporal, eu dirigi até a Villa Borghese e chorei por uma hora antes de ir para casa. Cario percebeu que havia algo errado.

— Por que você não me falou disso na noite do jantar?

— Eu estava com medo.

— De quê?

— De meu marido também me matar. — Ela olhou para Gabriel e para O Último Julgamento. — Espero que seja bonito assim.

— O fim?

— Sim.

— Por alguma razão — disse Gabriel —, duvido que tenhamos tanta sorte.

Ele contou tudo o que podia para Verônica e a conduziu até as Portas de Bronze. Enquanto ela se afastava em meio às arcadas, ele imaginou Donati caminhando a seu lado — não o monsenhor, comprometido com votos de castidade, mas como ele teria sido se Deus não o tivesse chamado para ser padre. Quando ela se foi, Gabriel começou a andar rumo a seus aposentos, mas algo fez com que ele voltasse para a capela. Sozinho, ele ficou alguns minutos parado contemplando os afrescos, com um único versículo em mente: "O Templo que o Rei Salomão edificou ao Senhor tinha 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura."

39

Vaticano — Jerusalém

Como líder de um país soberano, o papa tem uma agência postal, uma casa de cunhagem, um pequeno exército, um museu estatal que está entre os melhores do mundo e diplomatas alocados em embaixadas ao redor do mundo. Mas ele não tem um avião, logo depende da gentileza da Alitalia, a problemática linha área nacional da Itália. Para o voo até Israel, a companhia providenciou um Boeing 767 e o batizou de Sião em homenagem à viagem. Seu compartimento particular tinha quatro poltronas giratórias executivas, uma mesinha de centro

com diversos jornais empilhados e uma televisão por satélite que permitia ao Santo Padre assistir sua partida do Aeroporto Fiumicino ao vivo na RAI.

A comitiva da Cúria e os seguranças tomaram assentos logo atrás do papa, na seção de classe executiva da aeronave, e os membros da sala de imprensa do Vaticano foram confinados à classe econômica. Ao subirem a bordo com suas câmeras e bagagens, vários deles usavam kaffiyehs palestinos quadriculados, preto e branco, como lenços. A segunda parada no itinerário movimentado de Sua Santidade seria o campo de refugiados de Dheisheh. Os vaticanistas acharam importante causar uma boa impressão em seus anfitriões.

Apesar de terem decolado no começo da manhã, a Alitalia serviu um suntuoso almoço durante o voo. Os padres e bispos devoraram a carne como se não vissem comida havia dias, mas Gabriel estava preocupado demais para comer. Sentado perto de Alois Metzler, ele revisou os planos uma última vez, fazendo uma lista mental de tudo o que poderia dar errado. Quando o número de possíveis situações terríveis chegou a vinte, ele interrompeu o trabalho e ficou olhando pela janela enquanto o avião sobrevoava o mar Mediterrâneo em baixa altitude, rumo à planície costeira verdejante de Israel. Cinco minutos depois, as rodas bateram na pista do Aeroporto Ben Gurion. Um dos vaticanistas gritou "Bem-vindos à Palestina ocupada!" e um arcebispo doutrinário do Secretariado de Estado murmurou "Amém". Gabriel notou claramente que, na Cúria, havia pessoas descontentes com a decisão do papa de passar o tempo pascal numa Terra Santa controlada por judeus.

Conforme as instruções de Donati, Gabriel faria parte da unidade principal de proteção do papa, o que significava que ele sempre estaria a poucos metros do Santo Padre. E foi assim que Sua Santidade o Papa Paulo VII, o Bispo de Roma, Pontífice Máximo e sucessor de São Pedro, saiu de seu avião emprestado seguido pelo filho único de sobreviventes do Holocausto do vale de Jezreel. Como seu antecessor, o papa se abaixou e beijou a pista. Ao se erguer, ele caminhou até o primeiro-ministro israelense e lhe deu um aperto de mão vigoroso. Os dois trocaram cortesias por alguns minutos, cercados por anéis concêntricos de segurança. O político escoltou o Santo Padre até um helicóptero. Gabriel entrou depois dele e se sentou entre Donati e Metzler.

— Até agora tudo bem — comentou Donati, enquanto o helicóptero decolava.

— Sim — concordou Gabriel. — Mas agora começa a diversão.

Eles seguiram para o leste até as montanhas da Judeia, acima do desfiladeiro parecido com uma escadaria que separava Jerusalém do oceano.

Gabriel chamou a atenção para alguns dos vilarejos que tinham enfrentado as piores batalhas durante a Guerra de Independência de Israel. Então, Jerusalém surgiu à frente deles, flutuando, como se estivesse sendo erguida pela mão de Deus. O papa olhou atentamente pela janela durante a travessia do helicóptero, de oeste a leste, da nova para a antiga cidade. Ao sobrevoarem o Monte do Templo, viram o Domo da Rocha reluzir sob o sol do meio-dia. Gabriel indicou a Igreja do Santo Sepulcro para o Sumo Pontífice, bem como a Igreja da Dormição e o Jardim do Getsêmani.

— E seu filho? — perguntou o papa.

— Ali — respondeu Gabriel, apontando o Monte das Oliveiras.

O helicóptero se inclinou suavemente para o sul e sobrevoou a Linha Verde de 1949, agora conhecida como a fronteira pré-1967. Do ar, era possível ver com clareza como ela se dissolvera após mais de quarenta anos de ocupação israelense. Em poucos segundos, eles passaram pela vizinhança mista de Abu Tor, pelo pequeno assentamento judeu de Har Homa, na Cisjordânia, e pelo vilarejo árabe de Beit Jala, perto do qual ficava Belém. A Praça da Manjedoura podia ser vista com facilidade ao longe, pois estava abarrotada com milhares de pessoas, cada uma agitando uma pequena bandeira palestina. Nas ruas que conduziam até a cidade, nenhum carro se movia, apenas os caminhões e jipes das Forças Armadas de Israel.

— É aqui que as coisas vão se tornar políticas — falou Gabriel a Donati. — É importante nos mantermos em movimento, até porque nosso convidado de honra será o único homem vestido de branco da cabeça aos pés.

Enquanto o helicóptero descia, o presidente Mahmoud Abbas e os líderes da Autoridade Palestina aguardavam numa plataforma próxima à Basílica da Natividade.

— Bem-vindo, Vossa Santidade, à antiga terra da Palestina — exclamou Abbas, alto o suficiente para que o comentário fosse ouvido pelos repórteres próximos. — E bem-vindo a Belém e Jerusalém, a eterna e indivisível capital da Palestina.

O papa respondeu com um aceno evasivo e cumprimentou o resto da delegação. A maior parte estava claramente satisfeita por se ver em sua presença, mas Yasser Abed Rabbo, ex-líder da Frente Popular para a Libertação da Palestina, parecia muito mais intrigado com o guarda-costas que nunca se afastava do Santo Padre.

Ao entrar na igreja, o papa passou alguns minutos em prece silenciosa no Altar da Natividade. Em seguida, pediu que Abbas lhe mostrasse o dano que fora

provocado à igreja em 2002, quando um grupo de terroristas palestinos invadira o lugar sagrado durante uma fuga. Ao final do confronto de 93 dias, as forças israelenses descobriram quarenta dispositivos explosivos ocultos dentro do templo e clérigos franciscanos mantidos como reféns durante o cerco contaram que os árabes tinham roubado ícones de ouro da igreja e usado páginas da Bíblia como papel higiênico. Mas parecia ser a primeira vez que Mahmoud Abbas ouvia falar nisso.

— O único dano causado à igreja — insistiu ele foi obra dos israelenses. Como o senhor deve saber, eles são profundamente anticristãos.

— Se esse foi o caso — respondeu o papa com frieza por que a população cristã de Belém caiu de 95 por cento para apenas um terço? E por que os cristãos estão fugindo do território controlado pela Autoridade Palestina num ritmo alarmante?

Abbas sorriu debilmente e olhou para seu relógio de pulso.

— Talvez, Vossa Santidade, agora seja uma boa hora para visitar Dheisheh.

O campo ficava a cerca de 1,5 quilômetro ao sul de Belém, num pedaço de terra alugado ao governo jordaniano após o término da Guerra de Independência. No início, um grupo de mais ou menos três mil palestinos, a maior parte vinda de Jerusalém e Hebron, residia ali em tendas. Agora, mais de sessenta anos depois, elas tinham sido substituídas por estruturas de concreto e a população do campo beirava treze mil refugiados registrados. Com níveis descontrolados de desemprego, muitos estavam sob tutela permanente das Nações Unidas e o local se tornara fonte de atividades militantes. Mesmo assim, os residentes receberam o papa com entusiasmo ao longo do percurso dele pelas ruas estreitas, com Gabriel ao lado.

No fim do tour, na praça central empoeirada do campo, o Sumo Pontífice lamentou "o terrível sofrimento do povo palestino". Mas, numa ruptura brusca com o discurso preparado, criticou enfaticamente o fracasso de três gerações de líderes árabes na busca de uma solução justa e viável para a crise dos refugiados.

— Aqueles que perpetuam o sofrimento humano a serviço da política — afirmou, solene — devem ser condenados com o mesmo rigor daqueles que causaram o sofrimento em primeiro lugar.

Ele abençoou a multidão fazendo uma cruz com um gesto da mão e subiu numa limusine blindada, que o conduziu pelo breve trajeto até Jerusalém. Ao entrar no Bairro Judeu pela Porta do Estéreo, ele colocou entre as pedras do Muro das Lamentações um papel com um pedido de paz e caminhou pelas ruas

do Bairro Muçulmano até a Porta da Corrente, uma das entradas orientais do Haram al-Sharif. Um aviso colocado pelo rabinato de Israel alertava que, em sua opinião, judeus estavam proibidos de entrar no monte devido a seu caráter sagrado.

— Eu nunca soube — disse o papa.

— É complicado, Santidade — falou Gabriel. — Mas, em Israel, quase tudo é complicado.

— Você tem certeza de que quer entrar comigo?

— Eu já estive aqui antes.

O papa sorriu.

— Eu estremeço ao pensar no que teria acontecido ao pobre Isaac se não fosse por você.

— Foi Deus que poupou o menino. O arcanjo Gabriel foi apenas seu mensageiro.

— Espero que ele julgue conveniente me poupar, também.

— Ele o poupará, desde que o senhor me ouça. Aqui as coisas podem dar errado muito rápido. Se eu notar algo errado...

— Nós partimos — interrompeu o papa.

— Com pressa — completou Gabriel.

Embora o Waqf controlasse o Nobre Santuário, ele não controlava as entradas, logo o governo israelense conseguira atender ao pedido do Vaticano para que o Haram fosse fechado à visita breve do papa. Assim, a delegação de dignitários islâmicos aguardando nos degraus que levavam ao Domo da Rocha tinha apenas quarenta pessoas. Entre elas, estavam o Grande Mufti, os membros do Conselho Supremo do Waqf e dezenas de seguranças armados, muitos deles vinculados a grupos militantes palestinos e islâmicos. Minutos após a chegada do papa, o mufti o convidou para rezar dentro do Domo da Rocha, apesar de o Waqf ter assegurado ao Vaticano que nada disso aconteceria. O Santo Padre recusou diplomaticamente e passou um bom tempo se maravilhando com os gloriosos mosaicos e janelas da construção. Gabriel indicou com discrição as inscrições em árabe que zombavam abertamente da crença cristã e conclamavam todos os cristãos a se converterem ao islamismo, que os muçulmanos consideravam a revelação final e decisiva da palavra de Deus.

— Você sabe ler árabe? — perguntou o mufti.

— Nein — respondeu Gabriel em alemão.

Terminado o tour, o papa e o mufti foram tomar chá no jardim. A sós com a figura religiosa mais poderosa do mundo, o mantenedor do terceiro santuário

mais sagrado do Islã aproveitou a oportunidade para explicar a teoria que ele expunha com freqüência, segundo a qual o Holocausto nunca acontecera e os judeus estavam tramando em segredo para destruir o Domo da Rocha com a ajuda de cristãos fundamentalistas dos Estados Unidos. O papa o escutou, mantendo um silêncio estoico, porém, depois, ao mencionar a conversa, comentou que o diálogo fora "muito esclarecedor". Após se desculpar pelos excessos assassinos das Cruzadas, ele ressaltou que os israelenses foram os primeiros conquistadores na história de Jerusalém a deixar a Montanha Sagrada inalterada. Portanto, declarou, o Islã tinha um dever especial não apenas de cuidar das mesquitas que se erguiam sobre o Nobre Santuário, mas também de proteger as ruínas sagradas abaixo.

— Apesar de tudo — disse o papa, entrando na limusine na rua Porta dos Leões —, acho que foi tudo muito bem.

— Não sei se o mufti concordaria — replicou Gabriel, sorrindo.

— Sorte dele que eu mantive a calma. Você deveria ter escutado as coisas que ele me falou.

— Nós as escutamos todo dia, Santidade.

— Mas eu não. Imagino que Deus tenha me feito aturar aquelas asneiras por alguma razão.

Olhando para uma cópia do itinerário do Santo Padre, Gabriel se perguntou se aquilo era verdade.

A próxima parada era Yad Vashem.

Donati tinha reservado uma hora para a visita particular pela nova exposição da história do Holocausto, mas se passaram noventa minutos. De lá, seguiu para o Hall dos Nomes, o repositório sombrio com informações sobre os mortos, e depois caminhou pela Avenida dos Justos Entre as Nações e pelo Vale das Comunidades. No Memorial das Crianças, um lugar escuro e sinistro iluminado por velas, o papa ficou desorientado por um instante.

— Por aqui — orientou Gabriel em voz baixa.

Quando o Santo Padre saiu, sob o sol brilhante de Jerusalém, seu rosto estava banhado em lágrimas.

— Crianças. Por que, em nome de Deus, eles mataram crianças pequenas?

— Vossa Santidade precisa de um minuto para se recompor?

— Não — negou o papa. — Está na hora.

Eles passaram pelo grande Pilar do Heroísmo e chegaram ao Hall da Recordação. Na praça do lado de fora, centenas de dignitários israelenses e

sobreviventes do Holocausto estavam sentados, voltados para o púlpito simples de onde Sua Santidade faria os comentários mais importantes da viagem. A localização sombria tornava o clima fúnebre. Não havia qualquer bandeira e não houve aplausos quando o papa entrou no saguão. Seguindo-o na sombra fresca, Gabriel sentiu uma paz pela primeira vez desde a chegada em solo israelense. Ali, naquela câmara santificada da memória, o Santo Padre estava a salvo.

A chama da recordação fora temporariamente extinguida. Com a ajuda de Donati, o papa a reacendeu e se ajoelhou por um bom tempo numa prece silenciosa e angustiada. Por fim, ele se ergueu e saiu para a praça, onde a multidão já estava inquieta. Quando o pontífice se aproximou do púlpito, Donati substituiu a pasta preta com o texto preparado por uma folha branca pautada, que continha as notas escritas à mão pelo papa durante sua conversa final com Gabriel, no Palácio Apostólico. O Santo Padre estava prestes a dar uma das declarações mais importantes de seu papado sem qualquer roteiro.

Ele ficou em silêncio no púlpito por um longo momento, como se a combinação única de horror e beleza do Yad Vashem o tivesse deixado sem palavras. Gabriel sabia que o sentimento era genuíno. Mas ele também sabia que Sua Santidade estava prestes a iniciar o sermão falando da relação entre palavras e atos. Esse silêncio, portanto, tinha propósito.

— Neste lugar de dor insuportável — começou ele —, meras palavras não poderiam descrever as profundezas de nosso pesar ou de nossa vergonha. Esse lindo jardim da memória é mais que uma mera lápide cerimonial para seis milhões de crianças de Deus e Abraão que pereceram no fogo do Holocausto. É um lembrete de que o mal, o verdadeiro mal, está presente no mundo. Também é um lembrete de que, como cristãos, temos uma parte da responsabilidade pelo que ocorreu durante o Holocausto e devemos implorar por perdão. Uma década atrás, na Grande Sinagoga de Roma, nós falamos sobre nossa cumplicidade no crime que o Yad Vashem retrata. E hoje nós reafirmamos nossa tristeza e mais uma vez imploramos por perdão. Mas agora, nestes tempos de tensões crescentes no Oriente Médio, nosso pesar está misturado ao medo. Medo de que isso aconteça de novo.

A frase gerou um murmúrio na multidão. Vários repórteres da sala de imprensa do Vaticano encaravam suas cópias do discurso, incrédulos. O papa tomou um gole de água e esperou pelo silêncio. Então, ele olhou brevemente para Gabriel e Donati antes de retomar o sermão.

— Desde que visitamos a Grande Sinagoga de Roma, a Igreja tomou medidas importantes no sentido de eliminar o sentimento antissemita de nossos

ensinamentos e textos. Pedimos aos nossos irmãos islâmicos para empreenderem um exame de consciência similar, mas, infelizmente, isso não aconteceu. Ao redor do mundo islâmico, homens sagrados muçulmanos costumam pregar que o Holocausto não aconteceu e jihadistas radicais prometem causar outro. A contradição é engraçada para alguns, mas não para mim, não quando uma nação que jurou varrer Israel da face da Terra está se aprimorando para fazer justo isso.

Mais uma vez, a audiência se agitou, ansiosa. Gabriel observou os membros perplexos da delegação da Cúria antes de voltar sua atenção para a figura diminuta de branco que estava prestes a fazer história.

— Existem líderes que me asseguram que Israel pode viver com um Irã armado com a bomba nuclear — continuou o papa. — Mas, para alguém que passou pela loucura da Segunda Guerra Mundial, eles lembram muito aqueles que disseram que os judeus não tinham nada a temer de uma Alemanha liderada por Hitler e pelos nazistas. Aqui, na cidade sagrada de Jerusalém, nós somos lembrados a cada esquina que grandes impérios e grandes civilizações podem desaparecer num piscar de olhos. As antigüidades dessas civilizações enchem nossos museus, mas, constantemente, nós fracassamos em aprender com seus erros. Ficamos tentados a pensar que chegamos ao fim da história, que isso nunca mais acontecerá. Mas a história é feita todos os dias, e às vezes é feita por homens malignos. E, com bastante freqüência, a história se repete.

Muitos dos repórteres já sussurravam em seus celulares. Gabriel suspeitou que eles estivessem informando a seus editores que o Santo Padre tinha acabado de fazer uma mudança significativa no que supostamente seria um discurso rotineiro no Yad Vashem.

— Portanto — prosseguiu o papa nesta ocasião solene, neste lugar sagrado, nós fazemos mais que nos lembrarmos dos seis milhões que sofreram e morreram no Holocausto. Nós renovamos nosso laço com os seus descendentes e garantimos a eles que faremos tudo ao nosso alcance para garantir que isso nunca se repita.

O pontífice parou de falar, como se sinalizasse aos jornalistas que a parte mais importante do pronunciamento ainda estava por vir. Quando ele voltou a discursar, sua voz não era mais de pesar, e sim de determinação.

— Para este fim — anunciou ele de braços abertos, suas palavras ecoando pelos monumentos do Yad Vashem —, nós prometemos ao povo de Israel, nossos irmãos mais velhos, que nesta hora, enquanto vocês confrontam um desafio para sua existência, a Igreja Católica Apostólica Romana permanecerá a seu lado. Oferecemos nossas preces e, se vocês estiverem dispostos a aceitá— -

los, nossos conselhos. Pedimos apenas que procedam com extrema cautela, pois suas decisões afetarão o mundo inteiro. O solo desta cidade sagrada está repleto de resquícios de um império que calculou mal seus atos. Jerusalém é a cidade de Deus. Mas também é um túmulo que marca a insensatez do homem.

A audiência irrompeu numa aclamação retumbante. Gabriel e o resto da equipe de segurança logo cercaram o papa e o escoltaram para a limusine. Enquanto os carros desciam pela encosta do monte Herzl em direção à Cidade Antiga, o pontífice colocou as notas para o discurso nas mãos de Gabriel.

— Coloque junto com sua coleção.

— Obrigado, Santidade.

— Ainda acha que eu deveria ter cancelado a viagem?

— Não, Santidade. Mas pode ter certeza de que os iranianos estão anunciando uma recompensa por sua cabeça neste exato momento.

— Eu sempre soube que eles fariam isso — falou o papa. — Garanta que ninguém tenha sucesso antes de sairmos de Jerusalém.

40

Jerusalém

Donati e o Santo Padre estavam passando a noite na residência do Patriarca Latino, perto do Portão de Jaffa. Gabriel os levou até a porta, conduziu uma verificação final de segurança e depois seguiu para o oeste, percorrendo Jerusalém em meio às sombras do final da tarde. Ao virar a esquina na rua Narkiss, Gabriel viu a limusine Peugeot blindada em frente ao prédio de número 16. Seu dono estava na varanda do terceiro andar, parcialmente oculto pelos galhos inclinados de uma árvore de eucalipto, uma sentinela numa vigília noturna sem fim.

Quando entrou no apartamento, Gabriel sentiu o cheiro inconfundível de berinjela com tempero marroquino, especialidade de Gilah, a esposa resignada de Shamron. Ela se encontrava na cozinha, com um avental florido, ao lado de Chiara, que vestia uma blusa larga com decote, os cabelo caídos sobre os ombros. Gabriel a beijou, sentindo gosto de mel. Ela ajustou o nó da gravata dele e voltou a beijá-lo. Então, indicou a televisão com um gesto e disse:

— Parece que você e seu amigo causaram bastante comoção.

Gabriel olhou para a tela e viu a si mesmo andando poucos metros atrás do papa enquanto ele saía do Hall da Recordação no Yad Vashem. Uma repórter em Londres falava sobre o realinhamento radical das políticas do Vaticano em relação ao Estado de Israel. Gabriel passou por diversos canais de notícias, e todos traziam análises similares. Parecia que Sua Santidade tinha alterado profundamente a dinâmica do conflito no Oriente Médio, com o Vaticano agora posicionado ao lado de Israel contra o Irã e o islamismo radical. E o que tornava tudo ainda mais impressionante, concordavam os comentaristas, era que o Vaticano conseguira esconder as intenções do Santo Padre antes de sua partida de Roma.

Gabriel desligou a televisão e foi se trocar no quarto. Em seguida, aceitou duas taças de Shiraz de Chiara e saiu para o pequeno terraço. Shamron estava acendendo um cigarro. Gabriel o tirou de seus lábios antes de se sentar.

— Você realmente precisa parar, Ari.

— Por quê?

— Porque eles estão matando você.

— Eu prefiro morrer fumando do que nas mãos dos meus inimigos.

— Existem outras opções, sabia? — Franzindo a testa, Gabriel apagou o cigarro e passou uma taça de vinho para Shamron. — Beba, Ari. Dizem que é bom para o coração.

— Eu guardei o meu num depósito no dia em que entrei no Escritório. E agora que me apossei dele de novo, o negócio está me incomodando até não poder mais. — Ele tomou um pouco da bebida enquanto o vento balançava o eucalipto. — Você se lembra do que eu disse ao lhe dar este flat?

— Você me disse para enchê-lo de crianças.

— Sua memória é boa.

— Não tão boa quanto a sua.

— Para minha sorte, ela não é mais a mesma. Gostaria de esquecer muitas coisas na vida. A maior parte envolve você. — Ele encarou Gabriel, sério, e perguntou: — Ajudou?

— O quê?

— Viena.

— Eu não agi por mim. Eu agi para que outra pessoa não tivesse que enterrar um filho ou visitar uma pessoa amada num hospital psiquiátrico.

— Você acabou de responder positivamente a minha pergunta — disse Shamron. — O único aspecto que me incomoda é termos enviado Massoud de volta para Teerã. Ele merecia uma morte ignóbil.

— Foi o melhor que deu para fazer.

— Eu preferiria dar um sumiço nele.

Shamron bebeu um pouco do vinho e perguntou a Gabriel como era estar no Monte do Templo.

— O lugar mudou desde a minha última visita.

— Você se sentiu perto de Deus?

— Perto demais.

Shamron sorriu.

— A visita não saiu bem de acordo com os planos, pelo menos para o mufti. Mas para nós... — A voz de Shamron se perdeu. — As palavras de apoio do papa não poderiam ter vindo numa hora mais oportuna. Temos que agradecer a você.

— As palavras foram dele, Ari, não minhas.

— Não sei se ele as teria dito se não fosse seu amigo. Eu só espero que ele esteja ao nosso lado quando o inevitável se tornar realidade.

— Você quer dizer um ataque ao Irã?

Shamron assentiu.

— Quanto tempo ainda temos?

— Seu amigo Uzi terá que tomar essa decisão. Eu diria em algum momento do próximo ano. Na minha opinião, nós já esperamos tempo demais.

— Mas nem você tem certeza se um ataque às instalações deles seria bem-sucedido.

— Mas eu tenho certeza do que vai acontecer se não fizermos nada — rebateu Shamron. — O que eu mais temo não é um ataque nuclear. É que nossos inimigos usem a proteção do Irã para tornar nossas vidas inviáveis. Foguetes de Gaza, foguetes do Líbano, regiões do país inabitáveis... As pessoas ficarão nervosas e, aos poucos, começarão a ir embora. E o lindo país que eu ajudei a criar e defender desmoronará.

— Talvez você esteja sendo pessimista demais.

— Na verdade, esse é o melhor cenário.

— E qual é o pior?

Ari virou um pouco o rosto e contemplou a Cidade Antiga.

— Tudo poderia se tornar uma bola de fogo, como na noite em que Tito cercou o Segundo Templo.

Ouviu-se o som da risada de Chiara na cozinha. O humor sombrio de Shamron ficou um pouco mais ameno.

— Alguma novidade na batalha pela criança?

— O papa está rezando por nós.

— Eu também — falou Shamron. — Eu li um artigo interessante sobre infertilidade recentemente. Dizia que às vezes viagens freqüentes podem interferir na concepção, que o casal deve permanecer em casa tanto quanto possível, cercado pela família e por entes queridos.

— Você não tem vergonha na cara?

— Não mesmo. — Shamron sorriu e colocou uma das mãos no braço de Gabriel. — Você está feliz, filho?

— Estarei assim que conduzir Sua Santidade em segurança até um avião.

— Suponho que você esteja planejando acompanhá-lo?

Gabriel aquiesceu.

— Eu preciso ter uma conversa com Cario Marchese. E também tenho que terminar aquele Caravaggio.

— Você nem sabe o que é um momento de tédio.

— Eu mataria por um.

— E quando você finalizar seus negócios em Roma?

Gabriel sorriu.

— Tome seu vinho, Ari. Dizem que é bom para o coração.

Como Shamron havia previsto, os comentários do papa durante a visita ao Monte do Templo não foram bem recebidos pelo mundo muçulmano. Naquela noite, na Al Jazeera, diversos comentaristas rotularam o discurso como uma afronta que não podia ser ignorada. Assistindo de seu escritório, o imã Hassan Darwish achou o ultraje um tanto engraçado. Ele sabia que em poucas horas as palavras do papa seriam apenas murmúrios de um velhinho de branco. Com os olhos fixos na televisão, ele pegou o telefone e discou. O homem que ele conhecia como Sr. Farouk atendeu no primeiro toque.

— Sim?

— Entregue os Alcorões no endereço que passei.

— Allahu Akbar.

Darwish desligou e saiu pela esplanada até chegar ao Domo da Rocha — não ao corredor central do templo, mas à caverna logo abaixo da pedra, conhecida como Poço das Almas. Ele se ajoelhou num tapete de oração mofado, ouvindo os gritos dos mortos. Logo eles estariam livres, pensou Darwish, pois não haveria mais Poço das Almas. Se Alá permitisse que tudo corresse de acordo com os planos, logo não haveria mais nada naquele lugar.

41

Cidade Antiga, Jerusalém

Era Sexta-Feira Santa, e Jerusalém se encontrava num estado quase de histeria. Nos distritos predominantemente judeus da Cidade Nova, a manhã se desenrolou com as rotineiras preparações de última hora para o sabá que se aproximava. Mas, no leste de Jerusalém, milhares de muçulmanos caminhavam em direção ao Haram al-Sharif para as preces de sexta-feira, ao mesmo tempo que uma multidão de católicos do mundo inteiro estava prestes a participar da cerimônia da crucificação de Cristo com o homem que eles acreditavam ser seu representante na terra. Não é de surpreender que as unidades policiais e médicas tenham registrado um número anormal de casos de Síndrome de Jerusalém, a psicose religiosa súbita desencadeada pela exposição aos lugares mais sagrados da cidade. Em um dos incidentes, um hóspede do King David Hotel apareceu no saguão coberto apenas por um lençol e insistiu que o fim dos dias estava próximo.

— Onde ele está agora? — perguntou Donati.

— Descansando sob o efeito de sedativos — respondeu Gabriel. — Espera-se que ele se recupere por completo.

— Ele é um dos nossos ou um dos seus?

— Um dos seus, infelizmente.

— De onde ele vem?

— São Francisco.

— E ele precisou vir a Jerusalém para ter um surto psicótico?

Sorrindo, Donati acendeu um cigarro. Eles estavam sentados no salão da residência do Patriarca Latino. Na mesa entre ambos, havia um mapa em grande escala da Cidade Antiga, com a Via Dolorosa ressaltada em vermelho. A estreita rua romana com escadarias íngremes tinha 600 metros de comprimento e ia da Cidade Antiga, partindo da Fortaleza de Antônia, até a Igreja do Santo Sepulcro, considerada pelos cristãos o lugar da crucificação e sepultamento de Cristo. Como a maioria dos israelenses, Gabriel evitava a rua devido à agressividade dos lojistas palestinos, que tentavam seduzir todos os transeuntes, a despeito de suas fés. Normalmente, os estabelecimentos ficavam abertos na Sexta-Feira Santa, mas Gabriel requisitara que todos fossem fechados.

— Tenho que admitir que esse é o dia que mais me preocupa — disse ele, estudando o mapa. — O papa precisa percorrer uma rua muito estreita e parar em catorze dos lugares mais famosos na história da religião.

— Receio que não há nada que se possa fazer com relação à rota, ou à história. Sua Santidade deve seguir o mesmo caminho de Cristo rumo à crucificação. E ele insiste em realizar isso com o máximo de dignidade possível.

— Será que ele ao menos reconsideraria o colete à prova de bala?

— Não.

— Por que não?

— Porque Nosso Senhor não usou um a caminho de sua morte. E meu mestre também não o fará.

— E só uma reconstituição, Luigi.

— Não para ele. Quando o Santo Padre pisar na Via Dolorosa, ele será a personificação de Jesus Cristo aos olhos de seu rebanho.

— Com uma diferença importante.

— Qual?

— O plano é que Sua Santidade sobreviva ao dia.

O papa desceu de seus aposentos dez minutos depois, com a batina branca reluzente coberta por paramentos vermelhos, e se acomodou no banco traseiro da limusine. O veículo o conduziu ao longo da fronteira norte da Cidade Antiga,

passando por uma multidão interminável de peregrinos cristãos delirantes até chegar à Porta dos Leões. Os vaticanistas o aguardavam lá, junto a uma grande delegação de clérigos e dignitários católicos que seguiriam os passos do papa durante as estações da Via-Sacra. Quando Donati e Gabriel ajudaram o Santo Padre a sair do carro, os fiéis explodiram em aplausos entusiasmados. Mas o som logo foi abafado pelo sermão do meio-dia vindo do elevado minarete da Mesquita de Al-Aqsa.

— O que ele está dizendo? — perguntou Donati.

— Não sobreviveria à tradução — respondeu Gabriel.

— É tão ruim?

— Infelizmente, sim.

A primeira estação ficava num curto lance de escadas na Escola Primária Umariya, um madraçal, onde o notório terrorista islâmico Abu Nidal estudara. De acordo com os Evangelhos e a tradição cristã, fora ali que Pôncio Pilatos, o governador da então romana província da Judeia, condenou Jesus à morte por crucificação. Quase dois milênios depois, o papa Paulo VII parou no mesmo lugar, com os olhos fechados, e disse:

— Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

No mesmo instante, Donati e os outros membros da delegação se ajoelharam e responderam:

— Porque pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Gabriel consultou o relógio. Eram 12h05. Ainda havia treze paradas pela frente.

O escritório de Hassan Darwish tinha duas janelas. Uma dava para o sul, na direção do Domo da Rocha e da Mesquita de Al-Aqsa; a outra se voltava para o oeste, onde ficavam a Via Dolorosa e os domos da Igreja do Santo Sepulcro. O imã costumava manter as persianas da segunda janela bem fechadas, para não ver o que considerava, revoltado, um templo do politeísmo. Mas naquele momento, no dia mais trágico do calendário litúrgico cristão, ele se postou ali, observando o pequeno homem tolo com vestes vermelhas e brancas liderando uma procissão de macacos e porcos ao longo da rua do sofrimento. No instante seguinte, quando o papa entrou na Igreja da Flagelação, Darwish fechou as persianas com um estalo e foi até a outra janela. O Domo da Rocha, o símbolo da ascendência islâmica sobre a cidade de Deus, assomava no horizonte. O imã olhou de relance para o relógio de pulso e começou a rezar o masbaha, passando os dedos ansiosamente pelas contas, esperando a terra se mover.

No King Saul Boulevard, Dina Sarid mantinha uma vigília tensa de natureza bem diferente. A sala onde ela trabalhava não possuía janelas e as paredes estavam cobertas com os fragmentos da operação que acabara de ser concluída com sucesso em Viena, do começo ao fim, passo a passo, elo a elo: Claudia Andreatti a Cario Marchese, a David Girard, a Massoud Rahimi, aos quatro terroristas do Hezbollah que morreram perto da Stadttempel. Mas será que os planos do Irã e do Hezbollah se resumiam apenas àquilo? Será que a sinagoga histórica era o alvo real? Após horas de pesquisa e análise frenéticas, Dina temia que a resposta a ambas as perguntas fosse um retumbante "não".

Sua busca começara pouco depois das sete horas da noite anterior, quando a Unidade 8200 interceptou e decodificou uma transmissão prioritária da sede do VEVAK para todas as bases iranianas ao redor do mundo. A mensagem continha apenas quatro palavras: o SANGUE NUNCA DORME. Elas não representavam nada para os matemáticos e gênios de computação da Unidade, mas Dina, uma estudiosa da história islâmica, reconheceu no mesmo instante a frase. Saladino a dissera ao filho favorito, Zahir, em um aviso contra o uso de violência desnecessária: "Aconselho-o a não derramar sangue, a não o permitir nem fazer disso um hábito, pois o sangue nunca dorme."

Mas, como tantos pais, Saladino nem sempre seguiu seus próprios conselhos. Após derrotar os cruzados na Batalha de Hattin, perto das margens do mar da Galileia, ofereceu a duzentos dos cavaleiros derrotados a chance de se salvarem caso se convertessem ao Islã, mas eles se recusaram e foram mortos a espada pelos místicos e estudiosos da corte, sob o olhar satisfeito de Saladino. Ao entrar em Jerusalém três meses depois, ele arrancou a cruz cristã que tinha sido colocada no topo do Domo da Rocha e a arrastou pela cidade. Seu primeiro instinto foi destruir a Igreja do Santo Sepulcro — que ele chamava de "monte de estrume" —, mas, no fim, Saladino permitiu que a construção ficasse de pé, desde que seus sinos nunca soassem. E, de fato, até o século XIX, tocar sinos em Jerusalém era proibido por um decreto muçulmano. A criação do Estado de Israel — e a tomada da Cidade Antiga na Guerra dos Seis dias em 1967 — encerrou o domínio islâmico. Sim, o Haram al-Sharif permaneceu sob controle do Waqf. Mas era essencialmente uma fortaleza islâmica murada dentro de uma cidade de maioria judaica.

O sangue nunca dorme...

Por que os iranianos usaram essa frase? E qual era o significado? Seria uma ameaça pouco sutil contra o papa? Talvez. Porém, havia outra coisa incomodando Dina. Por que o Waqf de Jerusalém, mantenedor do terceiro

santuário mais sagrado do Islã sunita, tinha um muçulmano xiita do sul do Líbano como consultor em questões relacionadas ao passado arqueológico do Monte do Templo? Existia a possibilidade de que o Waqf não soubesse que David Girard era Daoud Ghandour e que a ligação entre eles fosse uma coincidência — mas não era algo provável, pensou Dina. Como qualquer boa analista do Escritório, ela sempre tomava como base a pior situação: as visitas freqüentes de Girard ao Monte do Templo se deviam às ordens de Massoud, o sortudo.

Ele podia ir a lugares inacessíveis para mim e falar com pessoas com quem eu não podia encontrar...

Ele era meu serviço particular de correio...

Foi essa preocupação torturante que levou Dina a pedir à Unidade 8200 que passasse com urgência por uma análise esteganográfica todas as informações relacionadas a Girard. A palavra "esteganografia" é de origem grega e corresponde à prática de ocultar mensagens codificadas importantes em meios aparentemente inofensivos. Seu uso remonta à época anterior a Saladino, ao século V a.C., quando Demarato, rei de Esparta, escondeu sua correspondência secreta por trás de uma camada de cera de abelha. Na era digital, mensagens secretas podem ser transmitidas pela internet com disfarces bem elaborados. Fotos com instruções para ataques terroristas e textos para células terroristas ativas são velados por imagens de garotas de biquínis ou receitas de boeufbourguignon. A decodificação era um processo simples que envolvia remover o número correto de bits do componente gráfico. Ao pressionar algumas teclas, as garotas bonitas se transformam em prédios governamentais ou estações de metrô em Nova York.

Depois do 11 de Setembro, empresas israelenses de alta tecnologia foram pioneiras no desenvolvimento de softwares sofisticados capazes de inspecionar rapidamente volumes massivos de informação em busca de material esteganográfico. Portanto, a Unidade levou poucas horas para encontrar duas imagens intrigantes que haviam sido enviadas a um endereço do Gmail no mesmo dia. A primeira, escondida na foto de um gato de bronze egípcio, mostrava Girard perto de dois pilares antigos numa câmara escura, com um imã ao lado. A segunda, oculta numa fotografia de sua esposa, mostrava um trapézio desenhado à mão num bloco de notas amarelo. Dentro dele, na parte inferior, havia um pequeno círculo e três dígitos: 689.

O trapézio tinha uma vaga semelhança com o platô do Monte do Templo, o que tornava o número ainda mais interessante: 689 era o ano em que Abd al-

Malik, o quinto califa omíada, começara a construção do Domo da Rocha. Dina pensou em vários cenários possíveis envolvendo os algarismos, mas nenhum fazia sentido. Então, ela colocou as duas imagens lado a lado e formulou uma pergunta simples. E se o número não tivesse nada a ver com história, mas tudo a ver com localização — especificamente a altitude da câmara onde Girard estava na foto? O topo do Monte do Templo ficava 740 metros acima do nível do mar. Portanto, 689 metros representariam 51 metros abaixo do cume.

Agora, sozinha no covil subterrâneo da equipe, Dina encarava a foto de Girard e dos rostos dos quatro terroristas do Hezbollah mortos em Viena. E Mas — soud Rahimi andando de ônibus por Zurique. E o texto da mensagem de alta prioridade que fora enviada na noite anterior para todas as bases iranianas de inteligência. Por fim, ela olhou para a televisão velha, vendo um homem pequeno vestido de branco caminhando devagar pela Via Dolorosa em direção à igreja que Saladino chamara de "monte de estrume".

O sangue nunca dorme...

E então Dina entendeu. Não conseguiria provar nada, assim como não provara que o homem no ônibus era Massoud. Mas ela sabia. Agarrando o telefone, ligou para o escritório de Uzi Navot. Orit, sua secretária particular implacável, atendeu no primeiro toque. Dentro do King Saul Boulevard, ela era conhecida como "Escudo de Ferro", devido à sua capacidade ímpar de rechaçar solicitações de reunião com seu chefe.

— Impossível — afirmou ela. — Ele está ocupadíssimo.

— É urgente, Orit. Eu só ligo nesse tipo de situação.

A secretária de Navot não era tola a ponto de perguntar sobre o que se tratava.

— Posso dar a você dois minutos — concedeu ela.

— Isso é tudo de que preciso.

— Venha para cá. Vou encaixá-la assim que for possível.

— Eu preciso que ele venha até mim.

— Você está forçando a barra, Dina.

— Diga a Uzi que, se quiser que Israel ainda exista na semana que vem, ele deve largar o que estiver fazendo e vir até aqui imediatamente.

Dina desligou o telefone e encarou a televisão. O papa tinha acabado de alcançar a sexta estação, o local onde Verônica enxugara o rosto de Jesus. "Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos."

O sangue nunca dorme...

42

Tel Aviv — Jerusalém

— Dina, você só pode estar brincando.

Sua expressão deixou claro que ela não estava.

— Explique-se — pediu Navot.

— Não há tempo.

— Então seja rápida.

Ela apontou para a foto das ruínas da Galeria Naxos em St. Moritz.

— O que tem isso?

— De acordo com Massoud, David Girard sabia que Gabriel estava investigando o assassinato de Claudia Andreatti no Vaticano e que ele chegara perto demais de Cario Marchese.

— Continue.

— Por que Girard ainda estava na Europa? Por que ele não voltou para a terra do Hezbollah?

— Porque eles queriam deixá-lo como isca para Gabriel.

— Correto. Mas por quê?

— Porque eles queriam matá-lo por ter explodido as centrífugas.

— É possível, Uzi, mas não acho que seja isso. Acho que eles queriam que Gabriel fosse a St. Moritz por outra razão.

— Qual?

— Taqiyya. — Dina indicou outra imagem, do assassino iraniano Ali Montezari e da garota que o acompanhava. — Eles deram o trabalho para alguém que nós reconheceríamos. Eles queriam que nós soubéssemos quem estava por trás.

— Por quê?

— Porque eles também queriam que nós encontrássemos isto. — Ela gesticulou em direção à foto de Massoud ao lado de Girard, num ônibus em Zurique. — Eu verifiquei o tempo em Zurique no dia em que ela foi tirada. O sol brilhava, mas fazia um frio terrível.

— Isso é importante?

— Massoud não está usando luvas. — Ela apontou para as bandagens em sua mão direita. — Porque desejava que nós víssemos isto. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Ele queria que eu visse.

— Massoud queria que nós soubéssemos que ele tinha ligações com Girard e o bombardeio da galeria?

— Exato.

— Por quê?

— Taqiyya — repetiu ela.

A expressão de Navot perdera qualquer resquício de ceticismo.

— Continue.

— Os iranianos não nos deixaram escolha além de morder a isca, bombardeando nossa inteligência com conversas sobre um ataque terrorista iminente e mobilizando as forças do Hezbollah no sul do Líbano. Foi uma simulação clássica. E só tinha um propósito: taqiyya.

— Demonstrar uma falsa intenção.

Dina assentiu.

— Mas a célula em Viena era real.

— Sim. Mas o plano nunca foi que eles executassem o ataque. Desde o começo, Massoud pretendia revelar a existência da célula para nós de maneira dramática, deixando tempo suficiente para agirmos.

— A célula era taqiyya?

Ela anuiu.

— Como o exército fantasma do general Patton na Segunda Guerra Mundial, aquele que os aliados posicionaram na Anglia Oriental para fazer os alemães pensarem que a França seria invadida por Calais, e não pela Normandia. Os oficiais ingleses e norte-americanos usaram os rádios para difundir informações falsas porque sabiam que os alemães estavam escutando. Mesmo depois que as primeiras tropas alcançaram as praias, o exército alemão ainda estava paralisado pela indecisão, pois achavam que a batalha decisiva seria empreendida em Calais.

— Então, no seu cenário, Viena seria Calais.

— Não é o meu cenário. É o cenário de Massoud.

— Prove.

— Não posso.

— Faça o melhor possível, Dina.

Ela mostrou a Navot as duas imagens esteganográficas descobertas pela Unidade 8200. Ele franziu a testa.

— Girard numa caverna e um mapa que parece ter sido desenhado por uma criança de 5 anos.

— Compare o mapa rudimentar com isto.

Usando o computador, Dina sobrepôs a imagem ao mapa do Monte do Templo.

— Parecido — concordou Navot.

— Muito parecido. — Dina explicou rapidamente sua teoria acerca do significado do número 689.

— Você tem certeza de que ele enviou essas imagens para Massoud?

— Não. Mas nossa única escolha é supor que sim.

— Por que ele teria feito isso?

— Porque ele é um arqueólogo clássico, não um geólogo nem um engenheiro. Precisava de alguém experiente para fazer os cálculos.

— Que cálculos?

— Ele precisava saber a quantidade necessária de explosivos para destruir o Monte do Templo.

O rosto de Navot ficou pálido.

— Quem é o outro homem na foto?

— O imã Hassan Darwish — respondeu Dina. — Ele supervisionou a expansão da Mesquita Marwani. É considerado o membro mais radical do Waqf.

Dina pegou a mensagem do VEVAK emitida na noite anterior.

O sangue nunca dorme...

— Saladino? — perguntou Navot.

Dina aquiesceu.

— Acho que é um sinal para todos se prepararem para a revolta violenta que vai varrer o mundo islâmico no instante em que o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa forem arruinados. Se algo acontecer com aquelas construções... — Sua voz sumiu. — Será o fim, Uzi.

— Nem mesmo os iranianos são tão malucos — retrucou Navot, com desdém. — Por que os mulás explodiriam dois dos santuários mais importantes do Islã?

— Porque não são santuários deles — respondeu Dina. — O Nobre Santuário é sunita, e todo mundo sabe das relações entre os sunitas e os xiitas. Tudo o que os iranianos precisam é de um maníaco apocalíptico dentro do Waqf para ajudá-los.

— E você acha que Darwish é o maníaco?

— Leia o arquivo dele.

Navot caiu num silêncio pensativo.

— Você não pode provar uma única palavra disso — afirmou ele, por fim.

— Você está disposto a apostar que estou errada?

Ele não estava.

— Quanto tempo nós temos?

Dina olhou para a televisão.

— Eu diria que o Monte do Templo vai cair às três da tarde, quando Sua Santidade estiver dentro do Sepulcro.

— A hora em que Cristo morreu na cruz?

— Exatamente.

Navot consultou o relógio.

— Temos noventa minutos.

— Diga para Orit passar minha ligação direto da próxima vez.

Navot deslizou a mão pelo cabelo grisalho curto, ansioso.

— Você sabe quantas pessoas estão no topo do Monte do Templo agora?

— Dez mil. Talvez mais.

— E você sabe o que vai acontecer se nós subirmos lá e começarmos a procurar por uma bomba? Seria o início da Terceira Intifada.

— Mas nós não temos que procurar a bomba, Uzi. Nós já sabemos onde ela está.

— Cinqüenta e um metros abaixo da superfície, em algum lugar entre o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa?

Dina assentiu.

— Eli Lavon ainda trabalha no Túnel do Muro das Lamentações?

— Ele está lá desde que voltou para a cidade.

— Lá tem sinal de celular?

— Às vezes.

Navot respirou fundo.

— Eu não posso mandar Eli para o Monte do Templo sem a permissão do primeiro-ministro.

— Talvez você deva ligar para ele. E mandar alguma ajuda para Eli.

Navot fitou a televisão e viu Gabriel caminhando um passo atrás do papa ao longo da Via Dolorosa. Ele pegou o telefone.

Gabriel sentiu o celular vibrando quando o papa chegou na oitava estação, o lugar onde Cristo havia parado para consolar as mulheres de Jerusalém. Ele viu quem estava ligando e rapidamente levou o telefone ao ouvido.

— É possível que haja um problema — falou Navot.

— O papa?

— Não.

— Onde, Uzi?

— No único lugar de Jerusalém onde nada pode acontecer.

— Do que você está falando?

— Comece a caminhar em direção ao Túnel do Muro das Lamentações. Dina vai explicar o resto no caminho.

43

Cidade Antiga, Jerusalém

Gabriel caminhou por um tempo, mas, ao passar pela Igreja do Redentor, já estava correndo o mais rápido que podia. Pelos becos estreitos do Bairro Cristão, peregrinos bloqueavam a passagem em cada esquina. Quando ele chegou ao Bairro Judeu, as multidões ficaram menos densas. Ele tomou a direção leste — subindo e descendo degraus de pedra, passando por baixo de arcos e através de praças tranqüilas — até alcançar uma das entradas do Muro das Lamentações. Como era sexta-feira, a praça estava mais cheia do que o habitual. Centenas de pessoas rezavam em frente ao muro e Gabriel calculou que havia pelo menos outras cem dentro das sinagogas no Arco de Wilson. Ele parou e tentou imaginar o que aconteceria se uma das pedras gigantes se soltasse. Em seguida, andou até o policial de escalão mais alto que conseguiu encontrar.

— Eu quero que você feche o muro e a praça.

— Quem você pensa que é? — perguntou o policial.

Gabriel ergueu os óculos escuros. O policial quase bateu continência.

— Eu não posso fechar sem uma ordem direta do meu chefe — disse ele, nervoso.

— A partir deste momento, eu sou seu chefe.

— Sim, senhor.

— Feche a praça e o Arco de Wilson. E seja o mais discreto possível.

— Se eu disser aos haredim que eles precisam sair, não vai ser nada discreto.

— Dê um jeito de tirá-los daqui.

Gabriel se voltou sem dizer mais nada e seguiu para a entrada do Túnel do Muro das Lamentações.

A mesma mulher ortodoxa da outra vez estava lá para cumprimentá-lo.

— Ele está lá embaixo? — perguntou Gabriel.

— No mesmo lugar.

— Quantas pessoas estão no túnel?

— Sessenta turistas e uns vinte funcionários.

— Mande todo mundo sair.

— Mas...

— Agora.

Gabriel parou um segundo para ver um e-mail de Dina em seu BlackBerry.

Ele continuou a andar para dentro da terra e para trás no tempo, até chegar à beira da vala de escavação de Lavon, que estava agachado sobre os ossos de Rivka sob uma luz branca cegante. Ao ouvir Gabriel, ele ergueu o rosto e sorriu.

— Belo terno. Por que você não está com Sua Santidade?

Gabriel jogou o BlackBerry no buraco. Lavon o pegou com destreza no ar e encarou a tela.

— O que é isso?

— Saia desse buraco, Eli, e eu explico tudo.

Um quilômetro e meio para o oeste, no apartamento da rua Narkiss, Chiara acompanhava a cobertura ao vivo da procissão da Sexta-Feira Santa pela televisão israelense. Pouco tempo antes, enquanto o papa conduzia as orações na oitava estação, ela vira Gabriel falando no celular. Agora o Santo Padre seguia solenemente da oitava para a nona estação e Gabriel não estava mais a seu lado. Chiara encarou a tela por um tempo antes de pegar o telefone e discar para o escritório de Navot no King Saul Boulevard. Orit atendeu.

— Ele já ia ligar para você, Chiara.

— O que está acontecendo?

— Ele está a caminho de Jerusalém. Espere um instante.

Chiara sentiu o estômago se contorcer quando Orit a colocou na espera. Navot atendeu segundos depois.

— Onde ele está, Uzi?

— E complicado explicar.

— Droga, Uzi! Onde ele está?

Embora Navot não soubesse, naquele instante Gabriel estava agachado na beira da vala de escavação ao lado de Lavon. Embaixo deles, reluziam os ossos brancos e desgastados de Rivka, testemunha do cerco romano a Jerusalém e da destruição do Segundo Templo de Herodes. Mas, no momento, Lavon esquecera completamente dela; tinha olhos apenas para a pequena imagem na tela do celular de Gabriel, que mostrava David Girard, numa espécie de câmara subterrânea ao lado de Hassan Darwish.

— Aquilo no fundo são pilares?

— Os pilares não têm importância agora, professor.

— Desculpe.

Lavon inspecionou a segunda imagem, com o trapézio e o número.

— Faria sentido — disse ele, após um momento.

— O quê?

— Que a câmara onde eles estão fique nesse pedaço do monte. O solo embaixo do Domo da Rocha e da entrada para a Mesquita de Al-Aqsa está repleto de canais, poços e cisternas.

— Como você sabe isso?

— Charles Warren relatou.

Sir Charles Warren era o brilhante agente dos Engenheiros Reais, da Inglaterra, que realizou o primeiro e único levantamento topográfico do Monte do Templo entre 1867 e 1870. Seus mapas e desenhos com detalhes meticulosos ainda servem de base para arqueólogos modernos.

— Warren encontrou 37 cisternas e estruturas subterrâneas no Monte do Templo — explicou Lavon. — Além de várias passagens e aquedutos. Os maiores ficavam ao redor do ponto indicado neste mapa. Há uma cisterna imensa nessa área, chamada de Grande Mar, que foi esculpida nos alicerces de pedra calcária. Um artista chamado William Simpson produziu uma ilustração dela recentemente. — Lavon ergueu os olhos. — É possível que Girard e o imã estivessem lá.

— Nós conseguiríamos chegar ao local?

— O desenho de Simpson mostra com clareza a presença de pelo menos três aquedutos grandes conduzindo a outras cisternas e estruturas dentro do complexo. Mas também é possível que o Waqf tenha escavado novos túneis e passagens usando como pretexto seus projetos de construção.

— Isso é um sim ou um não, Eli?

— Você está fazendo perguntas que eu não posso responder — disse Lavon. — A verdade é que nós não temos idéia do que realmente existe no interior do monte porque não temos permissão para entrar lá.

— Agora nós temos.

— Você sabe o que vai acontecer se o Waqf nos encontrar ali?

— Eu estou mais preocupado com o que vai acontecer se uma bomba explodir numa caverna subterrânea entre o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa.

— Bem pensado.

— O que aconteceria, Eli?

— Bom, isso depende do tamanho da bomba. Se fosse do tamanho de um colete explosivo usado pelos suicidas, a Montanha Sagrada não sofreria impacto algum. Mas se fosse algo grande...

— Massoud destruiu os quartéis dos fuzileiros navais em Beirute com a maior explosão não nuclear que o mundo já vira. Ele sabe destruir.

Lavon se levantou e caminhou até as pedras do Muro das Lamentações. Os turistas tinham sido evacuados e não havia ninguém na minúscula sinagoga conhecida como a Caverna. Eles estavam sozinhos.

— Eu sempre quis ver o que há do outro lado — comentou ele, olhando para as pedras. — Mas nunca imaginei que seria por causa de algo assim.

— Você deve ter encontrado mais do que alguns ossos velhos aqui embaixo, professor.

— É claro.

— Você sabe chegar lá, Eli?

— Dentro do Monte do Templo? — Lavon sorriu. — É por aqui.

Eles passaram pela Caverna e desceram um lance de escadas até um antigo arco de pedra fechado com tijolos cinzentos e argamassa. Ao lado dele, havia uma placa, que informava: PORTÃO DE WARREN.

— O nome é em homenagem a Charles Warren — explicou Lavon. — Na época do Segundo Templo, o portão levava da rua onde estamos agora até uma passagem subterrânea, que conduzia a uma escadaria. E a escadaria...

— Levava ao Templo.

Lavon assentiu.

— Em 1981, o rabino-chefe do Muro das Lamentações foi tolo o suficiente para mandar os operários reabrirem o portão, mas, assim que eles começaram a cavar, o som dos martelos percorreu as passagens e cisternas do monte. Os árabes ouviram tudo. Eles invadiram os túneis na mesma hora e uma pequena batalha teve início. A polícia israelense teve que intervir para restaurar a ordem. Depois disso, o Portão de Warren foi fechado, e continua fechado até hoje.

— Mas não é a única passagem subterrânea por dentro do monte.

— Não — respondeu Lavon, balançando a cabeça. — Existe pelo menos mais um túnel. Nós o encontramos dois anos atrás. Fica a uns 50 metros para lá. — Ele apontou para o norte. — E tem o projeto idêntico ao do Portão de Warren.

— Por que isso nunca foi levado a público?

— Porque ninguém queria começar outro tumulto. Alguns arqueólogos israelenses tiveram permissão para passar alguns minutos dentro da passagem antes de ela ser fechada.

— Você estava entre eles?

— Era para estar, mas eu tive outro compromisso.

— Onde?

— Moscou.

— Ivan?

Lavon assentiu.

— Qual a espessura do bloqueio nesse túnel novo?

— Não é igual a este — falou Lavon, passando a mão pelos tijolos rústicos. — Até um arqueólogo fracote conseguiria atravessar sem dificuldades. Para um cara durão como você, duas marteladas devem bastar.

— E quanto ao barulho?

— O sermão deve abafar — explicou Lavon. — Mas há outro problema.

— Qual?

— Se aquela bomba explodir conosco dentro do Monte do Templo, vamos ter o mesmo destino que Rivka.

— Existem lugares piores para ser enterrado, Eli.

— Você não tinha dito que este lugar não passava de uma pilha de pedras?

— Sim — concordou Gabriel. — Mas são as minhas pedras.

Lavon ficou em silêncio.

— No que você está pensando?

— Nos pilares.

— Me dê um martelo e uma lanterna, Eli, e levo você para ver os pilares.

44

Jerusalém

O percurso do King Saul Boulevard até o escritório do primeiro-ministro em Jerusalém costumava levar meia hora, mas naquela tarde a comitiva que acompanhava Navot o completou em 22 minutos. Quando o diretor do Escritório entrou no prédio, o rádio de Gabriel passou da freqüência usada pela rede de proteção do papa para uma faixa criptografada reservada para funcionários de segurança da agência. Assim, Navot pôde ouvir Gabriel e Eli saquearem um depósito no Túnel do Muro das Lamentações atrás dos equipamentos necessários para invadirem o Monte do Templo.

O primeiro-ministro estava aguardando na sala do gabinete, junto com o ministro da Defesa, o ministro do Exterior e o líder do Shabak. A parede com monitores exibia imagens ao vivo de câmeras da Cidade Antiga. Numa das telas,

o vigário de Cristo se aproximava da Igreja do Santo Sepulcro. Em outra, milhares de muçulmanos se reuniam no topo do Haram al-Sharif. E, num terceiro, dezenas de agentes da polícia israelense vigiavam a Praça do Muro das Lamentações, que agora estava vazia. Era a Sexta-Feira Santa do inferno, pensou Navot.

— Como estamos? — perguntou o primeiro-ministro, quando Navot se acomodou em seu lugar habitual.

— Eles estão esperando sua ordem.

— Uma única analista afirma que há uma bomba no Monte do Templo que poderia desmoronar todo o platô e você me diz que não tenho escolha além de acreditar nela.

— Correto.

— Você sabe o que vai acontecer se os palestinos descobrirem que Gabriel e Eli estão lá dentro?

— É provável que alguém se machuque. E que a Primavera Árabe venha para Jerusalém.

O primeiro-ministro encarou os monitores por um instante antes de concordar. Navot logo passou a ordem para Gabriel. Poucos segundos depois, ele escutou o som de quatro batidas fortes.

Alef, Bet, Gimel, Dalet...

E então estava terminado.

Gabriel e Lavon tinham pegado uma marreta, uma picareta, dois rolos de corda de náilon e dois capacetes com lanternas de halogênio, além de todas as ferramentas pequenas que conseguiram encontrar para ajudar a desarmar a bomba. Antes de colocar o capacete, Lavon cobrira a cabeça com um quipá. Gabriel retirara o paletó, a gravata e o coldre de ombro. A SIG Sauer 9 milímetros que Alois Metzler tinha dado a ele estava na parte de trás da cintura. Ele deixou ligado o microfone do minirrádio, para que Navot pudesse escutar cada passo e cada respiração.

Depois de quebrar o cimento, eles entraram numa passagem arqueada que os conduziu pela base do muro de retenção ocidental até o interior do próprio monte. A via estava pavimentada com pedras lisas como vidro. Três vezes por ano — no Pessach, Shavuot e Suklcot —, os judeus dos reinos antigos de Israel haviam caminhado ali ao seguirem para o Templo. Até mesmo Gabriel, que tinha outras coisas na cabeça além de história antiga, quase podia sentir a presença de seus ancestrais. Lavon avançava com determinação pelo escuro, tão entusiasmado que lhe faltava fôlego.

— Veja os ornamentos dessas pedras — disse ele, passando a mão pela parede fria da passagem. — Elas só podem ser herodianas.

— Nós não temos tempo para ver pedras — replicou Gabriel, empurrando Lavon pela passagem com o cabo da picareta.

— É bem provável que sejamos os últimos judeus a colocar os pés aqui.

— Bastante provável, se aquela bomba explodir.

Lavon apertou o passo.

— Onde exatamente nós estamos?

— Se aqui fosse a superfície, estaríamos passando pelo Portão da Escuridão e seguindo para a fachada leste do Domo da Rocha. — Lavon parou e voltou a lâmpada de seu capacete na direção de duas colunas de pedra. — Elas são dóricas. E herodianas, sem dúvida alguma.

— Continue andando, Eli — falou Gabriel, empurrando-o de novo com a picareta.

Lavon obedeceu.

— No fim desta passagem — informou ele há uma cisterna descoberta por Charles Wilson, o outro grande explorador britânico da Jerusalém antiga.

— Homenageado no Arco de Wilson.

Lavon assentiu, fazendo a luz do capacete oscilar.

— De acordo com Wilson, a cisterna tem quase 30 metros de comprimento e pouco mais de 5 de largura e de 10 de profundidade. Depois dela, deve haver uma série de degraus.

— E além?

— Eles vão nos levar para mais perto da superfície. De lá, devemos encontrar um caminho até a rede de cisternas e aquedutos. Sabemos que está tudo conectado por causa do incidente no Portão de Warren em 1981. Só precisamos encontrar as conexões certas.

— Antes de a bomba explodir — acrescentou Gabriel, soturno.

Eles andaram mais um pouco, e então Lavon parou subitamente.

— Qual o problema?

Lavon deu um passo para o lado, revelando uma parede cinzenta bloqueando o fim da passagem.

— Algo me diz que isso não é da época de Herodes.

— Não — concordou Lavon. — Em minha opinião profissional, é palestina, e foi feita mais ou menos em 2010.

— É muito grossa? — perguntou o primeiro-ministro.

— Eles só vão saber quando começarem a martelar — respondeu Navot.
— E se começarem a martelar...

— Os palestinos vão ouvi-los.

Navot anuiu.

O primeiro-ministro levou poucos segundos para decidir.

— Diga para eles irem em frente. Mas se não encontrarem a bomba até as duas e meia, vou mandar prender o imã Hassan Darwish e entrar com força a partir de cima.

— Polícia e tropas israelenses no Monte do Templo?

O primeiro-ministro assentiu, determinado.

— Se você fizer isso — disse Navot vai provocar a Terceira Intifada num momento em que o mundo inteiro nos observa por causa do papa.

— Eu sei disso, Uzi, mas é melhor que a alternativa.

Navot mandou Gabriel começar a martelar.

Alef, Bet, Gimel, Dalet...

E eles mal tinham raspado a superfície.

Enquanto isso, Hassan Darwish estava no topo do muro ocidental do Monte do Templo observando a praça vazia a seus pés. Alertas de segurança eram comuns em Jerusalém, mas os israelenses só bloqueavam o acesso ao lugar mais sagrado do judaísmo quando acreditavam num ataque iminente. Podia ser apenas uma ameaça não relacionada, mas Darwish não achava isso provável. De alguma forma, a trama viera à tona.

Virando para trás, Darwish atravessou a esplanada na direção do Domo da Rocha. Como sempre, apenas mulheres e homens idosos puderam entrar no Haram para as preces de sexta-feira. Darwish deu boa-tarde para alguns deles, com o cumprimento habitual de paz, antes de ir para o Poço das Almas. Ao chegar lá, ele passou por uma porta trancada e seguiu um lance de escadas que descia até o coração da Montanha Sagrada. No instante seguinte, se encontrou diante de uma das maiores cisternas do Monte do Templo, ouvindo o som de batidas distantes.

Aquilo só podia ser uma coisa.

Os judeus estavam vindo.

Eles bateram na parede por cinco minutos ininterruptos, Lavon com a marreta e Gabriel com a picareta. Gabriel abriu o primeiro buraco, do tamanho de um punho. Ele tirou a lanterna do capacete e iluminou o vazio atrás do bloqueio.

— O que você está vendo? — perguntou Lavon.

— Uma cisterna.

— Qual é o tamanho?

— Difícil dizer, mas parece ter quase 30 metros de comprimento e pouco mais de 5 de largura.

— Mais alguma coisa?

— Degraus, Eli. Estou vendo os degraus.

O chefe de segurança do Waqf de Jerusalém tinha 45 anos e era veterano do Fatah e da Brigada de Mártires da Al-Aqsa. Seu nome era Abdullah Ramadan. Darwish ligou para seu celular e lhe disse para ir à cisterna embaixo do Domo da Rocha. Ele não teve que explicar o significado das batidas.

— Portão de Warren?

— Pode ser — respondeu o imã. — Ou um dos novos que eles descobriram durante suas escavações ilegais.

— O que você quer que eu faça?

— Leve três dos seus melhores homens e descubra se eles estão tentando acessar o Haram.

— E se estiverem?

— Puna-os.

O primeiro-ministro consultou o relógio na parede do gabinete. Eram 14h10. Ele olhou para Navot e perguntou:

— De que tamanho está o maldito buraco?

Navot passou a questão para Gabriel e repetiu a resposta para o político e as demais pessoas na sala.

— Ainda não está grande o suficiente.

— Quanto tempo vai levar?

Mais uma vez, Navot fez a pergunta.

— Eles não têm certeza.

— Diga que eles precisam trabalhar mais rápido.

— Eles estão trabalhando o mais rápido possível.

— Diga, Uzi.

Navot passou a ordem ministerial para aumentar o ritmo. Depois de ouvir a resposta, ele sorriu.

— O que ele falou? — perguntou o político.

— Que está trabalhando o mais rápido possível.

— Isso é verdade, Uzi?

— Não.

O primeiro-ministro sorriu, apesar da situação, e conferiu as horas.

Eram 14h12.

Às 14h15, o buraco tinha cerca de 30 centímetros. Cinco minutos depois, já era possível atravessar os ombros e o quadril de um homem magro por ali. Gabriel passou primeiro, raspando a pele dos braços, e foi seguido por Lavon. Depois de recolocar o quipá e o capacete, ele ficou imóvel por um instante, tomado por uma reverência que o deixou sem palavras. À frente, estava a cisterna, e além dela, erguendo-se na escuridão, o primeiro lance de degraus herodianos.

— Só existe uma razão para esta cisterna — comentou Lavon, mergulhando a mão na piscina comprida e retangular. — Era uma mikvah. Eles se purificavam ritualmente antes de subir para o Templo.

— Tudo isso é muito interessante, professor, mas precisamos seguir em frente.

— Me deixe ao menos tirar algumas fotos.

— Podemos fazer uma parada na saída.

Lavon contornou a piscina e subiu correndo o primeiro lance de degraus, o feixe de luz da lanterna saltando pelas paredes e pelo teto da passagem arqueada. Chegando ao topo, parou de novo.

— Olhe para isso — falou Lavon, apontando para algumas linhas em hebraico antigo esculpidas na pedra. — Diz que os gentios são proibidos de entrar no Templo. Por que razão existiria um aviso desses se não houvesse um Templo?

Era uma pergunta lógica, mas, naquele momento, Gabriel tinha outra coisa na cabeça: ele se perguntava por que quatro árabes grandes com lanternas estavam descendo a escada seguinte na direção deles. Então, a primeira bala passou zunindo perto de seu ouvido e ele soube a resposta. Aparentemente, os vizinhos haviam escutado o barulho. Não era nenhuma surpresa, pensou Gabriel. O sangue nunca dorme.

45

Jerusalém

Foram só 44 segundos, mas depois Navot juraria que o episódio tinha durado uma hora ou mais. De seu ponto de vista limitado, parecia que Gabriel e Lavon estavam sendo atacados por uma legião de árabes. Porém, o que mais impressionou Navot foi o som da respiração de Gabriel. Nem por um instante ele alterou o ritmo normal ou falou, com exceção das duas vezes em que pediu a Lavon para manter a cabeça abaixada.

As gravações indicariam que Gabriel só deu o primeiro tiro quase vinte segundos após o ataque ter começado. Em seguida, ouviu-se um grito agonizante que parecia vir das profundezas do Poço das Almas. Cinco segundos depois, Gabriel disparou pela segunda vez e a intensidade do fogo inimigo diminuiu consideravelmente. Seus dois tiros seguintes foram dados em rápida sucessão e causaram outro berro de dor. Mais dois disparos consecutivos e o tiroteio terminou, restando apenas o som de um árabe implorando por misericórdia.

— Quem mandou vocês aqui? — Navot escutou Gabriel perguntando, com calma.

— Vá para o inferno! — gritou uma voz em árabe.

Navot escutou outro tiro, seguido por um berro.

— Quem mandou vocês? — repetiu ele.

— O imã — respondeu o árabe, rangendo os dentes.

— Qual imã?

— Darwish.

— Hassan Darwish?

— Sim... foi... Hassan.

— Onde está a bomba?

— Que bomba?

— Onde está?

— Eu não sei... de nenhuma bomba.

— Você está dizendo a verdade?

-Sim!

— Está?

— Sim! Eu juro.

Navot ouviu mais um disparo e, então, apenas o som da respiração inalterada de Gabriel.

— Ainda estamos no jogo? — perguntou o primeiro-ministro.

— Por enquanto — respondeu Navot.

— Acho que isso elimina qualquer dúvida sobre a existência de uma bomba.

— Sim, acho que elimina. Mas agora temos outro problema.

— Qual?

— Gabriel Allon está dentro do Monte do Templo, apenas com a cobertura de Eli Lavon.

— Você sabe o que vai acontecer se eles forem pegos?

— Sim — falou Navot, encarando as imagens das multidões saindo da Mesquita de Al-Aqsa. — Eles vão despedaçá-los.

— Devemos mandá-los sair?

— Receio que seja tarde demais.

Eles haviam acabado de entrar no primeiro aqueduto. Eram 14h23.

A passagem tinha a largura de uma cabine telefônica e era tão baixa que eles mal conseguiam andar eretos. Nas paredes, havia vários pequenos filetes de água corrente, mas a maior parte da formação rochosa era tão seca quanto os ossos de Rivka. Lavon se orientou pela bússola, contando os passos em voz baixa.

O canal fazia um percurso sinuoso, deixando Gabriel e Eli só com uma vaga idéia do que os aguardava mais à frente. Apesar de estarem poucos metros abaixo da superfície do monte, se escutava apenas o som de seus pés e da contagem de Lavon. Após duzentos passos, chegaram à cisterna seguinte. Lavon parou e olhou em volta, maravilhado. Levou o dedo aos lábios, alertando Gabriel para falar baixo.

— Você está reconhecendo? — perguntou Gabriel.

Lavon assentiu.

— A formação em T bate com a da cisterna que Warren encontrou aqui — respondeu ele num sussurro rouco. — Provavelmente foi escavada na época de Herodes. As pedras extraídas deste ponto podem muito bem ter sido usadas no próprio Templo.

— Onde no monte nós estamos?

— Bem na frente da entrada da Al-Aqsa. — Ele indicou a seção horizontal do T. — Deve haver mais uma cisterna pequena em forma de T bem ali. E então...

— O Grande Mar?

Lavon confirmou e conduziu Gabriel pela parte de cima da cisterna antiga. No lado oposto, estava a entrada de outro aqueduto, mais estreito que o anterior. Como esperado, a passagem os levou para a cisterna seguinte. Dessa vez, foram em direção ao pé do T e entraram no outro aqueduto. Alguns passos depois, depararam com o vasto abismo do Grande Mar, que lembrava uma catedral.

E estava completamente vazio.

— E então? — perguntou o primeiro-ministro. Navot balançou a cabeça.

— O que eles vão fazer agora?

— Estão tentando decidir.

No topo da câmara, havia uma abertura, assim como o óculo do Panteão, em Roma. Um feixe de luz solar brilhante passava pelo buraco, junto com o som de um sermão amplificado vindo do minarete da Mesquita de Al-Aqsa.

— A que distância da superfície nós estamos? — perguntou Gabriel.

— A 13 metros.

— Se Dina tiver razão, a bomba está numa câmara a quase 40 metros abaixo de nós.

— O que faria sentido — falou Lavon.

— Por quê?

— Se eu quisesse destruir o platô do Monte do Templo, eu colocaria a carga num lugar mais baixo que este.

— Existe algum caminho que nos leve para baixo?

— Ninguém nunca esteve num ponto inferior a este... pelo menos ninguém conhecido.

Lavon se virou e estudou a parede oposta da caverna. Nela havia mais três aquedutos.

— Escolha um — sugeriu ele.

— Eu sou um restaurador de arte, Eli. Você escolhe.

Lavon fechou os olhos por alguns segundos e então apontou para o aqueduto da direita.

Naquele momento, Hassan Darwish estava a menos de 30 metros deles, na cisterna embaixo do Poço das Almas. Numa das mãos, segurava a pistola Makarov que Abdullah Ramadan lhe dera antes de se enfiar nas profundezas do Nobre

Santuário para confrontar os judeus invasores. O som da batalha breve e intensa tinha ecoado pelos aquedutos. O imã escutou tudo, inclusive seu próprio

nome sendo gritado em agonia. Agora ele podia ouvir os passos suaves e abafados de pelo menos dois homens se aproximando da câmara que Darwish abrira secretamente na Montanha Sagrada. Lá estava escondida a bomba que destruiria a montanha e, junto, o Estado de Israel. Porém, havia mais uma coisa ali dentro além dos explosivos — um segredo que ninguém, em especial os judeus, tinha permissão de ver.

Darwish consultou o relógio: 14h27. Sob o comando dele, o Sr. Farouk ajustara o timer na arma para detonar às três horas. Darwish tinha escolhido a hora em que Cristo supostamente morrera na cruz como um insulto calculado a todo o cristianismo, mas essa não era a única razão. Naquele horário, as rezas na Al-Aqsa já teriam terminado e as multidões de fiéis muçulmanos estariam saindo do Nobre Santuário. Mas, por enquanto, os 350 mil metros quadrados da grande mesquita estavam lotados com mais de cinco mil pessoas. Darwish não tinha escolha além de transformar todas elas em mártires. Bem como a si mesmo.

Ele permaneceu na cisterna embaixo do Poço das Almas por mais um tempo, recitando as últimas rezas do shahid. Empunhando a pistola e uma lanterna, entrou numa passagem estreita. A via o levou para baixo e para a época anterior ao Islã e ao Profeta. A época da ignorância, pensou. A época dos judeus.

O primeiro aqueduto tinha cerca de 5 metros de comprimento e terminava numa cisterna minúscula, então eles voltaram rapidamente pelo mesmo caminho até o Grande Mar e adentraram o segundo túnel. Após uns poucos passos, Lavon cruzou um vão do lado direito que levava a outra passagem. O chão estava cheio de fragmentos de pedra. Lavon os inspecionou com a luz da lanterna e passou a mão pelas beiras da abertura.

— Isto é novo.

— De quando?

— Novinho em folha — respondeu Lavon. — Parece que foi cortado há bem pouco tempo.

Em silêncio, ele seguiu em frente. Logo depois, surgiu um lance com degraus curvos, feitos com ferramentas modernas. Lavon desceu correndo e Gabriel se esforçou para acompanhá-lo. Na base da escada, havia um arco com algumas palavras em árabe inscritas no topo. Eles foram adiante sem dar atenção, mas então pararam bruscamente.

— Que droga é essa? — perguntou Gabriel. Lavon parecia atônito.

— Eli, o que é?

Lavon deu alguns passos hesitantes à frente.

— Você não reconhece, Gabriel?

— Reconheço o quê, Eli?

— Os pilares. Os pilares da fotografia.

— E de onde são os pilares? Lavon sorriu, sem fôlego.

— "O Templo que o Rei Salomão edificou ao Senhor tinha 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura."

— O que é, Uzi? — perguntou o primeiro-ministro.

— Você não vai acreditar.

— Experimente.

— Eli acha que acabou de encontrar resquícios do Primeiro Templo. Aliás, eles também acharam a bomba.

O primeiro-ministro ergueu os olhos para o monitor e viu milhares de muçulmanos saindo da Mesquita de Al-Aqsa. Em seguida, fitou os homens sentados à sua volta e deu a ordem para enviarem a polícia e as Forças Armadas.

— É melhor que a alternativa — disse Navot, vendo os primeiros agentes israelenses entrarem no Nobre Santuário.

— Veremos.

46

Monte do Templo, Jerusalém

A caverna tinha o tamanho de um ginásio. Inclinando a lanterna do capacete para cima, Gabriel notou as luminárias provisórias penduradas no teto e a linha de energia que descia por uma parede até um interruptor industrial. Pressionando o botão, ele inundou o espaço com uma luz branca celestial. — Meu Deus — murmurou Lavon, sem ar. — Você está vendo o que eles fizeram? Sim, pensou Gabriel, passando a mão pela superfície suave da parede talhada recentemente. Eles tinham aberto um buraco imenso no coração da montanha de Deus e a transformado num museu particular com todos os artefatos arqueológicos desenterrados durante anos, em construções desleixadas e escavações secretas: pedras, colunas, pontas de flechas, capacetes, pedaços de cerâmica e moedas. E agora, por motivos que nem mesmo Gabriel compreendia muito bem, o imã Hassan Darwish pretendia explodir tudo em pedacinhos. Levando junto o Monte do Templo.

Contudo, por enquanto, Eli parecia ter se esquecido da bomba. Ele estava andando devagar entre os artefatos, em transe, em direção às duas fileiras

paralelas de pilares quebrados que formavam a peça central da exposição. Ele parou e consultou a bússola.

— Eles organizaram do leste para o oeste — constatou Eli.

— Assim como o Templo?

— Sim. Como o Templo.

Ele caminhou até a extremidade leste dos pilares, passou a mão por um com reverência e andou mais alguns passos.

— O altar estaria aqui — disse ele, indicando um espaço vazio nos limites da caverna. — Ao lado dele, o yam, a grande bacia de bronze que os sacerdotes usavam para se lavar antes e depois de um sacrifício. O Primeiro Livro dos Reis, capítulo 7, descreve tudo com muitos detalhes. A bacia tinha 10 cúbitos de uma borda à outra e 5 cúbitos de altura. Ficava sobre doze bois.

— "Três olhavam para o norte" — recitou Gabriel — "três para o ocidente, três para o sul e três para o oriente".

— "E suas ancas estavam para o lado de dentro" — continuou Lavon, completando o versículo. — Havia outras dez bacias menores usadas para purificar os sacrifícios, mas o yam era reservado aos sacerdotes. Os babilônios o derreteram quando queimaram o Primeiro Templo. Fizeram o mesmo com as duas grandes colunas de bronze que se erguiam na entrada do ulam, o átrio.

— "A coluna direita, que chamou Jaquin".

— "E a esquerda, que chamou Boaz".

Gabriel escutou um ruído no fone de ouvido, seguido pela voz de Navot:

— Estamos tentando chegar até vocês o mais rápido possível. A polícia e as Forças Armadas entraram no complexo do Monte do Templo pelos portões orientais. Eles estão enfrentando resistência da segurança do Waqf e dos árabes saindo da Al-Aqsa. As coisas estão ficando bem feias acima de vocês.

— Vão ficar muito mais feias se esta bomba explodir.

— As equipes antibomba vão na segunda leva.

— Quanto tempo, Uzi?

— Alguns minutos.

— Encontre Darwish.

— Já estamos procurando por ele.

Quando Navot parou de falar, Gabriel olhou para Lavon, que fitava o teto da caverna.

— Jaquin e Boaz tinham um capitei com ornamentos de lírios e romãs — contou ele. — Alguns estudiosos debatem se elas se erguiam independentes ou

se havia algo sobre elas. Eu sempre defendi a segunda teoria. Afinal, por que Salomão colocaria um átrio na casa de Deus e o deixaria descoberto?

— Você precisa sair daqui, Eli. Eu vou ficar com a bomba até os engenheiros reais chegarem.

Lavon o ignorou. Ele deu dois passos para a frente, com um ar solene, como se estivesse mesmo entrando no Templo.

— A porta que levava do ulam ao heikhal, o salão principal do Templo, era feita de pinheiro, mas os batentes eram de oliveira. Eles pegaram fogo quando Nabucodonosor incendiou o Primeiro Templo. — Lavon pousou a mão com cuidado sobre as ruínas de um dos pilares. — Mas estes ele não conseguiu queimar.

Gabriel passou por uma mesa de cavalete coberta com moedas e ferramentas antigas e se postou entre dois pilares. Ele tocou um e perguntou a Lavon o que tinha acontecido com eles depois do ataque de Nabucodonosor.

— As Escrituras não são muito claras, mas nós sempre supomos que os babilônios os arremessaram no vale do Cédron, sobre os muros do Monte do Templo. — Ele encarou Gabriel com um sorriso pesaroso. — Soa familiar?

— Muito — concordou Gabriel.

Lavon caminhou até o pilar seguinte. Tinha pouco mais de 2 metros de altura e um dos lados estava escurecido pela ação do fogo.

— "Atearam fogo ao vosso santuário" — entoou, recitando Salmos 73 — "profanaram, arrasaram a morada do vosso nome".

— Você precisa ir embora, Eli.

— Por onde? Pelas escadas, na direção do tiroteio?

— Siga pelos aquedutos até o Túnel do Muro das Lamentações.

— E o que eu faço se deparar com outro grupo de guerreiros de Saladino? Combato-os com minha picareta, como um cruzado?

— Leve minha arma.

— Eu não saberia o que fazer com ela.

— Você serviu no Exército, Eli.

— Eu era médico.

— Eli — chamou Gabriel, exasperado, mas Lavon não mais escutava, se movendo lentamente de pilar a pilar, no rosto uma expressão que mesclava espanto e raiva.

— Eles devem ter sido arrancados do vale em 538 a.C., quando o império persa autorizou a construção do Segundo Templo. Cinco séculos depois, Herodes renovou o lugar e deve tê-los usado como parte da estrutura de suporte, o que

explicaria por que o Waqf os encontrou durante as escavações. Os pilares eram grandes demais para serem jogados fora, então os muçulmanos os esconderam aqui, junto com todo o resto que tiraram da montanha. — Ele passou os olhos pela vasta caverna. — Mesmo se conseguíssemos remover esse material daqui, ele não tem mais um contexto adequado que sirva de evidência. É como se tivesse sido...

— Saqueado.

— Sim. Saqueado.

— Nós vamos tirá-lo, Eli, mas você realmente precisa ir agora.

— Eu não vou abandonar isso aqui — rebateu Lavon. Ele continuava a vagar de um pilar a outro, o rosto voltado para cima. — Os desenhos contemporâneos do Primeiro Templo costumam representar um teto em cima do heikhal, mas estão equivocados. Era um pátio aberto com câmaras de dois andares nos três lados. E na extremidade oeste da estrutura ficava o debir, o Santo dos Santos, onde eles mantinham a Arca da Aliança.

Lavon se aproximou do local com cuidado, pois fora lá que o imã Darwish colocara a bomba. Não uma qualquer, pensou Gabriel. Era uma parede de explosivos, conectados e preparados para explodir. Se fosse algo pequeno, Gabriel poderia tentar desarmá-la com um perito sussurrando instruções em seus ouvidos. Mas não aquilo.

— Como você acha que eles conseguiram fazer isso?

— Tenho certeza de que Darwish vai ter prazer em nos explicar.

Lavon balançou a cabeça devagar.

— Nós fomos tolos ao permitir que eles mantivessem controle absoluto sobre este lugar. Talvez devêssemos ter nos comportado como todos os outros exércitos que conquistaram Jerusalém.

— Derrubar o Domo e a Al-Aqsa? Reconstruir o Templo? Você não acredita de fato que essa teria sido a atitude correta, Eli.

— Não — admitiu ele. — Mas numa hora dessas eu tenho o direito de imaginar outro cenário.

Gabriel consultou o relógio.

— Quantos minutos faltam?

— Se Dina tiver razão...

— Dina tem sempre razão — interrompeu Lavon.

— Vinte e cinco minutos. Você precisa sair daqui.

Lavon deu as costas para a bomba e ergueu os braços, indicando os pilares.

— Não existe nenhum artefato autenticado do Primeiro ou do Segundo Templo. Nenhum. É por isso que os líderes palestinos conseguiram convencer seu povo de que os templos são um mito. Assim, eles esconderam esses pilares num buraco 50 metros abaixo da superfície. — Ele encarou Gabriel e sorriu. — Eu só vou sair desta montanha depois de me certificar que os pilares estão a salvo.

— São só pedras, Eli.

— Eu sei. Mas são as minhas pedras.

— Você está mesmo disposto a morrer por elas?

Lavon ficou em silêncio por um instante. Então, se voltou para Gabriel.

— Você tem uma esposa linda. Talvez algum dia tenha um filho lindo. Outro filho lindo — corrigiu ele. — Mas eu... Essas pedras são tudo o que tenho.

— Você é a pessoa mais próxima de um irmão que eu tenho no mundo, Eli. Não vou deixá-lo para trás.

— Vamos morrer juntos — falou Lavon. — Aqui, na casa de Deus.

— Acho que existem lugares piores para morrer.

— Sim. Acho que sim.

Naquele mesmo instante, Hassan Darwish se encontrava na entrada da estrutura subterrânea cuja construção ele havia ordenado, ouvindo os dois judeus conversando em seu idioma antigo. O imã reconheceu os dois: o famoso arqueólogo bíblico Eli Lavon, crítico do Waqf e de seus projetos de construção, e Gabriel Allon, o assassino de heróis palestinos. Darwish mal pôde acreditar em sua sorte. A presença daqueles homens tornaria sua tarefa mais difícil. Mas também faria com que sua jornada ao paraíso fosse muito mais doce.

O imã voltou o olhar para o explosivo que jazia em meio às ruínas do Primeiro Templo. O Sr. Farouk instalara um mecanismo auxiliar de acionamento manual no detonador, prevendo uma situação semelhante àquela, e mostrara a Darwish como ativá-lo. Bastava apertar um botão.

Foi então que ele escutou o som de botas vindo dos aquedutos. Pelo visto, os judeus tinham penetrado as defesas do Waqf. A história estava tentando se repetir. Mas não dessa vez, pensou o imã. Os santuários sagrados do Islã não cairiam nas mãos dos infiéis, como ocorrera em 1099, quando os cruzados cercaram Jerusalém. Tudo seria diferente. Bastava apertar um botão.

Darwish fechou os olhos e recitou mentalmente o Verso da Espada do Alcorão: "Combatei e matai os idolatras onde quer que os encontreis, aprisionai-os, acossai-os, ponde-vos à espera e emboscai-os, usando todas as estratégias de guerra." Ele entrou no museu dos judeus antigos e abriu fogo.

Os primeiros tiros acertaram os pilares e lançaram fragmentos de pedra calcária no rosto de Gabriel. Ao erguer os olhos, ele viu Darwish correndo pela caverna, a expressão de ódio nascido da fé, da história e de milhares de humilhações. Com agilidade, Gabriel mirou e avançou na direção do imã, as balas zunindo perto dos ouvidos. Disparou como no estande do Vaticano, tiro após tiro sem pausa, até não sobrar nada da cara do muçulmano. Então, ele se virou e viu Lavon caído no chão ao redor de um dos pilares. Gabriel pressionou a palma da mão contra o buraco no peito do amigo e o segurou à medida que a vida começava a abandonar seus olhos.

— Não morra, Eli — sussurrou. — Por favor, Eli, não morra.

PARTE QUATRO

EGO TE ABSOLVO

47

Jerusalém

Uma hora após a incursão israelense no cume do Monte do Templo, a Terceira Intifada irrompeu nos territórios palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. A princípio, as forças de segurança bem armadas da Autoridade Palestina tentaram controlar a violência. Mas, quando imagens de tropas israelenses no Haram al-Sharif se alastraram pelo mundo árabe, as milícias se uniram aos manifestantes e entraram no conflito. Houve tiroteios intensos em Ramallah, Jerico, Nablus, Jenin e Hebron, mas o pior dos confrontos se deu no leste de Jerusalém, onde milhares de árabes tentaram, sem sucesso, retomar o Monte do Templo. Ao pôr do sol, no momento em que as sirenes anunciaram a chegada do sabá, o terceiro santuário mais sagrado do Islã estava sob controle israelense, e o Oriente Médio parecia perigosamente próximo da guerra.

O rei da Jordânia, descendente direto do Profeta Maomé, exigiu que os judeus se retirassem do Nobre Santuário, e por pouco não chegou a apelar para o uso da violência. Porém, o mesmo não se deu no Cairo, onde a Irmandade Muçulmana — os novos líderes da nação mais populosa do mundo árabe — conclamou um jihad de todo o Islã para vingar o ultraje. O Hamas, um braço da Irmandade, logo atacou Berseba e várias outras cidades israelenses com uma série de foguetes que mataram dez civis. No Líbano, o Hezbollah manteve um silêncio incomum, assim como seus mestres xiitas em Teerã.

Entre os muitos desafios enfrentados pelos oficiais israelenses durante aquelas primeiras horas explosivas, estava a presença do papa Paulo VII. Com a Cidade Antiga agora transformada numa zona de guerra, ele se abrigou num monastério em Ein Kerem, o vilarejo antigamente povoado por árabes próximo ao centro de Jerusalém onde, de acordo com a tradição cristã, nascera João Batista. A pedido do primeiro-ministro israelense, Sua Santidade concordou, ainda que relutante, em cancelar os planos de celebrar a missa do Sábado de Aleluia no Monte das Bem-Aventuranças e de fazer as preces da Páscoa na

Igreja do Santo Sepulcro. Infelizmente, o Santo Padre não teve escolha. O santuário cristão que Saladino quis destruir era um dos principais alvos da fúria muçulmana.

Muitos na comitiva papal suplicaram ao pontífice que retornasse à segurança do Vaticano, mas ele insistiu em ficar, na esperança equivocada de que sua presença ajudasse a acalmar os ânimos. Ele passou boa parte do tempo no Centro Médico Hadassah, localizado numa região próxima ao monastério. As visitas constantes do papa ao hospital geraram especulações de que ele estivesse doente ou tivesse sido ferido. Não era verdade: ele estava apenas confortando uma alma necessitada.

O paciente em questão chegara ao hospital nos primeiros minutos após o levante, com um buraco de bala no peito e mais morto do que vivo. Foi dito à equipe que seu nome era Weiss, mas eles não receberam nenhuma outra informação, a não ser a idade aproximada e o histórico médico, que incluía vários tratamentos relacionados a estresse. As persianas das janelas com vista para o leste, na direção dos muros da Cidade Antiga, permaneceram fechadas. Dois guardas armados vigiavam a porta, um de cada lado.

O papa não foi o único dignitário a visitar o homem ferido. O primeiro-ministro veio vê-lo, assim como o chefe de gabinete das Forças Armadas, os líderes de diversos serviços israelenses de inteligência e, por razões que nunca ficaram muito claras para a equipe do hospital, uma grande delegação de arqueólogos da Universidade Hebraica e da Autoridade de Antigüidades de Israel. Um homem, no entanto, não abandonou nem por um momento o leito do paciente. Ele não fez qualquer tentativa de esconder sua identidade, pois isso não teria sido possível — não com aqueles cabelos grisalhos nas têmporas e olhos inesquecíveis.

Ele bebeu pouco, comeu ainda menos e não dormiu nada. Um dos médicos lhe ofereceu uma cama e um leve sedativo, mas recebeu em troca apenas um olhar de desaprovação. Depois disso, ninguém se atreveu a pedir que ele fosse embora, nem mesmo na segunda noite, quando, por dois terríveis minutos, o coração do paciente parou de bater. Pelas 24 horas seguintes, o visitante permaneceu completamente imóvel ao pé da cama, seu rosto iluminado pelas luzinhas dos aparelhos, como se ele fizesse parte de um retrato de Caravaggio. Às vezes, as enfermeiras o escutavam falando numa voz suave. Suas palavras nunca mudavam:

— Não morra, Eli. Por favor, Eli, não morra.

Na manhã da Páscoa, mal se ouviam os sinos das igrejas em Jerusalém, abafados pelos tiroteios. Ao meio-dia, um foguete palestino caiu no Jardim do Getsê— mani e, meia hora depois, o exterior da Igreja da Dormição foi varado de balas. Naquela noite, o Santo Padre, perturbado, fez uma última visita ao paciente inconsciente antes de embarcar no avião que o levaria de volta para casa. Após sua partida, outro idoso tomou seu lugar. Ele também era conhecido da equipe do centro de traumatologia. Falavam dele apenas por sussurros. Shamron...

— Você precisa ir para casa e descansar um pouco, filho.

— Eu vou.

— Quando?

— Quando ele abrir os olhos.

Shamron girava o isqueiro entre os dedos. Duas voltas para a esquerda, duas para a direita.

— Precisa fazer isso, Ari?

Shamron parou.

— Você tem que se preparar para o pior.

— Por que eu faria isso?

— Porque é o mais provável. No momento em que o colocaram na mesa de cirurgia, ele já tinha perdido quase todo o sangue. O coração dele...

— Está ótimo.

— Só que não é mais tão jovem — replicou Shamron. — E nem o seu, filho. E eu temo pelo que pode acontecer caso ele se parta de novo.

— Eu mereço.

— Por que você diz isso?

— Eu devia ter percebido a aproximação de Darwish.

— Vocês dois estavam distraídos, o que é compreensível. Não é todo dia que alguém tem a chance de caminhar pelo heikhal do Primeiro Templo.

— Você acha que os pilares são mesmo do Primeiro Templo?

— Nós sabemos que são. Só estamos esperando a hora certa para mostrá-los ao mundo.

— Por que esperar?

— Porque não queremos piorar a situação.

— Como?

— Existem noventa milhões de egípcios. Imagine o que aconteceria se a Irmandade Muçulmana convencesse dez por cento deles a marcharem até nossas

fronteiras. Se aquela bomba tivesse explodido... É assustador pensar como a catástrofe esteve tão perto... Ou como é débil nossa existência nesta terra.

— Por quanto tempo pretendemos permanecer no Monte do Templo?

— Se dependesse de mim, nós nunca sairíamos. Mas o primeiro-ministro pretende devolvê-lo ao Waqf assim que o material arqueológico tiver sido removido com segurança.

— Vamos voltar ao status quo?

— Até o mundo islâmico estar preparado para aceitar nosso direito de existir, receio que o status quo seja o melhor que podemos almejar.

— Eu gostaria de fazer apenas uma mudança, se você não tiver objeções.

— Qual?

— Massoud.

Shamron sorriu.

— Da próxima vez que algo explodir embaixo do carro dele, não vai ser uma bomba pequena.

Gabriel tomou a mão de Lavon.

— Se ele morrer, Ari, eu nunca vou me perdoar.

— Não foi culpa sua.

— Eu devia tê-lo obrigado a ir embora.

— Seria impossível fazer Eli sair daquela montanha sem saber que os pilares estavam a salvo.

— São só pedras, Ari.

— São as pedras de Eli — retrucou Shamron. — E agora estão encharcadas com o sangue dele.

48

Jerusalém

Ainda se passariam 72 horas até que a ordem fosse minimamente restabelecida e o governo de Israel pudesse explicar ao mundo por que entrara no Monte do Templo e o que descobrira lá. O governo reuniu um grupo de jornalistas das empresas mais confiáveis do mundo e o conduziu pelas redes de aquedutos e cisternas até a nova câmara escavada 50 metros abaixo do solo. O chefe de gabinete das Forças Armadas mostrou a bomba e o líder da Autoridade de Antigüidades expôs a notável coleção de artefatos desenterrada pelo Waqf no decorrer de anos de escavações negligentes. O destaque da excursão foram as

duas fileiras de pilares de pedra calcária, 22 no total, que outrora fizeram parte do heikhal do Primeiro Templo de Jerusalém do Rei Salomão.

Como esperado, a reação às notícias foi bem variada. O vídeo dos pilares antigos eletrizou o público israelense e a comunidade global de arqueólogos e historiadores. A maior parte dos estudiosos aceitou a autenticidade das colunas, mas, na Alemanha, o coordenador de uma disciplina de arqueologia conhecida como minimalismo bíblico os desconsiderou, chamando-as de "22 fragmentos de pensamento positivo". Ninguém ficou muito surpreso quando os líderes da Autoridade Palestina se aproveitaram da declaração ao elaborar a própria resposta aos noticiários. Os pilares eram um embuste dos israelenses, disseram. Assim como a "suposta bomba".

Porém, o que levara os israelenses a entrarem no Monte do Templo? E quem fora o real arquiteto da conspiração para derrubá-lo? O governo israelense, seguindo a tradição de não fazer comentários sobre questões relacionadas à inteligência, recusou-se a entrar em detalhes. Mas, conforme os pilares foram sendo retirados do solo, uma série de matérias começou a jogar um pouco de luz sobre os misteriosos acontecimentos que levaram à sua descoberta.

O Le Monde contou a história de um homem graduado pela Sorbonne chamado David Girard, também conhecido como Daoud Ghandour, que aconselhara o Waqf em questões arqueológicas e, de acordo com agentes não identificados da polícia, era membro de uma rede de contrabando de antigüidades vinculada ao Hezbollah. O Neue Zürcher Zeitung revelou uma conexão do Irã com o bombardeio da Galeria Naxos em St. Moritz. E a investigação no Der Spiegel vinculou Girard a Massoud Rahimi, o terrorista iraniano mantido em cativeiro por um breve período na Alemanha. Apenas doze dias depois, ele foi morto em Teerã por uma bomba plantada embaixo de seu carro. Os comentaristas na televisão tinham poucas dúvidas sobre quem estava por trás do assassinato, ou qual era seu significado. Massoud fora o líder da conspiração do Monte do Templo, anunciaram, e os israelenses apenas retribuíram.

Contudo, a imprensa nunca tomaria conhecimento de muitos aspectos da história, como o fato de que tudo começara com a entrada em cena de Gabriel Allon, chamado à Basílica de São Pedro para investigar o cadáver de um anjo caído. Ou que Gabriel passara as duas últimas semanas sentado ao lado do leito do arqueólogo cujo sangue manchava os pilares do Templo de Salomão. Por fim, o moribundo abriu os olhos.

— Rivka — murmurou Lavon. — Certifique-se de que alguém cuide de Rivka.

Na mesma noite, uma calmaria tensa caiu sobre Jerusalém pela primeira vez desde o começo da crise no Monte do Templo. Gabriel foi ao hospital psiquiátrico no monte Herzl passar alguns minutos com Leah antes de jantar com Chiara num restaurante no campus original da Academia Bezalel de Artes e Design. Em seguida, ele a levou para tomar um sorvete e caminhar pela rua Ben Yehuda.

— Donati ligou hoje à tarde — disse ela de repente, como se tivesse acabado de se lembrar. — Ele quer saber quando você vai voltar a Roma para terminar o Caravaggio e lidar com Cario.

— Eu quase me esqueci dos dois.

— Isso é compreensível, querido. Afinal, você salvou Israel e o mundo do apocalipse e encontrou 22 pilares do Primeiro Templo.

Gabriel sorriu.

— Eu vou depois de amanhã.

— Eu vou com você.

— Você não pode ir. Além do mais, tenho um trabalho para você. Dois trabalhos, na verdade.

— Quais?

— Preciso que alguém fique de olho em Eli até eu voltar.

— E o outro?

— O governo decidiu colocar os pilares numa ala especial do Museu de Israel. Você vai fazer parte da equipe responsável pelo design de interior do prédio e pela exposição principal.

— Gabriel! — exclamou ela, abraçando-o, — Como foi que você conseguiu isso?

— Como descobri os pilares, tenho um pouco de influência. Eles queriam até nomear a exposição em minha homenagem.

— O que você disse?

— Que o nome devia ser Ala Eli Lavon. Já estou grato por não ser Ala Memorial Eli Lavon.

— Eles vão mudar alguma coisa?

— Nos pilares?

Chiara assentiu.

— Você ouviu o que os palestinos falaram sobre eles?

— Mentiras sionistas.

— Negação do Templo — completou Gabriel. — Eles não podem admitir que estivemos aqui antes deles porque isso significaria que temos o direito de estar aqui agora. Aos olhos deles, precisamos ser considerados invasores estrangeiros, como os cruzados.

— O sangue nunca dorme — falou Chiara, em voz baixa.

— Nem está em falta. Nossos amigos no Ocidente gostam de pensar que o conflito árabe-israelense pode ser resolvido com uma linha desenhada num mapa. Mas eles não entendem história. Há três mil anos que essa cidade se encontra num estado de guerra quase constante. E os palestinos vão continuar lutando enquanto estivermos aqui.

— Então, o que fazemos?

— Seguramos firme — respondeu Gabriel. — Porque na próxima vez que perdermos Jerusalém, vai ser para sempre. E para onde iríamos?

O ar esfriou de repente. Chiara fechou o casaco com mais força e observou um grupo de adolescentes israelenses rindo no outro lado da rua. Eles tinham 16 ou 17 anos. Dentro de um ou dois anos, estariam no Exército, soldados numa guerra sem fim.

— Não é fácil, Gabriel.

— O quê?

— Pensar em ir embora num momento desses.

— É a outra manifestação da Síndrome de Jerusalém. Você ama a cidade na mesma proporção que a situação aqui se torna pior.

— Você a ama mesmo?

— Muito. Amo a cor das pedras e do céu. Amo o cheiro dos pinheiros e dos eucaliptos. Amo o ar que esfria à noite. Amo até mesmo os haredim que gritam comigo durante meu passeio de carro no sabá.

— Ama o suficiente para ficar?

— Sua Santidade acha que eu não tenho escolha.

— Como assim?

Gabriel contou a conversa que tivera com o papa no terraço no Vaticano, quando o líder de um bilhão de católicos confessou que estava tendo visões apocalípticas.

— Ele acha que nós já vagamos por muito tempo — concluiu Gabriel. — Que o país precisa de mim.

— O papa não tem que esperar no hotel se perguntando se você vai voltar vivo de uma operação.

— Mas ele é infalível.

— Não com relação a questões do coração. — Chiara olhou para Gabriel por um instante. — Você sabe como vai ser se vivermos aqui? Toda vez que formos para casa, Ari vai estar na sala.

— Desde que ele não fume, não é um problema.

— Sério?

— Ele é como um pai para mim, Chiara. Eu preciso cuidar dele.

— E quando Uzi pedir a você que faça algo pelo Escritório?

— Eu preciso aprender aquelas três palavrinhas.

— Quais?

— Encontre outra pessoa.

— Com o que você vai trabalhar?

— Eu posso encontrar trabalho.

— Esta cidade é claustrofóbica.

— Nem me fale.

— Nós vamos ter que viajar, Gabriel.

— Eu vou para onde você quiser.

— Eu sempre quis passar um outono na Provence.

— Conheço um vilarejo perfeito.

— Você já foi à Escócia?

— Não que eu me lembre.

— Vai me levar para esquiar pelo menos uma vez?

— Em qualquer lugar, menos em St. Moritz ou Gstaad.

— Sinto falta de Veneza.

— Eu também.

— Talvez Francesco Tiepolo possa lhe dar algum trabalho.

— Ele me paga uma mixaria.

Ela repousou a cabeça no ombro de Gabriel. Seu cabelo cheirava a baunilha.

— Você acha que vai continuar?

— A calmaria? Chiara assentiu.

— Por algum tempo — respondeu ele. — Se tivermos sorte.

— Quanto tempo você vai ficar em Roma?

— Isso depende só de Cario.

— Não chegue perto dele sem uma arma no bolso.

— Na verdade, eu estava planejando atrair Cario. Chiara estremeceu.

— Vamos sair deste frio — disse Gabriel. — Você vai ficar doente.

— Não. Eu também amo isso.

— O frio da noite?

— E o aroma dos pinheiros e dos eucaliptos. Tem cheiro de...

— De quê, Chiara?

— De casa — completou ela. — É bom finalmente estar em casa.

49

Piazza di Sant'Ignazio, Roma

Quando Gabriel entrou na piazza, dois dias depois, o sol brilhava no céu sem nuvens e as mesas do Le Cave formavam fileiras bem ordenadas

sobre os paralelepípedos. Numa delas, à sombra de um guarda-sol, estava o general Ferrari, do Esquadrão de Arte. Próximo a um de seus cotovelos, havia uma cópia da edição matinal do Corriere della Sera, que ele mostrou a Gabriel. O jornal estava aberto numa matéria sobre a recuperação inesperada de duas obras de arte roubadas em Paris: um Cézanne era a atração principal e um vaso grego de Amykos.

— Eu tinha razão — comentou o general. — Você de fato sabe pensar como um criminoso.

— Eu não tive nada a ver com isso.

— E eu ainda tenho uma mão direita em perfeito funcionamento. — Ferrari perscrutou Gabriel por um instante com seu olho bom antes de perguntar se ele mesmo roubara as peças.

— A verossimilhança operacional exigiu que eu usasse os serviços de um profissional.

— Então foi um roubo encomendado?

— Pode-se dizer que sim.

— Esse ladrão atua na Itália?

— Sempre que pode.

— Quanto eu tenho que pagar pelo nome dele?

— Receio que não esteja à venda.

Gabriel devolveu o jornal para o general, que o usou para acenar a um garçom.

— Eu tenho acompanhado as últimas notícias de seu país com grande interesse — disse ele, como se Israel fosse um lugar desconhecido. — Você acredita que aqueles pilares são mesmo do Primeiro Templo de Salomão?

Gabriel assentiu.

— Você os viu?

— Junto à bomba que eles iam usar para explodir tudo.

— Loucura — comentou Ferrari, balançando a cabeça. — Imagino que isso lance uma nova perspectiva sobre meus esforços para proteger o patrimônio cultural italiano. Eu só tenho que lidar com ladrões e contrabandistas, e não com fanáticos religiosos tentando provocar uma guerra no Oriente Médio.

— Às vezes os fanáticos religiosos recebem ajuda dos ladrões e contrabandistas. — Gabriel fez uma pausa e acrescentou: — Mas você já sabia disso, não é, general Ferrari?

O homem encarou Gabriel com o olho protético e não respondeu.

— Foi por isso que você me enviou a Verônica Marchese — continuou Gabriel. — Porque você sabia que o marido dela controlava o comércio global de contrabando de antigüidades e financiava as ações do Hezbollah. Você sabia de tudo isso porque meu serviço de inteligência lhe contou.

— Para falar a verdade, eu sabia sobre Cario muito antes de seu chefe nos trazer o dossiê.

— Por que você não fez nada a respeito?

— Porque eu teria destruído a carreira de uma mulher que admiro muito, sem contar um amigo próximo dela, que vive ao lado de Sua Santidade no terceiro andar do Palácio Apostólico.

— Você sabia que Donati e Verônica já tinham sido amantes?

— Cario também sabe — respondeu o general, assentindo. — Ele também sabe que o monsenhor abandonou a ordem após dois assassinatos em El Salvador. Por isso ele queria tanto estar no conselho supervisor do Banco do Vaticano.

— Seria o local perfeito para lavar o dinheiro, pois Donati nunca se atreveria a agir contra ele.

Ferrari concordou, pensativo.

— O passado do monsenhor o tornou vulnerável — afirmou ele depois de um instante. — Essa é a pior característica possível que alguém pode ter num lugar como o Vaticano.

— E o que você pensou quando Claudia Andreatti foi encontrada na basílica?

— Eu não tive dúvidas sobre quem estava por trás da morte.

— Porque seu informante, Roberto Falcone, contou que ela o encontrara em Cerveteri. E quando encontrei o corpo de Falcone no tanque de ácido, você

se deu conta de que tinha uma solução perfeita para o problema com Cario. Uma solução italiana.

— Digamos que sim. — O olho que nunca piscava avaliou Gabriel. — E agora parece que voltamos ao ponto de partida. O que vamos fazer com Cario?

— Eu sei o que gostaria de fazer.

— Você tem muitas evidências?

— O suficiente para amarrar uma cordata no pescoço magrelo dele.

— Como você quer proceder?

— Eu vou mandar Cario renunciar ao posto no Banco do Vaticano. Mas antes ele vai ter uma chance de confessar seus pecados.

O general sorriu.

— Eu sempre achei que uma confissão faz bem para a alma.

Após o almoço, Gabriel atravessou o rio até o velho palazzo desbotado em Trastevere que fora transformado num velho prédio sem graça. Ele ainda tinha a chave. Ao entrar no saguão, verificou de novo a caixa de correio. Dessa vez não havia nada.

Gabriel subiu as escadas e entrou no flat. Estava exatamente como o deixara quase quatro meses antes, com uma exceção: a luz fora cortada. Ele sentou na escrivaninha dela, observando as sombras do entardecer tomarem o aposento. Poucos minutos depois das seis, Gabriel ouviu o barulho de uma chave sendo inserida na fechadura. A porta se abriu e a Dra. Claudia Andreatti veio flutuando em sua direção pela escuridão.

A morte de sua irmã poupara o mundo de um desastre, o que significava que Paola Andreatti não merecia nada menos do que toda a verdade. Não a versão do Escritório, não a versão do Vaticano. Tinha que ser a verdade sem evasivas e sem consideração às sensibilidades de indivíduos ou instituições poderosas. Uma verdade que ela pudesse levar ao túmulo de sua irmã e, algum dia, ao seu próprio.

Gabriel lhe contou a história de sua extraordinária jornada do domo da Basílica de São Pedro até o buraco no coração da Montanha Sagrada, onde encontrara os 22 pilares do Primeiro Templo de Salomão e a bomba que podia ter causado um conflito de proporções bíblicas. Paola ficou em silêncio o tempo todo, com as mãos apoiadas no colo. Os olhos que o observavam na escuridão eram idênticos aos que o encararam do chão da basílica. A voz, quando ela finalmente falou, era a mesma que lhe dirigira a palavra na escadaria do Museu do Vaticano, na noite de sua morte.

— O que você vai fazer com Cario?

A resposta de Gabriel pareceu lhe causar uma dor física.

— Só isso? — questionou ela.

— Se os promotores italianos fizerem acusações contra ele...

— Eu sei como o sistema judiciário funciona na Itália, Sr. Allon — interrompeu-o Paola. — O caso vai se arrastar por anos e há boas chances de que ele nunca veja o interior de uma cela.

— O que você quer, Dra. Andreatti?

— Justiça para a minha irmã.

— Isso não é algo que eu possa lhe dar.

— Então por que você me chamou até aqui?

— Para que você soubesse a verdade. Não só de mim. Dele também.

— Quando? — perguntou ela.

— Amanhã à noite.

Paola ficou um tempo em silêncio. — Se Deus existe — disse ela, por fim minha irmã.

Sim, pensou Gabriel. Se Deus existe.

50

Vaticano

Donati ligou para Cario no fim da tarde seguinte e informou que o vigário de Cristo queria conversar.

— Quando? — perguntou Cario.

— Hoje à noite.

— Já tenho um compromisso.

— Cancele.

— Que horas?

— Nove — respondeu Donati. — Nas Portas de Bronze.

O horário não foi escolhido ao acaso, mas Cario não deu sinal de ter percebido. Ele se mostrou surpreso ao ver que o padre Mark o esperava. Cario era o tipo de homem que não precisava pedir permissão para entrar no Palácio Apostólico e podia ir sozinho das Portas de Bronze até os aposentos papais.

— Por aqui — instruiu o padre, segurando no cotovelo de Cario, com um aperto firme.

Ele o conduziu pela Scala Regia até a Capela Sistina. No interior dela, passaram por baixo de O Último Julgamento de Michelangelo, e desceram pelo corredor cinza-esverdeado até a basílica. Ao atravessarem o amplo espaço, Cario começou a demonstrar os primeiros sinais de agitação, que se intensificaram bastante quando o padre Mark informou que eles chegariam ao domo pelas escadas, e não pelo elevador — fora uma idéia do general Ferrari. Ele queria que Cario sofresse, mesmo que apenas um pouco, em seu caminho para a absolvição.

A subida levou pouco mais de cinco minutos. No patamar no topo da escada, Cario tentou parar um pouco para recuperar o fôlego, mas o padre o empurrou para dentro da galeria do domo. Em frente à balaustrada, havia uma pessoa coberta por um casaco impermeável, olhando para baixo, na direção do chão da basílica. Ela se virou e, em silêncio, examinou Cario, que recuou.

— Algo errado, Cario? Parece que você viu um fantasma.

Cario se voltou e viu Gabriel no mesmo lugar em que o padre Mark estava poucos segundos antes.

— O que é isso, Allon?

— O julgamento, Cario.

Gabriel caminhou até o lado de Paola, que olhava de novo para baixo, como se não tivesse notado a presença do israelense.

— Este é o lugar onde Claudia morreu. Quem quer que a tenha matado se aproximou dela por trás e quebrou seu pescoço antes de jogá-la por cima da balaustrada para simular um suicídio. Essa foi a parte fácil. A parte difícil foi trazê-la até aqui. — Gabriel fez uma pausa. — Mas você deu um jeito, Cario, não é mesmo?

— Eu não tive nada a ver com a morte dela, Allon.

A declaração de inocência de Cario ecoou pelo domo. Seu olhar estava fixo no pescoço de Paola. Gabriel gentilmente colocou a mão no ombro dela.

— Ela planejava encontrar Donati naquela noite para lhe contar que você administrava um império criminoso no Banco do Vaticano. Mas ela cancelou a reunião sem explicação. Ela cancelou — enfatizou Gabriel — porque alguém pediu que ela viesse ao domo. Essa pessoa iria dar a informação de que ela precisava para destruir você. Era alguém em quem ela confiava, alguém com quem ela costumava trabalhar. — Gabriel parou de falar. — Alguém como sua esposa.

Cario parecia tentar recuperar a compostura, mas a presença de Paola tornava isso impossível. Ele não conseguia desgrudar os olhos do pescoço dela. Assim, não viu o general Ferrari parado poucos metros atrás.

— Em algum momento naquela tarde — continuou Gabriel Claudia recebeu uma mensagem de texto de Verônica pedindo que ela viesse para cá. Ela ligou para o celular da amiga alguns minutos antes das nove, mas ninguém atendeu. Verônica não estava com o celular. Ele estava com você, Cario.

— Você não pode provar nada disso, Allon.

— Lembre-se de onde você está, Cario.

Paola encarou Cario com um olhar acusatório antes de sair para dar uma volta pela galeria.

— Mas a quem confiar a tarefa de matar a melhor amiga de sua esposa? — perguntou Gabriel. — Teria que ser alguém que pudesse entrar no Vaticano com facilidade, alguém que não precisasse pedir permissão. — Gabriel sorriu. — Você conhece alguém assim, Cario?

— Você acha mesmo que matei aquela pobre garota com minhas próprias mãos?

— Eu sei que você a matou. Ela também — acrescentou Gabriel, olhando de relance para Paola. — Faça com que a alma dela encontre a paz, Cario. Diga

que você matou a irmã dela para proteger seu posto no Banco do Vaticano. Confesse seus pecados.

A presença de Paola claramente perdera o impacto sobre Cario, que passara a encarar Gabriel com o mesmo sorriso arrogante da noite em que tentara matá-lo. Ele voltou a ser Cario, o intocável, o homem sem medo.

— Você faz parte de um clube muito pequeno — falou Gabriel. — Você é a única pessoa que tentou matar minha esposa e ainda caminha sobre a terra. Se você quiser permanecer conosco, recomendo que se demita do Banco do Vaticano agora mesmo. Mas antes — ele olhou de novo na direção de Paola —, eu quero que você explique a ela por que matou sua irmã.

— Eu me demito, mas não...

— Sua esposa já sabe — interrompeu-o Gabriel. — Eu contei tudo a ela antes de o Santo Padre viajar a Jerusalém. Ela acreditou em mim porque lembrou que, na noite da morte de Claudia, não conseguiu encontrar o celular.

Trazer a esposa de um oponente para o jogo violava o código pessoal de ética de Gabriel, mas a tática teve o efeito desejado. O rosto de Cario estava roxo de raiva. Gabriel aproveitou a vantagem: — Ela vai deixar você, Cario. Eu diria que Verônica está pensando em fazer isso já faz algum tempo. Afinal, ela nunca amou você como amou Donati.

Isso bastou para deixar Cario descontrolado. Ele avançou na direção de Gabriel numa fúria cega, o rosto irreconhecível, os braços estendidos. Allon deu um passo para o lado e Cario perdeu o equilíbrio e tombou por sobre a balaustrada. Gabriel tentou segurá-lo, mas não conseguiu. Então, tomou Paola nos braços e cobriu seus ouvidos com firmeza para que ela não ouvisse o som do corpo de Cario batendo no mármore lá embaixo. Foi só quando o general Ferrari a levou para o terraço que Gabriel olhou para o chão da basílica. Lá estava o secretário pessoal do papa ajoelhado, seus dedos se movendo com suavidade sobre a testa de Cario. Ego te absolvo. E tudo acabou.

Pelos dois dias seguintes, Gabriel permaneceu aprisionado em seu pequeno espaço atrás da cortina preta no canto do laboratório de restauração. Os outros membros da equipe raramente o viam: ele já estava lá ao chegarem pela manhã e continuava trabalhando em meio à forte luz de halogênio muito depois de eles terem ido embora. Havia rumores de alguma espécie de desastre — uma perda inesperada do trabalho original de Caravaggio ou um retoque malfeito.

Enrico Bacci, ainda inconformado por não ter sido incumbido da tarefa, exigiu uma intervenção, mas Antonio Calvesi recusou. O restaurador-chefe do Vaticano já ouvira histórias sobre as sessões intermináveis de Gabriel quando o

fim de um trabalho se aproximava. Ele inclusive testemunhara um desses episódios muitos anos antes, em Florença, ocasião em que Gabriel, trabalhando sob uma identidade falsa, labutou por vinte horas ininterruptas para terminar um Masaccio dentro do prazo.

— Não há problema algum — garantiu Calvesi à equipe incrédula. — Ele está na fase final. Sintam-se gratos por ser uma pintura, e não um homem.

Na manhã do terceiro dia, à medida que foram chegando ao laboratório, as pessoas encontraram a cortina de Gabriel aberta e a tela apoiada num cavalete. Parecia que Caravaggio tinha acabado de pintá-la. Só não se via o israelense. Calvesi passou uma hora procurando por ele em vão antes de subir ao palácio e dar a notícia ao monsenhor Donati. O Caravaggio enfim fora concluído, relatou. E Gabriel Allon — restaurador de renome de obras dos Grandes Mestres, espião aposentado e salvador do Santo Padre — tinha desaparecido sem deixar rastros.

FIM

Nota do autor

Quem já foi ao domo da Basílica de São Pedro irá lembrar que há uma barreira de arame impedindo o suicídio na galeria de observação. Eu a removi para tornar um assassinato e uma queda acidental mais prováveis. O laboratório de conservação da Galeria do Vaticano foi retratado com exatidão, embora eu não pretenda sugerir que existam problemas de proveniência na coleção de antigüidades do Vaticano, mesmo de acordo com os padrões curatoriais modernos. O Banco do Vaticano, no entanto, possui um longo e bem documentado histórico de transgressões financeiras. A mais recente ocorreu em setembro de 2010, quando autoridades italianas confiscaram 30 milhões de dólares do banco e iniciaram uma investigação de dois de seus funcionários dos mais altos escalões. No mês seguinte, a polícia da Sicília anunciou a descoberta de um esquema de lavagem que utilizava a conta de um padre cujo tio fora condenado por acusações de vínculo com a máfia.

A sede do Esquadrão de Arte fica de fato localizada na Piazza di Sant'Ignazio e o papel dela na investigação de Giacomo Medici, um contrabandista de antigüidades — bem como na recuperação da cratera de Eufrônio, que estava no Museu Metropolitano de Arte de Nova York —, foi fielmente descrito. Existe mesmo uma galeria de antigüidades numa praça em St. Moritz, embora eu tenha certeza de que o estabelecimento não está envolvido com o Hezbollah.

O Banco Bizantino do Líbano não existe, mas o Banco Libanês-Canadense, sim — e é por meio dele que o Hezbollah lava ao menos uma parte do dinheiro que ganha em suas operações criminosas de arrecadação de fundos. Foi um agente federal norte-americano não identificado, numa conversa com o The New York Times em dezembro de 2011, que descreveu o Hezbollah pela primeira vez como uma família mafiosa com anabolizantes, e não Uzi Navot.

Massoud Rahimi foi criado pelo autor, mas seus laços próximos com o Hezbollah são baseados em fatos reais. O Hezbollah realizou múltiplos atentados a pedido do Irã e sem dúvida assumiria um papel proeminente na

resposta do país a qualquer ataque contra suas instalações nucleares. Há, inclusive, amplas evidências sugerindo que Israel já seja um alvo do grupo terrorista por ter tentado interromper o programa nuclear iraniano com sabotagens e assassinatos. Em janeiro de 2012, autoridades do Azerbaijão desmantelaram uma célula do Hezbollah que, em tese, planejava atacar o embaixador israelense do país, bem como um rabino de uma escola judaica local. Em fevereiro do mesmo ano, diplomatas israelenses na Geórgia e na índia sofreram ataques simultâneos. No dia seguinte, uma bomba explodiu num apartamento em Bangcoc, expondo uma célula iraniana terrorista que se preparava para matar diplomatas israelenses na capital tailandesa. Em julho de 2006, Hossein Safiadeen, o representante do Hezbollah em Teerã, anunciou que o grupo pretendia assassinar israelenses e judeus onde quer que os encontrasse, declarando ameaçadoramente que "não haverá nenhum lugar onde eles estejam a salvo". Com certeza o comentário foi bem recebido pelo líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, que certa vez disse que Israel é "um tumor canceroso" que precisa ser removido. Importante notar que essa frase foi proferida por alguém que tem a capacidade de levar isso a cabo apenas pressionando um botão.

O platô sagrado em Jerusalém está de fato sob controle do Waqf islâmico. O muro sul do monte sofreu mesmo uma avaria causada pela construção da Mesquita Marwani, e é precisa a descrição dos escombros arqueologicamente ricos sendo despejados no vale do Cédron. Eu usei o trabalho de Sir Charles Warren ao redigir o clímax da história, embora tenha tomado algumas liberdades ao movimentar meus personagens. O túnel secreto que Gabriel Allon e Eli Lavon usaram para entrar no monte, por exemplo, foi inventado e não possui qualquer embasamento.

Em 1999, Ekrima Sa'id Sabri, na época Grande Mufti de Jerusalém, declarou que "o judeu" estava planejando destruir o Haram al-Sharif. "O judeu vai levar o cristão a fazer seu trabalho por ele", explicou Sabri, que tem doutorado na Universidade Al-Azhar, no Cairo, o mais importante centro de estudo do Islã sunita. "Esse é o jeito dos judeus. É dessa forma que satã se manifesta." No ano 2000, pouco antes de o papa João Paulo II fazer sua peregrinação histórica a Israel, incluindo uma visita ao Monte dcj Templo, Sabri negou que o Holocausto tivesse acontecido. "Seis milhões de judeus mortos? Nem pensar. Foram muito menos. Vamos parar com esse conto de fadas explorado por Israel para obter solidariedade internacional." Não foram palavras de um clérigo fundamentalista de alguma mesquita salafista insignificante, mas do homem que controlava o terceiro local mais sagrado do Islã.

A Negação do Holocausto é, hoje, parte do pensamento dominante nos mundos árabe e islâmico, assim como sua prima em primeiro grau, a Negação do Templo. Quase toda a liderança da Autoridade Palestina — mesmo alguns considerados "moderados" no Ocidente — nega que um templo judaico tenha existido sobre o Monte do Templo. Na cúpula de Camp David, em 2000, quando o presidente norte-americano Bill Clinton trabalhou incansavelmente pelo fim do conflito entre israelenses e árabes, Yasser Arafat teve a audácia de afirmar que não houvera nenhum templo em Jerusalém, mas em Nablus. A declaração chocou Clinton, que respondeu: "Como cristão, eu também creio que sob a superfície haja resquícios do Templo de Salomão." O principal negociador de Clinton para questões referentes ao Oriente Médio, Dennis Ross, comentaria depois a performance de Arafat na cúpula: "Ele criou uma nova mitologia ao dizer que o Templo nunca existiu ali. Foi a única contribuição dada por ele nos quinze dias em Camp David."

O presidente ainda faria diversas tentativas de levar a paz ao Oriente Médio nos últimos dias do mandato, inclusive os chamados Parâmetros de Clinton, que ele apresentou aos israelenses e palestinos durante uma reunião dramática na Sala do Gabinete da Casa Branca. Tratava-se de um conjunto de termos não negociáveis para um acordo final; estipulavam a criação de um Estado palestino na Faixa de Gaza e em 96 por cento da Cisjordânia. O Monte do Templo, sagrado para as três fés abraâmicas, seria incluído no Estado palestino e o Muro das Lamentações e o Bairro Judeu da Cidade Antiga ficariam sob controle israelense. O primeiro-ministro de Israel, Ehud Barak, aceitou os termos, mas Yasser Arafat, após muita indecisão e evasivas, rejeitou. Em sua autobiografia, Clinton demonstrou uma honestidade impressionante sobre seus sentimentos em relação ao homem cujo "erro colossal" lhe negara uma conquista histórica de política externa. "Eu sou um fracasso", disse a Arafat durante uma amarga conversa telefônica. "E foi você quem me transformou num fracasso."

Mas será que o Templo de Salomão, como descrito com ricos detalhes no Primeiro Livro dos Reis e nos dois de Crônicas, realmente existiu? O melhor jeito de responder a essa questão seria por meio de uma escavação minuciosa, porém cuidadosa, de todo o Monte do Templo, com estudiosos israelenses e palestinos trabalhando lado a lado, lafvcz sob a supervisão das Nações Unidas. Dadas as sensibilidades islâmicas e as atuais realidades políticas, isso é improvável. Assim como uma resolução do conflito entre israelenses e árabes, ao menos por enquanto. Os observadores do Oriente Médio concordam que, em algum momento do futuro próximo, é provável que haja outra erupção de

violência, a Terceira Intifada. Bombas vão explodir, balas vão zunir e vão morrer crianças dos dois lados da antiga e sangrenta disputa sobre a terra duas vezes prometida. E pensar que isso teria terminado mais de uma década atrás se Yasser Arafat tivesse sido corajoso para dizer uma única palavra: "sim".

Agradecimentos

Este livro, assim como os anteriores da série Gabriel Allon, não poderia ter sido escrito sem a ajuda de David Bull, que está entre os melhores restauradores de arte do mundo. Ele passa muitas horas vasculhando meus manuscritos em busca de erros factuais em vez de ficar à frente de um cavalete trazendo uma pintura danificada de volta à vida. David preenche nossas vidas com arte e humor, e sua amizade talvez seja o maior fruto desta série.

Eu tenho uma dívida imensa com o padre Mark Haydu, o diretor internacional dos Patronos das Artes dos Museus do Vaticano, por sua contribuição inestimável neste projeto. Também estou em débito com Sara Savodello, Carolina Rea, Lorna Richardson e a dottoressa Gabriella Lalatta, uma brilhante historiadora de arte que levou minha família e a mim da glória da Capela Sistina ao porão da Galeria do Vaticano, onde a equipe de restauradores cuida da magnífica coleção de pinturas do papa. Lá encontramos a notável Francesca Persegati, que não ficou nem um pouco preocupada quando eu lhe disse que um assassino israelense notavelmente introvertido em breve trabalharia atrás de uma cortina embaixo do loft. Um agradecimento especial ao padre Kevin Lixey, que permaneceu ao nosso lado durante nossa caminhada pelas ruas de Roma durante a festa de Corpus Christi, poucos metros atrás do papa Bento XVI. A refeição que todos compartilhamos naquela noite à luz de velas foi o ponto alto de nossa estadia em Roma.

Conversei com diversos agentes de inteligência e políticos norte-americanos e israelenses enquanto preparava este manuscrito, e lhes agradeço agora em anonimato, como lhes convém. Fred S. Zeidman, ex-presidente do Conselho do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, abriu muitas portas para mim em Israel e me inspira diariamente com sua dedicação ao preservar a memória daqueles que foram mortos no Shoah. O brilhante Maxwell L. Anderson, diretor do Museu de Arte de Dallas, respondeu com paciência a minhas inúmeras perguntas sobre os riscos curatoriais ao se adquirir antigüidades de acordo com as novas regras postas em prática para proteger o patrimônio cultural dos chamados países-fonte. Como sempre, Roger Cressey, que trabalhou no Conselho de Segurança Nacional e agora é funcionário da Booz

Allen Hamilton, me ajudou a compreender melhor como o mundo realmente funciona. Meu caro amigo George Weigel me deu insights valiosos referentes à visita histórica do papa João Paulo II à Terra Santa em 2000 e influenciou meu pensamento quanto às relações entre católicos e o Estado de Israel. "M" e "B" me ofereceram tutoriais relativos ao turbulento Oriente Médio com o discernimento especial que só eles têm.

Michael Oren, o renomado escritor e estudioso do Oriente Médio que agora atua como embaixador israelense nos Estados Unidos, me ensinou muitas lições importantes sobre os grandes impérios que deixaram suas marcas, e o sangue de seus soldados, no solo da Israel moderna. Sua linda esposa Sally e seus três filhos incríveis, Yoav, Lia e Noam, estiveram a meu lado em vários momentos da viagem e propiciaram muitos momentos agradáveis. Nossos queridos amigos Lior e Talia abriram o lar para nós no subúrbio de Tel Aviv e vieram correndo nos resgatar quando enfrentamos um problema logístico num posto de inspeção militar fora de Hebron, na Cisjordânia. Gabriel Motzkin e Emily Bilski, que têm a infelicidade de morar na casa vizinha à família Allon na rua Narkiss, acompanharam-nos em nossa primeira visita a Israel há duas décadas, e nossas duas famílias compartilharam muitas noites agradáveis durante nossa visita mais recente. Rachel e Elliot Abrams compartilharam seu conhecimento extraordinário de políticas israelenses durante o jantar em Abu Ghosh; Avner nos levou a um safári noturno nas Colinas de Golã que incluiu diversas perseguições em alta velocidade a javalis e chacais. Yehuda Deutsch nos conduziu em uma visita inesquecível às escavações na Cidade de Davi. Eu ainda posso ouvi-lo cantando o majestoso "Hallelujah" de Leonard Cohen para acalmar nossos nervos enquanto atravessávamos a passagem escura e estreita do Túnel de Ezequias, com a água fria redemoinhando em torno de nossos calcanhares.

Sinceros agradecimentos a Yitz Applbaum, Yogi Loshinsky e Miri Sack, da Fundação do Patrimônio do Muro das Lamentações, por nos oferecer um vislumbre do mundo surpreendente que jaz submerso ao longo da beira do Monte do Templo. Os arqueólogos que vasculham o solo antigo próximo ao túnel conduzem o trabalho com grande profissionalismo e sensibilidade, e seu espírito imbuiu o fictício Eli Lavon. À medida que a campanha internacional para deslegitimar o Estado de Israel se intensifica, os esforços dos arqueólogos para escavar o antigo passado judeu em Jerusalém assumiram maior importância. Para usar uma frase de Ari Shamron, "travamos uma guerra"

naqueles túneis. Essa é a única guerra no Oriente Médio em que não há derramamento de sangue.

Desejo agradecer a meu querido amigo Doron Almog e sua adorável esposa, Didi, por cuidarem tão bem de nós durante a estadia em Israel. Antes de se aposentar das Forças Armadas de Israel, Doron serviu como chefe do Comando Sul e, em 1976, foi o primeiro soldado israelense a pisar em Uganda durante a Operação Entebbe. Porém, ele é muito mais que um dos soldados mais condecorados de seu país. É um humanitário que dedicou a vida a cuidar dos israelenses mais fracos, independentemente de serem árabes ou judeus. Nunca vou me esquecer da tarde que passamos juntos em Aleh Negev, o vilarejo que ele fundou no sul de Israel para tratar os gravemente incapacitados. Também sempre me lembrarei dos cinco membros da família de Doron que foram assassinados por uma mulher-bomba palestina no restaurante Maxim em Haifa, no dia 4 de outubro de 2003. Outras dezesseis pessoas inocentes foram mortas naquele ataque.

Consultei centenas de livros, jornais, artigos de revistas e sites ao preparar este manuscrito, um volume grande demais para listar aqui. Contudo, seria negligência de minha parte não mencionar o extraordinário conhecimento e capacidade jornalística de Peter Watson e Cecília Todeschini, Vernon Silver, Margaret M. Miles, Jason Felch e Ralph Frammolino, Sharon Waxman, Roger Atwood, Dore Gold, Paul Johnson, Hershel Shanks, Leen e Kathleen Ritmeyer e Simon Sebag Montefiore, cujo magistral Jerusalém: a biografia é possivelmente o melhor livro já escrito sobre essa cidade. Louis Toscano, meu caro amigo e editor particular de longa data, fez incontáveis melhorias em meu manuscrito, assim como minha editora de texto, Kathy Crosby.

Nós somos abençoados com muitos amigos que enchem nossas vidas de amor e risadas em momentos críticos durante o ano de escrita, em especial o rabino David Wolpe, Jane e Burt Bacharach, Stacey e Henry Winkler, Joy e Jim Zorn, Mollie e Jack Blades, Angelique e Jim Bell, Steve Capus e Sophia Faskianos, Enola e Stephen Carter, Andréa e Tim Collins, Margarita e Andrew Pate, Mirella e Daniel Levinas, Jane e Rob Lynch, e a família Kobak. A ex-primeira-dama Barbara Bush e o ex-presidente George H. W. Bush têm sido uma fonte constante de apoio no decorrer de minha carreira como escritor, assim como sua incrível chefe de gabinete, Jean Becker, que administra o mundo com base em seus escritórios em Houston e Kennebunkport. Doug Banker garantiu que o tempo passado longe de minha escrivaninha fosse tão repleto de diversão e música quanto possível. O Dr. Benjamin Shaffer, o cirurgião ortopédico mais

proeminente de Washington, curou com perícia um problema no ombro que tornou a escrita do livro ainda mais dolorosa do que costuma ser. O Dr. David Jacobs, um House do mundo real, mostrou à nossa família como a medicina sempre deveria ser praticada. Bob Barnett, Michael Gendler e Linda Rappaport foram fontes de sábios conselhos jurídicos e muitos risos.

Agradecimentos especiais à notável equipe de profissionais da HarperCollins, especialmente Jonathan Burnham, Brian Murray, Michael Morrison, Jennifer Barth, Josh Marwell, Tina Andreadis, Leslie Cohen, Leah Wasielewski, Mark Ferguson, Kathy Schneider, Brenda Segel, Carolyn Bodkin, Doug Jones, Karen Dziekonski, Archie Ferguson, David Watson, Cindy Achar, David Koral e Leah Carlson-Stanisic.

Desejo estender a mais profunda gratidão e amor a meus filhos, Nicholas e Lily. Eles não apenas ajudaram com o preparo de originais, como estiveram a meu lado na memorável viagem de pesquisa que nos levou do domo da Basílica de São Pedro às tumbas etruscas em Cerveteri, passando por um antigo aqueduto embaixo de Jerusalém. Por fim, devo agradecer à minha esposa, a brilhante jornalista da NBC News Jamie Gangel, que habilmente editou cada um de meus rascunhos e escutou com impressionante paciência sempre que contei a trama e os temas deste livro, o décimo segundo da série Gabriel Allon. Se não fosse por sua paciência e atenção aos detalhes, Anjo Caído não teria sido concluído dentro do prazo. Minha dívida para com ela é imensurável, assim como meu amor.